

CLAUDIA VANESSA BERGAMINI

**A “CONVERSA DO DIA” DE MARQUES REBELO: UM OLHAR SOBRE
CRÔNICAS PUBLICADAS NO PERIÓDICO *ÚLTIMA HORA* EM 1952 E 1953**

**ASSIS
2018**

Claudia Vanessa Bergamini

A “CONVERSA DO DIA” DE MARQUES REBELO: UM OLHAR SOBRE CRÔNICAS
PUBLICADAS NO PERIÓDICO *ÚLTIMA HORA* EM 1952 E 1953

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista para a obtenção do título de
Doutora em Letras (Área de conhecimento:
Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Santos Simões
Júnior

Bolsista Capes

Assis
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

Bergamini, Cláudia Vanessa

B493c A “Conversa do dia” de Marques Rebelo: um olhar sobre
crônicas publicadas no periódico *Última Hora* em 1952 e 1953
/ Cláudia Vanessa Bergamini. Assis, 2018.

198 f.: il.

Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientador: Dr. Álvaro Santos Simões Júnior



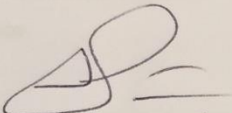
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

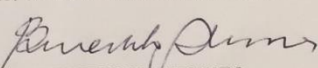
TÍTULO DA TESE: A "CONVERSA DO DIA" DE MARQUES REBELO: UM OLHAR SOBRE CRÔNICAS PUBLICADAS NO PERIÓDICO *ÚLTIMA HORA* EM 1952 E 1953

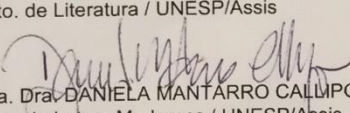
AUTORA: CLAUDIA VANESSA BERGAMINI

ORIENTADOR: ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR

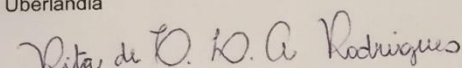
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em LETRAS, área: LITERATURA E VIDA SOCIAL pela Comissão Examinadora:


Prof. Dr. ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR
Depto. de Literatura / UNESP/Assis


Prof. Dr. BENEDITO ANTUNES
Depto. de Literatura / UNESP/Assis


Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO
Depto. de Letras Modernas / UNESP/Assis


Prof. Dr. CARLOS AUGUSTO DE MELO
UFU / Uberlândia


Prof. Dr. RITA DE CASSIA LAMINIO DE ARAUJO RODRIGUES
UENP / Jacarezinho

Assis, 06 de agosto de 2018

A literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma “violência organizada contra a fala cotidiana”.

A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana.

Terry Eagleton

AGRADECIMENTOS

Desafio tão grande quanto escrever esta tese foi o de deixar o meu coração escolher as pessoas a quem, de fato, eu necessito de agradecer, porque seguraram em minhas mãos ao longo deste curso.

Agradeço, imensamente, ao Professor Dr. Álvaro Santos Simões Júnior, por me acolher desde o início do curso, porque sua orientação sempre foi a mais sensata e, sobretudo, porque entendeu, mesmo sem compreender o contexto, cada uma das situações adversas que se colocaram diante da realização deste estudo. Muito obrigada por ter compartilhado comigo seu conhecimento.

Agradeço ao Professor Dr. Benedito Antunes, pela leitura crítica e cuidadosa de meu texto para o Exame de Qualificação e pela paciência com que indicou possibilidades para enriquecer o estudo e, ainda, por ter atendido o convite para estar presente na defesa.

Agradeço ao Professor Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos, pelo olhar pontual para as lacunas presentes no trabalho na realização do Exame de Qualificação e pelas indicações precisas de leitura.

Agradeço à Professora Doutora Daniela Mantarro Callipo pela leitura cuidadosa para a defesa desta tese, pelos comentários críticos para o enriquecimento deste estudo e, sobretudo, pelos elogios tecidos quanto à escolha do autor e do gênero por ele produzido.

Agradeço à Professora Doutora Rita de Cássia Lamino de Araújo Rodrigues pela presença na defesa desta tese, pela leitura cuidadosa e indicações pontuais que contribuíram para esta versão.

Agradeço ao Professor Doutor Carlos Augusto de Melo pela leitura crítica e comentários enriquecedores ao estudo.

Agradeço aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, com quem pude aprender de maneira singular e necessária à minha formação profissional.

Agradeço à Monique Gabriela Botelho Ireno Pereira, Secretária da Seção Técnica de Pós-Graduação, pelo profissionalismo e cuidado direcionados aos alunos.

Agradeço à CAPES pelo auxílio financeiro ao longo de quase todo o curso.

Agradeço ao artista plástico, José Maria Dias da Cruz, filho de Marques Rebelo, pelas horas de agradáveis conversas que permitiram me aproximar de Marques Rebelo.

Agradeço à Natália Bergamini da Silva, minha mais doce poesia, por meio da qual eu leio versos de cuidado, de carinho, de companheirismo e de amor.

Agradeço a Vitor Bergamini da Silva, meu mais belo poema, com o qual me divirto, preocupo-me, emociono-me e, sinceramente, amo.

Agradeço aos meus irmãos, Viviane Bergamini Fonteque e José Ricardo Bergamini Fonteque, porque nossa união independe de laços sanguíneos; nela, sempre imperou o amor.

Agradeço ao Claudio Luiz Fidelis da Silva, pois não importa qual seja história, importa que temos uma história.

Agradeço aos meus sobrinhos Enzo, Laize e, em especial, Vinícius, porque ele não via a hora de a “Tata” parar de escrever a tese e fazer bolo para ele.

Agradeço ao Gabriel Champi Duarte, porque sempre teve paciência comigo e encontrava uma forma de me fazer sorrir.

Agradeço nominalmente a alguns amigos: Prof^a Dr^a Paula Tatiane da Silva; Prof. Dr. Dejair Dionísio, Prof. Dr. Silvio Ruiz Paradiso; Prof. Ms. Caio Vitor Miranda; Prof^a. Dr^a Renata Beloni Arruda; Dr. Carlos Silva Ventura, porque quando eu estava no chão, levantaram minha cabeça e disseram: “avante, menina, porque habita em você uma forte mulher!”

Por fim, agradeço à minha mãe, Adélia Aparecida Bergamini, em um ano sem sua presença, eu compreendi que “com as perdas, só há um jeito: perdê-las” (Lya Luft), mas com a memória é possível recriar sensações tantas que permitem sentir o sabor intenso da boa fruta de cada estação.

BERGAMINI, Claudia Vanessa. **A “Conversa do Dia” de Marques Rebelo: um olhar sobre crônicas publicadas no periódico *ÚLTIMA HORA* em 1952 e 1953.** 198 f. Tese. (2018). Doutorado em Letras. UNESP – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2018.

RESUMO

Este trabalho contempla a análise do conteúdo das crônicas publicadas por Marques Rebelo no jornal carioca *Última Hora* nos anos de 1952 e 1953. Trata-se de uma pesquisa realizada em fontes primárias, por meio da qual se buscou reunir os textos ainda inéditos do autor. Tais textos fazem parte do acervo do referido jornal na Hemeroteca Digital, site disponibilizado pelo governo federal. A proposta deste projeto incide na continuação da pesquisa voltada à produção de Rebelo, já realizada durante o curso de Mestrado, em que se buscou delinear a construção da cidade dentro de crônicas do autor. Seguir com este estudo é relevante, uma vez que a maior parte do espólio cultural do cronista está ainda para ser analisada, pois tanto as crônicas já publicadas em livros quanto as aqui reunidas foram pouco exploradas no âmbito acadêmico, não constando no Banco de Teses da Capes pesquisas anteriores. Para realizar este estudo, a pesquisadora visitou a coluna mantida pelo escritor, intitulada “Conversa do Dia”, de lá foram extraídas crônicas, as quais são relevantes por apontar o estilo lacônico de Rebelo, a preferência por uma linguagem crítica e a presença de ironias que denunciam a postura pontual do autor em relação a questões sociais da cidade do Rio de Janeiro. Observou-se que as crônicas são registros histórico-culturais que demonstram o olhar apurado do cronista para os fatos que envolvem o contexto em que se insere e que teriam sido levados ao esquecimento se não fosse sua percepção.

Palavras-Chave: Marques Rebelo, crônicas inéditas, representações da cidade.

BERGAMINI, Claudia Vanessa. **The "Talk of the Day" by Marques Rebelo: a look at chronicles published *Última Hora* period in 1952 and 1953.** 198 f. Tese. (2018). Doutorado em Letras. UNESP – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2018.

ABSTRACT

This work includes the analysis of chronicles published by Marques Rebelo in the Rio de Janeiro newspaper *Última Hora* in the years 1952 and 1953. It is a research carried out in primary sources, through which it was sought to gather the unpublished texts of the author. These texts are part of the collection of the aforementioned newspaper in the Digital library, website made available by the federal government. The proposal of this project focuses on the continuation of the research directed to the production of Rebelo, already carried out during the master's course, in which it was sought to delineate the construction of the city within the author's chronicles. To continue with the study is relevant, since most of the chronicler's cultural heritage is still to be analyzed, since both the chronicles already published in books and those gathered here have been little explored in the academic field and are not included in the *Capes* Bank of Theses previous research. In order to carry out this study, the researcher visited the column maintained by the writer, entitled "*Conversa do Dia*", from which were extracted chronicles, which are relevant for pointing out the laconic style of Rebelo, the preference for a critical language and the presence of ironies who denounce the author's punctual attitude toward social issues in the city of Rio de Janeiro. It was observed that the chronicles are historical-cultural records that demonstrate the chronicler's accurate look at the fact that, other than his perception, would have been forgotten.

Keywords: Marques Rebelo, unpublished chronicles, representations of the city.

BERGAMINI, Claudia Vanessa. **La "Conversa do Dia" de Marques Rebelo: una mirada sobre crónicas publicadas en el periódico ÚLTIMA HORA en 1952 y 1953.** 198 f. Tese. (2018). Doutorado em Letras. UNESP – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2018.

RESUMÉN

Este trabajo contempla el análisis de crónicas publicadas por Marques Rebelo en el periódico, del Rio de Janeiro, *Última Hora* en los años 1952 y 1953. Se trata de una investigación realizada en fuentes primarias, por medio de la cual se buscó reunir los textos aún inéditos del autor. Estos textos forman parte del acervo de dicho periódico en la Hemeroteca Digital, sitio mantenido por el gobierno federal. La propuesta de este proyecto incide en la continuación de la investigación volcada a la producción de Rebelo, ya realizada durante el curso de maestría, en la que se buscó delinear la construcción de la ciudad dentro de crónicas del autor. En el caso de las crónicas ya publicadas en libros y las aquí reunidas, fueron poco exploradas en el ámbito académico, no constando en el Banco de Tesis de la Capes investigaciones anteriores. Para realizar este estudio, la investigadora visitó la columna mantenida por el escritor, titulada "Conversa do Dia", de allí fueron extraídas crónicas, las cuales son relevantes por apuntar el estilo lacónico de Rebelo, la preferencia por un lenguaje crítico y la presencia de ironías que denuncian la postura puntual del autor con relación a cuestiones sociales de la ciudad de Río de Janeiro. Se observó que las crónicas son registros histórico-culturales que demuestran la mirada apurada del cronista para el hecho pequeño, que, no fuera su percepción, habría sido olvidado.

Palabras-claves: Marques Rebelo, crónicas inéditas, representaciones de la ciudad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MARQUES REBELO E O ÚLTIMA HORA NO CONTEXTO DA 2ª ERA VARGAS	19
1.1 O BRASIL DE GETÚLIO: O GOVERNO DEMOCRÁTICO	19
1.2 O ÚLTIMA HORA, O GOVERNO E O CRONISTA	29
2 O QUE HÁ PARA VER EM MARQUES REBELO?	53
2.1 A FORTUNA CRÍTICA	53
2.2 CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO	62
3 ANÁLISE DAS CRÔNICAS	70
3.1 A IRONIA NAS CRÔNICAS DE MARQUES REBELO	72
3.2 CRÍTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS NAS CRÔNICAS DE REBELO	96
3.3 HUMOR, PAIXÃO, ADMIRAÇÃO E SENTIMENTO	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	135
ANEXO	143
FONTES PRIMÁRIAS	143
1952	143
1953	171

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1950, o Brasil foi palco de mudanças no cenário político, social e industrial.

No âmbito político, Getúlio Vargas é eleito, em outubro de 1950, para a Presidência do Brasil. Em 31 de janeiro de 1951, o político do Partido Trabalhista Brasileiro toma posse como Presidente da República para o mandato que ele não chegaria a concluir. De janeiro de 1951 até agosto de 1954, quando Vargas se suicida, o Presidente enfrentou campanhas de oposição, coordenadas pela União Democrática Nacional (UDN).

Em relação ao âmbito industrial, há que se pontuar que o Governo Vargas gestou a abertura de empresas estatais, a exemplo da Eletrobrás, geradora e distribuidora de energia elétrica, e a Petrobrás, cujo objetivo era o controle de toda prática de prospecção e refino do petróleo nacional.

O cenário social, de igual maneira, também sofreu alterações. O Brasil do início da década de 1950 não era o mesmo de quando essa década se findou. Ocorreram mudanças comportamentais e culturais. As cidades ganharam dinâmicas distintas com transformações advindas do comércio que se intensifica, e aquelas maiores contam com a expansão da industrialização de setores de eletroeletrônicos, de automóveis e de bens de consumo não duráveis. E toda essa movimentação exige que os moradores se adequem ao dinamismo da cidade, sobretudo quando se pensa nas mais expressivas, como São Paulo e Rio de Janeiro. O consumo aumenta atendendo a gostos e a desejos, bem como a diversificação de mercadorias, mas também a inflação e, por conseguinte, aumentam os preços de produtos básicos.

O cinema tem seus anos de ouro durante a década de 1950, o que corrobora a influência de um ideário estadunidense na concepção de vida do brasileiro. O rádio, veículo de comunicação que alçava o mundo da música, passa a dividir espaço com as transmissões televisivas.

Porém, o jornal impresso manteve seu lugar de destaque na vida do brasileiro durante esse período que é chamado de “Anos Dourados” do Brasil. Tomando especificamente o jornal *Última Hora*, verifica-se que as inovações na diagramação, no modo de apresentar a notícia ao leitor e a presença de espaços que caminhavam

para além daqueles reservados para textos políticos propiciaram uma nova configuração para o jornalismo impresso.

A linguagem tornou-se mais objetiva e primava pelo tom de impessoalidade, separando o comentário crítico e opinativo dos textos que visavam à informação. Ribeiro (2003, p. 148) assevera que foram criadas uma série de regras de redação que, supostamente, “retiravam do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante”.

À medida que a linguagem jornalística buscava a objetividade, fugindo do emprego da linguagem conotativa e tentava ser “o ‘espelho’ da realidade” (RIBEIRO, 2003, p. 149), o já tradicional espaço oferecido aos cronistas nos jornais mantém-se e, nele, havia lugar para as figuras de linguagem, para a crítica e para a discussão subjetiva de assuntos diversos.

A esta tese interessa a publicação de crônicas de Marques Rebelo no jornal carioca *Última Hora*. Em janeiro de 1952, Rebelo foi convidado a manter a coluna “Conversa do Dia”. Os anos estavam aquecidos pelas ações de Vargas em seu retorno à presidência. Nesse cenário político, Samuel Wainer, amigo de Vargas, havia seis meses antes fundado o Jornal *Última Hora* e deixou claro se tratar de um periódico a serviço do governo. E assim aconteceu. O jornal ajudou a modernizar a imprensa brasileira, uma vez que trouxe visão inovadora para a diagramação das edições, manchetes vibrantes e temas populares que permitiram um elo entre a *Última Hora* e o povo, mas sem dúvida o apoio de Vargas foi essencial à força que o jornal conquistou logo no início de sua circulação.

Nesse cenário, Rebelo inicia sua coluna e, com ela, a produção de crônicas que vão, de forma bastante acentuada, apontar as deficiências do governo no que tange a atender ao grupo para quem ele, ao menos no discurso, volta-se, o povo. Nessas crônicas, a ineficiência dos serviços públicos, a alta da inflação, a falta de vagas nas escolas e mesmo a falta de condições para que uma criança pobre possa estudar são temas recorrentes. O olhar do cronista captou a cidade do Rio de Janeiro, as tensões e transformações por que passava a capital federal. Não deixou de dar às crônicas o aspecto irônico que caracteriza a sua escrita desde as suas primeiras publicações, nem de colocar seu lado humorístico ou apaixonado nos momentos em que a situação permitia. Além disso, por meio de sua escrita, Rebelo extrai dos fatos o elemento que ele vai burilar para transformar num texto que dá ênfase não ao

assunto, mas ao modo como este é apresentado ao leitor, diferenciando-se do tom noticioso.

A fim de recolher o material que iria compor o *corpus* deste estudo, foi feita pesquisa no acervo do jornal *Última Hora* disponível no site da Hemeroteca Digital. As pesquisas foram realizadas durante o ano de 2015. Todas as páginas do periódico em que estão inseridas as crônicas da coluna “Conversa do Dia” foram visitadas e transferidas para arquivo digital que se encontra em mãos da pesquisadora. As crônicas foram publicadas entre janeiro de 1952 e dezembro de 1953. Em 1951, o escritor havia viajado pela Europa e muitas crônicas sobre a viagem estão inseridas na coluna; além disso, em 1952 e em 1954, ele retorna à Europa e envia crônicas para a sua coluna no jornal. Essas crônicas, que tratam das cidades europeias pelas quais passou, foram reunidas, em 1959, em livro publicado pela editora José Olympio, intitulado *Correio Europeu*; em 2014, a José Olympio reeditou o *Correio Europeu*.

Deseja-se enfatizar que, em que pese a importância da reedição do livro, aliás, desde 2010 a José Olympio vem reeditando todos os livros do autor, a nova edição não contou nem com um prefácio, nem com uma análise, nos moldes que se vê no prefácio de Renato Cordeiro Gomes em *Melhores Crônicas - Marques Rebelo* (2004), com textos extraídos da revista *Manchete*, e em *Todas as cidades, a cidade* (2008), com análises de crônicas extraídas do livro de Rebelo *Cenas da vida brasileira* (1951), ambas as obras organizadas por Renato Cordeiro Gomes.

Na reedição de *Correio Europeu*, ademais das crônicas, tem-se somente um texto de orelha, elaborado pelo jornalista Marcos de Castro. Em três parágrafos, Castro apresenta o autor como um apaixonado pela América, um grande escritor de romances e, por fim, refere-se às crônicas europeias, sinalizando: “certamente, leitor, você tem em mãos alguns dos textos mais espirituosos, mais bem-humorados, desde que existe literatura brasileira” (REBELO, 2014, orelha do livro).

À exceção das crônicas que foram inseridas no *Correio Europeu* e ainda outras antigas que Rebelo publicou na coluna, mas constam do livro *Cenas da Vida Brasileira* (1951), verificou-se que as 375 crônicas publicadas entre janeiro 1952 e dezembro de 1953 ainda se mantêm inéditas, tanto no que tange a pesquisas acadêmicas, quanto no que se refere a uma reedição para a publicação em livro. Dessa maneira, as crônicas analisadas neste estudo foram extraídas da coluna “Conversa do Dia” nas edições que vão de janeiro de 1952 a dezembro de 1953.

Em que pese o fato de a coluna ser diária, à exceção dos domingos que o jornal não circulava, constatou-se que havia dias em que ela não estava lá, ou porque cedia lugar a outras colunas, o que mais adiante neste estudo é comentado, ou porque o escritor teve problemas de saúde, chegando a ficar por mais de 30 dias ausente, ou ainda por viagens a Florianópolis, Europa, Santa Catarina, estado que Rebelo visitou com frequência a partir de 1948, sendo responsável pela fundação do Museu de Arte Contemporânea de Florianópolis, a capital.

Ainda vale pontuar que, em 1952, Rebelo assume o controle acionário da Rádio Clube do Brasil, a emissora comprada por Wainer com o auxílio de Vargas. Wainer atribui a Rebelo a condição de maior acionista como uma estratégia para driblar seus inimigos políticos; o cronista então passa a dirigir a emissora e, com isso, seu tempo escasseia.

Diante do material reunido, foi necessário que a pesquisadora fizesse a leitura das crônicas, com vista a conhecer o assunto de que tratavam. Realizada a leitura, iniciou-se a seleção daquelas que seriam analisadas e, assim, esta tese foi organizada seguindo a seguinte estrutura.

O primeiro capítulo apresenta o panorama político do início dos anos de 1950. Aponta, ainda, as mudanças no cenário econômico e social da vida brasileira, o fortalecimento das classes operária e média urbanas. Numa subseção, apresenta-se uma biografia de Rebelo, com ênfase em sua produção literária que compreende romances, contos, teatro e outros gêneros ligados à literatura. Numa outra subseção, aborda-se o jornal *Última Hora*, destacando o modo eleito por Wainer, seu fundador, para apresentar ao público um novo formato de jornal.

No segundo capítulo, apresenta-se a fortuna crítica da obra de Rebelo. Faz-se mister pontuar que a elaboração deste capítulo foi motivadora para o prosseguimento deste estudo, haja vista que a visita em trabalhos sobre a produção literária de Marques Rebelo indicou que as crônicas foram o gênero que menos atraiu pesquisadores. Entende-se, então, que esse é um fato que impulsiona este estudo e permite que ele seja um dos poucos a se voltar às crônicas de Rebelo e o primeiro a tratar da coluna “Conversa do Dia”, dentro do recorte temporal proposto e com a elaboração de análise. Ainda no segundo capítulo, foi elaborada uma subseção na qual são descritos os percursos trilhados ao longo da pesquisa. O estudo engloba fontes primárias e traz à luz informações que, até então, ficaram congeladas no passado.

As fontes primárias são materiais que se referem ao passado e, tendo em mãos esse material, foi preciso se aprofundar no contexto histórico, a fim de conhecer o passado e buscar entender os múltiplos fios de significados implícitos no discurso do cronista. Compara-se este trabalho com o de um caçador que persegue rastros que poderão indicar os motivos que deram forma à crônica, cujo enredo é extraído de situações cotidianas que chegam ao leitor de um modo peculiar, em que predomina a força criativa da imaginação e a intenção estética.

No terceiro capítulo são apresentadas as análises das crônicas. Cabe pontuar que a teoria que embasou as análises foi empregada à medida que a linguagem das crônicas assim pedia. Nesse sentido, por se verificar a recorrência da ironia como recurso estilístico persistente nos textos de Rebelo, elaborou-se uma subseção no capítulo em que essa figura de linguagem é tratada, e as crônicas em que ela incide são comentadas, as quais são: “Sofri Demais”, “Parágrafos da miséria dourada”, “Matéria urgente”, “A vida que a telefônica nos dá”, “Ano Novo”, “Falta desculpável” e “Alô, Alô”.

Foi também elaborada uma subseção em que o aspecto social é latente no enredo da crônica, assim como a menção ao contexto político em que se inserem as publicações do autor. Frente a críticas que se reportavam à educação, à economia, aos serviços públicos e a outros assuntos, foi preciso recorrer a estudos anteriores que se voltaram à década de 1950, sendo tais estudos de áreas diversas. As crônicas analisadas nesta subseção foram: “Abrem-se as aulas”, “Bancárias”, “Cartões-postais”, “O dia das mães” e “Final de notícia das Laranjeiras”. Por fim, a última subseção do terceiro capítulo apresenta textos em que a paixão pelo futebol – Rebelo era torcedor declarado do América Futebol Clube – ganha espaço e se torna “a bola da vez” na coluna “Conversa do Dia”, ainda outras crônicas em que se evidencia menos o tom irônico e se tem uma linguagem sentimental para descrever personagens e situações. As crônicas analisadas nesta subseção foram: “Campeonato de 1954”, “Bandeira Vermelha”, “Contribuição Renardiana”, “Ao senhor prefeito” e “Memórias”.

Antes de ventilar as questões apontadas nas considerações finais do estudo, deseja-se enfatizar que há, na seção intitulada “Fontes Primárias”, inserida como anexo logo após as considerações finais, comentários sobre o enredo de todas as crônicas que não compuseram o terceiro capítulo, no qual estão contempladas as análises. Ao elaborar os resumos, constatou-se que há uma preferência pelos acontecimentos políticos da capital federal, os enredos são quase um artigo analítico

sobre ações de vereadores, deputados, ministros, presidente. Também se verificou que o lado contista do autor não se perdeu, algumas poucas crônicas tangem mais para o conto, devido à extensão e à presença dos elementos narrativos fortemente marcados no texto, uma vez que na crônica comumente tais elementos são menos acentuados. Inclusive, essas crônicas que revelam a face do Rebelo contista foram publicadas em três ou quatro partes, ou seja, em três ou quatro edições do jornal. Verificou-se, ainda, a recorrência de algumas crônicas que são, na verdade, pensamentos sobre um tema, lembrando aforismos filosóficos.

Dessa forma, considera-se de relevância a inserção deste anexo nesta tese, haja vista ele contemplar toda a produção inerente ao período, com as devidas referências, seguidas do resumo, configurando-se, portanto, em material que servirá de base para pesquisadores que desejem debruçar-se sobre a produção do autor tomando como *corpus* tais crônicas.

As considerações finais reforçam a constatação de que Rebelo se valeu de sua capacidade de dizer em linhas escritas para provocar discussões e reflexões sobre política, problemas de serviços oferecidos ao povo, futebol e sobre a postura humana diante do mundo. A indagação que, desde o início deste estudo, motivou a pesquisadora foi justamente como compreender as relações entre o conteúdo das crônicas e o periódico no qual elas eram publicadas, que, vale lembrar, apoiava incondicionalmente o governo.

Cronista de olhar ácido e de bastante coragem para marcar os problemas que cabiam ao governo resolver, acredita-se que toda essa acidez possa ser uma espécie de jogada, por assim dizer, entre Rebelo e o amigo Samuel Wainer, dono do jornal. Aponta-se essa possibilidade, uma vez que se sabe que a postura dos periódicos da época pendia mais para a imparcialidade. Dessa maneira, sendo a *Última Hora* um jornal em cujas reportagens se viam manifestações de apreço às ações de Vargas, as crônicas de Rebelo poderiam servir como um contrapeso, a insinuar que o periódico era imparcial. Essa visão, entende-se, seria, então, uma forma de equilibrar o jornal.

Fato é que, na pena de Rebelo, a política ganhou uma história sustentada pelo olhar privado e intelectualizado do cronista. Cada crônica não é mero comentário das notícias, mas sim fruto de um cuidado com a construção literária e, por isso, acredita-se que não devam ser esquecidas.

Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto histórico-cultural, saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto.

Carlos Alberto Faraco

1 MARQUES REBELO E O ÚLTIMA HORA NO CONTEXTO DA 2ª ERA VARGAS

1.1 O BRASIL DE GETÚLIO: O GOVERNO DEMOCRÁTICO

Os anos em que Marques Rebelo produz as crônicas publicadas na coluna “Conversa do Dia” são anos nos quais o Brasil enfrenta profundas modificações sociopolíticas e vive um cenário intenso com relação ao regime de governo. É em meio a esse contexto, protagonizado essencialmente por Getúlio Vargas, que Rebelo fundamenta a sua escrita e, por meio dela, articula os principais acontecimentos sociais da época.

Nesse sentido, a fim de compreender holisticamente o período sobre o qual esta tese se debruçou para analisar a produção de Rebelo, mister se faz ponderar, ainda que brevemente, o contexto histórico e social vivenciado à época, bem como as relações políticas estabelecidas com a imprensa para atingir objetivos tanto de quem estava no poder, quanto de partidos da oposição.

Getúlio Vargas, em sua primeira fase no poder, governou o Brasil por um período de 15 anos de maneira contínua a abranger os anos de 1930 a 1945. Tal período ficou conhecido como a Primeira Era Vargas. Tudo começou a partir da Revolução de 1930, em que a oligarquia cafeeira teve sua influência enfraquecida. A partir de então, o panorama brasileiro teve sua história dividida em 3 momentos: Governo Provisório (1930-1934); Governo Constitucional (1934-1937); e Estado Novo (1937-1945).

Durante o Estado Novo, Getúlio, juntamente com os militares, assume autoritariamente o poder e instaura a Ditadura pela primeira vez como regime de governo no Brasil. Entretanto, com a derrota das nações nazi-fascistas no cenário internacional, a oposição ao governo de Vargas enxergou uma brecha para intensificar a batalha pela democratização do país. Dessa forma, após o governo constituir eleições gerais, o general Eurico Gaspar Dutra assume o poder, colocando fim na Primeira Era Vargas.

Não obstante, em 31 de janeiro de 1951,

a faixa presidencial foi passada a Getúlio Vargas por Dutra, que terminava o seu período. Começava uma nova era de Vargas. O ex-ditador correspondera ao apelo político como democrata. Vargas

alcançava a presidência pelo voto popular direto (SKIDMORE, 1982, p.110).

Conforme apontado por Skidmore, o Ditador retorna ao poder, mas dessa vez eleito democraticamente. O Brasil encontrado por Vargas em seu retorno foi um país muito diferente daquele deixado enquanto ditador. A sociedade brasileira agora se estruturava nitidamente entre classes diferenciadas que a tempo do Estado Novo não existiam. Isto é, “o duplo processo de industrialização e urbanização se ampliara e fortalecera em três setores: os industriais, a classe operária urbana e a classe média urbana” (SKIDMORE, 1982, p.111). Sendo assim, a questão do desenvolvimento econômico foi o que conquistou substancialmente a atenção dos políticos e, em especial, a de Getúlio. A respeito do Segundo Governo Vargas, Draíde (1983, p. 183) comenta que no que tange a Vargas:

É inegável que definiu e ordenou seu movimento segundo um plano de desenvolvimento econômico e social de grande envergadura, apoiado em um diagnóstico profundo da economia e da sociedade brasileira. Definiu-se ao mesmo tempo um programa de desenvolvimento capitalista da agricultura, um bloco integrado de inversões visando à capitalização pesada, um projeto de desenvolvimento urbano e de vinculações orgânicas entre o campo e as cidades, uma concepção de concentração das massas trabalhadoras urbanas no processo de desenvolvimento através de políticas específicas de bem-estar social.

Todos os segmentos foram contemplados pelo projeto político, ao menos no papel; pois Skidmore (1982) aponta a ambiguidade desse projeto político, uma vez que gira em torno de ações pensadas a curto prazo, a revelar uma percepção unilateral da parte do governo para o período. Por um lado, as ações políticas eram regidas pelas regras de um sistema econômico político internacional ditado pelos Estados Unidos, sobretudo. Por outro lado, Vargas buscava amenizar o efeito de tais medidas com estratégias de nacionalismo econômico. Vianna (1987, p. 34) pontua que o nacionalismo de Vargas, em que pese a fraseologia algumas vezes radical, “em nenhum momento ameaça a participação do capital estrangeiro na economia nacional ou sugere alterações sensíveis na ordem econômica”.

Os industriais representavam um grupo pequeno na sociedade e tímidos na política. Concentravam-se, sobretudo, entre São Paulo, Rio de Janeiro e Belo

Horizonte. Suas atividades se limitavam a esforços para conseguirem medidas favoráveis de apoio à industrialização.

A classe operária, por sua vez, em notável crescimento, “votava mais como massa do que como classe” (SKIDMORE, 1982, p.112). Políticos populistas tiravam proveito disso, prometendo apenas mais garantias e benefícios em vez de apelar para termos de antagonismo de classes. De tal forma, Vargas, em sua campanha de 1950, assumiu pose populista, conservando-se paternalístico, o que, para Skidmore (1982), demonstrava a consciência política limitada que o Ditador possuía com relação aos trabalhadores urbanos.

Por fim, a classe média configura um patamar da sociedade mais difícil de ser analisado, visto que em zonas economicamente atrasadas no país (como Norte e Nordeste) ela não existia. Politicamente, constituíam-se dois grupos principais: os administradores e burocratas, os quais detinham mentalidade herdada do mundo patriarcal de 1930; e a outra parte formada pelos administradores e profissionais liberais, cuja luta era pró-industrialização para modernizar o futuro do país (SKIDMORE, 1982).

No governo de Vargas, uma das principais problemáticas enfrentadas foi a questão do desenvolvimento econômico: quais estratégias adotar para tanto? Dessa maneira, conforme aponta Skidmore (1982, p.116), surgiram três fórmulas principais: “a neoliberal, a desenvolvimentista-nacionalista e a nacionalista radical”. A primeira era muito defendida pelas principais cadeias de jornais tais como *O Globo* e o império editorial de Assis Chateaubriand, os *Diários Associados*.

Nesse contexto, era de extrema importância a formulação de diretrizes específicas capazes de enfrentar situações problemáticas, a saber: aumento dos preços e do custo de vida em grande escala; necessidade de estratégias de investimentos para superar desequilíbrios regionais e o estrangulamento do balanço brasileiro de pagamentos.

Para tanto, Vargas destinou seus dois primeiros anos de governo, na prática, ao ataque de “problemas econômicos a curto prazo, com uma política mista” (SKIDMORE, 1982, p.124). Sua gestão enfrentava inicialmente, então, o problema com o balanço de pagamentos e seu risco de déficit crônico, assim como a questão da alta da inflação resultante de tensões sociais.

Durante todo seu governo, Vargas apresentou uma política econômica ambivalente, ou seja, “aceitava as regras tradicionais de um sistema econômico

internacional, e procurava trabalhar com elas” (SKIDMORE, 1982, p. 125). É a partir desse momento que o presidente reaproxima as negociações com os Estados Unidos, após a falência do Plano SALTE. A esse respeito, Vianna (1987) assevera que a maior dificuldade desse plano foi a falta de definição de formas de financiamento; assim, em 1951, o plano, que consistia em uma intervenção do Estado para o desenvolvimento econômico, foi abandonado. A diferença era que nesse novo relacionamento com os EUA havia:

boa vontade do governo americano para oferecer assistência técnica e empréstimos a longo prazo para o desenvolvimento econômico de base. Em dezembro de 1950, o governo dos Estados Unidos concluiu um acordo com o Brasil para a organização da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico. [...]. Os estudos técnicos e as sugestões de medidas por parte da comissão eram destinados, conforme suas próprias palavras, a “criar condições para eliminar obstáculos ao fluxo de investimentos, públicos e particulares, estrangeiros e nacionais, necessários para promover o desenvolvimento econômico” (SKIDMORE, 1982, p.125).

Por consequência, a partir da concepção dessa Comissão, em 1952, foi criado o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDE), a fim de regular o desenvolvimento econômico brasileiro. Fica claro, assim, que Vargas era propenso a apoiar o investimento em capital privado estrangeiro, principalmente se associado ao nacional.

Já em 1951, Vargas decide aplicar uma fórmula mais agressiva de nacionalismo econômico, com o objetivo de contornar os problemas brasileiros. Dessa forma, ele manda, em dezembro, um projeto de lei para a criação de uma empresa petrolífera de capital misto (Petrobrás), a qual:

ficaria com o monopólio da perfuração de petróleo de todas as refinarias, ressalvadas as refinarias já existentes que teriam permissão de permanecer sob propriedade particular, e a distribuição dos produtos do petróleo que continuaria em mãos de particulares (SKIDMORE, 1982, p.126).

Até ser aprovada, em outubro de 1953, a tentativa da criação da lei mencionada dividiu opiniões entre os intelectuais, políticos, oficiais militares e homens de negócio. A divisão intensa de opinião foi tão marcante que deixou o presidente em dificuldade para entender as diferenças entre a “posição moderada do desenvolvimentismo-nacionalismo e o extremismo dos nacionalistas radicais” (SKIDMORE, 1982, p.129).

Nesse sentido, Vargas optou por uma solução nacionalista para o problema da política de investimentos e, em decorrência disso, ampliou uma nova empresa dirigida pelo Estado, a Eletrobrás. Essa empresa tinha por escopo complementar as disposições de empresas estrangeiras, uma vez que estas sofriam constantes ataques por parte dos nacionalistas militantes, além do antagonismo popular (SKIDMORE, 1982).

Percebe-se, então, que o presidente Vargas direcionava suas estratégias políticas sob a égide de soluções nacionalistas, especialmente no tocante ao problema do balanço dos pagamentos, além da sua insistência em defender com paixão e violência o projeto de lei para a criação da Petrobrás. Considerava e criticava sempre as empresas estrangeiras pelas remessas exorbitantes de lucros.

Conforme ratificou Wainer (2000, p.124), “o nacionalismo de Getúlio Vargas era um nacionalismo confuso, às vezes, primário. Agora, não: ele voltara ao poder decidido a percorrer um caminho traçado com clareza na solidão da fronteira gaúcha”.

Sendo assim, Getúlio trazia à baila a problemática dos lucros estrangeiros de modo a explorar na massa popular um sentimento nacionalista econômico, como justificativa para uma mudança política e na configuração de entidades monetárias. A grande dificuldade residia então na necessidade de “manter o delicado equilíbrio entre ortodoxia e nacionalismo na política econômica” (SKIDMORE, 1982, p.132).

Para tanto, o *approach* utilizado pelo presidente foi sempre dialético na tentativa de contrabalancear as medidas nacionalistas com medidas moderadas. A exemplo disso, pode-se notar a estratégia culminante em outubro de 1953 ao finalmente, após uma campanha nacionalista, transformar em Lei o seu projeto da Petrobrás. No mesmo ano, Vargas instaurou novos regulamentos para o sistema de taxas múltiplas de câmbio para facilitar investimentos estrangeiros e restaurar o equilíbrio financeiro do país.

Com isso, evidencia-se o quanto Getúlio possuía um estilo característico em traçar estratégias de governo, as quais se fundamentavam sempre em uma política mista. Apesar de todo o seu esforço para manter tais estratégias e propagar suas ideias nacionalistas econômicas, com o passar dos anos e dos acontecimentos sociais, tornou-se cada vez mais difícil manter essa política mista.

Nesse contexto, não se pode deixar de mencionar os focos de oposição a Getúlio manifestados em primazia pelo partido UDN (União Democrática Nacional) e pelos militares. Desde o seu retorno ao poder, o presidente sempre dividiu opiniões

no que tangia à sua capacidade para governar e conduzir satisfatoriamente o Brasil, reerguendo o seu cenário financeiro e solidificando novas políticas de crescimento econômico.

Conforme aponta Skidmore (1982, p.133),

era inevitável que o retorno político de Vargas despertasse ressentimentos amargos entre os seus adversários. Getúlio esperava poder, através de uma variedade de táticas, desarmar a oposição. Acima de tudo, estava decidido a se vingar historicamente, demonstrando a sua vocação 'democrática'.

Desse modo, após o governo de Dutra, o panorama brasileiro caracterizava um sistema político aberto e fluído, completamente diferente daquele por Vargas vivido em sua primeira era de governo. Esse era seu grande desafio. Saber lidar com as possibilidades da política de massas, as quais estavam em constante emersão por meio do firme crescimento do PTB – Partido Trabalhista Brasileiro. Agora, após o seu golpe concluído em 1937, Getúlio estava a enfrentar um “centro desconfiado, implacável oposição da direita e um Exército neutro, na melhor das hipóteses” (SKIDMORE, 1982, p.133).

Nesse momento, destaca-se a figura de Carlos Lacerda¹, jornalista, jovem militante antigetulista, que se integra aos líderes intransigentes udenistas para uma tentativa de retirada do poder das mãos do atual presidente. Eles iniciaram a cogitar o raciocínio de que Vargas teria ficado aquém do mínimo necessário durante a votação.

Devido à ambiguidade constitucional existente na época, a UDN levou seu apelo ao Tribunal Superior Eleitoral e, juntamente com a imprensa conservadora como *O Estado de São Paulo*, disseminou ares terríveis de advertência contra o presidente. Todavia, após reunião em dezembro, o Tribunal decidiu a favor de Getúlio e proclamou “Vargas e Café Filho legalmente eleitos presidente e vice-presidente” (SKIDMORE, 1982, p.135).

Após fracassadas tentativas de se unir aos seus inimigos, o sentimento antigetulista pairava sempre sobre a atmosfera política. Vargas então se volta à ala nacionalista do Exército em busca de apoio para empreender seu programa econômico desenvolvimentista.

¹ Fundou o jornal *Tribuna da Imprensa* unicamente como veículo para propagar ideias antigetulistas, defende publicamente, em especial por meio do seu jornal, a intervenção militar.

É válido ressaltar a controvérsia entre nacionalistas e anticomunistas, tendo em vista o momento histórico vivenciado pela Guerra Fria e seus reflexos no cenário brasileiro. Nesse sentido, a *Revista do Clube Militar* divulgou, em fins de 1950, um artigo a sugerir os EUA como responsáveis pela Guerra na Coreia, recomendando ao Brasil medidas preventivas de neutralidade na questão.

A partir desse momento, as tensões sociais aumentam, sobretudo, em função da alta da inflação, e Vargas passa a compreender que o nacionalismo quanto às questões econômicas atraía uma ampla faixa da opinião pública, haja vista a notável expansão dos aspectos da industrialização no país.

A inflação agravava ainda mais a situação do Brasil, uma vez que comprometia a alteração na distribuição de renda. Os constantes “aumentos de preços e a necessidade frequente de reajustes, os pagamentos e salários concentravam a atenção pública na questão de como os benefícios e sacrifícios do desenvolvimento econômico seriam distribuídos” (SKIDMORE, 1982, p.145).

Obviamente a classe que mais sofria com o aumento do custo de vida era a classe operária urbana, conforme argumenta Skidmore (1982). Dessa maneira, em dezembro de 1951, o governo de Vargas decidiu atribuir um novo salário-mínimo, a fim de cobrir os aumentos dos preços.

As tensões sociais criadas pela inflação cresceram, portanto, no segundo e terceiro anos do novo período de Vargas como Presidente. Quaisquer tentativas antiinflacionárias e de estabilização podiam provocar a oposição de todos os setores da economia. Por outro lado, a necessidade de medidas anti-inflacionárias se havia tornado inelutável (SKIDMORE, 1982, p.146).

Vivia-se, portanto, um momento em que os trabalhadores reclamavam por aumentos salariais para compensar a alta da inflação e os industriais pressionavam o governo para manter a política de créditos, a qual possibilitou o surto industrial entre 1948 e 1952.

Desta feita, na ânsia de contornar esses problemas que o Brasil estava a vivenciar, Vargas decide reorganizar o seu Ministério em junho-julho de 1953, substituindo os seus ministros mais importantes. A nomeação que rendeu maior repercussão em termos políticos foi a de João Goulart, um político com “reputação de colaborar com os comunistas e outros líderes operários militantes” (SKIDMORE, 1982, p.148). A partir daí novas estratégias para conter o déficit no balanço de pagamentos

e a inflação persistente foram sendo traçadas, em especial pelo novo Ministro da Fazenda, Oswaldo Aranha, juntamente com Souza Dantas, novo presidente do Banco do Brasil.

Nada obstante, é possível observar que, durante seu governo, o presidente Vargas subestimou a classe média, fato que o pegou desprevenido quando, nas eleições de 1953 para prefeito de São Paulo, Jânio Quadros é eleito – político que sempre se voltou à classe média. Isso sublinhou o descontentamento dessa classe com relação ao rumo da política naquele período, visto que essa não tinha representatividade, tampouco expressão partidária no governo. Em dezembro do mesmo ano, portanto, Getúlio delimita ainda mais veementemente sua posição nacionalista, ao atribuir às dificuldades econômicas a má fé dos estrangeiros com relação às remessas de lucros excessivas.

A oposição exercida pelo partido UDN se manteve firmemente durante todo o tempo. Tal oposição era sustentada pela maioria da imprensa, sobretudo no Rio de Janeiro e São Paulo. O renomado *O Estado de São Paulo*, por exemplo, era um feroz oponente a Getúlio, assim como outros periódicos.

Duas organizações jornalísticas, de âmbito nacional, *O Globo* e os *Diários Associados* (o império de Chateaubriand que incluía *O Jornal* no Rio de Janeiro e vários jornais no interior), também eram pilares do antigetulismo. Desde a eleição de Getúlio, seus oponentes procuraram um tema sobre o qual basear toda a campanha oposicionista. Em 1953 concentraram seu fogo na corrupção que envolveu a fundação do jornal pró-Getúlio, *Última Hora* (SKIDMORE, 1982, p.161).

O grosso da imprensa, portanto, era claramente contra o presidente. Nem mesmo com cobertura imparcial Vargas poderia contar. Somente alguns jornais de menor alcance o apoiavam, a exemplo de *A Gazeta* (São Paulo). Foi por considerar essa difícil falta de apoio que Vargas decidiu aprovar um empréstimo do Banco do Brasil a Samuel Wainer, a fim de criar uma cadeia de jornais que apoiasse o governo.

Nesse momento, é lançado, então, o jornal *Última Hora*, cujo sucesso proporcionou a Wainer excelente repercussão e prestígio nos círculos governamentais. A relação entre Samuel Wainer, fundador do jornal, e Getúlio Vargas, que naquele momento começava seu segundo governo, era de amizade. Vargas era o grande ídolo de Wainer e seu jornal não poderia deixar de servir ao líder populista. As publicações tinham tendência socialista que mais pendiam para o lado trabalhista,

representavam um canal aberto entre Vargas e o “povão”, conforme aponta Medeiros (2009). Interessante mencionar que os inimigos da *Última Hora*, em especial Carlos Lacerda, “ênfatizaram as ligações supostamente espúrias de Samuel com Getúlio, mas omitiram que durante o Estado Novo ele batia-se contra a ditadura comandada pelo próprio Getúlio” (MEDEIROS, 2009, p. 39). Naquela época, jornalista e presidente nem se conheciam.

Pela relação de amizade com o presidente, é o próprio Wainer quem faz questão de relacionar a criação do jornal à proposta getulista, e os laços de amizade se estreitaram com o advento da *Última Hora*. O jornal expandiu com as edições estaduais em São Paulo, Pernambuco, Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Com base nesse contexto, Sodré argumenta que:

Vargas não tinha condições, pelas mudanças dos tempos, para subornar a grande imprensa, como se fizera antes no Brasil. (...) Mas já era rotina a abertura de generosos créditos a empresas jornalísticas, nos estabelecimentos bancários e previdenciários do Estado. Vargas julgou que esse caminho, largamente batido, lhe permitiria ter pelo menos um órgão oficioso, de base popular, capaz de permiti-lhe enfrentar a maciça frente dos jornais controlados pelas agências estrangeiras de publicidade. Foi assim que vultuosos e rápidos créditos possibilitaram, em 1951, a Samuel Wainer fundar o vespertino *Última Hora*, que logo conquistou lugar de destaque na imprensa carioca e brasileira (SODRÉ, 1966, p 457-458).

Entretanto, mesmo após quitar o empréstimo a Vargas, a oposição investiu pesado em acusações acerca de tal transação, mediada pelo presidente, com o jornalista. Taxaram-na como exemplo de cinismo utilizado no atual governo quando o assunto era dinheiro público. Segundo Vianna (1987, p. 128), “no fim de 1953, o deputado Aliomar Baleeiro pediu o cancelamento do registro do *Última Hora*, alegando que Samuel Wainer havia sido favorecido por Vargas em suas transações com o Banco do Brasil”. Essa estratégia, conforme apontou Paulo Brandi (apud VIANNA, 1987, p. 128), não era para destruir o jornal, mas sim encontrar elementos que sustentassem a abertura de um processo contra Vargas. Inclusive, em junho de 1953, o partido da UDN conseguiu formular uma Comissão Parlamentar de Inquérito, com o intuito de investigar as transações ocorridas durante o empréstimo a Wainer.

A criação dessa Comissão gerou imensa repercussão na sociedade, fornecendo um prato cheio aos antigetulistas para se encherem de argumentos de ‘imoralidade’ e ‘corrupção’, bem como espalharem o receio político que desde sempre

pairou sobre as classes armadas (SKIDMORE, 1982). De tal modo, Getúlio enfrentava, agora, oposição dividida entre os oficiais tanto da ala esquerda nacionalista quanto da ala anticomunista.

Uma de suas últimas medidas, enquanto no poder, foi trocar mais uma vez os Ministros da Guerra e do Trabalho. Essa decisão foi muito infeliz, especialmente pela questão trabalhista vivenciada no momento que dizia respeito a duas situações. A primeira refere-se a um início de uma segunda greve dos trabalhadores marítimos que João Goulart, com rapidez, resolveu, contendo o movimento que ameaçava a estabilidade do governo. Negociou e se antecipou às demandas dos trabalhadores, ação que forçou os empregadores a abrirem concessões aos trabalhadores. Tal atitude foi vista não como uma forma de conciliar conflitos, mas sim como estimulação à luta de classes e, para muitos, João Goulart não era o ministro dos trabalhadores, mas sim dos maus trabalhadores (VIANNA, 1987). A segunda situação refere-se a projeto de aumento do salário mínimo em 100%. É evidente que a reação a esse projeto de elevar o salário de 1.200 a 2.400 cruzeiros foi negativa. O até então Ministro do Trabalho, João Goulart, estava em seu auge político, quando apresentou seu relatório sobre o salário-mínimo. Todavia, “a data em que Jango apresentou a sua exposição-de-motivos foi também a sua destituição” (SKIDMORE, 1982, p.166).

A partir de então, a imprensa da oposição publicou vários artigos a questionar essa situação, além de tentar convencer a sociedade de que Getúlio fomentava a crise para acariciar seu golpe continuísta. Jango tinha sido “a chave da nova estratégia política que Getúlio adotara ao nomeá-lo Ministro do Trabalho, em junho de 1953. Destituindo-o agora, face ao crescente número de opositores, tanto civis como militares, Getúlio deixava entrever um sintoma da sua perda de controle sobre a situação política” (SKIDMORE, 1982, p.167).

Nesse sentido, o presidente, tendo notado que estava perdendo sua credibilidade no país, tomou outra decisão mal pensada sob a ótica de consequência política. Já no final de sua fase no governo, aumentou em 100% o salário mínimo como tentativa desesperada de conseguir apoio da classe trabalhadora sem se importar com as consequências que a medida poderia acarretar sobre os demais setores da opinião pública.

Tal medida assustou a classe empresarial que sabia que não poderia absorver esse aumento sem uma grande alta nos preços. O Conselho Nacional de Economia, por sua vez, havia-lhe sugerido apenas 40% de aumento no salário, tendo em vista a

situação do país. Entretanto, na ânsia por conquistar apoio político, insistiu na decisão, demonstrando mais uma vez sua imprudência e perda de seu senso de equilíbrio (SKIDMORE, 1982).

Ainda nesse contexto, o jornal oposicionista *Correio da Manhã*, trovejou, conforme aponta Skidmore (1983, p.172):

Para o Sr. Getúlio Vargas, que ia caindo em irremediável decadência política, o pior será o melhor. Se a estrutura econômica e social do país entrar a desmoronar-se, abalada por agitações e indicações perturbadoras, êle tentará aparecer como o seu 'salvador' com um nôvo regime.

Desta feita, já no final de seu mandato, Vargas se encontrava em uma posição muito vulnerável, haja vista os constantes ataques da oposição ao seu governo. Com setenta e dois anos, apresentava notáveis sinais de cansaço pela carga administrativa de um país. Por conseguinte, a última ação para manter sua palavra e seus ideais foi, em 24 de agosto de 1954, não hesitar, após o momento final de defesa contra seus inimigos, em atirar contra seu coração apertando o gatilho. Ofereceu sua vida como holocausto em nome de sua política, para marcar a história por meio do mais vigoroso apelo nacionalista que ele poderia ter feito.

É possível notar, desse modo, mediante os relatos históricos pincelados até então, quão grande era (e ainda é) a influência da imprensa sobre as questões políticas e quão importante era para um presidente no poder contar com o apoio dos veículos jornalísticos de influência.

1.2 O ÚLTIMA HORA, O GOVERNO E O CRONISTA

Tendo em vista que esta tese estudou, em essência, o período da escrita de Marques Rebelo em meio ao contexto histórico de sua época, brevemente explanado neste capítulo na seção anterior, mister se faz entender de maneira um pouco mais direcionada a importância que o jornal *Última Hora*, anteriormente mencionado, teve para a construção de sua escrita e de seu posicionamento sócio-político enquanto escritor e, ainda, saber mais sobre o Edi Dias da Cruz, Marques Rebelo, nascido no dia 6 de janeiro de 1907, na rua Luís Barbosa, no bairro de Vila Isabel.

A casa onde o escritor nasceu já não existe mais nem o Rio de Janeiro que ele retratou em suas obras. Trigo (1996), biógrafo do autor², explica que:

A cidade ocupava naquela época o posto incontestável de capital literária, intelectual e artística do país – além, naturalmente, o de capital política. Pelo seu peso cultural, podia ser considerada a Paris retratada por Benjamin (TRIGO, 1996, p.11).

Naquela época a vida política era diretamente relacionada à vida literária, ou seja, a entrada na política era um fato muito natural para um escritor prestigiado, como aponta Trigo (1996), e as Letras seriam passaporte para o poder ser alcançado. Miceli (1979), referindo-se aos intelectuais de São Paulo da década de 1930, destaca que:

O envolvimento dos intelectuais com os grupos dirigentes não se manifestava apenas em termos de adesão a alguma facção partidária. Tanto aqueles vinculados ao situacionismo perrepista como os elementos identificados com as causas políticas dissidentes ou com a oposição democrática prestaram sua colaboração na administração pública estadual, na imprensa, no setor editorial, na Câmara dos Deputados (MICELI, 1979, p. 11).

Said (2005), ainda que fale acerca de outro contexto, chama a atenção para essa estratégia do governo. Explica “quão importante era para os governos terem como seus servidores aqueles intelectuais que podiam ser convocados não para dirigir, mas para consolidar a política governamental” (SAID, 2005, p. 22). Cabe apontar que durante dois anos, no período entre abril de 1941 e agosto de 1943, Rebelo contribui para a revista *Cultura Política* do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP – do Governo Vargas. À época, Rebelo e Graciliano Ramos criavam quadros das cidades brasileiras e, embora fosse um discurso que apontava os problemas inerentes a tais cidades, por se tratar de periódico mantido pelo governo, os dois escritores estavam, portanto, a serviço desse. Como estratégia do governo, os colaboradores da revista eram também opositores. Sobre essa questão, Salla (2010) esclarece que, tendo em vista a construção da ideia de um país unitário, “importava à publicação congregar nomes de diferentes tendências e posições

² Vale comentar que, segundo o herdeiro de Rebelo, José Maria Dias da Cruz, em que pese o fato de a biografia feita por Trigo ser superficial e trazer informações equivocadas relacionadas a dados familiares e de trabalho, a pesquisa do jornalista, elaborada como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, mais de vinte anos depois de publicada, ainda é importante para aquele que deseja conhecer um pouco do percurso vivido pelo escritor.

político-ideológicas, inclusive, o de supostos opositores ao governo” (SALLA, 2010, p. 227), caso de Graciliano Ramos, figura historicamente ligada ao Partido Comunista, inclusive até preso pelo governo Vargas por isso. Essa parceria era necessária, pois o que o governo desejava era mostrar que intelectuais estavam a serviço do Estado.

Em se tratando do Rio de Janeiro retratado nas crônicas da coluna “Conversa do Dia”, sabe-se que a vida social agitada da cidade demandava uma literatura robusta, fato que contou com a ajuda de Rebelo para ser concretizado, pois o autor contribuiu consideravelmente para a manutenção de um gênero, consagrado no Romantismo por Manuel Antônio de Almeida, em suas *Memórias de um sargento de Milícias*, por Alencar em *Senhora*, e persiste até a atualidade: o romance urbano. Ao mesmo tempo em que isso se concretizava, a literatura regionalista de caráter denunciatório mantinha seu espaço.

Rebelo chegou a ser intitulado como inimigo dos escritores do Norte³, pois suas obras retratavam dramas e pequenos conflitos de personagens cariocas e urbanos, como Leniza Máier de *A estrela sobe*, personagem que se prostitui em troca de ascensão social.

Rebelo teve grande papel na literatura, *A estrela sobe* é uma obra prestigiada no meio literário e, conforme se verá na descrição dos estudos realizados sobre a produção de Rebelo, das mais pesquisadas, o autor influencia até mesmo àqueles que não o conhecem, como explica Trigo (1996, p. 13):

Como todos os artistas que têm o raro dom de influenciar mesmo aqueles que não o conhecem, Marques Rebelo jamais será uma unanimidade. Mas é difícil imaginar que, sem a trilha aberta por ele, a literatura brasileira teria seguido o mesmo caminho.

Rebelo considerava literatura como a única forma de manifestação artística, pois, para ele, a forma desta é verdadeira, pura e elevada. Não considerava cinema, música e muito menos a televisão como arte, o que o fez conseguir muitos inimigos de tais áreas e, ainda assim, escreveu críticas de cinema e de música; curiosamente o romance *A estrela sobe* alcançou relativo sucesso quando adaptado para o cinema.

O autor tratava a literatura como arte da elite e afirmava que ela não era para as massas, pois quem realmente pensava e sabia o que queria era a elite. Em outras

³ Somente no ano de 1990, o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - dividiu o território nacional nas cinco regiões que se tem hoje. Assim, o termo escritores do Norte se refere à segunda geração modernista composta, em sua essência, por escritores do Nordeste, a exemplo de Graciliano Ramos e Jorge Amado.

palavras, o escritor tinha uma visão pura e assumidamente elitista acerca da atividade literária.

Filho do professor de Química Manuel Dias da Cruz e de Rosa Reis Dias da Cruz, aprendeu a ler em casa antes dos 4 anos, nessa idade, mudou-se com sua família para Barbacena, Minas Gerais. Retornou ao Rio com 11 anos junto a sua família, com o pensamento de estudar Medicina.

Em 1922, chega a entrar no curso de Medicina na Faculdade Nacional, mas abandona os estudos e dedica-se ao comércio viajando pelo interior de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro. É nessa época que escreve seus primeiros poemas e começa a dedicar-se à leitura. Lê a Bíblia com 10 anos, Gustave Flaubert, Honoré de Balzac e Georges Louis Buffon, com 11 anos e, posteriormente, Alexandre Herculano, Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida, considerado por Rebello como o precursor do romance moderno no Brasil e o primeiro a escrever como se fala no país.

Marques Rebello torna-se biógrafo de seu tão admirado escritor e escreve *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*, em 1943, obra para a qual se voltou por 8 anos. Mais tarde, dedicou-se ao ensaio *Bibliografia de Manuel Antônio de Almeida*, em 1951.

Marques Rebello era um grande apaixonado por futebol e tinha características pessoais bem peculiares, como aponta Trigo (1996, p. 23):

Andava de forma apressada, gostava de usar cabelo cortado rente, “à escovinha” (para não ter que se pentear). Gesticulava muito e era um grande bebedor de café. Gostava de usar roupas coloridas. Odiava o frio: segundo o amigo Gastão de Holanda, o escritor dizia que nevava quando a temperatura descia a menos de 18 graus. Fanático por futebol, torcia pelo América, clube ao qual chamava vagabundo: “É a única paixão da minha vida, me alucina esse time vagabundo. O América perde sempre.” Paixão pelos derrotados, na literatura e no esporte. Ou, como escreveu Adonias Filho, “Compreensão da áspera vida dos simples e dos pobres, solidariedade que não eliminava o riso na face do drama”.

Rebello não gostava de Monteiro Lobato, afirmou que Guimarães Rosa não “dominou” a palavra, o autor rotulou Marcel Proust como “chato”, assim também denominou Thomas Mann e James Joyce.

O autor era extremamente irônico, não perdia a oportunidade de fazer uma piada. Isto fica ilustrado em um fato ocorrido com ele e Oswaldo Orico, relatado por Trigo (1996, p. 25,26):

Quando a livraria São José promoveu uma queima de livros, anunciando num cartaz: “Compre dois livros e leve grátis um do escritor Oswaldo Orico”, Rebelo espalhou a história de que muitos clientes, para não terem de levar o brinde, “compravam um exemplar em oferta, saíam, assobiavam um tango argentino e voltavam para comprar o segundo”: “Ao saber que o livro de graça é de Oswaldo Orico, o freguês não vai querer comprar os outros dois”, declarou. Orico soube, e os dois quase foram às vias de fato.

As viagens feitas por Marques Rebelo na época em que trabalhou com o comércio fizeram que o autor acumulasse muitas experiências e ideias que seriam desenvolvidas em seus futuros personagens. É nesse sentido que se afirma que, como um caixeiro-viajante, empregando o termo de Benjamim (1987), Rebelo vai construindo crônicas que são metonímias de suas leituras dos problemas que permeiam o contexto em que se insere, “ele assume e retrata a condição de viajante que se desloca até os espaços tematizados em seus textos” (SALLA, 2010, p. 354).

Publicou, entre 1927 e 1929, poemas nas revistas modernistas *Verde*, *Antropofagia*, *Leite Crioulo* e outras, era amigo de escritores como Mário de Andrade, Alcântara Machado e Couto de Barros. Na mesma época conhece Tarsila do Amaral e Raul Bopp. Mais tarde revelou envergonhar-se de seu passado poético e desistiu de publicar um livro com seus poemas. Sobre a escrita de poemas, Joaquim Rubens Fontes (2005, p. 22) assevera que eram condizentes com o padrão modernista quanto ao “tom coloquial e versos irregulares, sem rimas”, mas não tinham “um ritmo bem definido e eram poemas inexpressivos. Tanto eram fracos que o próprio poeta os renunciou, negando-lhe inclusão na coletânea de suas obras” (FONTES, 2005, p. 22).

Não achava Edi Dias da Cruz um bom nome para um escritor. Foi assim que decidiu copiar seu nome artístico de um poeta pouco conhecido do Quinhentismo português. Explicou a mudança do nome, em 1968, em entrevista a Clarice Lispector (NUNES, 2006). A escritora, em nota no *Jornal do Brasil*, em 30 de junho de 1973, página 3, Caderno B, refere-se com ternura ao escritor:

Marques Rebelo tem o mesmo cabelo cortado à escovinha do tempo em que eu o conheci, o olhar rápido e malicioso. Mas há uma coisa nova no seu rosto: mais bondade do que antes, o que certamente a vida lhe veio ensinando. [...] achou que era necessária uma eufonia mínima para um nome literário, e rebatizou-se: acha que todo mundo deveria rebatizar sozinho. Os dois nomes se fundiram e ele ficou uno.

Estreou *Oscarina*, seu primeiro livro, em 1931 pela livraria *Schmidt Editora*. Neste livro já é possível observar o gosto pelo banal e, nitidamente, o olhar jornalístico que quase fotografa as ações e motivações humanas. Tinha vinte e quatro anos à época e dedicou esta obra a seus seguintes mestres: Álvaro Moreira, cronista, poeta e teatrólogo; Augusto Frederico Schmidt, poeta; Francisco Inácio Peixoto, autor de *Meia pataca* (1928); Prudente de Moraes Neto, o primeiro a apontar a afinidade entre Rebelo e Manuel Antônio de Almeida; e Walter Benevides, amigo de infância.

Oscarina foi muito bem recebido por importantes intelectuais da época, como ressalta Trigo (1996, p. 35):

Oscarina foi saudado com entusiasmo pelos mais importantes intelectuais da época, como Manuel Bandeira, Agripino Grieco, Otávio de Faria, João Ribeiro e Tristão de Athayde [...].

Uma das coisas que Rebelo odiava era falar ao telefone; por isso, dizia ter saudades do moleque de recados, também não gostava de elevadores, sorvete nem de coca-cola. Talvez seu despreço ao telefone seja advindo dos problemas que a Companhia Telefônica enfrentava para oferecer aos clientes serviço de qualidade. Essa questão o levou a escrever diversas crônicas que apontam o mau serviço oferecido, conforme se verá no capítulo destinado à análise. Detestava máquina; por isso, escrevia à mão e levou quase vinte anos para compor os três volumes de *O espelho partido*, trilogia que o escritor desejava ampliar para sete livros. Era muito pessimista. Seu amigo Mário de Andrade confirma isso e caracteriza-o como uma personalidade sofrida e trágica.

Muitos já escreveram que Rebelo pertencia à segunda geração modernista; porém, ele se diferenciava dos modernistas por sua simpatia pela tradição. O autor intitulou o modernismo de “cacoete”, mas sua vantagem, segundo ele, foi a derrubada de muito símbolo, muito mito. Na visão do escritor, a escrita deve ao modernismo um grande estrago; todavia, depois, uma grande recuperação dos valores essenciais da literatura brasileira.

Rebelo expôs de uma forma muito clara o que considerava como papel da literatura: não uma ruptura com o passado, mas sua aceitação e valorização, para extrair desse suas lições. Assim aponta Trigo (1996, p. 43):

O próprio escritor afirmou uma vez no Lamas, restaurante no Flamengo que gostava de freqüentar: Há uma certa incapacidade da

juventude para compreender que a literatura é consequência de uma obra já realizada. Quando essa juventude entender que há sempre uma ligação com o passado – ligação que é dívida –então sim, será perdurável o que ela tentar fazer.

Em 1933, concomitantemente a sua dedicação à atividade de tradutor (pela qual foi premiado), escreveu três novelas – “Namorada”, “Vejo a lua no céu” e “Circo de coelhinhos” – reunidas em *Três Caminhos*, livro de contos. Rebelo revela que as três novelas representam capítulos imperfeitos de três tentativas de romance.

A coletânea não obtém o mesmo êxito de seu livro de estreia, pois no mesmo período romances de Jorge Amado, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego estavam no auge, momento em que os enredos de apelo social se sobressaíam. Também em 1933, Marques Rebelo se casa com Elsa Proença, com quem tem dois filhos.

Em 1935, volta a publicar e lança *Marafa*, um romance, que, embora não tenha sido um estouro de vendas, proporcionou a ele o Prêmio Machado de Assis e foi um de seus principais trabalhos.

O grande êxito de sua carreira veio em 1939 com *A estrela sobe*, escrito entre 1934 e 1938. O romance conta a história de uma jovem suburbana, vendedora de produtos farmacêuticos, cujo o sonho é o de cantar no rádio (grande fábrica de ilusões dos anos trinta como será o cinema para as décadas seguintes). Leniza Máier estava disposta a pagar qualquer preço para a concretização de seu sonho, que se mistura em realização pessoal e ascensão social. É considerada pela crítica a personagem mais bem-acabada de Rebelo.

Neste livro, o escritor chega ao mais alto grau de seu talento na descrição da paisagem urbana e na análise psicológica dos personagens, principalmente os femininos, análises muitas vezes caracterizadas pelo próprio “não dito”, pelas elipses.

Trata-se de uma narrativa onisciente em que o autor traça o retrato de cada personagem e da sociedade da época. Rebelo admite que muito da personagem principal, Leniza, estava nele mesmo, pois, de igual maneira, Leniza era extremamente irreverente, mas no fundo era muito moralista e tinha tabus extremos. A personagem foi considerada revolucionária para a época, pois as mulheres mal saíam de casa naquele período e Leniza veio trazer uma afirmação feminina, um princípio de reivindicação, como afirma o próprio Rebelo.

No ano de 1951, reeditado, Rebelo apresenta *Cenas da vida brasileira*. Nesta obra fica clara sua paixão pelo banal, pelas pequenas ou grandes dores. O livro de crônicas traz problemas relacionados à cidade, como a falta de árvores, o fato de

existirem mais igrejas do que orfanatos, as doenças que não foram erradicadas por falta de empenho do governo, o analfabetismo, a mortalidade infantil e várias outras críticas.

Em 1959, publicou *O Trapicheiro*, acompanhado por mais dois volumes: *A mudança*, publicado em 1962, e *A guerra está entre nós*, lançado em 1968. Juntos formam o grande e cíclico romance *O espelho partido* que representa o retrato da vida fragmentada da sociedade brasileira, principalmente a carioca, durante a primeira metade do século XX. *O espelho partido* era um projeto de sete romances; porém somente três foram publicados, conforme já ventilado anteriormente.

Ao entrar para a Academia Brasileira de Letras, em 1963, declarou já estar tarde demais e que estava cansado da batalha intelectual. Muitos se surpreenderam com sua candidatura pelo seu temperamento irreverente. Um amigo disse-lhe que deveria ser o dia mais feliz da vida de Rebelo e este respondeu-lhe que era bobagem, pois o dia mais feliz de sua vida foi em 13 de setembro de 1960 (data em que o América se tornou campeão carioca depois de 25 anos sem títulos. Vale comentar que Rebelo dedicou crônicas em sua coluna no jornal *Última Hora* para homenagear o time do coração).

O escritor reconhecia a importância do jornalismo para a divulgação da literatura; afirmava, constantemente, a necessidade de mais suplementos literários e novos espaços para a divulgação, haja vista que muitos escritores desistiam diante do desestímulo geral. Detestava, porém, o assédio da imprensa.

Afirmava ser leitor de si; quando tinha sessenta anos, em resposta a uma pergunta que lhe fizeram sobre quando começara a escrever, respondeu que ainda não havia começado. Nunca quis ser mais do que escritor e, segundo ele, foi por isto que foi obrigado a fazer um pouco de tudo. Orgulhava-se de ter nascido em Vila Isabel, dizia colecionar amigos e que sua principal motivação na vida era o amor.

Além de tudo, Rebelo dizia que era, também, jornalista; no ofício, iniciou-se em uma quarta-feira, 16 de janeiro de 1952, quando o jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, trouxe em sua primeira página uma nota com o título: **MARQUES REBELO TODOS OS DIAS EM “ÚLTIMA HORA”**. A nota esclarecia que Marques Rebelo, “o escritor notável”, como assim se referiu a ele o jornal, a partir de 17 de janeiro de 1952, iria assinar a coluna diária “Conversa do Dia” e nela falaria sobre “fatos, coisas e homens da vida da cidade”. Além do assunto a ser tratado pela coluna, a nota enfatizava que o escritor sabia “ver como ninguém o ridículo dos outros” e era o “crítico

implacável dos nossos costumes”. Ainda foi feita menção ao nome de cronistas importantes a exemplo de Rubem Braga, Joel Silveira e Álvaro Moreyra, ressaltando, porém, que Rebelo escreve “com uma palavra de simpatia e de suave poesia”.

Por mais de dois anos, Rebelo manteve a coluna “Conversa do Dia”, por meio da qual soube fazer saltar aos olhos do leitor o fato miúdo. Daquilo que é banal, cotidiano, o cronista extraiu sua matéria, que, pela linguagem, alcançou outra dimensão, transpondo os limites da banalidade a que o fato em si ficaria reduzido. “Isso ocorre por conta do acabamento estético dado a cada situação, pelo trabalho de criação literária, por meio do qual o escritor reinventa e ressignifica a realidade” (BERGAMINI, 2012, p. 121).

Marques Rebelo, que manteve a coluna “Conversa do Dia” no jornal *Última Hora*, teve sua produção fortemente demarcada pelos aspectos históricos, políticos e sociais vivenciados no período do governo de Vargas. A perspicácia de Rebelo girou em torno de ele conseguir tratar das questões que envolviam a cidade do Rio de Janeiro, o cenário político e econômico, bem como as tensões sociais decorrentes do período, valendo-se, para tanto, da crônica, muitas vezes escrita com ares sutis, mas que, no fundo, trazia em seu bojo críticas ácidas quanto a ações do governo. Cabe pontuar aqui que o jornal de Wainer legitima o discurso de Vargas, ao passo que, em muitas crônicas, Rebelo desconstrói esse discurso ao apontar problemas de ordens diversas com os quais se deparava o povo.

Pois bem, é já sabido que o jornal mencionado foi lançado com o objetivo de apoiar o governo. Atrelado ao governo, a *Última Hora*, sob o comando de Wainer, visava:

romper com a formação oligárquica da imprensa brasileira e dar início a um tipo de imprensa popular e independente (...) e pretendia ser, portanto, um jornal de oposição à classe dirigente e a favor de um governo que, em última análise, representava a tendência popular (LEAL, S/D, p 03).

Além do mais, o jornal trouxe inovação para o mundo do jornalismo daquela época, ou seja, as cores na primeira página e amplas fotos caracterizavam elementos diferenciais na produção da *Última Hora*. Sua linha de escrita seguia um estilo popular, colocando-se como defensor do povo. Nessa linha, Siqueira (2003, p.1) ressalta que o jornal oferecia:

espaço aos temas, preocupações e aspirações populares fazendo valer a imagem de 'defensor do povo'. Esta imagem foi, para este jornal, o seu patrimônio mais precioso – ainda que não fosse exclusividade dele, pois, com maior ou menor intensidade, outros periódicos também posaram como 'advogados' das classes populares.

Ao assumir linha editorial tão popularesca, publicando notícias relacionadas a esporte, política, mortes etc., o jornal acaba por absorver o parque gráfico extinto com o jornal falido em 1949, *Diário Carioca*, assim como algumas características estruturais. Além disso, a sua produção agora contava com a técnica da objetividade estadunidense para fazer jornalismo. Isto é, seria necessário introduzir nas primeiras linhas de cada notícia o *lide (lead)*, que visa responder a perguntas: *quem, quando, onde, por que, o que e como*.

Também surge, como inovação à época, a inserção, no quadro editorial, da figura de um revisor para fiscalizar justamente tal objetividade jornalística. Esses elementos de modernização do jornalismo, iniciados no Brasil a partir da criação da *Última Hora*, na década de 1950, também interferem na transição da imprensa brasileira artesanal para um jornalismo de escala industrial. Como resultado, vê-se um jornal que alcança, logo em sua trajetória inicial, tiragens elevadíssimas, chegando a 45 mil exemplares em dias úteis e a 70 mil aos domingos (SODRÉ, 1966). Medeiros (2009, p. 24) pontua a esse respeito que o jornal “começou vendendo 15 mil exemplares por dia. No ano seguinte já vendia 100 mil – um grande fenômeno”.

As publicações lançadas pela *Última Hora*, portanto, configuram um rompimento de paradigma em vários sentidos tangentes à realidade brasileira. O Brasil, um país demarcado pela repressão, encontra, nas linhas publicadas pela *Última Hora*, asas para alçar voos jamais antes impulsionados pela imprensa brasileira.

Marques Rebelo, nesse sentido, tem voz ativa e marcante ao delimitar a sua produção de crônicas com base nos fatos históricos vivenciados e, também, relatados em tal jornal. Frungillo (2001, p. 59) aponta que Rebelo se vale da escrita para “divulgar a cultura brasileira onde lhe surgisse oportunidade”, para além da cultura brasileira, a partir da leitura das crônicas que compõem o *corpus* desta tese, verifica-se que Rebelo se vale da escrita para revelar uma visão nacionalista mais voltada à discussão dos problemas com que se deparava, já que, ao retratar o Rio de Janeiro e as tensões nele vivenciadas, apontou suas carências e as do povo que o constitui.

Com muitas crônicas dedicadas ao contexto descrito neste capítulo, Rebelo escreveu a partir das suas impressões, as quais advêm de seu olhar minucioso de cronista. Em cada crônica há uma revelação que se inscreve pelo bom e o ruim, pelo otimismo e o pessimismo, pelo presente e pelo passado. Ao adotar a crônica, Rebelo documenta o cotidiano miúdo de tipos citadinos, seus costumes e delineia um cenário da sociedade retratada.

Há muito que se vem ventilando sobre o fato de a crônica ter encontrado no jornal o veículo basilar à sua sustentação enquanto gênero literário. Não se quer dizer que os livros publicados não sejam lidos ou não tenham contribuído para que o gênero se firmasse. No entanto, é fato que, no Brasil, a crônica faz parte do jornal. Cita-se a exemplo Machado de Assis, Olavo Bilac, Arthur Azevedo, Coelho Neto, Rubem Braga, Rachel de Queirós, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e tantos outros ainda que se valeram desse suporte efêmero para eternizar palavras e assuntos que estariam fadados ao esquecimento.

Nas palavras de Roncari (1985), a crônica tem seu lugar “protegido” no jornal; o fato de se contar nas últimas décadas com grande número de livros de crônicas publicados não fez que o gênero perdesse seu espaço nos diversos jornais e revistas que circulam no país. No mesmo lugar em que há espaço para a objetividade do jornalista, para os aspectos denotativos do dia a dia, também há para a subjetividade conotativa do cronista, para a ironia com que muitas crônicas tratam de um assunto, para o lirismo que invade as páginas tão realistas de um jornal. O dinamismo do jornal encontrou na crônica, texto marcado pela instantaneidade, “um registro dos acontecimentos da cidade, da história da vida da cidade, a cidade feita letra” (PORTELLA, 1977, p. 85).

Essa instantaneidade a que se referiu Portella (1977) pode ser explicada a partir da leveza que se observa na crônica, trata-se de um gênero que permite que a literatura se torne íntima do leitor, a propiciar a quebra daquilo que parece monumental, grandioso, para transformá-lo em um texto rápido; porém, profundo (CÂNDIDO, 1992).

Embora seja um texto ágil, não deixa de ganhar do cronista acabamento estético, ou seja, não se trata de dar uma notícia ou comentar um fato com linguagem distinta daquela empregada pelo jornalismo, mas sim recontar uma história envolvendo outra perspectiva, valendo-se de aspectos inerentes ao texto literário. E esse é um dos fatores que faz dela um gênero literário. A crônica torna-se o texto que:

Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, p. 13).

Ao recuperar certa profundidade de significado dos espaços e dos acontecimentos, o cotidiano – às vezes compreendido como o lugar do monótono, uma rotina sem novidades e sem mudanças, algo que acontece regularmente sem oferecer grandes surpresas – passa a ter novo sentido pelo olhar do cronista, pois ele usa de sua sensibilidade para extrair uma reflexão. O cotidiano é ressignificado a partir de outro olhar que capta cada acontecimento rotineiro e o transforma em linguagem cheia de expressão. Mais ainda do que transformar o cotidiano em linguagem, o cronista consegue transportar a realidade de modo especial, o qual faz da crônica a filha dileta da cidade, “na sua viagem desde o respeitável patamar da história até a plasticidade leve da bagatela, risonha ou poética” (DIAS, 1995, p. 59).

Pode-se entender, assim, o meio pelo qual Rebelo expressava sua paixão pelo banal e urbano: a crônica. Isto leva a perceber que Rebelo não foi apenas um romancista, um contista, mas também um grande cronista, valendo-se, especialmente, da *Última Hora*.

Em sua escrita, depara-se com um engajamento, o qual permite afirmar que o autor era mais do que um autor, era um intelectual a serviço da denúncia acerca dos problemas que circulavam no contexto no qual ele se insere. Intelectual é a palavra com a qual se pode definir Rebelo. A palavra se refere àqueles que “nunca são tão eles mesmos como quando, movidos pela paixão metafísica e princípios desinteressados de justiça e verdade, denunciam a corrupção, defendem os fracos, desafiam a autoridade imperfeita ou opressora” (SAID, 2005, p. 21).

Nesse sentido, Rebelo intelectual é aquele “dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (SAID, 2005, p. 25). É por meio da leitura das crônicas que se observa o olhar desse Rebelo intelectual, que luta contra os estereótipos sociais e resiste à morte daquilo que é vivo e que realmente tem valor.

Com sua escrita, Rebelo denunciou problemas de toda ordem. Por esse motivo, sofreu com a censura: em nota publicada pelo *Jornal do Brasil* em 1970, 1º

Caderno, página 10, no quadro intitulado “Lance-Livre”, lê-se: “O escritor Marques Rebelo revelava ontem a um amigo que considerava encerrada a sua carreira literária, em face da nova lei da censura. ‘Com essa lei, não dá. Enquanto não for modificada, a viola fica no saco’ – decifra o escritor.” A lei a que se refere Rebelo é o Decreto-Lei nº 1077, de 26 de janeiro de 1970, por meio do qual, conforme dispõe o artigo 1º, não haveria tolerância a qualquer publicação com manifestação contrária à moral e aos bons costumes divulgada em qualquer que seja o veículo de comunicação.

O autor faleceu no Rio de Janeiro, em 26 de agosto de 1973, após ficar 31 dias em coma, em virtude de um derrame cerebral, deixando vaga a cadeira nº 9 da Academia Brasileira de Letras e, também, um importante legado como escritor. O *Jornal do Brasil*, na edição de 30 de agosto de 1973, publicou nota, uma semana após o falecimento de Rebelo, em que comunicava a eleição para a cadeira nº 9 ocupada pelo escritor. A eleição ocorreria em janeiro de 1974 e a família havia oferecido ao sucessor a espada que Rebelo usara.

Marques Rebelo faleceu às 23h30 minutos do domingo. Na manhã seguinte, o *Jornal do Brasil* dedicou uma página ao escritor. Nela, além das informações sobre motivo da morte, horário de sepultamento, nome dos herdeiros e médico que cuidou do escritor, um subtítulo definia: “Um romancista muito carioca”. Por certo, pode-se dizer que a escolha para esse subtítulo se justifica porque o escritor amou o Rio de Janeiro e o eternizou como cenário para os textos dos diversos gêneros literários que escreveu, contos, crônicas, romances e teatro, além de livros ligados às artes e à fotografia. Junto à foto que acompanhava o texto, a legenda “Marques Rebelo era o cronista da vida carioca”, justifica-se porque muito mais que criar um cenário por meio da linguagem, Rebelo soube acompanhar as mudanças da cidade e, embora apegado ao passado, sabia que a cidade era fruto de seu presente. O jornal falou do trabalho do escritor como romancista e enfatizou sua paixão pelo América Futebol Clube, sempre lembrado nas crônicas da coluna “Conversa do Dia”.

Fundado em junho de 1951, o jornal *Última Hora* foi um veículo significativo dentro da cidade do Rio de Janeiro até o dia 25 de abril de 1971, quando sai das mãos de Wainer - ou quando na metáfora de Benicio Medeiros (2009) - a rotativa parou. Na verdade, o jornal continua em funcionamento, mas passa a ser do grupo liderado por Maurício Nunes de Alencar, que comprou a *Última Hora* por sete milhões e quinhentos mil cruzeiros. Benicio Medeiros (2009) narra a história do periódico desde a implantação até quando sai das mãos de Wainer, momento em que o periódico

passará por mudanças quanto à sua configuração gráfica e ideológica, por isso, o emprego da expressão a rotativa parou.

O jornal *Última Hora* observava a constituição de um novo público leitor nas grandes cidades da época. Conforme já apontado na primeira seção deste capítulo, a posição política do jornal era favorável ao presidente e era nítido o afastamento da imprensa tradicional no que diz respeito a assuntos relativos ao governo de Vargas. Um exemplo foi o fato de a primeira reunião ministerial contar com apenas dois repórteres para a veiculação do evento. Ficando, por meio disso, evidente a proposta de Getúlio de afastamento da imprensa de grande circulação no que se referia ao seu trabalho como presidente, assim afirmam Macedo e Melo (2008, p. 5):

O periódico *Última Hora* é um exemplo histórico sobre as relações de poder, mídia e comunicação, pois apresenta desde o seu surgimento características que fundamentam as arestas de estudo da comunicação política e planejamento de Marketing Político.

O jornal assumiu lugar destacado no confronto social, pois fora o único de grande circulação a defender a proposta getulista até a morte do presidente e, após isso, continuou com seu lema pautado no nacionalismo popular. No entanto, tendo em vista sua linha de ação, a *Última Hora* ganhou inimigos poderosos como Assis Chateaubriand, proprietário do conglomerado *Diários Associados*⁴, e o político Carlos Lacerda, proprietário da *Tribuna da Imprensa*. Um fato marcante no conflito envolvendo a *Última Hora* foi a Comissão Parlamentar de Inquérito no Congresso Nacional que investigara a nacionalidade de Wainer, alegava-se que Wainer não teria o direito legal de ser proprietário de uma empresa jornalística, por não ser natural do Brasil. Também houve problemas referentes ao financiamento com verbas indevidas. Mendonça (2008) comenta a respeito:

A campanha contra a *Última Hora* teve início logo após o seu lançamento. Assim, já em 27 de julho de 1951, Lacerda publicou um editorial intitulado Golpe contra a imprensa independente, em que, a pretexto de comentar o empastelamento dos periódicos *La Prensa* e *Vanguardia*, e a prisão dos jornalistas de *El Intransigente*, determinada pelo governo argentino, lançava suspeitas de que a violência constituía parte de uma estratégia articulada por Perón com o objetivo

⁴ Vale pontuar que os *Diários Associados* diziam respeito a veículos da imprensa, que circularam em diversos estados brasileiros, de propriedade de Assis Chateaubriand, dentre eles estavam: *O Jornal*, *Diário da Noite*, a empresa gráfica *O Cruzeiro*, a revista *A Cigarra*, o jornal *Estado de Minas*, o *Diário da Tarde*, as rádios Guarani e Mineira e a *TV Itacolomi*.

de acabar com a liberdade de imprensa. De acordo com a matéria, tratava-se de um verdadeiro "complô", com ramificações na imprensa brasileira (MENDONÇA, 2008, p.12).

O rival mais empenhado da *Última Hora* era Carlos Lacerda, sobre a contenda entre eles, Mendonça (2008, p. 12) afirma que:

Lacerda procurou dar impulso à campanha durante a VII Conferência da Associação Interamericana de Imprensa, realizada em Montevideu, em outubro de 1951. Denunciando o envolvimento do governo na obtenção dos recursos para o lançamento da *Última Hora*, fez um apelo para a criação de mecanismos que impusessem um severo controle sobre os subsídios governamentais a órgãos de imprensa, de modo a impedir a concorrência desleal.

O periódico pensou em um público que até então era desconsiderado pela imprensa de grande circulação e, para alcançar suas metas, entrou a fundo nas experiências cotidianas dos populares urbanos, nos problemas e lazeres do subúrbio, com o intuito de atrair o público desejado e defender a política getulista, o leitor da classe trabalhadora era priorizado.

Com a intenção de atingir o seu objetivo de influenciar as classes populares, Wainer reestruturou a linguagem jornalística brasileira por meio de inovações gráficas e operacionais, como já pontuado.

Segundo Goldenstein (1987, p. 47), a *Última Hora* foi um instrumento de mediação entre povo e governo:

Em suma, o jornal tanto no conteúdo como na forma usou de dispositivos que têm em comum com os da indústria cultural técnicas de sedução do público almejado como alvo. Mas colocou-os todos a serviço da veiculação da proposta política do populismo varguista, ou seja, a sedução da retórica populista combinou-se com a sedução das técnicas de indústria cultural.

No trabalho de veiculação do conteúdo social e político do jornal foram utilizadas charges e caricaturas. O que de certo modo também representou uma inovação do periódico. As ilustrações, as charges e caricaturas foram empregadas como recurso para o humor visual, mudando o processo de configuração do jornal.

Ao longo de sua existência, a *Última Hora* trouxe uma valorização do cartunismo pelo jornalismo brasileiro com a formação de uma equipe profissional composta por Augusto Rodrigues (1913-1993), Nassara (1910-1996), Lan Itália, (1925), Nair de Teffé (1886-1981), Mendez, Théo (1907-1996), Aparício Torelli (1895-

1971), Hilde (Alemanha, 1913-1994, São Paulo), Jaguar (1932), Otávio (1930-1995), Millôr (1923-1912), Henfil (1944-1988), Ziraldo (1932), Claudius (1937) e outros. Nas ilustrações de cunho político era possível observar o elogio e a crítica social pelo riso. Getúlio Vargas sempre sendo apresentado em ilustrações de maneira respeitável. O líder era, não raras vezes, elogiado, enquanto os outros políticos eram representados com a intenção de promover o humor visual, em especial os adversários do jornal. Por exemplo, a caricatura de Lacerda citada por Macedo e Melo (2008, p. 8):

A famosa caricatura de Carlos Lacerda como “corvo”, apresentando o político udenista no corpo de uma ave de mau agouro, realizando assim a crítica social a práxis lacerdista através dos espertos e “malignos” olhos do riso. Além do contexto da ilustração, a crítica social pelo riso permitiu historicidade ao objeto, pois marcou a vida política.

A principal característica do jornal era a de se opor à classe dominante, a elite do país, e ser a favor do governo de Getúlio, que representava o povo por meio de sua figura pessoal.

A história da *Última Hora* está ligada ao que se acredita ser o drama de toda a burguesia: a incorporação política das classes populares. Estas começam a se desenvolver juntamente com o processo de urbanização iniciado no final do século XIX.

O jornal contou com muito apoio empresarial, mediante recursos advindos do banqueiro Walter Moreira Sales e do Banco Hipotecário de Crédito Real de Minas Gerais, obteve, ainda, apoio do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. Preocupou-se, também, com marca e principalmente levar a mensagem de Vargas.

Logo em seu lançamento, já demonstrava preocupação com interesses populares. Manchetes impactantes, matérias a respeito do precário estado dos trilhos e sobre os dormentes da Central do Brasil foram feitas. O jornal lutava pela soberania nacional e combatia a intromissão de interesses estrangeiros na economia brasileira. Wainer associava o “nacional” ao “popular” e confessou isto posteriormente. No capítulo dedicado às análises, essa preocupação com o estado precário dos serviços oferecidos à população, assim como dos espaços públicos são tratados com frequência por Rebelo. Tal fato se deve ao elo entre jornal e governo, as crônicas, nesse sentido, respaldam os ideais do jornal, já que legitimam a necessidade de ações por parte do governo para sanar tais problemas.

Segundo Goldenstein (1987), o jornal *Última Hora* foi um dos mais significativos veículos de comunicação do país, haja vista ter sido responsável por um importante processo de mudança social e atuou diretamente nas posições e ideais de vida de cada um.

Em entrevista à referida autora, Wainer afirma que:

Tanto no Rio como em São Paulo, a mensagem de *Última Hora* foi sempre uma só: a mensagem getuliana. Em primeiro lugar, nacionalismo – foi o tempo das grandes campanhas herdadas da “O petróleo é nosso”, da siderurgia, do minério; em segundo lugar, reivindicação social, a defesa do melhor nível salarial, maior justiça salarial; em terceiro lugar, luta pela democracia, pela liberdade contra o fascismo; em quarto lugar, atendimento aos mitos populares: futebol, espetáculo, tudo aquilo que representava vinculação com o povo, especialmente na área do espetáculo, da literatura etc. mas politicamente era um jornal nacionalista, um jornal de vocação, vamos dizer, patriarcal, do ponto de vista da assistencial social, e um jornal antifascista. Tecnicamente, usava o esporte, a veiculação dos mitos populares, do show e, em última instância, a emoção humana que é a polícia (GOLDENSTEIN, 1987, p. 46).

A *Última Hora* era “um vigoroso jornal popular – ‘populista’, segundo os detratores” (MEDEIROS, 2009, p. 14); porém, fugia dos modelos sensacionalistas da época, que buscavam em primeiro plano impressionar o leitor. Funcionário do jornal, o jornalista Benicio Medeiros, em *A Rotativa Parou* (2009), aponta que o:

UH foi realmente uma aventura, cheia de lances heróicos, quase épicos, e outros nem tanto, mas que deixou uma marca profunda não só na memória dos que participaram daquele empreendimento como na própria vida cultural e política do país (MEDEIROS, 2009, p. 13).

Ademais, o espírito empreendedor de Samuel Wainer fez da *Última Hora* um lugar para a renovação. Deu espaço para as causas populares, propiciou voz à Zona Norte e aos subúrbios do Rio. Quanto à forma, o periódico passou a imprimir em azul seu logotipo. À época, a cor havia caído em desuso, assim como estavam restritas as cores de imagens às revistas, por causa da qualidade de impressão, Wainer inovou em relação aos concorrentes, passando a pôr cor nas vinhetas e ilustrações. Também a forma de escrever o nome do jornal no cabeçalho foi inovadora, pois era escrito com letras manuscritas, o que reforçava a ideia de última hora. Medeiros (2009) explica

que em torno do logotipo girava uma lenda de que fora o próprio Samuel Wainer quem o desenhou em instantes.

Em *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*, Ana Paula Goulart Ribeiro enfatiza que as inovações gráficas dos jornais cariocas, sobretudo do *Jornal do Brasil* e da *Última Hora*:

impuseram um estilo mais ordenado. As manchetes e títulos passaram a ser padronizados e a ter uma coerência interna. Recursos editoriais e formais, típicos de revistas, passaram a ser utilizados nos jornais diários. Subtítulos, entretítulos, boxes, textos complementares movimentavam e embelezavam as páginas, tornando a sua leitura mais agradável. Foi nesse momento que nasceu o conceito de primeira página como vitrine, como uma espécie de "cardápio atraente" de tudo o que estava no interior do jornal. Chamadas, pequenos resumos dos principais assuntos do dia, passaram a ser impressos na capa dos periódicos (RIBEIRO, 2003, p. 151).

Na Figura 1, disponibilizada a seguir, verifica-se que a letra com que foi grafado o título do jornal se difere daquela empregada para compor as manchetes. Também se verifica a disposição das manchetes no formato de pirâmide invertida, em outras palavras, da manchete maior, posta na parte superior da página, às menores, sendo inseridas gradativamente. A página da *Última Hora*, à época, já comportava a complexidade de linguagens do jornalismo. Linguagens estas articuladas em torno de um objetivo, a saber, fazer fluir a informação, valendo-se, para tanto, de combinações de cores, elementos gráficos, imagens, texto.

O texto noticioso era pensado de uma maneira que o leitor tivesse acesso às informações essenciais sobre o acontecimento noticiado e, nos casos em que não pudesse ler a notícia, teria uma visão geral. Assim, o jornal passa a atender a lógica da leitura rápida. Acerca dessa celeridade, há uma reflexão de Benjamin (1987) que vai ao encontro desse dinamismo proposto pela *Última Hora*. Em "O narrador", célebre ensaio do filósofo alemão, ele pontua: "acabou o tempo em que o tempo não vinha mais ao caso. O homem de hoje não trabalha mais no que não pode ser abreviado" (BENJAMIN, 1987, p. 63). Ainda que se refira ao papel do narrador no texto literário, a nova realidade temporal estava também presente no dinamismo da vida daquele contexto e nas novas configurações do jornal.

Havia na Última Hora uma importância grande dada aos ilustradores, fato que se explica porque Wainer considerava e muito o trabalho de artistas e ilustradores. Assim, os fotógrafos, os chargistas, estes que haviam sumido das páginas do jornal, renasceram por meio do traçado de Nássara e Augusto Rodrigues.



Figura 2: Caricaturas

Fonte: Hemeroteca Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=Acesso> 18 jun. 2018.

Constata-se, na Figura 2, o emprego das fotografias juntamente com o texto, a presença das caricaturas dos responsáveis por cada texto e a charge na parte superior da página. Esses recursos, empregados pela *Última Hora*, à época se configuram como inovadores ao jornalismo.

Outro fator de inovação diz respeito à diagramação, antes da *Última Hora* quem cuidava do aspecto gráfico era o chefe da gráfica, seguindo um esboço apresentado pelo secretário de redação, o qual decidia, à sua maneira, tamanho do corpo e tipo de cada texto. Wainer trouxe o argentino Andrés Guevara, o qual deixou o jornal *La crítica*, em seu país, para vir “ensinar aos brasileiros como se paginava e se diagramava um jornal moderno” (MEDEIROS, 2009, p. 15). A partir da técnica e diagramação, os redatores já preparavam textos de acordo com o tamanho calculado pelo diagramador.

Além dessa inovação quanto à forma, colunas como “A vida como ela é”, de Nelson Rodrigues, crônicas de Antônio Maria, a irreverência de Sergio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, e a “Conversa do Dia” de Rebelo davam ao segundo caderno um estilo bem carioca, pois falavam do estereótipo da cidade com tom descontraído. No caso da coluna de Rebelo, juntamente com o texto, havia a caricatura do autor sempre relacionada ao conteúdo da crônica, dinamizando a coluna, pois texto verbal e não-verbal corroboravam um o sentido do outro.



Figura 3: Coluna Conversa do Dia

Fonte: Hemeroteca Digital. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 01 de Outubro de 1952. N 402. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=> Acesso 21 dez. 2017.

Na crônica “O cantor da cidade”, elaborada em tom pesaroso por ocasião da morte de Francisco Alves, o violão solitário sustenta a ideia do silêncio que pairou pela cidade desde o anúncio da morte do cantor.

Assim, o violão foi desenhado para reforçar o assunto da crônica, valorizando o trabalho dos ilustradores ao passo que já sugeriria ao leitor o assunto do texto verbal.

Face ao sucesso do jornal, a expansão foi inevitável. O crescimento foi tamanho que ganhou sete estados do Brasil e o jornal passa a rivalizar com os *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. A *Rede Nacional de Última Hora* contava com o carisma, a ousadia e o dinamismo de seu fundador, Samuel Wainer.

Sobre a força do jornal e suas características inovadoras, Ana Cristina Tavares (2016, p. 1) comenta que:

A onda de modernização que tomava a imprensa brasileira fez o jornal de Wainer combinar um jornalismo brilhante, popular, com sofisticação cultural, reunindo colunistas como Nelson Rodrigues e Vinícius de Moraes. O diário inovou ainda ao pôr o futebol e as artes nas primeiras páginas e ao valorizar histórias em quadrinhos nacionais. A “UH”, como era conhecida, tratava de Cidade, Esportes, Carnaval, Artes e Política. A sua tiragem sempre esteve associada ao prestígio do getulismo. Tanto que no dia seguinte à sua morte, vendeu cerca de 700 mil exemplares, número jamais superado por suas rotativas. Na década de 50, sua tiragem chegava a 140 mil só no Rio, acrescidos de mais 70 mil exemplares em São Paulo. Já em 1991, período da extinção do jornal, a tiragem diária era de apenas 70 mil exemplares.

A *Última Hora* continuou o seu trabalho após a morte de Vargas. Apoiou Juscelino Kubitschek e, depois, João Goulart. Entretanto, o jornal enfrentou graves dificuldades com o golpe de Estado, em 1964, por assumir a linha oposicionista à ditadura. Este processo levou o jornal a se desfazer de suas sedes regionais, até 1971, a crise definitiva e o periódico foi vendido.

O jornal passou para as mãos de um grupo empresarial liderado por Maurício Nunes de Alencar, em 1971, que havia arrendado igualmente o *Correio da Manhã*. De 1973 a 1987 o jornal ficou sob a responsabilidade da Arca Editora S.A., do empresário Ari de Carvalho. Em seguida, foi vendido ao último proprietário, José Nunes Filho, que, devido a uma dívida de quase 450 milhões de cruzeiros, encerrou as atividades do jornal em 26 de julho de 1991. Vale esclarecer que a partir de 1971, quando sai das mãos de Samuel Wainer, a *Última Hora* se descaracteriza, passa de mão em mão, “com outros donos, a *UH* sobreviveu a seu criador. Sobreviveu mal.” (MEDEIROS, 2009, p. 215). Medeiros (2009) considera o fim da rotativa não no ano de 1991, quando o jornal faliu, mas sim em 1971, quando é vendido e sai das mãos de seu criador, Wainer.

Assim, verifica-se que o espaço em que Rebelo publicou os textos que são objeto deste estudo foi significativo do contexto em que circulou, tanto no aspecto político, quanto ao que se refere à cultura de forma geral.

O melhor de nós é incomunicável.

Marques Rebelo

2 O QUE HÁ PARA VER EM MARQUES REBELO?

2.1 A FORTUNA CRÍTICA

Tecidas considerações sobre o contexto histórico em que se insere o autor, apresentado o periódico *Última Hora*, de onde foram extraídas as crônicas que compõem o *corpus* deste trabalho, juntamente, com uma apresentação do autor, faz-se mister discorrer sobre a fortuna crítica de Rebelo.

Ao elaborar esta seção, duas situações foram constatadas. A primeira diz respeito ao fato de que a produção de Marques Rebelo ainda carece de ampliação no que tange aos estudos acadêmicos sobre ela, uma vez que tanto os romances, quanto crônicas e contos contam com um pequeno montante de pesquisadores que ao autor se voltaram. A segunda concerne ao fato de que, dentre os estudos, verificou-se que o gênero menos pesquisado é a crônica, fato que estimula esta pesquisadora que, desde a elaboração de sua dissertação de mestrado, tem-se voltado ao estudo das crônicas produzidas por Marques Rebelo.

Posto isso, é preciso dizer que o nome de Rebelo não costuma circular dentre os mais visitados e lidos da segunda e terceira fases do Modernismo, em que pese o fato de ser ele um dos grandes do período e desde sua primeira publicação, em 1931, ter sido aclamado pela alta crítica.

A cidade do Rio de Janeiro possui uma raça de escritores que se especializam na descrição nua e crua da pequena burguesia ou do alto proletariado. O que me parece curioso é o jeito com que esses escritores tratam a matéria que os torna excepcionais em todo o Brasil. Creio que foram as *Memórias de um Sargento de Milícias* que iniciaram esta Tradição, essa verdadeira escola de prosistas cariocas. Machado de Assis algumas vezes coincidiu com ela e afinal o admirável criador de Isaías Caminha fixou definitivamente a tradição, a que Ribeiro Couto também se filiou. Marques Rebelo é um produto dessa pura linhagem de que venho tratando e a impressão que tenho é que sustentará as tradições de família na mesma altura a que as elevaram os melhores membros dela (ANDRADE, 1974, p. 146).

As palavras de Mário de Andrade referem-se especificamente às personagens do livro de contos *Oscarina*, em que o autor traça as tramas com linguagem objetiva e concisa e com personagens que circulam entre o subúrbio e a cidade capitalizada

cheia de regras sociais. Bosi (2006, p. 437), a respeito do livro, comenta que *Oscarina* “foi recebido com aplauso pela melhor crítica do tempo”. Frungillo (2001, p. 13), com empolgação, comenta que a publicação proporcionou a Rebelo a “reputação de renovador da arte do conto entre nós”.

No entanto, a expectativa de Mário de Andrade pode não ter se cumprido a contento, pois o nome de Rebelo não se tornou uma referência tão enfatizada, como previa o crítico, ao se falar da tradição de autores cariocas. Um pouco mais adiante, outros críticos de igual peso elogiaram a produção de Rebelo. Coutinho (1971) assinalou o fato de ser Rebelo um autor da cidade, que está irrealizado nas letras contemporâneas. Destaca-se o termo “irrealizado” com o qual Coutinho descreveu o autor carioca, termo este que sugere ser o autor alguém de escrita única, a qual advém da capacidade para retratar a cidade e seus tipos. Bosi (1972) também enfatizou tratar-se de um autor preocupado em registrar o realismo citadino e, portanto, não rompeu com a tradição literária, herança da escrita de Machado, Lima Barreto e Manuel Antônio de Almeida.

Em um período um pouco mais adiante, Wilson Martins sinalizou ser Rebelo um escritor “à margem dos movimentos coletivos, das modas estéticas e dos grupos de combate” (MARTINS, 1979, p. 407). Daí uma possível explicação para o escritor carioca, que deixou uma ampla obra que se divide em contos, crônicas, teatro e romances, cuja qualidade ainda foi, relativamente, pouco confirmada por estudos literários, ter sido, relativamente, esquecido pela crítica. Embora, há muito, já existem pesquisas sobre a produção do autor, “sua fortuna crítica, porém, permanece pequena e muito do que se diz a seu respeito não vai mais além da repetição de certos clichês que se estabeleceram a partir da recepção de seus primeiros livros” (FRUNGILLO, 2007, p. 120). No que concerne a esses clichês, mencionados por Frungillo (2007), o principal deles diz respeito à similaridade da escrita de Rebelo com a dos mestres Machado de Assis e Lima Barreto, sem, no entanto, considerar que o contexto histórico em que se inserem é outro, assim como o olhar para os problemas que tematizam as crônicas e o modo de tratá-los. Vale dizer que, para os três, o Rio de Janeiro, que ao longo do século XX passa a ser tratado de Cidade Maravilhosa, tem menos maravilhas do que as que sempre são apontadas, mas cada um captou a cidade a partir do olhar de homem de seu tempo ou à frente dele.

Mais atual é uma crítica positiva das obras de Rebelo que aparece em um estudo de Carlos Nejar (2007), o qual reforça a proximidade do estilo de Rebelo com

o de Lima Barreto e o de Machado de Assis. Vale dizer que essa aproximação fora feita, primeiramente, por Mário de Andrade e seguida por Alfredo Bosi.

A contribuição do estudo está no espaço dispensado à análise de romances e contos e na percepção das diferenças estilísticas de Rebelo, tais como o uso de gírias estilizadas aos diálogos, a escrita seca que não admite o sentimental, a irreverência e a crueldade no processo criador, as descrições leves e sutis de acontecimentos tão fortes, a revelar que “os fragmentos rebelianos são mais ríspidos, lacônicos, dando a impressão de faltarem as pinceladas que sobram no mestre de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*” (NEJAR, 2007, p. 328).

Não faltaram, no estudo de Nejar, exemplos extraídos de contos e romances que confirmassem a linhagem de Rebelo, tampouco que apontassem seu estilo seco e debochado marcante na voz do narrador. À crítica geral, no entanto, até então coube comparar Rebelo com Machado de Assis, Lima Barreto e Manuel Antônio de Almeida, feito que não é equivocado, mas vem sendo cansativamente repetido nas obras que abordam Rebelo, sem um aprofundamento que demonstre com exemplos as semelhanças existentes entre eles, as quais fizeram que Josué Montello descrevesse Rebelo como “o contista por excelência. E só não se liga diretamente a Machado de Assis, como seu sucessor natural, porque antes dele, e para uni-los, veio Lima Barreto” (MONTELLO, 1979, p. xv).

Conforme aponta Nejar, em entrevista ao jornalista Miguel Conde (2011, p. 6), parafraseando Elliot, “nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e apreciação que dele fazemos constituem sua apreciação de poetas e artistas mortos”. Que bom que seja assim! Marques Rebelo foi apreciador de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto, o primeiro com muito mais intensidade. O fruto dessa apreciação é colhido pelos leitores que têm em Rebelo a continuidade da trajetória de seus mestres, sem, todavia, deixar de se deparar com traços únicos, decisivos do estilo de Rebelo, a exemplo do acerto apurado na composição de imagens.

Em relação às obras panorâmicas de historiografia literária, como é o caso da obra de Nejar, mencionada há pouco, ao buscar entender porque, de modo geral, são repetitivas quanto ao que já se afirmou sobre Rebelo, acredita-se que alguns fatores contribuem para esse fato. Conforme explica Bloom⁵ (1995), ao elaborar uma obra

⁵ Com a abertura das faculdades de Letras na década de 1930, no Brasil, um novo crítico inicia a análise das produções literárias: o *crítico-scholar* - termo empregado por Coutinho para definir a geração de

que abarque a construção literária de diferentes períodos, o pesquisador esbarra na impossibilidade humana para ler tudo o que se produziu em cada época. Esse fato acaba por acarretar outro, a escolha pessoal de quem produz a historiografia literária, pois se sabe que a seleção das obras e autores passa pela ideologia, pelo gosto, pelo crivo e pelo conhecimento de quem irá escrever. Nesse sentido, as obras panorâmicas acabam por seguir os modelos já consagrados no gênero.

O nome de um pesquisador chama a atenção em relação à análise de crônicas de Marques Rebelo, a saber: Renato Cordeiro Gomes. O pesquisador reuniu crônicas inéditas de Rebelo, publicadas na extinta Revista *Manchete* no início dos anos de 1960, assim como outras não inéditas extraídas do livro *Cenas da vida brasileira*, analisando-as de forma a apontar que Rebelo “desenha o Rio de Janeiro a partir de fragmentos, ou melhor, de seus bairros, espécie de cacos da cidade que o autor junta e organiza na tentativa de compor uma cartografia simbólica da cidade” (GOMES, 2004, p. 271). Renato Gomes Cordeiro é responsável ainda pela construção de um estudo sobre o cronista e o modo como ele representa a cidade em suas crônicas. Para Gomes (2004, p. 10), essa representação da cidade ocorre da seguinte forma:

Rebelo apreende a vida urbana nos cacos de seu “espelho partido”, título que ele dá ao seu romance, em forma de diário, que registra as memórias do personagem Eduardo, alterego do escritor, conjugadas à vida da cidade, do País e do mundo, entre 1936 e 1945 (foram publicados três dos sete volumes planejados). O Rio em processo de modernização é então apresentado pelos fragmentos de “mil cores” (como registra em *O Trapicheiro*, o primeiro volume da série). Busca construir uma legibilidade para o Rio, recortando-lhes os fragmentos (os bairros, os tipos humanos, os costumes, o cotidiano, os dramas miúdos).

A partir da visão de Gomes, não apenas em relação aos contos e romances de Rebelo, mas especialmente no tocante às crônicas, verifica-se que a leitura da cidade percorre a pena de Marques Rebelo, por meio da qual ele revela a cidade, seus problemas, seus conflitos e o daqueles que nela circulam, partindo de fatos

críticos especializados que se formou com o surgimento das primeiras faculdades de Letras no Brasil a partir da década de 1930 - ao qual cabia escrever sobre a forma e o conteúdo, deixando de lado a impressão acerca da obra ou do autor (SÜSSEKIND, 1993). No entanto, concorda-se com Bloom quando ele afirma que a escolha passa pelo gosto pessoal do crítico. Nesse caso, essa escolha poderia ser uma justificativa para o fato de o nome de Rebelo não figurar dentro das obras de História da Literatura, sendo ainda eleitos os autores de maior destaque em cada período.

corriqueiros para tocar em feridas grandiosas. São os pedaços da cidade comentados nas crônicas, juntamente com um ou outro personagem, que permitem a Rebelo que, a partir desse universo particular, adentre amplas questões, que envolvem ações governamentais, atitudes do homem frente ao homem, enfim, o homem, o Rio de Janeiro, o Brasil.

Também merece ser comentado o Trabalho de Conclusão de Curso de Luciano Trigo que resultou em uma biografia de Rebelo, publicada em 1996. José Maria Dias da Cruz, filho de Marques Rebelo, em conversa informal com a pesquisadora, ressalta que, embora essa biografia traga algumas informações equivocadas quanto a Rebelo, por exemplo o nome da filha, Maria Cecília, foi trocado, ainda se configura como um material interessante, por meio do qual se pode conhecer um pouco do pensamento e dos empreendimentos dessa figura sisuda que foi Rebelo.

No que tange aos trabalhos acadêmicos cujo objeto tenha sido a produção literária do autor, assim como havia sido constatado pela pesquisadora ao longo da escrita da dissertação, foi possível comprovar, no processo de elaboração da tese, que poucos foram os pesquisadores que se debruçaram sobre a produção literária de Marques Rebelo. Ao visitar o banco de teses da CAPES⁶, foram localizados 13 estudos sobre a produção rebeliana, dos quais 7 são trabalhos de mestrado e 6, de doutorado. Cabe dizer que, em 2011, quando foi realizada pela pesquisadora a mesma busca para a escrita da dissertação, havia 10 trabalhos. Em outras palavras, o autor continua circulando pouco no meio acadêmico como objeto de pesquisa. Esse fato é interpretado como motivador para esta tese, já que se trata de um trabalho inédito voltado às crônicas de Rebelo.

Considerando-se as pesquisas de mestrado, cadastradas na CAPES, constatou-se que os romances de Rebelo foram os mais estudados.

Em 1988, na Universidade de Brasília, Jorge Soares Clemente defendeu a dissertação *O carioquismo na ficção de Marques Rebelo: música, estilo e sentimento*, em que o pesquisador analisa a música carioca presente em romances do autor. Por se tratar de pesquisa realizada antes do advento da Internet, não foi localizado o

⁶ A última visita ao site <http://catalogodeteses.capes.gov.br> ocorreu em 16 de dezembro de 2017, quando foi possível constatar que os números indicados quanto às pesquisas de mestrado e doutorado inerentes à obra do autor prevalecem. A busca foi realizada a partir das palavras-chave Marques Rebelo; Crônicas Rebelo; Marques Rebelo Crônicas.

arquivo digital, tampouco se obteve acesso à cópia impressa que possibilitasse conhecer o trabalho.

Antonio Augusto Mariante Furtado defendeu, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1988, a dissertação intitulada *Marques Rebelo e a reflexão sobre a escrita*⁷, abordando a presença da metalinguagem nos romances. O trabalho, realizado em período anterior à plataforma Sucupira, também não se encontra disponível para leitura, tendo sido possível apenas a leitura do resumo.

Sandro Pontes Ferreira, em 2007, defendeu, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, a dissertação, da área de Estudos da Linguagem, *A constituição do malandresco em Marafa de Marques Rebelo*, romance que conta com o malandro Teixeira como protagonista, figura que é estudada pelo referido pesquisador, com destaque para as peripécias do malandro, a fim de sobreviver na capital brasileira da época⁸. Verificou-se que o estudo se voltou à figura de Teixeira comparando-o ao pícaro espanhol Lázaro, de *Lazarillo de Tormes*, romance espanhol de 1554 de autoria anônima. Sandro P. Ferreira aponta a figura de Teixeira como um pícaro advindo do abandono socioeconômico a que eram submetidos os indivíduos oriundos das classes baixas, razão pela qual surgem, em sociedades com esse modelo, elementos que tentam sobreviver sem se curvar aos respectivos sistemas.

Maria Clediane de Oliveira, em 2014, defendeu, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a dissertação *Vidas cruzadas: trabalho e malandragem na ficção de Marques Rebelo*, estudo em que a cidade do Rio de Janeiro tem seus aspectos – tais como as lutas de boxe, o carnaval – analisados a partir de sua representação no romance *Marafa*. Mais especificamente, a pesquisadora se voltou ao modo como Rebelo desconstrói o lado de cartão-postal da cidade do Rio de Janeiro, apontando o seu avesso, a saber, os subúrbios, os bordéis, lugares onde estão Teixeira, protagonista de *Marafa*, e Rizoleta, a prostituta com quem ele se envolve.

Renata Ribeiro Scaramella defendeu a dissertação *Marques Rebelo: um modernista carioca e esquecido*, em 2007, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em que aborda a tradição narrativa urbana de Rebelo nos romances urbanos

⁷ Com o intuito de ter acesso à pesquisa Antonio Augusto Mariante Furtado, foi realizada busca na página do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas somente os trabalhos defendidos a partir de 2005 estão disponíveis, como se vê em: <https://www.ufrgs.br/ppgletas/tesesedissertacoes.html> Acesso 30 mar. 2018.

⁸ O arquivo com o texto integral está disponível em: <http://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/2128> Acesso 30 mar. 2018.

cariocas, bem como sua inserção no Movimento Modernista da década de 1930, quando ele publica poemas nas revistas modernistas. A pesquisadora enfatizou a filiação de Rebelo a Manuel Antônio de Almeida, Lima Barreto e João do Rio, destacando o trato com as vaidades humanas e o modo como o homem atua na sociedade em função de satisfazer-se e às suas vontades.

Zilda Maria de Oliveira defendeu, em 1999, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a tese em Letras *A Cidade Misteriosa, Radiofônica e Travestida* (O Rio de Janeiro em Benjamin Costallat, Marques Rebelo e Aguinaldo Silva), estudo no qual o romance *A estrela sobe*, que tem sua protagonista Leniza que ascende, de modo desonesto, como cantora de rádio, é investigado. A pesquisadora traça três perfis do Rio de Janeiro. Um primeiro, em que trata dos excluídos no processo de regeneração urbana do Rio de Janeiro; um segundo, em que problematiza a ilusão radiofônica que toma Leniza e as jovens cantoras da cidade de forma geral, e, por fim, o bairro da Lapa que recebe os moradores do subúrbio que, de forma semelhante a Leniza, acenderam socialmente.

Mário Luiz Frungillo defendeu a tese *O Espelho Partido, História e Memória na Ficção e Marques Rebelo*, em 2001, na Universidade de Campinas, enfatizando ser o livro diário ficcional, demonstrou ainda que a trilogia *O espelho Partido* retrata o período de transição da história política e cultural do Brasil. Para a realização da análise do romance, Frungillo se voltou a três dimensões do tempo abrangidas pela narrativa: passado, presente e futuro. Ao se referir ao escritor e ao romance *O Espelho Partido*, escreveu o pesquisador:

O romance é construído sob a forma do diário de um escritor. Já a escolha do protagonista marca uma diferença importante em relação aos livros anteriores. Trata-se de um intelectual, que participa de um dos momentos mais férteis da literatura brasileira, e que se relaciona com várias personalidades da vida pública carioca e brasileira. O fato de ter nascido num subúrbio o aproxima, pela origem, do ambiente de seus primeiros contos e romances, mas a perspectiva mudou e a forma de organizar a narrativa também a torna muito mais abrangente. Embora seja um diário íntimo, não são só os acontecimentos do presente que são relatados. Abre-se largo espaço para as recordações do narrador, o que faz com que o período de tempo abarcado pelo romance recue para os anos de sua infância, anteriores à Primeira Grande Guerra. E como é natural, num momento de grandes indefinições, seu olhar muitas vezes se volta para o futuro, ora esperançoso, ora temeroso. A ação de *O Espelho Partido* se localiza num espaço de tempo entre passado e futuro, num momento de transição, em que muito do que foi e está condenado a desaparecer

ainda existe, e onde algo do que está por vir se anuncia de maneira ainda imprecisa. Ainda há reminiscências da República Velha e até do Império, mas vivem-se os anos posteriores à Revolução de 30 e ao Estado Novo (FRUNGILLO, 2007, p. 129).

Frente a isso, o pesquisador conclui que o romance, para o qual se voltou sua tese, foi escrito sob o impacto de grandes transformações tanto no plano interno quanto no externo e o momento político faz que o narrador sinta que os destinos de seu país, de sua cidade e o seu próprio estejam em consonância com os destinos do mundo.

José Carlos Zamboni, em 1994, defendeu a tese *Madalena & Pinga-Fogo*, na Universidade Júlio de Mesquita Filho – UNESP – campus Assis, em que se volta ao estudo do romance que dá título à tese. Não foi encontrado o trabalho para consulta no Banco de Teses, mas há um exemplar da tese disponível na Biblioteca da Unesp – Assis, por meio do qual se observa que Zamboni conclui ser Rebelo mais que um:

contista ou novelista da gente humilde da zona norte carioca, visão apressada e insuficiente para a compreensão de uma obra complexa que, sob a casca costumbrista, escondia um auscultar atento da vida, com agudo senso das contradições humanas (ZAMBONI, 1994, p.115-116).

Zamboni suscita o fato de que, em Rebelo, o olhar agudo para a realidade, o qual advém da observação dos acontecimentos miúdos e corriqueiros do cotidiano, circula nas páginas das crônicas, romances e contos.

Joaquim Rubens Fontes, em 2005, defendeu a tese *Marques Rebelo: a vida refletida no espelho*⁹, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual investiga as relações entre a vida e a ficção de Rebelo. Por ser anterior à Plataforma Sucupira, somente foi possível ter acesso ao resumo do trabalho.

Por fim, cita-se uma última tese, da área de História Social da Cultura, defendida por Rafael Lima Alves de Souza, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 2015, cujo título é *O Gesto do Voo: autofiguração, cotidiano e*

⁹ É importante pontuar que na página do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro estão disponíveis as dissertações e teses defendidas a partir de 2006. Dessa maneira, não houve acesso ao texto integral de Joaquim Rubens Fontes, sendo possível a leitura da introdução da tese. Disponível em: <http://www.posciencialit.lettras.ufrj.br/index.php/pt/o-programa/estrutura-do-curso#> Acesso 30 mar. 2018.

experiência urbana em Marques Rebelo, em que são investigados os elementos cotidianos, a escrita urbana e a autotransfiguração de Rebelo enquanto sujeito e escritor.

A análise dos contos foi realizada somente na dissertação de Catia Valerio Ferreira Barbosa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendida em 2001, *As estratégias de construção do espaço em Marques Rebelo: A estrela sobe e outras histórias*, estudo em que, concomitante à análise do romance *A estrela sobe*, a pesquisadora observou a construção do espaço nos contos e a estratégia de construção desses espaços empregada pelo autor.

Nos trabalhos de doutorado, os romances *Marafa* (1935), *A estrela sobe* (1939) e *O espelho partido* – trilogia contendo: *O trapicheiro* (1958), *A mudança* (1962) e *A guerra está em nós* (1962) - foram os que mais atraíram os pesquisadores. Interesse pelos contos foi verificado no trabalho de doutorado, finalizado em 1998, na Universidade de São Paulo, pelo professor Ariovaldo José Vidal, intitulado *A ficção inacabada: uma leitura de Marques Rebelo*. Porém, esse estudo, além de contos, analisou também o romance *A estrela sobe*. Mesmo com a tese do professor Ariovaldo José Vidal e a dissertação de Catia Valeria Ferreira Barbosa tendo abordado os contos, conclui-se que a preferência dos estudos voltados à obra do autor tem pendido mais para os romances. Esses foram, pois, os trabalhos acadêmicos encontrados no banco de teses e dissertações da CAPES. Diante dos resultados, que não são tão expressivos, sobretudo no que concerne ao estudo das crônicas, entende-se que valem aqui as palavras de Simon (s/d, p. 01), que enfatiza:

O lugar da crônica nos estudos literários e nas práticas pedagógicas referentes ao ensino de Português e Literatura é marcado, em diversas situações, por desencontros. Se a crônica aparece com frequência em livros didáticos, especialmente aqueles dirigidos ao aluno do Ensino Fundamental, é também evidente seu baixo prestígio nos currículos dos cursos de Letras, sobretudo se houver uma comparação entre o destaque conferido à crônica e o foco mais privilegiado que se destina ao poema, ao romance e mesmo ao conto.

Corroborando as palavras de Simon, em entrevista à jornalista e pesquisadora Marta Eymael Garcia Scherer (2013, p. 227), para artigo referente à crônica, Antonio Dimas assim se refere aos estudos ligados ao gênero:

Poderia ser maior, acho eu. A produção acadêmica das áreas ainda não se comoveu muito com esse material. Parece que ainda prefere as grandes especulações teóricas em torno de fenômenos urbanos

mais ostensivos que o recurso à matéria do arquivo. Talvez por falta de hábito, não sei. Ou de desatenção histórica. Ou, o que é pior, de cansaço antecipado diante da precariedade de muitos arquivos brasileiros ainda, encosto de muito funcionário devagar, quase parando.

É mister dizer que se considera a fortuna crítica de Rebelo consistente, sobretudo porque críticos de alto quilate voltaram seu olhar para a produção do autor; entretanto, se comparado com o estudo dedicado a outros escritores, em muito ainda essa herança crítica pode ser ampliada. Em especial nesta tese voltada às crônicas publicadas na *Última Hora*, as quais ainda se encontram inéditas quanto à análise literária e publicação, compreende-se valioso o conselho de Simon (2011, p. 20): “a crônica deve ser estudada”.

O tom aconselhador do citado pesquisador vem de anos dedicados ao estudo do gênero que, com leveza, informalidade e reverência, instiga o leitor (SIMON, 2011), a oferecer sempre novas possibilidades de abordagem e novidades a cada leitura.

2.2 CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO

A elaboração da seção anterior permitiu vislumbrar que os estudos voltados para a produção de Rebelo tiveram como base os textos literários publicados em livros. À exceção de Luciano Trigo, com a biografia *Marques Rebelo: mosaico de um escritor*, e de Renato Cordeiro Gomes com a coleção *Melhores Crônicas – Marques Rebelo*, em que se tem a reunião de crônicas publicadas originalmente na Revista *Manchete*, todos os demais trabalhos mencionados valeram-se da metodologia da pesquisa bibliográfica, uma vez que o texto já publicado em livro foi a base da investigação. No caso da dissertação concluída por esta pesquisadora em 2012, na Universidade Estadual de Londrina, *De Norte a Sul, quadros e costumes históricos do Brasil - o olhar de Marques Rebelo*, ainda que as crônicas analisadas no estudo tenham sido publicadas primeiro na Revista *Cultura Política* do Departamento de Imprensa e propaganda da Era Vargas, o livro *Cenas da Vida Brasileira* (1951), no qual Rebelo reuniu tais crônicas, foi a base da pesquisa.

Já esta tese contou com outro percurso para responder aos objetivos propostos. Trata-se de um trabalho cuja base está em fontes primárias, as quais,

conforme sugere o nome, configuram-se como fontes de pesquisa constituídas por textos originais.

Quando se opta por trabalhar com periódicos, tem-se em mãos “rico manancial de fontes primárias para historiadores e estudiosos de literatura, os periódicos podem ser abordados das mais diferentes formas” (SIMÕES JUNIOR, 2006, p. 126) e distintas áreas do conhecimento. Os jornais são espaços que permitem pesquisas que desejam se aprofundar em contextos políticos, sociais; configura-se como material de acesso a informações ligadas a tragédias urbanas, a acidentes de grande porte ocorridos por causas naturais ou por ação antrópica; permite construir visão sobre hábitos culturais e outros ligados à economia em diferentes contextos e, ainda, ao pesquisador voltado à crônica, configura-se como rico manancial que traz à tona, por meio do texto, o conhecimento de fatos à luz da interpretação do cronista, constatada, no modo ora irônico, ora lírico, com que ele aborda a realidade.

A pesquisa com periódicos pode encontrar limitações durante seu desenvolvimento devido à dificuldade de acesso às fontes; assim, no decorrer do processo de elaboração do projeto que culminou com esta tese, previram-se viagens ao Rio de Janeiro, para visitar o acervo da Biblioteca Nacional onde estão disponíveis os exemplares do jornal *Última Hora*. No entanto, ao longo do curso, o Governo Federal disponibilizou a Hemeroteca Digital, que favoreceu o acesso às edições do jornal.

No caso do jornal *Última Hora*, foram poucas as ocorrências em que não está disponibilizado o arquivo integral com a edição diária ou ainda poucas foram as páginas em branco que não permitiram conhecer o conteúdo delas. Disponibilizado o acervo on-line, durante o decorrer de 2015, a pesquisadora realizou busca diretamente no site: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, selecionando o período que compreende de 16 de janeiro de 1952 até 31 de dezembro de 1953. Esse recorte temporal foi estabelecido pela pesquisadora porque foram os dois anos de intensa publicação do escritor no periódico; passado esse período, ele continua a publicar, mas com bastante intervalos. Aliás, foram observadas especificidades em relação à coluna de Rebelo. Primeiro, o fato de que, às quintas-feiras, ser muito comum a coluna “Conversa do Dia” dar espaço às crônicas de Nelson Rodrigues com “A vida como ela é”. Além de Nelson Rodrigues, Antônio Maria também ocupou por vezes o espaço de Rebelo. Cabe dizer que, somente em 1959, Antônio Maria foi definitivamente para a *Última Hora* com a coluna “O Jornal de Antônio Maria”, coluna

esta que já mantinha em outros periódicos, e inaugurou também na *Última Hora* “Romance Policial de Copacabana”.

Outro ponto observado foi a ausência de texto do autor em muitas edições, às vezes, até por meses seguidos. Em conversa informal com o filho de Marques Rebelo, o artista plástico carioca José Maria Dias da Cruz, que vive com a filha – neta de Rebelo – em Florianópolis, Santa Catarina, com quem a pesquisadora mantém contato desde 2012, o afastamento do cronista por longo período se justifica por alguns motivos, a saber, algumas crises de depressão, pois o autor, ainda que não aceitasse, tinha crises depressivas e, nessas ocasiões, gostava de ficar em casa, fechado em si; outro fator é a saúde, abalada pela intensidade de trabalho e o cansaço diante de volume grande de compromissos, a direção da Rádio Clube do Brasil consumia boa parte de seu tempo, mais a direção do Tabloide *Flan* e viagens que fez no Brasil e à Europa. José Maria Dias da Cruz sinaliza que o pai escrevia muito e sempre, em alguns momentos da noite, os dois, pai e filho, encontravam-se para fumar e trocar algumas palavras sobre arte, literatura e cultura.

A realização da busca pelas crônicas nas edições da *Última Hora* resultou em um material extenso, uma vez que a publicação era diária, com exceção aos domingos, dia em que o periódico não circulava.

A coluna inicia em 17 de janeiro e, como já ventilado, houve muitas situações em que não circulou. Assim, foram selecionadas as datas em que não houve circulação da coluna e outras em que o jornal não estava disponível no site da Hemeroteca Digital e dispostas em notas de rodapé que, embora extensas, são necessárias para se conhecer o volume do material que serviu de base para a elaboração deste estudo.

Em relação ao ano de 1952¹⁰, excluindo-se os 50 domingos em que o jornal não circulava, 42 ocorrências em que a coluna não circulou, 27 ocorrências em que o

¹⁰ **1952:** Em 21 e 27 de fevereiro de 1952 não houve circulação da coluna. Nos dias 25 e 26 de fevereiro não houve edição do jornal, infere-se que isso ocorreu devido às festividades de Carnaval. Em março de 1952, nos dias 8, dia 21 e dia 22 não houve circulação da coluna. Nos dias 11 e 22 de abril de 1952, o exemplar não está disponível; no dia 18 de abril de 1952 não houve circulação da coluna. No dia 1º não houve circulação do jornal; no dia 2 de maio de 1952 o exemplar não está disponível; no dia 14 de maio não há exemplar, mas há dois com a data de 15 de maio; nos dias 17; 19 e 22 não houve circulação da coluna. Nos dias 7, 12, 14, 21, 27 e 28 de junho de 1952 não houve circulação da coluna. Em relação ao mês de julho de 1952, o exemplar referente a vários dias não está disponível: 1º, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30 e 31; no dia 7 não houve circulação da coluna. Nesse mês apenas três crônicas foram publicadas.

exemplar não estava disponível e 4 em que não houve expediente, tem-se um total de 227 crônicas publicadas na coluna “Conversa do Dia”.

No que se refere ao ano de 1953¹¹, excluem-se os 52 domingos, 4 feriados em que não houve expediente, 2 situações em que o exemplar não está disponível e 157 dias em que a coluna não circulou, tem-se um total de 148 crônicas publicadas, totalizando, entre os anos de 1952 e 1953, um total de 375 crônicas.

Em algumas, havia trechos ilegíveis; em outras, nota-se o tom urgente da escrita, ou seja, o texto feito para cumprir o compromisso do autor com o jornal, publicando a crônica do dia. Essa urgência é muito característica do jornalismo, cuja edição é feita poucas horas antes de o jornal ser lido pelo leitor. Esse dinamismo do jornal é também acompanhado pelo gênero crônica. Diferente do que ocorria com os periódicos do século XIX, nos quais o texto literário circulava com muita frequência, pois conforme apontou Simões Junior (2006, p. 142):

Em larga medida, os jornais e revistas eram literários, não apenas pela divulgação de textos de ficção (poemas, contos, romances seriados etc.) e de crítica literária (ensaios, resenhas etc.) e pela própria

Em agosto de 1952, nos dias 1º e 16 não houve circulação da coluna; o exemplar referente ao dia 21 não está disponível.

Em setembro de 1952, nos dias 4, 5, 13, 15, 27 e 30 não houve circulação da coluna.

Em outubro de 1952, nos dias 4, 16, 17, 23, 25 e 30 não houve a circulação da coluna.

Em novembro de 1952, no dia 15 de novembro não houve circulação do jornal; nos dias: 1º, 3, 5, 7, 13, 14, 21, 22 e 29 não houve circulação da coluna.

Em dezembro de 1952, nos dias 5, 6 e 19 não houve circulação da coluna; dia 25 não houve circulação do jornal.

¹¹ **1953:** Em janeiro de 1953, apenas no dia 23 não circulou a coluna.

Em fevereiro de 1953, nos dias 13, 14, 18, 20 e 28 não circulou a coluna; em 16 e 17 de fevereiro de 1953, não circulou o jornal devido ao feriado de carnaval.

Em março de 1953, nos dias 03, 12, 16, 18, 21 e 23 não houve circulação da coluna; no dia 10 de março de 1953, não foi encontrado o exemplar.

Em abril de 1953, nos dias 02, 03, 04, 06, 08, 09, 11, 16, 18, 20, 22, 24, 25 e 29 não circulou a coluna. No dia 1º de maio de 1953 não houve circulação do jornal, infere-se que por conta do feriado do Dia do Trabalhador; no dia 15 não foi encontrado o exemplar; nos dias 02, 06, 09, 12, 13, 22, 27, 30 não circulou a coluna.

Em junho de 1953, nos dias 08, 09, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29 e 30 não houve circulação da coluna, o que indica uma ausência constante do cronista no referido mês.

Em julho de 1953, nos dias 01, 02, 03, 04, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 25, 28, 30 e 31 não houve circulação da coluna, observa-se a ausência do cronista por quase todo o mês de julho.

Em agosto de 1953, nos dias 01, 11, 14, 19, 20, 21, 29 não circulou a coluna.

Em setembro de 1953, nos dias 01, 02, 03, 04, 05, 07, 08, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30 não circulou a coluna.

Em outubro de 1953 não houve publicação da coluna em nenhuma das edições do jornal.

Em novembro de 1953, no dia 02 não circulou o jornal por conta do feriado de Finados; nos dias 03, 04, 05, 06, 07, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24 e 28 não houve circulação da coluna.

Em dezembro de 1953, nos dias 05, 11, 18, 19, 26 e 31 não circulou a coluna; no dia 25 de dezembro de 1953 não houve expediente no jornal por conta do feriado de Natal.

condição de romancistas, poetas e dramaturgos conhecidos de boa parte dos redatores mais importantes, mas também, — e talvez principalmente, - pela simbiose entre jornalismo e literatura, que levou à incorporação de características “literárias” (retórica, citações de autores, imagens poéticas etc.) aos gêneros especificamente jornalísticos (editoriais, artigos de fundo, reportagens etc.) e favoreceu a aclimação da crônica ao Brasil, onde se desenvolveu em difusão, variedade e expressividade.

O contexto em que se situa a fala de Simões diz respeito ao século XIX, momento em que os romances de folhetim estavam em voga, assim como textos de gêneros literários distintos. *A Última Hora* mantém o espaço do texto literário, pois conforme já sinalizado, além de Rebelo, Nelson Rodrigues e Antônio Maria também mantiveram colunas de crônicas no periódico. Outro ponto que merece ser comentado em relação à estrutura do periódico refere-se ao espaço dedicado para as notícias sociais, no qual se verificou que a vida dos literatos era bem comentada. Não se pode falar em uma coluna social rasa e fútil, nos moldes que se conhece hoje, mas foi possível observar nas edições, inclusive nas visitadas pela pesquisadora, concernentes às décadas de 1960 e 1970, que o nome de Rebelo e suas ações voltadas à função como Secretário da Academia de Letras eram motivo de notícia. Isso num momento em que o escritor já não escrevia para o jornal. Outros nomes de peso, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Ivan Junqueira e Josué Montello também circulavam com frequência em notas inerentes a ações artísticas e literárias.

Também foi observado o modo como Rebelo se vale da matéria jornalística, em geral publicada um ou dois dias antes, para compor sua crônica. Todavia, ainda se constatarem algumas características recorrentes na escrita de Rebelo. Primeiro a preferência pela crônica narrativa, com linguagem simples e objetiva, aproximando-se do tom jornalístico e, também, do público leitor da *Última Hora*; outro ponto, a preferência por tratar dos problemas da cidade, seja para denunciá-los, seja para apontar responsáveis para que a situação seja sanada. Diferente do tom lírico adotado nas crônicas de *Cenas da Vida Brasileira*, em que a pena do cronista capta desde certas misérias humanas até as mazelas sociais de um Brasil do início dos anos 40 do século XX, nas crônicas da *Última Hora*, Rebelo se torna menos lírico e mais ríspido para tratar, com ironia acentuada, de problemas de toda a ordem que, no mínimo, geravam desconfiança quanto ao emprego de Cidade Maravilhosa para ser referir ao Rio de Janeiro.

Realizada a leitura, iniciou-se a escolha das crônicas que comporiam o *corpus* do estudo e, para tanto, o critério de seleção se pautou na recorrência das características mencionadas, a saber: a ironia muitas vezes ríspida para tratar o assunto escolhido para a crônica; a presença da narrativa que permite ao cronista colocar-se no texto como o eu cronista e, em alguns casos, como o eu Rebelo; o diálogo constante com os problemas que permeiam a realidade citadina e as questões que envolvem o governo Vargas; ainda, não menos importante, a paixão pelo América Futebol Clube que permite dizer que a escrita, ao se referir ao clube, é tão vibrante quanto a paixão do escritor pelo time.

Vale dizer que a seleção é necessária quando se tem em mãos um material muito extenso; porém, com o objetivo de analisar a escrita de Rebelo de modo a permitir que o leitor também conheça o espólio cultural do autor, todo o cuidado foi tomado no trato com os fragmentos inseridos nesta tese.

Desse modo, as crônicas que aqui se inserem foram transcritas integralmente, tendo a linguagem revisada e mantida a Língua Portuguesa vigente, com base na Reforma Ortográfica em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

No período em que se realizou o trato com as fontes de pesquisa, algumas indagações emergiram, tanto inerentes ao autor, quanto ao jornal. A primeira delas diz respeito ao fato de Rebelo, em seus textos, manter-se crítico em relação ao governo. Como já apontado, a *Última Hora* foi um jornal que amparava o governo Vargas. Assim, surgiu a seguinte questão: o discurso de Rebelo pode ser entendido como contraponto diante da imparcialidade do periódico quanto a Vargas?

A segunda indagação é inerente ao fato de Rebelo, conforme assinalou Trigo (1996), achar que Guimarães Rosa não dominava a palavra, Thomas Mann e Joyce eram chatos. Frente a isso, surgiu a indagação: Rebelo foi adepto de uma literatura franca, mais realista e sem os excessos de uma literatura experimental à qual se filiam esses autores?

Acredita-se que tais indagações foram importantes para a elaboração das análises das crônicas, bem como para delinear o estilo de Rebelo mantido na coluna “Conversa do Dia” que, como já mencionado, distancia-se do tom lírico que o autor demonstrou em outras produções. E se esse tom foi mudado, é possível conceber a escrita como uma fonte de águas cambiantes, porque fruto do pensamento de um eu, a escrita não se faz a mesma no percurso de produção de um autor, mas sempre

rejuvenesce porque está amalgamada com o contexto, o sentir, as experimentações, a vida fluída.

O jornalismo traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. O mundo exterior também é fundamental, mas não determinante como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura, fazer da memória a fonte de sua escritura, tornar eventos 'pouco jornalísticos' significativos do ponto de vista humano, e até mesmo fazer o jornalismo virar literatura.

Gustavo de Castro

3 ANÁLISE DAS CRÔNICAS

De posse do material, foram realizadas as análises das crônicas. Com vistas a delinear o estilo adotado pelo autor na coluna “Conversa do Dia”, as crônicas foram lidas e os fragmentos que chamaram a atenção da pesquisadora, por trazerem em seu bojo características recorrentes, seja pelo tema, seja pelo emprego de marcas linguísticas, foram analisados, não sem antes de a crônica ser transcrita integralmente como já apontado no capítulo anterior.

Era uma quarta-feira, 16 de janeiro de 1952, quando o Jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, trouxe em sua primeira página uma nota com o título MARQUES REBELO TODOS OS DIAS EM “ÚLTIMA HORA”. A nota esclarecia que Marques Rebelo, “o escritor notável”, como assim se referiu a ele o jornal, a partir do dia seguinte (17 de janeiro de 1952), iria assinar a coluna diária “Conversa do Dia” e nela falaria sobre “fatos, coisas e homens da vida da cidade”. Além do assunto a ser tratado pela coluna, a nota enfatizava que o escritor sabia “ver como ninguém o ridículo dos outros” e era o “crítico implacável dos nossos costumes”. Ainda se fez menção ao nome de cronistas como Rubem Braga, Joel Silveira e Álvaro Moreyra, ressaltando, porém, que Rebelo escreve “com uma palavra de simpatia e de suave poesia para com as coisas realmente boas da vida”.

Interpreta-se o final dessa nota como uma forma que o jornal encontrou para aguçar o interesse do leitor do jornal, a fim de que ele lesse a coluna. É evidente que se trata de características do autor, mas estas também são dos demais autores citados cujo toque lírico acompanha o correr da pena. Outrossim, observa-se um tom impressionista para falar das características da escrita de Rebelo, ressaltando o lirismo, que de fato é observado em momentos de sua escrita, e a simpatia que nem sempre é recorrente nas crônicas que pendem mais para um lado crítico.

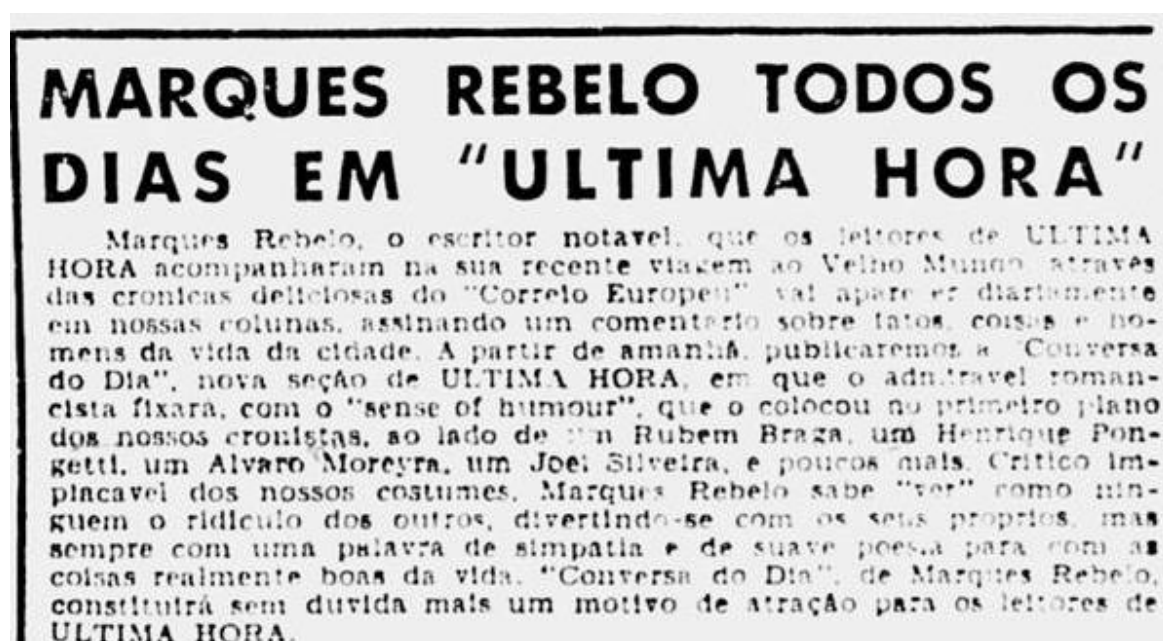


Figura 4: Chamada para a coluna de Rebelo

Fonte: MARQUES REBELO TODOS OS DIAS EM ÚLTIMA HORA. Jornal *Última Hora*. Ano I. Ri de Janeiro. Quarta-feira. 16 de janeiro 1952, nº 183.

Como é possível visualizar na figura 4, extraída da edição em que se anunciou a coluna do escritor, em janeiro de 1952, Rebelo inicia sua coluna “Conversa do Dia” no Jornal *Última Hora*. Já se pontuou que o referido periódico, fundado em 12 de junho de 1951 por Samuel Wainer, em alguns aspectos trouxe inovações ao jornalismo, pois:

instalou máquinas modernas, pagou ótimos salários, adotou paginação inovadora e a atualização das notícias em várias edições ao longo do dia. Seis meses depois do lançamento, era o vespertino mais vendido no país. Nas décadas de 1950 e 1960, abrigava um time invejável de colunistas e cronistas. Em seu auge, chegava a todo o Brasil e tinha sede própria em sete estados (DINIZ, 2011, p. 1).

Além das características ressaltadas, Diniz (2011) destaca que a *Última Hora* era popular sem ser popularesco, contava com os intelectuais mais expressivos da época, dentre eles estava Marques Rebelo. Ciente de seu papel de intelectual cuja escrita poderia servir de, no mínimo, uma reflexão sobre questões referentes ao Rio de Janeiro e, por conseguinte, ao país, Rebelo valeu-se da coluna “Conversa do Dia” e empregou palavras de onde brotaram ironias, reflexos de sua personalidade e posição política, que era, no caso, contrária ao governo, fato que o levou a utilizar

muito as figuras de linguagem a fim de mascará-la, haja vista a ideologia política do jornal.

A organização das análises realizadas está disposta em três seções. Na primeira delas, discute-se a presença da ironia na escrita de Rebelo, o modo como ele articula a linguagem para dizer o não dito. Para tanto, foi necessário recorrer aos estudiosos dessa figura de linguagem, a fim de embasar as análises, bem como melhor compreender o que envolve, em termos de construção semântica, o emprego de tal figura.

Na segunda seção, são analisadas as crônicas nos quais se tem a presença de críticas sociais e políticas. Nesse sentido, para a elaboração das análises, foi preciso compreender o contexto histórico em que se inserem, bem como buscar respaldo em textos que versem sobre política, por exemplo.

A terceira seção trata do modo como o escritor valeu-se do humor, em geral um humor ligado à ironia, para retratar as situações narradas nas crônicas. Também são apresentadas as crônicas em que a paixão pelo *América Futebol Clube* é posta em evidência, alçando-se a admiração que o cronista tinha pelo time. Se o Rebelo lírico se manteve presente na coluna “Conversa do Dia”, é justo na explosão dos sentimentos que o time despertava que é possível vislumbrar esse lirismo, além de outros pontos que foram sendo destacados ao longo das análises.

3.1 A IRONIA NAS CRÔNICAS DE MARQUES REBELO

A ironia é um recurso notável nas crônicas de Rebelo. Face a essa constatação, foi preciso traçar algumas considerações acerca dessa figura de linguagem, sobretudo porque se entende que, tal qual Machado de Assis, a quem Rebelo foi filiado a partir das considerações dos críticos, conforme se apontou no início deste estudo, Rebelo emprega a ironia como realização textual do procedimento de elaboração do texto literário.

Verifica-se, à luz de Mucke (1995), que a evolução semântica da palavra ironia é o resultado cumulativo de termos, de tempos em tempos, resultando, a partir do uso conceitual do termo e, talvez um uso errôneo, em fenômenos que pareciam semelhantes, usando a palavra ironia sem saber ou procurar saber como ela era

empregada anteriormente. Em outros dizeres, a palavra era empregada de modo equivocado em situações que não se configuravam irônicas. O autor ressalta que:

o conceito de ironia se estendeu, no período romântico, para além da Ironia Instrumental (alguém sendo irônico) até incluir o que chamarei de Ironia Observável (coisas vistas ou apresentadas como irônicas). Estas Ironias observáveis – sejam ironias de eventos, de personagens (auto-ignorância, autotraição), de situação, sejam de idéias (por exemplo, as contradições internas inobserváveis de um sistema filosófico como o marxismo) – podem ser locais ou universais (MUCKE, 1995, p. 32).

Todas elas eram desenvolvimentos principais, nada menos que o desenvolvimento do conceito de Welt-Ironie, Ironia Cósmica ou Ironia Geral, a ironia do universo que tem como vítima o homem ou o indivíduo. Todavia, Friedrich Schlegel acrescentaria ao conceito um desenvolvimento posterior e até mais radical, por meio do qual ele pontua que a ironia se tornou aberta, dialética, paradoxal ou romântica (MUCKE, 1995, p.39).

Ainda à luz de Mucke (1995), verifica-se que cada estudioso segue as orientações que lhe são mais convenientes acerca da ironia, conforme o local e o momento histórico em que está inserido e de acordo com seu conhecimento de mundo.

O referido autor divide a ironia em duas grandes categorias: a ironia situacional ou observável e a ironia verbal ou instrumental. Com o objetivo de exemplificar o primeiro caso, ele cita um fragmento da *Odisseia*, em que Ulisses retorna a Ítaca e, sentando-se, disfarçado de mendigo em seu próprio palácio, escuta um dos pretendentes dizendo que ele (Ulisses) jamais poderia regressar a seu lar. Tem-se, nesse primeiro caso, uma ironia observável, que corresponde justamente a coisas vistas ou apresentadas como irônicas.

A ironia verbal ou instrumental, por sua vez, ocorre quando há uma inversão semântica, a ironia constitui-se em dizer uma coisa para significar outra, “como uma forma de elogiar a fim de censurar e censurar a fim de elogiar [...]” (MUECKE, 1995, p.33). Nesse tipo de ironia, há um sujeito sendo irônico, por isso, trata-se de uma forma de comportamento.

O que os tipos de ironia têm em comum é o fato de o receptor ser imprescindível para que a significação irônica aconteça.

Débora Betânia de Santana (2006) afirma que, segundo a *MLA Bibliography*, já foram listados 1.445 verbetes sobre ironia, e essa listagem conta apenas a parte literária da história. A autora afirma, ainda, que esse tópico tem sido pesquisado por especialistas em áreas diversas, como Linguística e Ciências Políticas, Sociologia e História, Estética e Religião, Filosofia e Retórica, Psicologia e Antropologia.

À luz de Santana (2006), verifica-se que a palavra ironia vem do grego *eironeia* e quer dizer interrogação dissimulada. A origem se volta à arte de interrogar e provocar o surgimento das ideias. A estudiosa afirma que Sócrates foi o propulsor de tal conceito, segundo a tradição e o testemunho de Platão. No seu diálogo *A República*, de 377 a.C.; Platão pontua que a ironia socrática era composta de questões, *a priori*, simples e ingênuas, apresentadas pelo mestre a seus discípulos e interlocutores, e teria como verdadeiro propósito confundi-los para revelar a fraqueza de suas opiniões, irritando-os e, por vezes, levando-os ao ridículo. A autora afirma ainda que:

Na comédia clássica grega, o termo ironia tem suas raízes na personagem Eiros, que se passava por ignorante para desmascarar o Álozon, um personagem fanfarrão, que atribuía juízos jocosos aos seus interlocutores. Já na tragédia grega, a ironia estava vinculada à frustração do protagonista, sujeito aos deuses (SANTANA, 2006, p.36).

Vera Machline (1986) esclarece que a ironia entre os romanos teve sua significação restringida, particularizando o emprego da palavra, o que a levou a ser um fenômeno da linguagem verbal, sendo assim, uma figura de retórica.

Santana (2006) reforça que, na Europa Moderna, o conceito foi-se transformando lentamente, e a ironia foi considerada, por duzentos anos, como uma figura de linguagem bem firmada e inscrita nos tratados de Retórica.

Já na passagem do século XVIII para o século XIX, indaga a autora que a palavra ironia ganhou outros significados, sem perder totalmente os referenciais mais antigos presentes nos textos Medievais e do Renascimento. A partir de então, a ironia passou a ter natureza dupla, às vezes instrumental, às vezes, observável. A autora também certifica que a Filosofia ampliou o conceito e a função da ironia quando Friedrich Schlegel afirmou que a Filosofia era a pátria da ironia, mudando, assim, o foco da questão, pois agora não se trata mais de alguém ser irônico, esse alguém passa a ser considerado vítima da ironia.

Dois são os tipos de ironia destacados por Santana (2006, p. 37):

a ironia satírica é aquela mais próxima do estilo socrático, isto é, a ironia do deboche, da degradação do ser humano, depreciativa, vulgar e barata. A ironia cética, mais próxima da modernidade, tem um tom de rancor e marcas de crueldade, corrosiva ou diabólica.

Além disso, ela diferencia o fenômeno ironia de outro, a sátira, pois afirma que esta é um fenômeno muito mais geral, frequentemente deliberada e mais moral em suas intenções, fazendo um julgamento negativo sobre o objeto. No que concerne a uma definição de sátira, sem a intenção de se delongar em tal conceito, constata-se que é quase um consenso entre os teóricos a dificuldade em chegar a uma única definição para o termo. Sinaliza Petro (1982) que a referência à sátira é feita por muitos críticos sendo ela o Proteus da literatura. Essa referência surgiu em analogia à personagem Homero, cujo nome é Proteus em *Odisseia*. O velho do mar, Proteus, tem a capacidade de assumir formas variadas quando não deseja responder a determinadas perguntas. Já Jürgen Brummack (1971, p. 273), de forma enfática, afirma que a sátira “não se deixa mais definir”. Tal assertiva se pauta no fato de que, para o autor, a pluralidade do assunto impossibilita o pesquisador de fugir dos problemas que circundam o conceito, uma vez que há uma gama de estudos que denominam a sátira e isso faz que se possa comprometer a objetividade teórica de que necessita a reflexão.

Ainda assim, uma definição auxilia para o entendimento da diferença entre sátira e ironia. Simões Jr. (2007, p. 31) sinaliza que a sátira:

caracteriza-se por ser uma forma peculiar de contemplar o mundo e seus problemas com uma mescla de riso e indignação, manifestando predileção por determinados temas, como a hipocrisia, o egoísmo, a desonestidade etc., e não se diferencia facilmente dos demais gêneros por assumir historicamente grande variedade de formas.

Brummack (1971) observa mudanças em relação às reflexões teóricas que se debruçam sobre o termo, enfatizando que, no Romantismo, a sátira teria vivido um período de desprestígio, considerada “apoética” e “objeto de segunda categoria” (BRUMMACK, 1971, p. 328), com o ápice das teorias do humor, do chiste, da ironia, do cômico, no século XX, o autor constata uma mudança dessa situação, assinalando o forte elemento satírico presente na literatura, que pode ter sido despertado, na visão de Brummack (1971), por mudanças no conceito de literatura e por questionamentos

acerca de sua função social. Brummack (1971) assinala que o ataque agressivo via linguagem e a indireta são elementos que formam o tripé de sustentação do discurso satírico.

Nesse sentido, entende-se que é clara a diferença entre a ironia e a sátira, pois a primeira gira em torno de comunicar algo diferente do que se expõe em palavras, podendo ser apenas bem-humorada ou depreciativa, criticamente construtiva ou destrutiva. Já a segunda é mais amarga, está ligada ao caráter moralizante.

Quando se pensa especificamente na presença da ironia no gênero crônica, Santana (2006, p. 39) pontua que:

Na crônica, a ironia é a afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar. Consiste em não dar às palavras o seu valor real ou completo, querendo significar o oposto do que se diz. É um disfarce delicado, um dizer uma coisa por outra. Quando um indivíduo usa de ironia, na maioria das vezes, não pretende ser aceito, mas compreendido e interpretado. O que diferencia a ironia do enunciado falso simples é a sinalização da contrariedade, geralmente sutil, por meio do contexto, da edição, da entoação, do gesto ou de outro sinal. A função da ironia na crônica é deixar o texto leve, levando o leitor à crítica, à reflexão e ao humor (SANTANA, 2006, p.39).

Por isso, a autora certifica que a ironia é um recurso usual de humor, pois torna extrema a relação de oposição entre o falso atribuído e o fato verídico. Devido a isso, o riso na ironia surge de uma situação de inversão; no entanto, isso não quer dizer que a situação a que a ironia está se referindo seja risível. Muito pelo contrário, pois ela pode provocar a reflexão e até mesmo, muitas vezes, o choro. Sendo assim, não se pode confundir o tom humorístico com a ironia.

Lélia Parreira Duarte (1994) diferencia humor e ironia, a autora afirma que o humor, diferentemente da ironia, valoriza mais o significante do que o significado, pois acaba investindo mais na enunciação e menos no enunciado. A ironia, em contrapartida, precisa de um elemento pragmático, um objeto a atingir, enquanto o humor busca antes o discurso e tem como base um jogo de linguagem.

Linda Hutcheon (2000), além de trabalhar com o conceito de ironia, ainda define o conceito de ironista, o qual consegue estabelecer uma relação irônica entre o dito e não dito. Afirma que esse, às vezes, poderá não ter sucesso em comunicar sua intenção, pois a ironia transcende à figura, definindo-se como uma estratégia

discursiva que opera no nível da linguagem verbal ou de outras formas, como a arte visual ou musical.

Além disso, a autora indaga a importância de se considerar o contexto e as atitudes do ironista e do leitor, principalmente no caso de linguagem verbal escrita, pois para ser entendida, depende da interação dos interlocutores, já que isto é algo que acontece e não existe, simplesmente, como reforça Hutcheon (2000).

A autora apresenta três características semânticas principais da ironia: a relacional, a inclusiva e a diferencial. A inclusiva é a que torna possível repensar a noção semântica padrão de ironia, uma substituição direta de significado. A diferencial é a que oferece uma explicação da relação problemática entre ironia e outros tropos, tais como a metáfora e a alegoria. Já a relacional é a combinação do inclusivo com o diferencial, a junção do dito e do não dito, cada um assumindo um significado apenas em relação ao outro, fato este já ligado ao evento comunicativo e supõe algum compartilhamento para que a ironia aconteça.

Por isso, Hutcheon (2000) afirma que a ironia, integrando-se na totalidade envolvente do texto, pode estar no contexto em que a palavra foi empregada. Da mesma forma que o significado do que se diz depende do modo com que se diz, ou seja, a ironia depende muitas vezes do tom da fala.

Frente às crônicas de Marques Rebelo, percebe-se a ironia em momentos vários. Apresenta-se abaixo transcrita a crônica de 18 de janeiro de 1952, da qual são comentados fragmentos.

Rio de Janeiro, Sexta-Feira, 18 de janeiro de 1952.

Sofri demais¹²

Se eu detesto quatro coisas – cinema, teatro, marmelada e colunismo diário – como confessei ontem iniciando esta Seção, adoro quatrocentas coisas e acima de todas a estatística.

Com que prazer leio e guardo todas as que me caem nas mãos, com que prazer as repasso e as comparo nas noites de verão, ou nos dias de chuva, edificando meus filhos, ou ilustrando as minhas namoradas. Com que prazer as procuro, com que prazer cultivo algumas, secretamente com a avareza de quem faz coleção de selos ou moedas. Porque a verdade é esta – tenho uma coleção particular de estatísticas,

¹² Tendo em vista que todas as crônicas são referenciadas ao final deste estudo, na seção em que se apresentam os resumos de cada crônica, optou-se por não seguir as normas da ABNT quando citados trechos das crônicas, sendo apenas empregada a letra em itálico e, ainda, optou-se por colocar somente o nome da crônica, a data em que foi publicada no jornal.

que não troco por dinheiro algum, por nenhuma posição, nem mesmo pelo elevado cargo de diretor do IBGE.

Ambicionando cada dia enriquecer mais o meu tesouro, com que emoção abro os jornais matutinos para saber quantos transeuntes foram atropelados na véspera, apesar do nosso modelar serviço de trânsito; quantas casas foram assaltadas, apesar da nossa modelar polícia; quantos contos de vigário foram passados, apesar de nossa esperteza nata.

Saboreio as estatísticas com a mesma volúpia com que os conhecedores do bom vinho enxugam uma garrafa de privilegiada colheita. Sempre encontrei mais beleza em saber quantas crianças morrem no Brasil, pela grande atenção dos poderes públicos, que inteligência nos artigos do senhor Afrânio Coutinho. Sempre encontrei mais encanto em apurar quantas toneladas de alimentos que apodrecem em nossos campos por falta de transporte, problema que os poderes públicos sempre consideraram a mola de nossa produção e nossa riqueza, do que no colorido das gravatas que o nosso mestre pintor desenhou para que a minha cozinheira me presenteara no Natal. Sempre gozei mais com o número de crianças sem escola primária que reside na Capital da República, que com o lirismo gorduroso de certos poetas do alto comércio.

Eis porque a crise que feriu o IBGE feriu também a minha carne – será que não vamos mais ter estatística? Sofri demais, tal como uma amante da boa adega que visse a presidente do Instituto do Vinho (que ainda não se lembraram de criar...) substituir, sob o vil argumento da praticidade, os dourados vinhos do vale do Loire pela química vinícola do Rio Grande do Sul.

Nessa crônica, Rebelo emprega a ironia, mas também faz interseções com a comparação e a hipérbole, o que permite transgredir a normalidade da língua, invertendo o que diz pelo que, de fato, quer dizer. Primeiro, tem-se a apresentação de uma lista de quatro itens odiados pelo cronista para, depois, de maneira hiperbólica, apontar quatrocentos itens por ele adorados.

A questão é que, ao dizer que adora a estatística - e odeia o cinema, o teatro, marmelada e colonismo diário, o cronista vai construir uma apreciação irônica daquela à medida que elenca os dados estatísticos que enfeiam a cidade, a exemplo de assaltos em residências, transeuntes atropelados, golpes sendo passados. Interessante apontar que as estatísticas negativas são citadas como positivas e colocadas em situação de concessão com outros pontos que deveriam ser caminhos para resolver o problema apontado. Por exemplo em: *“quantos transeuntes foram atropelados na véspera, apesar do nosso modelar serviço de trânsito; quantas casas foram assaltadas, apesar da nossa modelar polícia; quantos contos de vigário foram passados, apesar de nossa esperteza nata...”*, o emprego dos adjetivos ‘modelar’ e ‘nata’ vem reforçar a ideia irônica, uma vez que, além de apresentar o saldo estatístico negativo, também aponta como ruim o serviço oferecido, para que esses problemas

não ocorressem ou, no mínimo, fossem menos recorrentes, ainda ironiza a condição de esperteza do brasileiro que convive todos os dias com os golpes.

Vale pontuar que Rebelo romancista, em *Marafa* (1935), traz à luz, por meio de Teixeira, a presença dos contos do vigário empregados nas ruas cariocas. O malandro Teixeira, com uma pedra e três copos, ganha dinheiro aglomerando várias pessoas em torno dele que pagam para adivinhar onde está escondida a pedrinha. Quase duas décadas depois de registrar esse feito em *Marafa*, a crônica aponta a presença dessa prática nas ruas do Rio; e o cronista, como bom leitor da cidade que é, não deixa de registrá-la. Acredita-se que é no ato de captar os acontecimentos citadinos, bem como os problemas da cidade, diferentemente do modo como esses fatos seriam divulgados em uma notícia, dar a eles um jeito distinto de apresentá-los ao leitor, que o cronista consegue sair do lugar comum que é a notícia, com sua objetividade e clareza, para caminhar rumo a uma linguagem conotativa, cheia de enleios para dizer.

Auxiliando a ironia, o cronista se vale da comparação para apontar que:

Sempre encontrei mais beleza em saber quantas crianças morrem no Brasil, pela grande atenção dos poderes públicos, que inteligência nos artigos do senhor Afrânio Coutinho. Sempre encontrei mais encanto em apurar quantas toneladas de alimentos que apodrecem em nossos campos por falta de transporte, problema que os poderes públicos sempre consideraram a mola de nossa produção e nossa riqueza, do que no colorido das gravatas que o nosso mestre pintor desenhou para que a minha cozinheira me presenteasse no Natal. Sempre gozei mais com o alto número de crianças sem escola primária que reside na Capital da República, que com o lirismo gorduroso de certos poetas do alto comércio.

Observa-se quase um jogo entre o que diz gostar, mas na verdade, não gosta, e o que diz não apreciar. Verifica-se a menção aos alimentos que, ao invés de servirem para saciar a fome, apodrecem sem chegar à mesa, ainda que os poderes públicos julguem o transporte como a mola da riqueza do país. Ao mencionar o poder público, a referência é feita ao governo e, segundo Mucke (1995), a política, não é a única, mas é uma área propícia para o desenvolvimento da ironia.

A presença da construção irônica da linguagem, a fim de apontar problemas que deveriam ser solucionados pelo serviço público é recorrente nas crônicas.

Rio de Janeiro, Sexta-Feira, 15 de fevereiro de 1952.

Matéria Urgente

Meu querido amigo Chico mora ali pertinho, onde Minas começa, mas para se chegar à sua casa só há dois meios para mim: o ônibus que leva oito horas, quando não oitenta por enguiçar na estrada, tão bem conservado é o material rodante brasileiro, ou trem de ferro, que leva dezoito, quando não cento e oitenta por inapreciáveis razões ferroviárias. É verdade que existe um meio relativamente rápido de se chegar lá – o automóvel. Mas como ainda não sou deputado para conseguir cambiais fáceis e como tenho pânico de qualquer negócio câmbio negro, ainda não me dei ao luxo de possuir um carro.

Não podia, portanto, mandar um portador nem ir eu próprio conversar sobre matéria urgente. Tive de apelar para um objeto de martírio, que no Brasil tem o nome de telefone.

O assunto começou, às 7 horas da noite de terça-feira, hora aconselhada pela Companhia Telefônica por ter tarifas mais baixas e eu sou um cidadão econômico. Disquei inutilmente para 01, que no catálogo é indicado para chamadas interurbanas. Depois de uma hora de badalados esforços, com o dedinho doendo já de tanto mexer no disco, um lampejo de inteligência, que por vezes me acontece, fez com que eu ligasse para 00 e chamasse a telefonista-chefe. Com a voz mais delicada informei-a da ineficiência dos meus esforços. Com voz igualmente delicada, embora antipaticamente padronizada, a senhora me informou que, por acúmulo de serviço, 01 não atendia e aconselhou-me que discasse para 02 – Informações.

Cheio de esperanças, disquei para 02. Em pouco menos de meia hora, ouvi outra voz amável, ainda que também padronizada. Expliquei as minhas urgentes necessidades e a voz prometeu providenciar.

Até agora, 10 horas da manhã desta bela sexta-feira, estaria aguardando a ligação, se a impaciência, que me é característica, não me impulsioneasse, quatro horas após à aludida promessa, a numerosas tentativas, através dos cabalísticos números 00, 01 e 02, quando, por muitas vezes, foi confirmada a promessa de ligação.

Sentindo-me um pouco cansado da espera, e também um pouco humilhado por não ser tratado com a mesma cortesia com que trato a Companhia Telefônica Brasileira, a qual pago religiosamente no dia em que ela me obriga a pagar, sem o que corro o risco de ver cortado esse útil aparelho do corredor, decidi entregar-me aos azares de outra miséria pública e dirigi-me ao Telégrafo, mas no caminho pedi a Deus, que é muito meu amigo, que os diretores da Companhia Telefônica Brasileira jamais tenham em casa uma criança doente e precisem chamar um médico com urgência, utilizando os serviços que ela oferece aos seus assinantes.

O telegrama foi passado desesperadamente com taxa urgente. Talvez que dentro de seis anos ele possa chegar ao seu destino e convocar o seu amigo; temo, porém, que até lá eu e ele estejamos enterrados, mas com um lugar garantido no céu, que é a bonificação que Deus dá aos assinantes da Companhia Telefônica Brasileira.

A começar pelo título dessa crônica, verifica-se a opção pelo adjetivo “urgente” que aponta para algo que merece ser tratado imediatamente. Já a opção por “matéria” pode ser interpretada de duas formas, a saber: primeiro, matéria como sinônimo de texto jornalístico, notícia; segundo como assunto, conteúdo. Nas duas implicações, verifica-se que aponta para a imediatez.

Como quem quase nada tem a dizer ou apenas vai fazer comentários sobre um assunto qualquer, o cronista ironiza a dificuldade para se chegar a Minas Gerais, seja pela estrada de ferro, seja pelo meio rodoviário, devido à qualidade das malhas ferroviária e rodoviária. Para dizer isso, uma vez mais recorre à ironia, por meio da qual vai compondo a linguagem. Vale pontuar que a ironia se realiza no processo comunicativo, “ela não é um instrumento retórico estático a ser utilizado, mas nasce nas relações entre significados e, também, entre pessoas e emissões e, às vezes, entre intenções e interpretações” (HUTCHEON, 2000, p. 30). Assim, associa-se a presença da ironia logo nas primeiras linhas dessa crônica como construção proposital pelo autor que deseja que a matéria urgente seja recebida de forma irônica pelo leitor.

As críticas presentes em “Matéria Urgente” se ampliam para além das rodovias, pois caso o viajante não queira ir de ônibus, pode fazer o percurso de automóvel, nesse caso, teria de ser um deputado “*para conseguir cambiais fáceis e como tenho pânico de qualquer negócio de câmbio negro, ainda não me dei ao luxo de possuir um carro.*” Nota-se, de forma direta, uma crítica irônica à condição dos políticos e ao modo como conseguem bens materiais.

É na escolha dos adjetivos que a crônica vai provocando um riso crítico, pois se não se pode contar com as estradas, tampouco é possível adquirir um bem de alto valor igual ao carro, para os padrões do bolso do brasileiro, menos ainda se pode contar com o telefone quando o assunto é comunicar algo com rapidez. O desejo manifesto na crônica para apontar a deficiência do serviço oferecido pela Companhia Telefônica é o de que as pessoas da Companhia “*jámais tenham em casa uma criança doente e precisem chamar um com urgência, utilizando os serviços que ela oferece aos seus assinantes.*”

A verdade é que, na capital federal do país, o serviço telefônico era falho e insuficiente para atender à demanda; porém, ainda assim, era o melhor do Brasil. O Rio de Janeiro, cidade-sede do governo, era naturalmente o alvo prioritário de reclamações (OLIVEIRA, 1992, p. 32). A degradação dos serviços telefônicos atingiu tal ponto que passou a ser considerada um gargalo ao desenvolvimento econômico do país. Daí o fato de a Companhia Telefônica ter sido ironizada em momentos diversos na coluna “Conversa do Dia”.

Com apenas uma única tentativa de, enfim, transmitir a informação urgente ao amigo que reside em Minas, o cronista envia um telegrama e finaliza a crônica enfatizando que, mesmo com a “taxa urgente”, em seis anos, talvez, o amigo receba

a informação. No entanto, ambos correm o risco de estarem mortos, o que não é ruim de todo, porque Deus há de ter, conforme dispõe a crônica, um lugar garantido aos assinantes da Companhia Telefônica Brasileira.

Constata-se que a construção textual gira em torno da inversão semântica, uma vez que expressões, a exemplo de: *“tão bem conservado”*, *“um meio relativamente rápido”*, *“ainda não me dei ao luxo”*, *“informei-a da ineficiência dos meus esforços”*, *“benditos números”* são exemplos de ironia verbal, ou seja, gerada a partir de uma situação específica, nas palavras de Kerbrat-Orecchioni (1980), esse modo de falar uma coisa para dizer outra permite que a construção irônica tire da palavra seu sentido literal, haja vista que “ao identificar o sentido derivado, este vem, na ironia, extrair a pertinência do sentido literal”¹³ (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 127).

A ironia é encontrada também na crônica do dia 28 de abril de 1952 intitulada pelo autor de *“Parágrafos da miséria dourada”*, a qual faz crítica às ações do governo no que diz respeito aos preços dos alimentos.

Rio de Janeiro, Sexta-Feira, 28 de abril de 1952.

Parágrafos da miséria dourada

1– Atentando que o preço da manteiga fosse absurdo, como se todos os preços por que pagamos os gêneros de primeiríssima necessidade não fossem vilmente absurdos, o SAPS decidiu vir em socorro do povo – do bolso e da saúde – e importou manteiga da Holanda e da Dinamarca, manteiga de verdade, feita realmente com leite de vaca e vendia-a nas suas alegres barraquinhas por vinte cruzeiros menos do que era vendida no comércio varejista a manteiga nacional, que algumas vezes tem realmente aspecto de manteiga.

Imediatamente formaram-se filas nas barraquinhas, filas que afrontavam qualquer tempo para garantir o uso de um produto essencial por um preço mais em conta.

Como a manteiga, apesar de suas excelsas e muitas qualidades nutritivas não faz parte do meu gosto, cuidava que a venda dela continuasse abundante e econômica nas barraquinhas do SAPS. Disso me dissuadiu a minha querida vizinha, vindo de mão vazia e mostrando-se desolada, que o SAPS não vendia mais manteiga. E pedia que eu apurasse se a suspensão era definitiva ou provisória. Vou apurar. Amanhã sem falta transmitirei a minha distinta vizinha se foi o SAPS que se cansou de tanta bondade ou se foram os altos signatários da manteiga nacional que deram um jeitinho para que só tivéssemos na praça o artigo indígena, ao preço que eles bem querem e fabricado com as substâncias que eles bem entendem.

¹³ “Fois identifié à coup sûr le sens derive, celui-ci vient (...), dans l’ironie, ôter toute pertinence au sens littéral” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 127).

2 – *O cafezinho vai dar um pulinho para 30 centavos. Por que não o incluir na delegação de saltos tríplices que vai às olimpíadas de Helsinque?*

3 – *E como o pão também aumentou, eu gritei para a velha cozinheira, a minha fiel companheira de mais de dez anos de faltas, relacionamentos e chantagens:*

– *De hoje em diante só comerei bolo!*

E ela perturbadíssima:

– *Mas patrão, onde é que eu vou arranjar farinha?*

4 – *O feijão também encareceu, mas isso não tem nenhuma importância. Como todo mundo sabe e o governo mais do que ninguém, o feijão é um alimento que não é de uso comum no Brasil, não faz parte do cardápio do pobre, acostumado ao caviar, ao salmão, ao faisão dourado, aos caramujos da Borgonha, às perdizes da Alemanha. Esses, sim, são artigos que se encarecessem fariam o povo sofrer. Feijão não, quem é que come feijão?*

Enquanto fenômeno da linguagem, a ironia se constitui como efeito de sentido provocado sintática e semanticamente em um texto, cujo objetivo é a sugestão de uma interpretação avessa ao que constitui o sentido literal da palavra ou expressão. Conforme já assinalado, esse recurso é recorrente em Rebelo nas crônicas da coluna “Conversa do Dia”, em que se observa que o irônico não enuncia “a idéia como tal, mas a sugere fugazmente” (KIERKEGAARD, 1991, p.51).

Nessa esteira, segue-se a observação da ironia na crônica “Parágrafos da miséria dourada”, que trata do preço altíssimo dos produtos brasileiros de primeira necessidade. Vale ressaltar o modo interessante com que o cronista organizou os parágrafos, colocando numeração em cada um deles, como se fosse uma lista de compras.

Há por vezes na crônica referência ao SAPS, que eram barraquinhas espalhadas por vários pontos do Rio de Janeiro, cujo objetivo era a venda de produtos de primeira necessidade a um preço mais em conta do que os praticados pelos caminhões-feira e armazéns da época. Com base em Dalboso (2007), constata-se a carestia de produtos de primeira necessidade, sobretudo, aqueles *in natura*, não industrializados, a exemplo de ovo, verduras, feijão, no Rio de Janeiro da década de 1950. Quando as barracas do SAPS foram anunciadas, com elas veio o informe de que todos os problemas de abastecimento desses gêneros alimentícios seriam resolvidos. Tal feito não ocorreu e, ademais da carestia de alguns produtos, os preços de modo geral eram exorbitantes.

Outra menção é feita à importação de manteiga da Holanda e Dinamarca, produtos que eram vendidos por valores abaixo daqueles produzidos aqui. A esse

respeito, há uma notícia no *Jornal Imprensa Popular*¹⁴, de 1º de novembro de 1952, na página 4, com o título: “As Barracas do SAPS estão roubando o povo”. No conteúdo da notícia, além de ser apontado o valor exorbitante dos produtos, também há uma queixa sobre a falta de gêneros como ovos, feijão e, em muitos pontos, apenas a manteiga importada é o produto à venda. A notícia finaliza dizendo que o SAPS é uma autêntica ladroeira contra o povo carioca.

Antecipando-se à notícia, Rebelo registra o problema com estilo, pois conforme já assinalado, dispõe em ordem numérica os produtos de que quer tratar e a linguagem, longe da objetividade da notícia, caminha para o emprego da ironia para apontar a decisão do SAPS de vender a manteiga nacional “*ao preço que eles bem querem e fabricado com as substâncias que eles bem entendem.*” Verifica-se na crônica o emprego do adjetivo indígena para se referir ao produto nacional. Lê-se a preferência por esse adjetivo como forma de depreciar o que é nacional; acredita-se que o cronista, ciente de que tudo o que é importado tem valor muito mais elevado que o do produto nacional¹⁵, chama a atenção ao fato de que o carioca, e por extensão metonímica o povo brasileiro, paga tão alto por seus produtos, seja por adição de impostos, seja para a obtenção de maior lucro, que a manteiga importada, de qualidade superior, como ele aponta, é mais barata que a nacional, cuja qualidade se coloca em dúvida.

Depois de dedicar a maior parte da crônica ao caso da manteiga, número 1 na lista feita pelo cronista, o cafezinho, cujo preço sofreu um salto exorbitante, vem apontado como candidato à Olimpíada de Helsinque, realizada em 1952. A comparação entre a alta do preço e a modalidade de saltos na olimpíada é irônica, por meio dela, demonstra-se indignação face à alta do produto.

Na sequência, outro produto é apontado por ter tido alta, o pão. Por meio do discurso direto, pendendo para o humor que percorre o diálogo, embora a crítica seja unânime em apontar a inclinação do cronista para falar dos problemas inerentes à

¹⁴ Disponível na Hemeroteca Digital em http://memoria.bn.br/pdf/108081/per108081_1952_01198.pdf Acesso 17 dez. 2017.

¹⁵ Cabe ressaltar que a dicotomia nacional X importado ainda se faz presente na sociedade. Em pesquisa recente sobre a preferência por produtos nacionais, a coordenadora dos cursos de pós-graduação do Provar/Fia, Elaine Mandotti, afirmou que entre os brasileiros ainda existe certa mítica a respeito dos produtos importados, reconhecidos culturalmente como de maior qualidade que os nacionais. Disponível em: <https://www.correiadoestado.com.br/noticias/brasileiro-ainda-acredita-que-produto-importado-tem-melhor-qualidade/79628/> Acesso 29 nov. 2017.

sociedade, cronista e cozinheira conversam sobre outra opção no lugar do pão, o bolo, mas lembra a cozinheira que a farinha também anda escassa no mercado.

O último item da lista é o feijão, sobre o qual se lê:

O feijão também encareceu, mas isso não tem nenhuma importância. Como todo mundo sabe e o governo mais do que ninguém, o feijão é um alimento que não é de uso comum no Brasil, não faz parte do cardápio do pobre, acostumado ao caviar, ao salmão, ao faisão dourado, aos caramujos da Borgonha, às perdizes da Alemanha. Esses, sim, são artigos que se encarecessem faria o povo sofrer. Feijão não, quem é que come feijão?

Considera-se que, ao falar do feijão, o cronista imprime nessa crônica o ponto mais forte de sua crítica, é o momento em que a linguagem irônica se intensifica, há um tom de aversão frente ao problema apontado, haja vista que a construção textual vai negando tudo o que representa esse produto, basilar à mesa do brasileiro, contrapondo-o a outros que, além de caros, não fazem parte do cardápio nacional, sobretudo quando se pensa nas classes mais populares.

Vale lembrar que, à luz de Skidmore (1982), verificou-se, no primeiro capítulo deste estudo, que os dois primeiros anos do governo Vargas foram destinados a atacar os problemas econômicos a curto prazo. Dentre eles estava a alta da inflação. É importante lembrar, também, que o jornal *Última Hora* era popular e, nas palavras de Wainer, o jornal tinha por objetivo romper com “a formação oligárquica da imprensa brasileira e dar início a um tipo de imprensa popular e independente” (WAINER apud LEAL, 2017, S/P).

A presença da ironia é notória nas crônicas, dando à linguagem um acabamento que a notícia, com sua objetividade e precisão, não conseguiria imprimir; ainda que recorra às figuras de linguagem, Rebelo mantém uma linguagem mais direta, lacônica, se comparada com o lirismo que cerca outros gêneros literários produzidos pelo autor. Sem desejar ser tendenciosa, a pesquisadora acredita que se poderia apontar a opção por essa linguagem como um recurso voltado ao leitor da *Última Hora*, que faz parte de um grupo popular. Desse modo, o autor teria construído suas crônicas à luz dos problemas que permeavam a cidade, sem deixar de dar à linguagem o tom conotativo, diferenciando-se dos ares noticiosos.

Não apenas as crônicas de Rebelo, mas a crônica como um todo tem origem circunstancial, sem deixar de inserir no contexto as posições e preocupações do cronista. Sobre essa relação entre jornalismo e crônica, Affonso Romano de

Sant'Anna aponta que, “por ser um gênero entre o jornalismo e a literatura, a crônica pode usar da sedução da palavra literária para obter uma resposta imediata que só o jornalismo dá” (apud LAGO JUNIOR, 2000, p. 5).

Rebello gostava do passado, não compreendia o processo de destruição da cidade em função de dar a ela ares mais modernos, valorizava as edificações antigas, não concordando com o convívio do novo com o moderno e, para Gomes (2008, p. 104), o cronista tinha uma visão “no mínimo desconfiada do progresso, traço marcante na obra do autor”. O telefone é um elemento da modernidade e a companhia responsável pela oferta do serviço nos idos de 1950 não atendia a contento seu cliente cronista, como se pode constatar em muitas crônicas em que o funcionamento do telefone é motivo de deboche, marca já apontada por meio da análise da crônica “Matéria Urgente”, nesta seção.

Na crônica do dia 06 de setembro de 1952, Rebello recorre à ironia novamente para reclamar da Companhia Telefônica.

Rio de Janeiro, Sábado, 6 de setembro de 1952.

A vida que a telefônica nos dá

Suspendo o fone e depois de bons cinco minutos de espera, o mágico aparelho negro oferece-me o sinal de que posso discar. E eu disco: 5 9 9 9 7 9.

Disco e espero o sinal de chamada. Demora um pouquinho menos e afinal chama:

– Alô, quem fala?

– Cinco, nove, nove, nove, sete, oito.

– É engano, minha senhora. Desculpe.

Disco novamente: 5 9 9 9 7 9. E a ligação foi fulminante:

– Alô, quem fala?

– Cinco, nove, nove, nove, sete, oito.

– Desculpe, minha senhora. Foi engano.

Tomo um fôlego e disco novamente: 5 9 9 9 7 9.

– Alô, quem fala?

Tremo- é a mesma voz- cinco, nove, nove, nove, sete, oito.

– Mais uma vez, minha senhora, desculpe. Foi engano.

– Vê se disca direito, eu estou ocupada, toda hora atendendo. Tenho mais que fazer.

Engulo o desabafo da dona de casa, repouso o fone e tomo fôlego. Infelizmente não posso desistir - o recado é urgente. Armo-me de coragem e disco novamente: 5...9...9...9...7...9...

Cinco vezes a campainha toca. Estou feliz, felicidade que se completa quando ouço uma voz masculina atender.

– Alô, quem fala?

– Cinco, nove, nove, nove, oito, sete, nove.

– *Meu amigo, desculpe.*

Nova discação. Em comunicação. Espero cinco minutos. Nova discação. Em comunicação. Mais cinco minutos. Nova discação.

– *Alô, quem fala?*

É a voz de criança:

– *Quatro, nove, nove, nove, sete, nove.*

Chamo o empregado e digo:

– *Meu filho, você vai já a Campo Grande e me dê esse recado a fulano. Traga a resposta porque naturalmente tem que voltar a Campo Grande para acertar o assunto.*

E amanhã você não se esqueça de ir pagar a conta do telefone, porque como diz ela no seu verso "Aviso Importante": "A Companhia poderá interromper o serviço se esta conta não for paga ao cobrador, no ato de apresentação, ou em uma de suas agências de cobrança, até quinze dias após sua entrega."

Sabe-se que, no tocante à estrutura, a crônica pode avizinhar-se de outros gêneros literários. Algumas têm um lirismo que faz, das linhas em prosa, poesia; outras são argumentativas, pendendo para o texto dissertativo; em outras, a reflexão filosófica está presente; ainda há aquelas narrativas com feição de conto ou de notícia de jornal, enfim, trata-se de um texto que retrata o cotidiano efêmero com qualidades literárias perduráveis.

Em relação à crônica acima, o cronista opta pela presença maior do discurso direto para dar vida a um acontecimento que, uma vez mais, gira em torno da ineficiência do serviço telefônico. Apenas por curiosidade, vale apresentar as considerações de Silva (2004, p. 38) que desenvolveu monografia sobre a ineficácia do serviço telefônico ofertado à época, no qual se observa que:

com o fim da Segunda Guerra Mundial, as transformações ocorridas nos vários segmentos da cidade, provocaram, por um lado, a expansão da telefonia que vai até 1952 e por outro, observa-se uma precariedade na qualidade desse serviço prestado a comunidade.

No que tange à estrutura da crônica “A vida que a telefônica nos dá”, os diálogos predominam no texto para o cronista, por meio deles, o que se passou, lembram uma anedota, há um tom de humor que suaviza o problema descrito e, uma vez despertado o riso, por pior que seja a situação, pode-se a ela sobreviver. Assim, as tentativas de discar corretamente o número e, ainda assim, cair em número errado, é um efeito humorístico. No entanto, a finalização da crônica traz um tom mais amargo e menos divertido, afinal, com ou sem serviço de qualidade, é preciso pagar a conta, senão, além da chateação por conta da ineficiência do serviço, também terá o serviço cortado. Fica subentendido o sentimento de impotência e de frustração do cronista.

Verifica-se que a finalização das crônicas até aqui apresentadas apontam para o fato de que o cronista diz uma coisa para significar outra. Para Muecke (1995), trata-se de um tipo de ironia em que o sujeito, sendo irônico, visa censurar posturas, no caso de Rebelo, criticar os serviços telefônicos, a alta dos produtos, sobretudo do feijão.

Na crônica que segue, "Falta desculpável", são deixados de lado os problemas que envolvem o serviço telefônico, a alta de preços, as estatísticas negativas para apontar outro que, na visão do cronista, é terrível: a qualidade do cinema nacional.

Rio de Janeiro, Segunda-feira, 13 de outubro de 1952.

Falta desculpável

Não sendo britânico, sou rigorosamente pontual, o que é quase exceção nesse nosso meio brasileiro, tão cheio de simplicidade, em que a pontualidade não é um ponto forte, nem motivo para preocupações. É esse amor à exatidão, à hora marcada, constitui mesmo um particular orgulho, que proclamo abertamente, além de outros orgulhos que não são de boa prática ou de boa esperteza proclamar.

E assim sendo, somente acontecimentos positivamente excepcionais poderão me impedir de cumprir as minhas obrigações.

Ora, uma das obrigações que tenho é com os leitores da "Conversa do Dia" e, no entanto, durante dois dias seguidos, não pude comparecer ao meu canto de página para meus dedos de prosa com os amigos.

É que houve um acontecimento verdadeiramente excepcional que me proibiu - fui ao cinema quinta-feira.

E não foi tanto pelo fato de ter ido ao cinema, já que não sou um entusiasta da cinematografia, conhecendo milhares de divertimentos mais afins com o meu gosto. Mas é que fui ver a "Apassionata", produção nacional. "Made in São Paulo". E o excepcional residiu nas consequências.

É do domínio público que o cinema nacional, comédia ou drama, é assunto para risadas. "Apassionata", não. Suas consequências são atômicas: dois dias de completa inutilização mental, porque a estupidez, meus caros senhores, pode ser atômica.

Fiquei reduzido a estilhaços. Foram precisos três dias (com remédio), para andar catando os meus pobres pedaços, recompor o meu corpo, ligar as duzentas mil partes da minha pobre cabeça atingida pela bestialogia cinematográfica, e afinal poder aparecer de corpo inteiro à minha banca de redação.

Aqui estou, amigos, de volta da minha esfrangalhação. Ainda guardo algumas esquimoses da tormentosa aventura. É no fundo do coração, esta indescritível amargura – será mesmo verdade que jamais poderemos fazer uma fita de cinema? Será possível que não haja neste imenso país de gênios umas quatro pessoas, pelo menos, que se reúnam e consigam produzir um filme que não seja um torpe amontoado de ostentação, de imbecilidade, de deformação, de macaquismo, de incompreensão absoluta do problema artístico?

Diferente do que o cronista afirmou, na crônica de 18 de janeiro de 1952, “Sofri Demais”, sobre detestar cinema, teatro, marmelada e colonismo diário, o que marca uma certa evidência de que o cinema é uma arte apreciada por ele e que, por certo, trata-se de uma ironia a menção aos milhares de divertimentos mais afins de seu gosto do que o cinema. Nessa crônica, ele afirma não gostar nem de cinema, tampouco do cinema nacional.

Nas demais crônicas até aqui apresentadas não havia sido observada a metalinguagem como estratégia de comunicação. Nessa, todavia, ao passo que o cronista apresenta o teor do texto, ele vai desconstruindo esse conteúdo para explicar o motivo que o impediu de escrever nos últimos dois dias sua coluna. A crônica fala de cinema, mas fala também da ausência da escrita do cronista. Um ponto que se deseja enfatizar é que, se nas outras crônicas a presença de Rebelo escritor ficou mais distante, nessa ele está incluído no texto, posicionando-se como Rebelo, com seus gostos e seu pensar.

Inicia sua explanação apontando um defeito que, em geral, acompanha o brasileiro, a ausência de pontualidade; porém, mesmo:

Não sendo britânico, sou rigorosamente pontual, permite ao cronista sentir orgulho de sua condição, uma vez que é quase exceção nesse nosso meio brasileiro, tão cheio de simplicidade, em que a pontualidade não é um ponto forte, nem motivo para preocupações.

Os apontamentos iniciais da crônica servem de mote para explicar que ele, o cronista, por primar pela pontualidade, não costuma deixar de cumprir compromissos, mas uma justa desculpa explica a ausência: o mal-estar pelo qual ele passou nos dois dias posteriores a sua ida ao cinema.

Enquanto recurso discursivo, a metalinguagem serve ao cronista para dar corpo à crônica que aborda, no início, a própria crônica, com que ele justifica sua ausência e dialoga com os leitores, dizendo que somente algo excepcional o faria fugir ao compromisso.

A partir do sétimo parágrafo, o cronista muda o tom da linguagem e inicia a exposição de argumentos sobre o cinema. O tom irônico aponta como assistir a filmes nacionais traz consequências ao expectador: “*dois dias de completa inutilização mental, porque a estupidez, meus caros senhores, pode ser atômica*”. Percebe-se aqui um cronista que se vale de uma consequência de dois dias sem escrever, para colocar seu posicionamento crítico quanto à falta de qualidade, conteúdo, encontrada

na tela do cinema com esse novo filme em cartaz. Sendo comédia ou drama, em qualquer gênero, a reação seria risada, no sentido de rir para não chorar, expressão que se usa ao se referir a algo de que se reclama e deveria ser acompanhado de choro, no sentido de lamentação, mas, ao contrário disso, ri-se, para disfarçar esse sentimento. O uso do adjetivo atômica, utilizado duas vezes, reforça a ideia de que a reação negativa sobre o filme foi imediata e intensa.

Após diversas expressões, incluindo outras figuras, como metáfora e hipérbole: “*Fiquei reduzido a estilhaços; meus pobres pedaços; ligar as duzentas mil partes da minha podre cabeça atingida pela bestialogia cinematográfica*”; o cronista diz que se remonta para aparecer “*de corpo inteiro*” à banca de redação novamente. Tais exageros revelam um cronista realmente desacreditado com o que viu no cinema: pobreza de conteúdo, perdendo sua importância, insignificante. Nota-se tal intenção ao ler a palavra “*bestialogia*” referindo-se diretamente à área cinematográfica. Conforme se viu na crônica “Sofri demais”, o emprego de outras figuras, em interseções com a ironia, contribui para o efeito de ênfase sobre o que se deseja dizer.

Segundo se aponta na crônica, o cronista está de volta à redação, mas ainda traz sequelas dos malefícios causados pela sessão cinematográfica.

Nem é que *Apassionata*¹⁶ seja um filme de todo ruim, mas não há nele novidade, uma vez que repete uma trama já contada pelo cinema dos Estados Unidos. Daí se justifica o emprego de macaquismo, termo que faz referência à imitação, tal qual são imitadores de movimentos ensinados os macacos adestrados, que nos circos fazem malabarismo e gracejos, para a alegria da plateia. No caso do cinema, porém, nem toda a plateia achou graça no que viu.

Marques Rebelo era envolvido com a arte de forma geral, teve importante participação na fundação do Museu de Arte Contemporânea – hoje MASC; com

¹⁶ Vale dizer que *Apassionata* tinha em seu elenco Paulo Autran, que vive o papel de advogado, mais adiante consagrado como grande ator do teatro, e Tônia Carreiro vive Silvia, também consagrada como importante atriz. Ela, uma grande pianista, é acusada pela governanta de matar o marido, um famoso maestro. O corpo do marido é encontrado no mesmo dia em que Silvia consegue o triunfo artístico interpretando a *Apassionata* de Bethoven. A mulher se apaixonará por Pedro e no final se negará a ficar com ele para poder realizar uma turnê. Em relação ao enredo do filme, verifica-se que se trata de uma visão bastante contemporânea em relação à mulher, haja vista que a personagem prefere a vida profissional à amorosa. O filme foi produzido pela Vera Cruz, dirigido por Fernando de Barros e ganhou dois prêmios no ano de sua produção. O roteiro foi escrito especialmente para Tônia Carreiro e é uma espécie de adaptação de *The Men in Her Life* (Gregory Ratoff, de 1941). Daí se entende que a crítica do autor ganha força, uma vez que se trata o enredo de uma cópia, por assim dizer, de uma produção do cinema estadunidense. Não apresentando, portanto, originalidade.

entusiasmo, ele organizou inúmeras exposições, levando à cidade o conceito de Arte Moderna e sua visão era a de que:

aparelhando-se nas cidades do interior, em Prefeituras, Escolas Normais ou Grupos Escolares, uma pequena sala que, tal como na Europa, seria chamada “sala de cultura”, de tempos a tempos, uma parte do acervo do Museu seria passada por essas salas, permitindo que o povo do interior participe das lutas estéticas que se travam, lutas estas que não são mais que a luta do homem para se renovar em todos os campos das atividades humanas (REBELO, 1952).

As palavras do autor, publicadas no jornal *A Gazeta*, da cidade de Florianópolis, são parte de uma entrevista na qual ele enfatiza seu projeto de fazer um museu itinerante, para que o interior do estado pudesse participar das lutas estéticas. Pontua-se que a opção por “lutas estéticas” vem da resistência que o autor lá encontrou para implantar o museu, que expunha obras modernas. Ele mesmo foi o doador de parte do acervo. Face a essa constatação, acredita-se que Rebelo não é ranzinza, por assim dizer, quando afirma que o cinema nacional tem “*incompreensão absoluta do problema artístico*”; antes, porém, acredita-se que, de fato, à época, o autor não conseguia vislumbrar no cinema elementos que permitissem avaliá-lo de maneira menos irônica e depreciativa.

Felizmente Rebelo viveu o suficiente para assistir, no período pré-1964 a uma ascensão em termos de qualidade do cinema brasileiro. Roberto Schwarz (2001) afirma que os anos que antecederam a ditadura revelou um país irreconhecidamente inteligente. Ricas manifestações, debates, teatro, música, cinema. “O cinema novo tinha como pretensão ser o detentor e o revelador da realidade nacional, a partir da representação por imagens e narrativa, fortemente voltada para a realidade do povo brasileiro, principalmente para os excluídos” (OLIVEIRA, PAVÃO, 2011, p. 191-192). Complementa ainda Galvão (1984, p. 495) que:

[...] tratava-se de transpor para o cinema a visão crítica da realidade social que fora a do romance brasileiro pós-modernista. E ainda havia a aspiração de submeter a realidade a uma elaboração técnica que a explicasse, a partir do tratamento dado aos temas, e dos próprios temas e problemas abordados. O cinema deveria ser antes de mais nada —meio de expressão a serviço da cultura, da criação de uma cultura autenticamente brasileira [...] o linguajar da esquerda nacionalista brasileira da época é inconfundível; pretensão de fazer ao mesmo tempo obras de arte e de reflexão; uma luta para autenticizar a nossa cultura [...].

Nesse sentido, é possível reconhecer a crítica feita à época pelo cronista, pois as produções constituíam um entrave para a representação da realidade local e o filme *Apasionata* corrobora essa ideia.

Com vistas ao fato de ser a crônica gênero que se alimenta dos acontecimentos cotidianos, a chegada do novo ano não poderia passar despercebida. Em sendo assim, a crônica de 2 de janeiro de 1953 traz como matéria essa passagem.

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 2 de janeiro de 1953.

Ano novo

Com as suas árvores de Natal vergando devido ao peso de enfeites, velas e brinquedos, com seus presépios, suas rabanadas, suas castanhas, nozes e confeitos, com os seus sapatos pequeninos à espera do barbudo Papai Noel, dezembro nos traz um encanto secreto de evocação, misturando com a certeza, entre amarga e melancólica, de que estamos ficando cada vez mais distantes, da quadra, sempre e sempre lembrada das travessuras.

Janeiro é diferente – nos traz, como um tônico vital e imprescindível, o gosto pela ilusão.

Sempre que chega um novo janeiro com as suas manhãs mornas, com o seu sol inclemente, com os seus grandes dias azuis, e as suas noites de estrelas, a alma da gente toma um jeito de botão inocente e se abre como uma flor às mais risonhas perspectivas.

Com tranquila e segura confiança passa-se uma esponja no passado e diz-se – vamos a uma nova vida. Sim, em janeiro a vida tem uma graça de coisa nova! Parece perfeita, fácil aos nossos desejos, deslumbrante, e está aberta à nossa frente.

Vamos a uma vida nova! E assim dizendo fortalece-nos, além de tudo, a convicção de que a experiência dos anos já vencidos nos tornará mais lúcidos e mais hábeis, não nos deixará errar tanto...

Vamos a uma nova vida! Que de glória, fortuna, fama e amor vemos cheios os meses que virão. Fadas boas estão à nossa espera com as varinhas prontas para os toques mágicos. E toca-se a roda da imaginação acelerada, em planos e mais planos. Modestos são os de uns, grandiosos os de outros, prosaicos os da maioria, mas todos impregnados da mesma cor otimista.

Vamos ser isto! Vamos fazer aquilo! Vamos vencer, gozar, amar - tais são as malhas do frágil tecido. Frágil demais!

Nada, ou quase nada, acontece de tudo o que se sonhou. Mas que importa! Que importa! Poderia acontecer. Acontecerá, talvez, um dia. Por que não? A imaginação é eterna, incansável, paciente fiandeira - espera por um outro janeiro em que novamente tecerá seu filó de esperança. Fiandeira só, não. Elixir também, elixir da nossa vida de tão poucos janeiros.

Um tom menos irônico e mais lírico marca essa crônica. Verifica-se na linguagem a sensação de que, embora dezembro seja o mês deslumbrante em que

enfeites, Papai Noel, doces, presépios estejam decorando casas e a cidade, a verdade é que a passagem do ano marca, efetivamente, a passagem do tempo e, com ela, vai o homem envelhecendo e se distanciando dos bons tempos da infância. Essa constatação, impressa no primeiro parágrafo, pende para uma nostalgia, quebrada nos parágrafos seguintes, em que se tem a chegada de janeiro e, com ele, também a chegada do gosto pela vida, *“como um tônico vital e imprescindível, o gosto pela ilusão”*.

Nota-se a preferência por uma linguagem menos objetiva e mais poética, como se lê em:

Sempre que chega um novo janeiro com as suas manhãs mornas, com o seu sol inclemente, com os seus grandes dias azuis, e as suas noites de estrelas, a alma da gente toma um jeito de botão inocente e se abre como uma flor às mais risonhas perspectivas.

O tom lírico se difere das crônicas até aqui analisadas, há uma graça na forma pela qual ele descreve as sensações que janeiro provoca. Graça esta que, mesmo o cronista se mostrando cético quanto às possíveis renovações, não impede de a linguagem ter um ar poético, marcado pela metáfora de que somos botões que florescem com as perspectivas. Chama a atenção o emprego do termo coloquial *a gente*, que por raras vezes é empregado pelo autor.

“Vamos a uma vida nova! Vamos a uma vida nova!” Dois parágrafos são iniciados assim. No primeiro deles, verifica-se um convite para viver o novo ano e uma nova vida, pois há a convicção de que a experiência permitirá cometer menos erros. Já, no segundo, a linguagem lírica ganha ares irônicos, pois se observa certo ceticismo sobre a possibilidade de glória, de fortuna e fama, uma vez que tais itens serão possíveis porque *as fadas estão à nossa espera com as varinhas prontas para os toques mágicos*, assim, somente por meio da imaginação é que os planos otimistas, sejam eles grandes ou não, poderão se concretizar.

Realizar os planos é impossível, a fragilidade é que impede que se possa fazer isto, ser aquilo, vencer, amar, porque os sonhos são feitos de *frágil tecido*, como aponta o cronista.

Para finalizar a crônica, mais uma vez é um cronista cético que se posiciona afirmando que: *“Nada, ou quase nada, acontece de tudo o que se sonhou”*. Portanto, resta ao homem apenas imaginar e dessa imaginação alimentar sua esperança.

Cabe pontuar que o Professor Ariovaldo José Vidal, em *A ficção inacabada: uma leitura de Marques Rebelo*, tese de 1998, aponta o ceticismo e a crueldade machadianos como recurso do qual se vale Rebelo no romance *A estrela sobe*. Nessa crônica que se inicia com a exaltação ao novo ano e às possibilidades que com ele vêm, depara-se no decorrer do texto com um tom descrente sobre o futuro. Carlos Drummond de Andrade (2000, p. 38), ao se referir a Rebelo, aponta que ele é o escritor “aparentemente tão divertido, mas é o portador de uma secreta amargura e de uma crescente inquietação”. A amargura de que falou Drummond está visível nessa crônica no que tange à crença sobre o futuro.

Na sequência, analisa-se a crônica “Alô, Alô”, em que, uma vez mais, a Companhia Telefônica tornou-se matéria.

Instalada em 1881 no Rio de Janeiro, a Companhia Telefônica do Brasil tinha licença para oferecer serviço telefônico para as cidades: Rio de Janeiro e Niterói, expandindo-se para outros locais ao longo das primeiras décadas do século XX. Porém, a partir de 1930, com o início da Era Vargas, o rádio, que vivia seu período de ouro nos anos anteriores à segunda grande guerra, e as preocupações com o controle de regime totalitário de Vargas culminaram na regulação e supervisão da radiofusão e imprensa e em pouca atenção à telefonia (VIANNA, 1976).

Essa pouca atenção durante a primeira Era Vargas teve reflexos na década de 1950, momento em que Rebelo manifesta-se em suas crônicas sobre o “brilhante” serviço prestado pela Companhia.

Rio de Janeiro, Quarta-feira, 29 de julho de 1953.

Alô, Alô

Está em discussão, isto é, em brilhante berreiro, na Câmara de Vereadores, o novo contrato com a Companhia Telefônica Brasileira, uma das mais brilhantes organizações da nossa amada pátria.

Há vozes clamando ou insinuando que os serviços telefônicos devam passar para a Prefeitura. É uma nota nacionalista de elevado propósito, mas que não seria mais atrasar ainda um pouco, já que a nossa Missão não estaria em condições técnicas de suportar o encargo de uma administração tão complicada. Já temos a experiência, falemos franco, da City. Enquanto era uma companhia particular, nossos esgotos estavam em ordem, as formalidades eram mínimas, o assunto funcionava. Passou para a Prefeitura e pobres de nós, nunca mais houve sossego em águas e esgotos.

Não se trata, positivamente, de incompetência nacional. Trata-se de nossa incompetência burocrática. Enquanto não a tivermos, enquanto nosso sistema

burocrático não for simplificado, racionalizado, praticável em suma, será impossível aos poderes públicos arcar com responsabilidades de caráter nitidamente comercial.

O que os senhores Vereadores cariocas deveriam exigir da Companhia Telefônica, como de qualquer outra Companhia Telefônica, como de qualquer outra companhia encarregada de serviços públicos, era decência nos seus propósitos e não contratos capciosos, unilaterais, com mil alçapões para fugir às responsabilidades e às obrigações. Que a Companhia Telefônica Brasileira queira ter lucro nos seus negócios é mais do que lógico. Ela não formou capitais para atos de benemerência ou filantropia. É uma empresa comercial e tal como o mais modesto botequim não tem o menor interesse em oferecer sua mercadoria de graça ou com prejuízo. O que precisaria é que nos oferecesse um serviço à altura do preço que cobra. Os senhores Vereadores têm poderes bastantes, não se façam um dia ingênuos, para forçar a Companhia Telefônica ou qualquer outra companhia a oferecer contratos honestos e honestamente cumpridos. O resto é conversa de telefone.

Observa-se que a ironia nessa crônica é evidente. Logo nas primeiras linhas o emprego dos adjetivos brilhante e amada. A discussão na Câmara dos Vereadores é um berreiro, em outras palavras, é uma gritaria, todos falam, ninguém entende. Nota-se um posicionamento contrário à ideia de a Prefeitura assumir o serviço telefônico, uma vez que o sistema de água e esgoto nas mãos dela não funciona do modo como deveria.

No terceiro parágrafo, em tom argumentativo, o cronista aponta a incompetência burocrática como responsável pelos problemas acarretados. Nota-se que seria impossível *aos poderes públicos arcar com responsabilidades de caráter nitidamente comercial*. A pergunta que se faz é: quem burocratiza o sistema não é o serviço público? Assim, entende-se que a crônica aponta a incapacidade de um órgão público, como a prefeitura, gerir um sistema de caráter comercial, como o serviço telefônico.

Em tom conclusivo, o cronista aponta uma saída para o problema, a saber: exigir contratos da Companhia Telefônica, e não apenas dela, mas de todas as que oferecerem serviço público, que deixem claro que obrigações devem ser cumpridas, de forma honesta.

Já mencionado em outras duas crônicas, o mau serviço da Companhia Telefônica aqui é lembrado pela necessidade de se oferecer aos usuários “*um serviço à altura do preço que cobra*”. Nessa crônica, maior evidência é dada aos trâmites sobre uma possível passagem da gestão da Companhia para as mãos da prefeitura e que não haja ingenuidade por parte dos vereadores para que a honestidade possa, de fato, existir.

Nesta seção, um conjunto formado por 7 crônicas publicadas entre janeiro de 1952 a julho de 1953, tiveram seus fragmentos analisados. Para longe de serem comentários críticos sobre os problemas apontados, são narrativas e reflexões a respeito de acontecimentos do período em que circularam. O tom do autor não é sensacionalista, quando se volta a apontar a alta de preços de produtos de primeira necessidade, uma vez que ele busca, por meio de recursos da linguagem, dar vida literária à matéria narrada.

À exceção da crônica “Ano novo”, em que se tem uma linguagem mais lírica, com a construção de imagens delicadas sobre a esperança que o novo ano desperta nas pessoas, ainda que seja apenas esperança, as demais crônicas são mais ácidas e, por meio da ironia e de outras figuras, o autor toca em pontos que vão da falta de qualidade do cinema local, como em “Falta desculpável”, até a ineficácia do serviço telefônico e a ausência de produtos de primeira necessidade e, quando disponíveis à venda, os preços são exorbitantes, como se viu em “Sofri Demais”, “Parágrafos da miséria dourada”, “Matéria urgente”, “A vida que a telefônica nos dá” e “Alô, Alô”.

A ironia serve para tecer críticas a questões bem pontuais tratadas em cada crônica; o autor soube empregar essa figura de forma eficaz, dando à linguagem nuances de humor, de crítica, de análise da realidade. Na próxima seção, as críticas sociais ao governo, traços muito significativos de suas crônicas, são analisadas, de modo a ressaltar como o autor engendrou essas críticas num periódico de apoio ao governo por parte do jornal.

3.2 CRÍTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS NAS CRÔNICAS DE REBELO

Não é novidade dizer que, ao escrever um texto literário, raras vezes o autor consegue fazê-lo de modo a não apontar problemas que permeiam a sociedade. Em alguns textos, a intencionalidade se concretiza de modo acentuado, em outros, mais leve. Fato é que a obra literária, seja ela romance, crônica, conto, poesia, drama, está impregnada de aspectos que apontam para a realidade social em que está inserida (PEREIRA, LOPES e LIMA, 2010).

O estudo do texto literário pode convergir para vertentes diversificadas, a exemplo do que se fez na seção anterior, em que se procurou apontar a presença da ironia nas crônicas. Nesta seção, prima-se pela análise de crônicas em que o tom de

denúncia, relacionada a questões políticas e sociais, é latente. À luz de Antônio Candido (2014, p. 34), verifica-se que se pode falar na existência de uma relação dialética, formada por sociedade – arte, pois “vendo os problemas sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas.”

Assim, nesta seção, ao se optar por destacar as questões sociais presentes nas crônicas, não se deseja menosprezar o caráter estético que enfatiza o estilo do autor na construção do texto literário, mas se interessa, em primazia, pela origem social do fato narrado, a apontar a relação do texto literário com o tempo em que foi produzido. Essa escolha se justifica porque a crônica é o texto elaborado a partir de um contexto; e texto e contexto permitem uma “interpretação dialeticamente íntegra” (CÂNDIDO, 2014, p. 13), haja vista que ao se realizar a análise pelo elemento social, pode-se identificar:

a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística estudado no nível explicativo e não ilustrativo (CÂNDIDO, 2014, p. 16-17).

Em outras palavras, pode-se perceber aspectos da política, da cultura, da cidade etc. tratados nas crônicas. Situar a escrita historicamente - ousa-se dizer - é necessário, quando se lê a crônica “Abrem-se as aulas”, descrita a seguir.

Rio de Janeiro, Quarta-Feira, 5 de março de 1952.

Abrem-se as aulas

O caso é para se dar pêsames – reabrem-se os colégios para um novo ano letivo. Isto é, a nação assistirá a mais um período oficial de fria, criminosa analfabetização em massa.

Como única diferença do ano anterior: as taxas aumentaram e não pouco. A estupidez educacional continuará a mesma, graças a Deus, que é brasileiro e só por este milagre continuaremos com o nível cultural acima das tribos mais desfavorecidas dos sertões africanos.

O número de comentários desfavoráveis aos nossos processos educacionais que tem aparecido nas páginas da imprensa, com um grito de desespero, já é tão grande quanto o número de peixinhos no mar. Os resultados dramáticos – para se usar um adjetivo muito empregado agora na crônica futebolística – dos exames de admissão, quer aos cursos secundários, quer aos cursos superiores, quer ainda aos cargos que requerem concurso, têm sido divulgados da maneira mais sensacional como o exemplo mais vergonhoso e patente da precariedade, ou inutilidade do nosso

ensino, baseado no mais pernóstico estatuto que a humanidade já viu estampada em letra de forma.

E, no entanto, o governo mantém-se alheio a toda esta espantosa calamidade como se o nosso ensino constituísse a maravilha das maravilhas e cada colégio fosse uma fábrica de sábios.

Não é preciso ser muito inteligente para compreender que, depois de quinze anos de reforma educacional, os resultados, cada ano mais evidentes, mostram às autoridades que as coisas educacionais estão positivamente erradas.

Se, ao menos, por uma esquisita lei de compensações, o ensino que o governo implanta na sua lei econômica fosse garantido, ainda bem, porque a cavalo dado poderia se dizer que não se olham os dentes. Mas o diabo é que não é gracioso, pelo contrário, é pago. E pago caríssimo. Ter seu filho hoje no colégio constitui hoje um privilégio que bem poucos pais desfrutam sem um grande sacrifício. E, como o material escolar acompanha o absurdo das taxas, ostentando preços maiores do que de joalherias ou casas de frutas, eu gostaria de saber como se arranja um pobre homem que tem três filhos e que deseja, como qualquer pai, que seus filhos frequentem colégios, mesmo que seja para não aprender nada, apenas por uma tradição.

As notícias que se vê hoje circular quando o ano letivo se inicia, em geral, têm um tom bastante otimista, mostram-se escolas reformadas, entrevistam-se alunos animados e diretores com falas pontuais a apontar o que se espera do novo ano. Já Rebelo para anunciar o início do ano letivo de 1952 faz o inverso, pois lamenta a perda de mais um ano em que o ensino servirá de base para a formação de analfabetos¹⁷. Além disso, muitas são as alfinetadas presentes na crônica no que tange ao sistema educacional brasileiro, que, à época, havia passado por reformas, uma vez que:

No ideário desenvolvimentista da época, a disseminação da educação era considerada condição indispensável para o avanço tecnológico do

¹⁷ Oposto ao que ocorre no primeiro governo de Vargas, em que se constitui o Ministério de Educação e Saúde em 1930, com Gustavo Capanema à frente por 11 anos (1934/1945), o segundo governo de Vargas “não despertou nos analistas o mesmo fervor ao tratar da educação. Desapareceram os problemas? Teríamos avançado o suficiente com tantas medidas estruturais promovidas no período anterior? Os dados do IBGE não nos confortam nessa direção. Pelos dados do Censo Demográfico de março de 1951, a população brasileira era então de 51.944.397 habitantes. A população em idade escolar, de 5 a 9 anos, era de 7.015.527. O número de matrículas no ensino primário totalizava 5.175.887. Mas o Censo mostra mais. O número total de matrículas em todos os graus de ensino somava 6.118.842. Este número considera todos os níveis, do primário ao superior, para uma população em idade escolar (de 5 a 19 anos) de 18.826.409. A taxa de analfabetismo era da ordem de 52%. Educação continuava sendo, portanto, um grande problema no início da década de 1950, conhecida na história brasileira como a década do desenvolvimentismo. A aura desenvolvimentista expunha com mais nitidez a precariedade educacional dos brasileiros. O segundo governo Vargas, conhecido pelo impulso nacionalista ao desenvolvimento, ficou devendo muito, se o que estiver em pauta for a educação. E quase não se fala de educação nesse período. São tão silenciosas as fontes que, se quiséssemos, poderíamos resumir estas notas à criação de institutos e instituições de administração superior que, de fato, impulsionaram o projeto institucional do país”. (BOMENY, Helena. **A Educação no segundo Governo Vargas**. CPDOC. FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. S/D. S/P. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/ElieVoltou/Educacao> Acesso 30 abr. 2017.)

país e para a incorporação de grandes contingentes da população, recentemente migrados do campo, à vida social e política, mediante a aquisição de novo *modus vivendi* e a escolha dos representantes pelo sufrágio universal (BARRETTO; MITRULIS, 2001, p. 01).

Na visão do cronista, esse avanço da população não acontece, pois ao invés da formação educacional promover intelectualmente, gera o analfabetismo em massa. Apontam Barretto e Mitrulis (2001) que os índices de retenção apresentados na década de 1950, no país, eram os mais elevados da América Latina, no caso do ensino primário, currículo obrigatório da legislação vigente, os índices chegavam a 57,4%, dados que sustentam a crítica do autor.

Havia um projeto político de formação de mentalidades que ganhava sustento com a educação, mas tal projeto se deparava com problemas sociais advindos da industrialização crescente, com o monopólio estatal da escolarização, com a demanda por escolas técnicas e profissionais, com os princípios da laicização do ensino, da escola única e gratuita para todos (BARRETTO; MITRILIUS, 2001) e, frente a esse contexto, o cronista organiza sua crônica, pontuando os percalços pelos quais passa a educação.

Os impostos, mencionados no texto como “taxas”, subiram, mas não o nível de ensino, pois, conforme a crônica, nossos estudantes estarão com conhecimento cultural mais elevado que aquelas pessoas das tribos africanas mais desfavorecidas. Nota-se, por certo, que a frase é sarcástica, porque se deseja, por meio da linguagem, provocar alguém com palavras. O sarcasmo é, pois, uma forma mais contundente da ironia em que há o intuito de escarnecer de uma situação ou de alguém. Vale dizer que se entende que a provocação não se volta ao estudante, tampouco a sua família, mas sim aos que ocupam cargos elevados e permitem que o sistema educacional não tenha qualidade e, ainda, aos que, face às transformações sociais pelas quais o Rio passou nos últimos 15 anos, não agem em função de promover uma reforma educacional.

E não é apenas o cronista que aborda criticamente o assunto, pois ele afirma que *“O número de comentários desfavoráveis aos nossos processos educacionais que tem aparecido nas páginas da imprensa, com um grito de desespero, já é tão*

grande quanto o número de peixinhos no mar.” O comparativo com os peixes mortos diz respeito ao fato de estar, à época, ocorrendo morte acentuada de peixes¹⁸.

Em que pese o fato de não mencionar nenhum nome para ser o responsável dos males do sistema educacional, entende-se que a palavra governo compreende o governo federal, uma vez que as escolas, não importasse o nível de ensino, eram responsabilidade dele, não cabendo às prefeituras essa responsabilidade. Ao enfatizar, portanto, que *“o governo mantém-se alheio a toda esta espantosa calamidade como se o nosso ensino constituísse a maravilha das maravilhas e cada colégio fosse uma fábrica de sábios”*, Rebelo interpreta a realidade num momento em que havia uma inadequação entre as demandas e o currículo.

Pontua Werebe (1994) que os anos de 1950 contavam com uma legislação elitista no que se refere ao acesso à educação, o caminho até a universidade era delimitado por estamentos, dispostos pela Lei Orgânica que pertencia à década anterior, mas que estava em vigor, em que pese as transformações sociais.

A respeito da Lei Orgânica ainda em vigor à época da produção da crônica, Rebelo a menciona de forma indireta ao frisar que quinze anos depois de uma reforma educacional, necessária se faz outra, uma vez que o contexto nacional é efetivamente outro.

No último parágrafo, o cronista fecha sua crítica pontuando que nada é gratuito, paga-se pelo ensino e, o pior, por um ensino que não é eficaz, como bem apontam os dados de reprovação em concursos para a admissão nos casos em que esses se fizerem necessários.

Renato Cordeiro Gomes (2008) comenta que há na escrita de Rebelo a busca por uma construção crítica que permita legibilidade ao Rio de Janeiro, a visão singular do cronista visa à construção de uma visão real da capital do país, a essência da cidade não se constrói por meio de elementos de beleza contemplativa, mas sim pelo despertar para a representação de uma realidade que não se quer, e nem é, panfletária.

Se em “Abrem-se as aulas” o nome de um responsável foi omitido, isso não ocorreu na crônica “Bancárias”, disposta na sequência.

¹⁸ Os jornais vinham ventilado em notícias a morte dos peixes, mas o ponto máximo de circulação desse acontecimento foi em início de abril de 1952. Rebelo dedicou o espaço da coluna “Conversa do Dia”, de 7 de abril de 1952, para a crônica “A morte dos peixes”.

Rio de Janeiro, Segunda-Feira, 21 de julho de 1952.

Bancárias

O ministro Horácio Láfer, o tal que restringiu a importação de papel estrangeiro, cinco vezes mais barato que o nosso, para a fabricação do livro nacional, mostrando por tal medida ser adepto esclarecido do aumento da nossa já bastante demasiada ignorância, é adepto também esclarecido do aumento da subnutrição, da tuberculose, do desajuste doméstico, do farrapo como roupa, do barraco como habitação, do golpe como processo de vida.

Pelo menos é o que se depreende da sua posição contrária ao aumento de vencimentos dos bancários, uma das nossas classes mais desfavorecidas, alegando que o Grupo não poderia atender a essa pretensão, pois que viria encarecer ainda mais o custo de vida, como se fosse possível que a política do nosso ilustre Ministro ainda pudesse encarecer mais o custo da vida.

É possível que o dinâmico industrial paulista, que foi líder parlamentar do Governo do esclarecido General Dutra, seja pessoa das melhores intenções financeiras e antiflacionistas, pois de outra maneira, aliás, não se admitiria que um capitalista retrógrado ocupasse por tanto tempo a direção da pasta dos dinheiros públicos dum Governo que se diz trabalhista ou que, pelo menos, foi eleito por uma maioria trabalhista.

O que se pergunta, e nesta pergunta vai um mundo de delicadeza e coerência, é o que tem o Ministro das Finanças com o aumento dos bancários? Por acaso o aumento pretendido sairá dos cofres do seu Ministério, da caixa das suas indústrias, ou do bolso particular de sua Exa.? Não. Todo mundo sabe que não, até o Ministro, Sal dos próprios bancos. E se formos dizer que os bancos não poderão aguentar o justíssimo aumento pleiteado e tão tenazmente recusado, é melhor contar essa história a uma criança de dois anos, pois só uma criança de dois anos cairá no conto de que os bancos não sejam um bom negócio para os banqueiros. De outro modo, não haveria tantos bancos de porta aberta, luzindo mármore, pagando luvas astronômicas, anunciando caro pelos jornais. Nem os banqueiros, perdão, praticaram uma vida tão elegante e tão focalizada nas sociais.

Atuando ao lado de Vargas desde o início da vigência do Estado Novo, Lafer ocupava o cargo de Ministro da Fazenda e, desde a sua nomeação em 1951, no dia da posse de Vargas, em sua fala sustentava que o objetivo principal era combater a inflação. No entanto, conforme se viu no primeiro capítulo e na crônica “Parágrafos da Miséria Dourada” – analisada na seção anterior – a alta de produtos, sejam eles de primeira necessidade ou não, era acentuada. Porém, à medida que se ajustavam para mais os preços, os salários mantinham-se para menos.

Em “Bancárias”, especificamente, o cronista discorre sobre a posição contrária do Ministro quanto ao aumento de salário dos bancários. Para tanto, Rebelo, já no primeiro parágrafo, refere-se ao tal ministro com tom crítico e irônico a chamar a atenção do leitor para o fato de que as ações de Lafer não condizem com sua fala

antiinflacionista, haja vista não bastar negar a entrada de papel estrangeiro¹⁹ para a fabricação do livro, encarecendo o produto, também é preciso não oferecer condições de vida digna aos bancários.

Na sequência da crônica, cujo tom mostra-se irônico, o cronista pontua que o Ministro está há muito no cargo, inclusive durante o Governo de Eurico de Gaspar Dutra (1946-1951), ele também ocupou o cargo, o que reforça ainda mais a ideia de sua ineficácia para tal função. Para finalizar a crônica, os argumentos do cronista permitem entender o raciocínio que ele percorre, a fim de pontuar tudo o que envolve a situação.

Assim, verifica-se que, com essa crônica, várias são as feridas tocadas por Rebelo. Primeiro ele pontua a proibição do papel importado para o uso de impressão de livros no Brasil, ação voltada aos interesses da empresa da família de Lafer, hegemônica no setor de produção de papel do país. Segundo, ele questiona de quem seria a responsabilidade do pagamento dos bancários, a saber, os bancos. Verifica-se que ele se refere ao luxo das edificações bancárias para apontar que os proprietários de tais instituições lucram com elas. Desse modo, ao se ler: *“De outro modo, não haveria tantos bancos de porta aberta, luzindo mármore, pagando luvas astronômicas, anunciando caro pelos jornais. Nem os banqueiros, perdão, praticaram uma vida tão elegante e tão focalizada nas sociais.”*, interpreta-se que as expressões “mármore”, “vida tão elegante”, “anunciado caro pelos jornais” são elementos figurativos que corroboram o sentido da crítica apontada na crônica em relação à vida luxuosa dos banqueiros. O cronista, ao empregar tais expressões, constrói uma comparação entre o lucro recebido pelos banqueiros e a má remuneração dos bancários.

Na visão de D’Áraújo (1992, p. 6), o governo Vargas era permeado por inúmeras contradições e uma delas dizia respeito “ao crescimento dos grandes em detrimento à estagnação do povo, em que pese ser um governo populista, suas ações eram burguesas”.

Ao olhar para a condição dos bancários, quanto à negação do aumento de salário, Rebelo tocou em pontos mais profundos que envolviam a política nacional.

¹⁹ Faz-se importante mencionar que a família de Lafer, à época, era proprietária da Klabin-Lafer, maior fabricante de papel no país.

Já em “Cartões-postais”, nenhum ministro é diretamente mencionado. O olhar do cronista se expande para além do Rio de Janeiro, mas vai igualmente encontrar motivos para que sua escrita tenha nuances mais críticos que líricos.

Rio de Janeiro, Sexta Feira, 8 de Maio de 1953.

Cartões-postais

RIO - Entrou no bar e atirou o lenço em cima da mesinha:

- Vinte mil! De seda.*
- Dou cinco.*
- Não brinca com mercadoria!*

SÃO PAULO - Nós temos o Jardim América, o Pacaembu, o edifício do Banco do Estado...

- Nós temos o Corcovado e o Pão de açúcar.*
- Mas o Corcovado e o Pão de açúcar não foram feitos pela mão do homem.*
- Sim, mas Deus é muito mais importante.*

CAMPO GRANDE – De avião, muitos mistérios se desvendam – os rios aprenderam a fazer curvas com as cobras.

CUIABÁ – Às quatro da manhã os sinos acordam, indiferentemente, católicas e ateus.

CÁCERES – Na rua sem ninguém, fora o pó sob o sol escaldante, o convite era invencível. Entrei no "Ao anjo da Ventura" para comprar lâmina gilete. Não havia.

FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA – O rio rola seu curso como jiboia, levando árvores e ilhotas de capim, sob o céu azul ardente.

Faço parte do silêncio que emana das coisas e que o voo do pássaro não perturba.

ARARUAMA – Tudo é salgado, menos a sopa.

RIO – Ele virou-se para a namorada e disse:

- Hoje, antigamente era feriado.*
- Que dia é hoje?*
- Tomada da Bastilha.*
- Ah, sim. Já passou uma fita com esse nome.*

RIO BRANCO – Ele tem um lugar em que ninguém pode atirar pedras no telhado alheio. Não há pedras.

ITACOATIARA – Não há solidão mais solidão do que o imenso rio transbordando. E, de repente, Itacoatiara. Os caboclinhos cercam o navio cestinhas para vender, de um trançado que parece couro de cascavel, se houvesse cascavéis roxas, vermelhas, verdes ou azuis como as ondas do mar que está longe.

Observa-se que o formato da crônica confirma a ideia do título. As frases curtas para se referir a cada cidade mencionada funciona como uma pintura em palavras do cenário observado. Vale pontuar que essa crônica foi composta a partir de minicrônicas que Rebelo publicou em *Cenas da Vida Brasileira*, em 1951, e objeto de estudo desta pesquisadora em sua dissertação de Mestrado. Inicialmente os

quadros foram publicados na revista *Cultura Política* do Departamento de Imprensa e Propaganda da Era Vargas, entre 1941 e 1943 e, posteriormente, organizados no livro.

Em “Cartões-postais” o tom desiludido frente à realidade das cidades brasileiras ganha nuance que vai do crítico ao humorístico.

Como um bom observador das práticas sociais citadinas e alguém que vê no Rio um retrato que caminha para além do glamour que gira em torno do Pão de Açúcar ou de Copacabana, a cidade é pintada, por assim dizer, a partir do comércio ambulante. O cartão postal do Rio é a vida comum sendo retratada como um sinônimo da realidade, a vida que acontece nos bares suburbanos, a vida que se conta na esquina.

Já a São Paulo retratada pelo cronista é a cidade das grandes edificações, a cidade que, à época, já prenunciava a importância econômica que ganharia nas décadas posteriores. Porém, ainda assim, a capital do país conta com edificações naturais que a sustenta como superior.

A capital do Mato Grosso do Sul não tem o avanço de São Paulo quanto a edificações, mas no que se refere à natureza, do alto, constata-se que há rios e cobras, mas estas são em maior número, pois ensinam aqueles a trafegar por elas. Nota-se uma hipérbole para se referir à região que na época era pouco povoada e com muita área verde e, além disso, brinca o cronista com a situação, uma vez que quem segue o curso do rio é a cobra e não o contrário, como aponta a crônica.

Cuiabá, no Mato Grosso, foi retratada a partir de seus sinos. Embora não seja ouvido apenas pelos fiéis católicos, tocar os sinos é uma atividade antiga cujo significado é bem representativo dentro da religião católica. O toque nunca é desprovido de intenção, para cada horário ele tem um significado. Os sinos “davam notícia de caráter não-religioso, estimulavam orações, chegando mesmo a estabelecer o momento em que todos deveriam recolher-se” (VENDRAMINI, 1981, p.49). Esses significados são lembrados por Bandeira, quando no poema “Os sinos”, alerta para as diferenças entre os sons reproduzidos por cada toque.

Fica claro, porém, certo incômodo com o toque do sino em um horário em que a cidade dorme. Ao descrever essa prática, a crônica aponta para um hábito que, à época, já estava se perdendo nas grandes cidades. Ao mesmo tempo, há a descrição do desconforto que é conviver com hábitos do passado, como se já não houvesse espaço para eles no mundo moderno. Assim, o que fica da capital mato-grossense é

o registro de uma prática religiosa arraigada na cultura da cidade, prática esta advinda do Catolicismo, que se impõe como soberano, acordando a todos na cidade.

O cartão-postal de Cáceres, no Mato Grosso, traz o registro de cenário de desolação e de abandono, de uma cidade sem vida, sem a agitação de transeuntes a que os olhos do cronista estavam acostumados. Tendo sido escrita pelo menos dez anos antes de ser publicada na coluna “Conversa do Dia”, a crônica registra a realidade dessas cidades interioranas. Realidade esta que pouco se modificou, sobretudo, quando se pensa na chegada de mercadorias disponíveis na capital federal, como é o caso da lâmina de barbear, cujo transporte até o interior do país era ineficaz, devido à quase inexistência de malha rodoviária para acesso a regiões mais longínquas.

Vale ressaltar a presença do nome da loja que tudo vendia, “Anjo da Ventura”, o mais importante mercado da região, uma espécie de armazém geral, mas que não tem em seu estoque a lâmina de barbear. O cronista é aquele que flana pela cidade e vê “*A rua sem ninguém, fora o sol escaldante*”, aponta ao leitor um quadro do atraso da cidade se comparada ao que oferecia a capital. Essa característica de mostrar o lado feio, por assim dizer, da cidade, segundo Candido (2006), acompanha o escritor da década de 1930. Ainda que Rebelo não se volte ao feio nos moldes que se encontra nos romances de 1930, em que a fome, a miséria e a morte acompanham as personagens, vale-se dessa característica para descrever as cidades que compõem “Cartões-postais”.

Na sequência, tem-se a menção ao Forte Príncipe da Beira, que é hoje a cidade Costa Marques, localizada em Rondônia na divisa com a Bolívia. Trata-se de uma fortaleza considerada a maior edificação militar portuguesa construída fora da Europa, durante o Brasil Colonial. Porém, a imponente edificação do passado é retratada como lugar de silêncio e abandono, que não reporta à ideia de que se trata de uma das maiores edificações da engenharia militar portuguesa.

Encadeando o quadro, tem-se o cartão-postal de Araruama, situada na região dos Lagos, a cidade ganhou em 1943 o Parque Hotel, prédio inaugurado por Vargas que, além de hotel, era também cassino. Em 1946, o jogo foi proibido no país, mas o hotel continuou em funcionamento até 1990.

É mister pontuar que, mesmo tendo sido publicadas originalmente as crônicas em um periódico do governo Vargas, Rebelo não se isentou de críticas, ao falar de Araruama, o pequeno cartão-postal, que soa sem intenção, mas pontua a questão dos

cassinos que, na primeira Era Vargas, eram espaços para se fumar bons e caros charutos, realizar altas apostas, ouvir música ao vivo. Os cassinos movimentavam altos valores, alçaram a carreira de muitos artistas e de uma pequena elite brasileira. Toda essa diversão custava um valor bem salgado. Daí o emprego do adjetivo “salgado” na crônica, a destoar do insosso sabor da sopa, que se interpreta como um produto mais em conta e que poderia ser comprado por uma pessoa que não pode frequentar o cassino, lugar onde metaforicamente há sabor.

Uma vez mais o cronista pinta na crônica um cartão-postal do Rio, fugindo é claro do que comumente se veria em um cartão-postal. Rebelo opta por pontuar a presença da cultura estrangeira dentro da cidade. Entende-se que, mesmo distante do período auge da exaltação da cultura estrangeira, a crítica do cronista tem lugar assegurado, num país em que o produto de fora tem mais valia que qualquer um que seja daqui.

A leitura da crônica menciona a Tomada da Bastilha, ocorrida em 14 de julho de 1789, a qual representa a passagem do poder, que sai das mãos da corte, clero e da aristocracia e vai para as mãos do povo e da burguesia. A data é comemorada pelos franceses e, portanto, nada tem a ver com o Brasil.

Porém, considerando que o Rio de Janeiro foi “o palco de influência parisiense” (RODRIGUES FILHO, 1986, p. 102) e o centro da vida político-cultural do país, que, no início do século XX, buscava um modelo de vida imitativo dos países europeus, em especial a França, entende-se que a referência ao feriado francês se dá por conta da herança da absorção de valores, fato que está inserido no contexto da *Belle Époque* (PESAVENTO, 2002).

A palavra “antigamente” marca a mudança, pois, à época, os ideais europeus que sustentaram a vida no Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX já não importavam. No contexto da crônica outra influência estrangeira tem vez, a do cinema. Essa influência, advinda quase que hegemonicamente dos Estados Unidos, com rapidez sobe os degraus da supremacia para se tornar a coqueluche do carioca. “Nunca um único sistema cultural teve tanto impacto e exerceu efeito tão profundo na mudança do comportamento e dos padrões de gosto e consumo de populações” (SEVCENKO, 1998, p. 602), como o cinema. E o cronista registra na crônica a presença dele no Rio de Janeiro. Supostamente, a fita referida na crônica pode ser o filme norte-americano *A queda da Bastilha*, de 1935, adaptação do romance de

Dickens: *Um conto de duas cidades* (1837). Pontua-se que a escrita dessa crônica ocorreu dez anos antes de sua publicação em “Conversa do Dia”²⁰.

Correndo seu olhar de pintor para regiões mais longínquas, Rebelo menciona a capital do Acre, Rio Branco. Localizada numa região hídrica e de solo argiloso, Rio Branco não era um lugar de fácil acesso, em especial quando se necessitava trazer produtos de outros estados para uma edificação. Por isso, o texto aborda a ausência de pedras.

Localiza-se também no Norte do país a cidade de Itacoatiara. E o cartão-postal dela pintada parece ter sido feito no momento em que o “pintor” atravessa o rio. Local marcado pela presença de muitas tribos, o registro do cronista confirma o que conta a história da cidade, a saber, lugar em que índios e caboclos vivem do comércio artesanal. A crônica finaliza-se com um tom saudosista, a mostrar que o viajante está nostálgico, com saudade do mar que banha sua terra, o Rio.

Ao ler essa crônica de Rebelo, verifica-se que o autor emprega a escrita para compor um retrato não convencional do que se espera encontrar em um cartão-postal de uma cidade; além disso, o cronista não faz somente uma descrição das cidades mencionadas, antes, porém, tem-se textos com acabamento estético e com interesse ideológico, fazendo saltar aos olhos aquilo que, não fosse a crônica, estaria deixado de lado.

Também foge do convencional a crônica publicada por ocasião do dia das mães, transcrita na sequência.

Rio de Janeiro, Segunda-feira, 11 de maio de 1953.

O dia das mães

²⁰ É importante frisar que no que se refere ao papel do cinema no momento de circulação da crônica na coluna “Conversa do Dia” já era outro se comparado com o da década anterior em que a crônica foi produzida, haja vista que, durante a década de 1950, a indústria cultural brasileira sofria com diversos entraves que impediam a realização de produções cinematográficas locais. Por conseguinte, a produção de obras com grande qualidade técnica. Um pouco antes dessa época, a indústria cinematográfica paulista viveu uma pequena fase de ascensão incapaz de consolidar a “sétima arte” no Brasil. Dessa forma, jovens intelectuais e artistas passaram a discutir um novo rumo para o cinema nacional. A primeira importante manifestação desse sentimento de mudança aconteceu em 1952, com a organização do I Congresso Paulista de Cinema Brasileiro. Nesse encontro, além de pensarem sobre alternativas para a incipiência da arte cinematográfica, seus integrantes se mostraram preocupados em se distanciar do prestigiado modelo ficcional do cinema norte-americano. Conforme se viu na seção anterior, a Rebelo não agradava muito a cópia do cinema norte-americano, mas as mudanças no cenário cinematográfico brasileiro ocorreram de forma morosa. Em 1955, o diretor Nelson Pereira dos Santos exibiu o primeiro filme responsável pela inauguração do chamado Cinema Novo. O filme “Rio 40 graus” que oferecia uma narrativa simples, ambientada em cenários que pudessem fazer um panorama da cidade do Rio de Janeiro.

A data que ontem se comemorou, em prosa e verso, na imprensa e no rádio, em cartaz pregado no muro ou em discurso em tribuna sempre mais colorido que os cartazes, assumiria características de muito mais importância e decência se a encarássemos do ponto de vista menos sentimental, sabendo que nada há mais falso do que o sentimental. Mas pelo visto, lido e ouvido parece que a esperteza do Sr. Júlio Louzada mora um pouco no coração dos homens.

Temos que pensar que às mães foi imposta uma função social mais importante do que a própria escola, do que as próprias casas hospitalares, pois além de educar a infância elas ainda têm sido obrigadas a manter a saúde dos seus filhos, vencendo uma série de dificuldades, entre as quais a busca constante do pão nosso; cada vez mais difícil, de cada dia.

E a verdade é que, na maioria dos casos, as mães são vendidas na luta pela manutenção da existência dos seus filhos. E a consequência é que mais covas se abrem e mais crianças vão adubar a terra dos mortos.

Mas a esperança é de que os filhos que exercem o poder, que fabricam leis nas câmaras e nos senados, que se sentam nas cadeiras administradoras, sejam menos políticos e menos ingratos e encetem a batalha ou conquista de melhores níveis de vida para a mãe brasileira, absolutamente desprotegida.

Não temos escolas que alcancem as necessidades da nossa população infantil; não temos curso médio gratuito e o preço da instrução é quase tão doloroso quanto o preço do aluguel da casa; não temos creches que possam acudir as mães trabalhadoras; não temos patronatos nem temos escolas técnicas que encaminhem as vocações juvenis e contribuam para a elevação do orçamento familiar; não temos hospitais bastantes para atender a imensa enfermidade que é o Brasil; não temos escolas de economia doméstica capazes de oferecer às jovens mães brasileiras os conhecimentos indispensáveis para assegurar a um lar uma economia perfeita inteligente; não temos revistas de orientação popular para as mães. Não temos nada. Temos "o dia das mães", no qual a subliteratura esparrama-se como enchente no Amazonas.

Ah, senhores filhos que mandam e administram esta pátria que é a vossa! Larguem a má literatura e a má oratória, larguem a má política e a hipocrisia. E trabalhem pela mãe brasileira! Vivendo em melhores ambientes, a mãe brasileira terá possibilidades de assegurar à infância uma completa realização e veremos baixar o nível alarmante de nossa mortalidade infantil e da criminalidade juvenil. E, então, não precisará mais haver "Dia das Mães". Todos os dias dos anos poderão ser dia das mães.

Desnecessário o cronista se valer de lirismo para tratar da figura materna porque isso já fora feito em demasia por todos os veículos de comunicação. Acredita-se que quem não conhece o estilo de Rebelo possa estranhar a objetividade que se vê logo nas primeiras linhas. Porém, é por meio de uma análise realista sobre a mãe e o dia a ela dedicado que o cronista constrói sua homenagem.

Nada que se aproxime do esperto estilo apelativo de Júlio Louzada²¹ e que adentre o coração das pessoas como um elixir para as dores do amor. No entanto, o

²¹ Famoso locutor de rádio, por meio século apresentou o programa diário "Ave Maria" às 18 horas, no qual recitava, com voz empostada, a oração da Ave-Maria. À época, havia no programa o quadro

que chama a atenção e se entende que assume tom emocional crítico no texto é justo a lista de necessidades das mães, figuras essenciais à sociedade, mas esquecidas por todas as esferas.

Em cada parágrafo da crônica, são citadas todas as carências pelas quais as mães pobres passam quando o assunto é a criação dos filhos. As dificuldades para pôr na mesa o alimento, cujo preço o torna mais difícil de conseguir. As dificuldades de cada dia. A ausência do alimento que faz do morro um lugar mais adubado, tendo em vista o número de crianças que morrem.

Vale pontuar que se observa com o emprego de *“E a consequência é que mais covas se abrem e mais crianças vão adubar a terra dos morros.”* uma similaridade com a construção machadiana: “Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos”. Em *Dom Casmurro* (2002, p. 13), no capítulo II, intitulado “Do Livro”, o narrador, Bentinho, mescla ciência e morte obtendo um tom irônico para falar da solidão em que se encontra, a resultar em um eufemismo tão gélido quanto a morte. Entende-se que, de igual maneira, Rebelo se vale da mesma ideia para pontuar a condição que cerceia mães e filhos do morro.

O fenômeno da mortalidade infantil é complexo e se pontua o fato de ser a mortalidade um indicador do bem-estar social. Nota-se que o cronista se refere especificamente à condição das crianças do morro.

A respeito da mortalidade, Bertolli Filho (2001) sinaliza que o cenário de mortalidade – não apenas infantil, entre toda a população – era espantoso. Em maio de 1953, foi criado por Vargas o Ministério da Saúde com a incumbência de combater doenças. No entanto, problemas significativos permaneciam devido à falta de verbas, a saber, funcionários qualificados; equipamentos médicos e postos de atendimentos. Bertolli Filho (2001) assevera ainda que, no período que compreende os anos de 1950 até 1960, o país amargou o seu momento mais trágico no que tange ao índice de mortalidade infantil, sendo superior aos números elevados da Primeira Era Vargas. Analisa-se a menção à mortalidade na crônica como fruto de uma reflexão do cronista que converge para suscitar, no mínimo, também uma reflexão por parte do leitor do jornal. Afirma-se isso porque o assunto é mais profundo do que seria um trecho com

“Pausa para a meditação”, momento de leitura de cartas de ouvintes pedindo conselhos sentimentais, os quais o radialista, como um analista sem divã, um consultor sentimental, ofertava graciosamente.

palavras sentimentais sobre aquela que sofre tendo diante de si o filho que carece de alimento.

Na luta pela manutenção da vida dos filhos, a vitória, na maior parte das vezes, aponta o cronista, foge das mães, as quais têm de lidar com a carestia dos produtos; a ausência de escolas que permitam ao filho uma formação que lhe torne também um contribuidor financeiro para o lar; a ausência de leitos para atender ao imenso número de enfermos. Porém, ironicamente, o cronista pontua o que as mães têm em mãos, ou seja, nada. E o que preenche esse “nada”, paradoxalmente, são os textos sentimentais, a subliteratura abundante que exalta de modo fugaz e superficial aquela que mereceria ser homenageada todos os dias, não com textos, mas com um contexto social digno para criar seu filho.

Para fechar sua crônica, Rebelo se volta aos administradores, chamando-lhes a atenção para que criem condições, a fim de que a mãe brasileira possa ser capaz de oferecer uma infância digna aos seus filhos.

Em “O dia das mães”, Rebelo usa a linguagem para externar sua visão de mundo, explicita-o e desvela-o sem encobrir as tensões a ele inerentes. Afonso Arinos de Melo Franco (1945, p. 58), ao falar sobre a escrita de Rebelo, pontua que ele “olha como ninguém, compreende como ninguém, e quando nos conta o que viu revela-nos a poesia, a tristeza e, por que não dizer, o patético daquelas vidas humanas, que mal perceberíamos sem ele”.

Se o tom argumentativo prevalece na crônica dedicada ao dia das mães, a escolha da narrativa marca a crônica “Final de notícia das Laranjeiras”, sem perder a essência crítica inerente ao autor.

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 17 de abril de 1953.

Final de notícia das Laranjeiras

O menino Sérgio não podia frequentar a escola pública por falta de vaga. Eis o resumo da nossa pequena novela que já teve três comoventes capítulos. E o caso veio parar às minhas mãos. Estas mãos, pode ser que sejam algumas vezes levianas, que cumprimentem outras que não estimem, que acenem adeuses que nada significam, que afaguem rostos que não amem suficientemente. Mas são costumeiramente diligentes, o que é sinônimo modesto de trabalhadoras. Imediatamente – portanto, elas se puseram em ação ligando para o Secretário de Educação da Prefeitura. O Secretário, que é um homem gentil, prometeu providenciar. Mas seguro morreu de velho com uma tranca na cabeça e assim sendo expedi

diariamente o pai da criança para a Escola Rodrigues Alves para que ele obstinasse na conquista da vaga para a alfabetização de mais um brasileiro.

Não sei em que escolas andou a diretora desse estabelecimento de ensino, nem em que métodos didáticos ela se aperfeiçoou. Mas a verdade é que não é fácil encontrar essa operosa senhora na escola que dirige. Eu sempre pensara que uma diretora ficasse no colégio para resolver os assuntos do colégio. De ilusões vive o homem cheio. Matei mais esta. Os assuntos das diretoras de colégio são sempre fora dos colégios. Terríveis peregrinações por secretarias, repartições, o diabo. Mas houve um dia em que a fatalidade fez que o pai do menino e a diretora se encontrassem. Nada feito, porém. A vaga continuava impossível. Falava que o secretário ia fazer um barracão no quintal para abrigar os excedentes. Não compreendo que possa haver excedentes numa escola pública. Creio que quatro meses de férias são bastantes para se fazer cálculos e dotar a cidade de estabelecimentos em número capaz de receber o acréscimo da população escolar. Mas isto é estatística e sim de educação.

E como resultado o menino Sérgio de Alcântara continua analfabeto.

Se o episódio tem alguns laivos de humorismo, também os tem de dramaticidade. O menino Sérgio já está completamente desencantado de um dia poder aprender a ler. E queixou-se amargamente com a sua inteligência de oito anos:

– Assim eu não poderei ser médico ou professor.

Pensei em responder:

– Não serás médico. Sérgio, nem professor. Não serás nada. Serás apenas mais uma partícula do lixo humano: pasto da ignorância do crime, como milhões de brasileiros o são por culpa de brasileiros.

Mas, afinal, tive vergonha e acabei não dizendo nada.

Essa crônica é o desfecho de uma sequência de quatro crônicas anteriores sobre o bairro Laranjeiras, do Rio de Janeiro, que se passaria por rico e aristocrático. Na crônica de 13 de abril de 1953, “Notícias das Laranjeiras” o enredo se volta a descrever o bairro e seus moradores ilustres, citando, por exemplo, Cecília Meireles, Lúcia Miguel Pereira; o cronista pontua a grande quantidade de área verde, destaca a beleza das árvores nas ruas e o fato de lá não faltar água. Já na crônica “Novas notícias das Laranjeiras”, de 14 de abril de 1953, tem-se a apresentação do menino Sérgio de Alcântara, pobre, negro, filho de trabalhador que nunca frequentou a escola. Em que pese ter Alcântara no nome, sobrenome da família imperial, e viver nas Laranjeiras, a família do menino não conta com os seiscentos cruzeiros necessários para a compra do uniforme escolar para que o menino estude na escola pública e, muito menos, condições de pagar pela escola particular que há no bairro, cujo valor é em torno de quatrocentos cruzeiros mensais. Na crônica de 15 de abril de 1953, “Ainda notícias das Laranjeiras”, o leitor continua a ler sobre a saga do menino Sérgio que foi matriculado na escola pública Rodrigues Alves e, com a ajuda de vizinhos, obteve todo o enxoval necessário para o ano letivo. O interessante é que, no segundo dia de

aula, o menino retorna para casa cabisbaixo com um bilhete à mãe, no qual se lê: 'Não poderá frequentar a escola. Aguardar vaga.'

Na crônica de 17 de abril de 1953, tem-se o resultado da história, iniciada em 14 de abril. O menino Sérgio é metonímia de tantos outros meninos do Rio de Janeiro e do Brasil dos idos de 1950. Essa não é a primeira crônica que traz à baila um problema inerente à educação brasileira. Se em "Abrem-se as aulas" um problema pontuado foi a qualidade do ensino, em "Final de notícia das Laranjeiras" é a ausência de vagas para suprir a demanda educacional da educação básica que está na ordem do dia e, mais especificamente, quem são aqueles que ocupam as vagas. Há lugar nos bancos escolares da época para meninos como Sérgio de Alcântara? A escola pública não era para servir prioritariamente ao que não podia pagar pelo serviço educacional.

O aumento populacional da capital acentuava-se, assim como o processo de industrialização, trazendo com ele novas exigências e distintas configurações sociais, mas o número de vagas na escola primária, que à época compunha a educação básica, não aumentou. Nos anos de 1950, a taxa de analfabetismo no país caminhava para além dos 50% (LOURENÇO FILHO, 1965) e crianças com o perfil de Sérgio, o menino da crônica, ajudavam a compor esse alto índice.

A notícia sai de Laranjeiras, bairro em que, enquanto o Rio era capital do Brasil, abrigava as embaixadas, além do Palácio das Laranjeiras, residência oficial da Presidência²². Trata-se de um dos mais antigos bairros da capital fluminense, no qual, até 1938, funcionou a Companhia de Fiações e Tecidos Aliança, que levou muitos operários a residirem lá.

A crônica, que carrega no título a palavra "notícia", lembra mesmo, por sua estrutura narrativa, uma notícia, contemplando elementos característicos do gênero, o caráter informativo, a presença de personagens envolvidos na narrativa e o espaço em que ocorreu o fato narrado. Porém, longe de manter a neutralidade da linguagem, que, não é regra, mas, em geral, é imanente ao texto jornalístico, o cronista se vale a cada parágrafo de uma situação a ser criticada.

Sobre a relação entre notícia e crônica, Vázquez Medel (2002, p. 15) assevera que "as figuras do escritor e do jornalista (...) às vezes coincidem com a mesma

²² Construído entre os anos de 1909 e 1914 para ser a residência da família Guinle, o Palácio das Laranjeiras passou a ser, em 1926, por decisão de Washington Luís, a residência oficial da Presidência. Vargas, porém, em 1930, elege o Palácio do Catete como residência oficial.

pessoa”, dessa maneira, não se faz raro observar familiaridade entre a crônica e seu veículo. Claro que Rebelo não atuava como jornalista na *Última Hora*, mas estava inserido no universo jornalístico.

No primeiro parágrafo, o cronista situa o leitor apresentando o drama de Sérgio e a tentativa de ajudar a família a encontrar a vaga para o menino. Para tanto, recorre-se à autoridade local, que diz resolver a situação. Todavia, palavra dada não é palavra cumprida quando se trata de assunto que depende de ações ou pessoas políticas. Assim, apesar da palavra empenhada do Secretário de Educação da Prefeitura, é melhor falar também com a diretora. Tarefa extremamente difícil, uma vez que ela pode estar em qualquer lugar menos na escola que dirige. Nota-se que é o não-dito que faz dessa crônica muito mais argumentativa, ainda que sua estrutura se revele narrativa. Afirma-se isso porque o silêncio do cronista é preenchido pelo modo com que ele, valendo-se de tom irônico, critica o cenário que envolve a questão escolar tanto do ponto de vista de falta de vagas, quanto do ponto de vista da ausência da diretora no seu ambiente de trabalho.

Por fim, em discurso direto, apresenta-se a conversa com o menino Sérgio. Conversa esta que termina com o silêncio do cronista que nada tem a dizer frente à contestação do garoto que, embora tenha pouca idade, já consegue vislumbrar o seu drama.

Observa-se que, ao mencionar que o garoto de 8 anos já tem visão madura suficiente para conceber o país das poucas possibilidades em que vive, o cronista mostra que a situação é clara para todos, menos para as autoridades que de fato poderiam solucioná-la.

Acredita-se que vale dispor abaixo o texto da Constituição Federal em vigor à época, no qual se lê: “Art 130 - O ensino primário é obrigatório e gratuito” (BRASIL, 1937). Em que pese o amparo legal, Sérgio é voz uníssona em um país de líderes surdos quando o assunto envolve a população menos favorecida.

Por fim, deseja-se pontuar que outros assuntos foram tratados pelo cronista em forma de série, por assim dizer, como ocorreu com as quatro crônicas que partem, de maneira aparentemente despretensiosa, de uma descrição do Bairro Laranjeiras para tocar em problemas que dizem respeito aos moradores do ‘aristocrático’ lugar. Também em formato de série, tem-se três crônicas que analisam com olhar desiludido o filme nacional Tico-Tico no Fubá, a saber: a crônica de 5 de maio de 1952, “Notas Desafinadas Sobre Tico-Tico no Fubá - Primeiro Movimento”; a crônica do dia 6 de

maio de 1952, “Notas Desafinadas Sobre Tico-Tico no Fubá - Segundo Movimento” e a crônica do dia 7 de maio de 1952, “Notas Desafinadas Sobre Tico-Tico no Fubá - Terceiro e Último Movimento”.

Ainda que esta seção tenha se voltado ao aspecto das críticas apontadas por Rebelo em cada texto, o que está em jogo, de fato, não é o assunto da crônica, mas sim a concepção do texto e a realização da linguagem que nele se constrói. Longe de fazer críticas de modo panfletário, observa-se, em “Abrem-se as aulas”, “Bancárias”, “Cartões-postais”, “O dia das mães” e “Final de notícia das Laranjeiras”, que Rebelo se vale de construções criativas por meio das quais se nota o trabalho com a linguagem, para enfatizar não o que se diz, mas o modo como se diz, haja vista que é o plano expressivo do escritor o elemento a permitir que ele se diferencie no trato dos assuntos. Assim, mais do que noticiar, a crônica é uma possibilidade por meio da qual o autor apresenta sua impressão sobre os acontecimentos que cercam a vida do homem.

O cronista está entre o meio jornalístico e o literário, vale-se de assuntos que são notícias para realizar formas múltiplas e ricas de elaboração da linguagem. Ademais, tem ele liberdade para compor e esta é perceptível nos espaços do texto que são preenchidos pela sagacidade do leitor. Rebelo não perde a magicidade da elaboração, pois sabe que “o real não é meramente copiado, mas recriado” (SÁ, 1985, p. 10).

3.3 HUMOR, PAIXÃO, ADMIRAÇÃO E SENTIMENTO

Não é novidade dizer que no jornalismo brasileiro a crônica assume um papel peculiar. Não se trata de um gênero brasileiro, mas sim de um gênero que ganhou no Brasil características bem definidas que o distingue das crônicas que circulam nos jornais de outros países (POSSENTI, 2012), trata-se de composição breve que mistura elementos reais com ficcionais, valendo-se, para tanto, de artifícios linguísticos que dão ao texto poeticidade.

Assim, as crônicas, ora de maneira poética, com linguagem pontualmente lírica, ora de maneira irônica, em outras ainda com paixão ou humor para tratar de assuntos variados, tocam em questões presentes no cotidiano das pessoas.

Se os tons crítico e irônico foram ressaltados nas seções anteriores, nesta interessou destacar marcas que pendem mais para o lirismo e para o humor. Ainda há espaço para crônicas dedicadas à grande paixão de Rebelo, o América Futebol Clube.

Há muitas frases ditas por Rebelo que se tornaram conhecidas, mas por certo a que segue reforça a sua paixão pelo time: “Futebol não é diversão. É sofrimento. Por isso sou América” (TRAJANO, 2015, p. 125). Ainda que na crônica de 27 de novembro de 1953, Rebelo não mencione diretamente o time do coração, o assunto futebol é nela tratado com seriedade, uma vez que as mudanças no sistema de classificação para os times finalistas do campeonato atingem de forma negativa o América, já que, pela classificação que o time havia obtido nos dois turnos anteriores, ficaria de fora.

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 27 de novembro de 1953.

Campeonato de 1954

Estamos em véspera de um acontecimento inédito na vida futebolística dessa progressista e bem administrada cidade. Um tal terceiro turno no qual só tomarão parte os três primeiros colocados nos clássicos dois turnos, de que se constituía o campeonato carioca até então. E neste turno extra os clubes premiados entrarão com zeros pontos perdidos.

Mas os esforçados donos do futebol carioca estabeleceram ainda que o campeão desse turno suplementar e certame muito rendoso só ostenta o título de campeão da cidade se por coincidência for o mesmo clube que tiver chegado na cabeça nos dois turnos de classificação. Porque se tal não acontecer haverá uma melhor de três entre o campeão do turno extra e o vencedor dos dois turnos, e desses embates então sairá o esgotado campeão de 1953.

Como isso tudo é para ganhar dinheiro e divertir o público, que nesse tempo de crise e falta de tudo bem precisava de divertimento saudável como o futebol, venho sugerir à nobre direção dos esportes metropolitanos um plano mais completo e rentoso para o campeonato de 1954.

Poderá ele constar de dois turnos onde serão classificados oito clubes. Um terceiro turno virá e neste serão eliminados cinco clubes. Os três grêmios restantes se alinharão para um torneio triangular que terá o nome especial de quarto turno maratônico. Desse torneio serão classificados por fim dois grêmios que disputarão uma final em melhor de onze partidas. E caso o vitorioso não seja o clube que por coincidência venceu os dois turnos iniciais, o terceiro e o quarto, passar-se-á a esponja em tudo e haverá um outro campeonato no qual entrarão todos os clubes novamente e no qual, então, se apurará o legítimo campeão de 1954.

No primeiro e segundo turnos do campeonato de 1953, o América havia ficado em 6º lugar²³, com 12 pontos no primeiro turno e 14, no segundo. Flamengo, Fluminense e Botafogo eram os primeiros colocados nos dois turnos. Assim, por pontuação, outros três times seriam levados ao terceiro turno. Os seis classificados para o terceiro turno foram: Flamengo, que se sagrou o campeão carioca de 1953; o Fluminense, 2º colocado; Bangu, a surpresa, obtendo o 3º lugar; Vasco da Gama, 4º colocado; América, 5º lugar e, Botafogo, na lanterna, em 6º.

Entende-se a preocupação do cronista em relação ao terceiro turno como um certo medo, por assim dizer, de seu time do coração ficar de fora. Todavia, o que mais chama a atenção é o modo como ele aponta a certeza de que se trata de uma jogada rentável.

O papel que o futebol exercia à época era uma forma de expressão da sociedade brasileira (DAMATTA, 1982). A partir de Negreiros (1997), verifica-se que desde o final do século XIX, o futebol se tornou um caminho sólido a contribuir para a construção de uma identidade nacional, necessária em um momento político de transição do Império para a República. Já nas primeiras décadas do século XX, o esporte havia se transformado em grande paixão nacional. Grande e lucrativa.

Assim, conforme discorre o cronista, o terceiro turno nada mais seria do que uma forma de ganhar dinheiro. E já que o intuito era ganhar dinheiro, o cronista se vale da ironia para apontar um esquema, por assim dizer, mais “*completo e rentoso para o Campeonato de 1954.*” Na proposta feita por ele, oito clubes se classificariam para o terceiro turno. Então, desses oito, três ficariam para “uma espécie de quarto turno maratônico”. É evidente um tom exagerado para acentuar descontentamento em relação às regras postas e mais exagerada ainda é a proposta de que os dois melhores times fariam “*uma final em melhor de onze partidas*”, válida, claro, haja vista o interesse em lucrar com os jogos que lotavam os estádios cariocas.

E há ainda uma segunda possibilidade, se nada disso der certo, passa-se a borracha em tudo e se inicia nova campanha. Entende-se hiperbólica a sugestão de onze partidas para decidir o campeão, bem como a ideia de passar a borracha em tudo, sem ser por acaso, já que o emprego de qualquer figura retórica ou qualquer

23

Dados

extraídos

de:

https://futebolnacional.com.br/infobol/retrospectteam.jsp?code=9189F6DAE5574FF8677159C6E9440C76&team=107&lang=pt_br Acesso em 23 mai. 2018. Site atualizado em 25 de outubro de 2017. Acesso em mar. 2018.

tipo de recurso ou manipulação da linguagem tem finalidade persuasiva, expressiva ou o intuito de ampliar o significado ou a ênfase que o orador deseja incutir em seu discurso (REBOUL, 2001).

Mais do que isso, a opção por expressões hiperbólicas dá ao discurso o elemento do exagero para a construção de uma crítica. A função da hipérbole é:

fornecer uma referência que, numa dada direção, atrai o espírito, para depois obrigá-lo a retroceder um pouco, ao limite extremo do que lhe parece compatível com a sua ideia do humano, do possível, do verossímil, com tudo o que ele admite de outro ponto de vista (PERELMAN; OLBRECHTSTYTECA, 2000, p. 331).

Por fim, entende-se que a hipérbole é também figura ligada ao humor, e, no caso da crônica, tal figura faz rir ironicamente diante de um problema que não se pode resolver.

Felizmente, no futebol nem tudo é motivo de crítica; assim, o cronista deixa o lado alegre falar mais alto nessa crônica em que se observa a felicidade dele ao falar da sede do clube.

Rio de Janeiro, Terça-Feira, 19 de agosto de 1952.

Bandeira Vermelha

Ontem, começando a semana, falamos de coisas tristes, hoje, falaremos de coisas alegres – eterna balança da vida, gangorra dos nossos dias, contingência fatal do ser humano.

Cada um tem os seus amores e suas paixões. E em amor eterno e paixão desvairada eu me confundo ao tremular da bandeira vermelha. E no domingo estava mais vermelha do que nunca, no mastro da vitória, que fica na rua Campos Sales.

Que o glorioso campeão do Centenário é um clube pobre é fato sabido desde o tempo das fadas. Mas que sua pobreza chegasse ao ponto de não ter campo para disputar campeonatos, é tristeza que amargurava qualquer coração, quanto mais um coração americano. E há oito anos que isto se dava - vivíamos jogando em campos emprestados.

Que tivemos campos, tivemos. E ainda o tínhamos, mas que campo, meu Deus! Tão pouco campo que por galinheiro era chamado. Se um goleiro chutava a bola com mais força, o do outro lado tinha que estar de olho aberto porque suas balizas podiam correr risco. As arquibancadas de madeira tremiam como se tivessem malária, tremor de velhice e cupim, extremamente perigoso. As cadeiras gerais matavam de sol qualquer torcedor: e nas sociais em dia de jogo, não havia pescoço que não ficasse com torcicolo. E a barreira atrás enchia mais que as arquibancadas.

E veio a sentença fatal dos altos poderes esportivos. No campo americano, de gloriosa memória, não se poderiam efetuar jogos por não oferecer condições de segurança.

Deu-se então a largada a arranjar dinheiro para um campo decente. Como impunha a direção do esporte carioca e a honra do clube. Quantas pedras fundamentais foram enterradas só o sabem as estrelas do céu que têm conta igual. Quantos anteprojetos e projetos foram anunciados dariam para formar uma biblioteca. Mas continuava-se a disputar partidas fora de casa.

Houve um momento em que quase se apanhara um empréstimo na Caixa Econômica. Surgiu, porém, um coirmão, mais esperto e mais poderoso, e conseguiu um empréstimo dez vezes maior, mas que obrigava o América a ficar sem o dele. Domingo, contudo, pelejou-se novamente abrindo um campeonato. O que se fez para consegui-lo só Deus sabe e a prefeitura também. Calemos as suas deficiências, a sua pequenez, a sua pobreza ainda. É mau, mas é nosso. Nosso e aprovado pela direção dos esportes. Calemos também os gols que fizemos e nossas redes inteiras. Exaltamos apenas o dia americano em que se começou um campeonato jogando em nosso campo. Depois disso, quem nos dirá que não está próxima a glória de um campeonato, que nos tem fugido há quinze anos?

Ao ler “Bandeira Vermelha” é notável a alegria do cronista ao descrever a sede de seu time, o América; aliás a crônica já ganhou um título que reporta à bandeira do clube, a qual agora conta com um espaço novo para tremular no céu.

A motivação do cronista já é por ele apontada quando dialoga com o leitor esclarecendo que na crônica de “*Ontem, começando a semana, falamos de coisas tristes, hoje, falaremos de coisas alegres*”, fazendo referência à crônica “Dolorosas incompreensões da democracia”, em que o cronista critica a ausência de vereadores para a votação sobre a contratação de 150 professores para a rede primária. Não houve quórum, já que os vereadores faltaram à sessão. Mas a crônica do dia traz um tom alegre que faz vibrar a vida, as alegrias são as gangorras da vida, os momentos em que o pêndulo está propenso ao lado que faz pulsar o coração.

O América não era apenas o time para o qual Rebelo torcia, mas sua paixão, seu amor eterno. O homem sisudo, de cuja pena saíam palavras duras para apontar mazelas sociais, mostra-se em “Bandeira Vermelha” como o menino apaixonado que fala sobre a noiva, vestida de vermelho que dança ao vento. A noiva é a bandeira do América que, depois de longos anos sem uma sede decente, aprovada pela direção do esporte, agora conta com o estádio da Rua Campos Sales reformado.

O terreno da Campos Sales já pertencia ao clube desde 1911, mas devido às péssimas condições da estrutura, o time estava impedido de disputar jogos em casa, o que o deixava desfavorecido em relação aos adversários.

A empolgação para narrar a conquista da reforma da sede de seu time permitiu uma crônica com comparações engraçadas que comumente não circulam nos escritos de Rebelo.

Que tivemos campos, tivemos. E ainda o tínhamos, mas que campo, meu Deus! Tão pouco campo que por galinheiro era chamado. Se um goleiro chutava a bola com mais força, o do outro lado tinha que estar de olho aberto porque suas balizas podiam correr risco. As arquibancadas de madeira tremiam como se tivessem malária, tremor de velhice e cupim, extremamente perigoso. As cadeiras gerais matavam de sol qualquer torcedor: e nas sociais em dia de jogo, não havia pescoço que não ficasse com torcicolo. E a barreira atrás enchia mais que as arquibancadas.

As comparações brincam com as péssimas condições do estádio anterior valendo-se de termos que propiciam o riso, a exemplo de galinheiro, para dizer que o espaço era pequeno; o campo limitado que não permitia um chute com mais força; as arquibancadas que pendiam de um lado a outro; o cupim a corroer a madeira e o torcicolo para conseguir ver a partida. Assim, o humor é uma forma de revelar uma deficiência, ele se constrói por um viés crítico, uma vez que aponta os problemas que havia no antigo estádio, mas com tom brincalhão, o humor ganha ares críticos-reflexivos que se observam pela inversão e subversão da ordem vigente, foge-se da imagem tradicional para compor outra que aponta a deficiência, mas provoca o riso.

O tom de humor por trás da crônica regada de contentamento, que aparece na revelação da razão de tal alegria, pode ser notado também na ilustração que acompanhou o texto no jornal. Trata-se de uma caricatura de Rebelo, com a camisa de seu time, sentado na arquibancada, com os braços levantados em sinal de vitória ou comemoração, deixando subentendida a vibração depois de um gol ou de um jogo.

A composição da crônica como um todo denota um cronista agradecido pela conquista da sede pelo seu clube que enterrou muitas “*pedras fundamentais*” ao longo dessa caminhada até conseguir um campo decente. Não deixa de apontar que os andaimes do edifício não foram os mais fáceis de alçar até se chegar àquele momento em que são esperados novos tempos de alegria, em que o pobre time poderá sonhar em ser campeão.

Em “Bandeira Vermelha”, ainda que se note um tom diferente a revelar o humor e a empolgação do cronista, na estrutura da crônica predomina o aspecto narrativo com trechos argumentativos. Já em “Contribuição Renardiana”, chama

atenção a escolha do cronista por uma estrutura diferente, a crônica é organizada em tópicos, como se vê a seguir.

Rio de Janeiro, Sábado, 24 de maio de 1952

Contribuição Renardiana

1 – *“Para sustentar uma conversação na sociedade é preciso saber um montão de coisas inúteis.”*

2 – *“Quanto mais se lê, menos se imita.”*

3 – *“Não se deveria trabalhar senão à noite, quando trazemos em nós a exaltação de todo um dia.”*

4 – *“De vez em quando diga a verdade, a fim de que te acreditem quando mentires.”*

5 – *“Se há uma palavra indecente numa frase, embora seja esta sublime, o público não reparará senão na palavra indecente.”*

6 – *“Por que aceitar o juízo da multidão em política, quando não o admitimos em arte?”*

7 – *“Ao terminar uma discussão, chegamos à síntese de que não há nada mais particular que uma ideia geral.”*

8 – *“Não há amigos - há momentos de amizade.”*

9 – *“Não discutir nunca. Dizer só, secamente: Isto me agrada...Isto não me agrada...”*

10 – *“Existe o charlatão insignificante e o charlatão pomposo, que vale menos ainda.”*

11 – *“A vida está condicionada de tal forma que, frequentemente, o mais fraco é o mais forte e o mais louco é o mais engenhoso.”*

12 – *“Não basta ser feliz. É preciso que os outros não o saibam.”*

13 – *“Experimentamos um duplo júbilo ao ler alguma coisa boa, firmada por um mestre das letras. É ao júbilo de ler alguma coisa boa e o de comprovar que o mestre não é um palerma.”*

14 – *“Seria necessário recomeçar os estudos com nossa inteligência de trinta anos.”*

15 – *“No ofício de escritor, quando se ganha dinheiro antes dos quarenta anos, estamos perdidos.”*

16 – *“Há bons escritores e grandes escritores. Sejamos dos bons.”*

17 – *“Escrever é uma maneira de falar sem ser interrompido.”*

18 – *“A prudência não é mais que um eufemismo do medo.”*

Nessa crônica, Rebelo adota pensamentos e frases de Jules Renard (1864-1910), escritor e dramaturgo francês que se dedicava a observações psicológicas e literárias tão agudas quanto breves. O cronista estrutura a crônica sob a forma fragmentária de aforismos filosóficos em parágrafos numerados separadamente.

Em cada item disposto, tem-se uma reflexão sobre a sociedade, na crônica são pontuadas as futilidades das conversas rasas; são apontadas as deficiências

daqueles que são imitadores e reprodutores de discursos alheios, sem que, por meio da leitura, criem os seus discursos. Vale expor aqui uma frase dita por Rebelo: “– Consola-me o pressentimento de que o mundo não precisará mais de obras-primas” (TRIGO, 1996, p. 97) que vai ao encontro desse pensamento de que os homens nada leem e, ainda, corrobora a ideia de que aquilo que é indecente chama muito mais a atenção em um discurso do que o significado que se desejou dar ao texto. Em outras palavras, não há reflexão sobre o que é dito, apenas se extrai o superficial.

Em 18 aforismos, o cronista, ao estilo de Renard, faz uma análise amarga do pouco conhecimento das pessoas em relação à leitura, à arte, à política, bem como pontua a hipocrisia que circula na sociedade, na qual a verdade é rara de se encontrar. Num jogo entre ser bom e ser grande, o cronista deixa transparecer a concepção sobre a diferença entre ser um bom escritor e um grande, sendo melhor ser bom.

Assim, percebe-se que os aforismos escolhidos por Rebelo apresentam reflexões críticas sobre a problemática que ele encontra na sociedade – a pobreza de um olhar crítico para as questões de relevância, ou seja, uma sociedade que não possui maturidade para a construção de um pensamento crítico.

Observa-se, nesta crônica, a proximidade com a visão expressa por Machado de Assis acerca da sociedade ignorante que nada questionava e tinha dificuldade para entender certas situações. Em “O Alienista”, por exemplo, conto machadiano, a crítica gira em torno da aceitação das teorias por parte de uma sociedade ignorante que assiste a tudo e nada faz. Em *Dom Casmurro*, os dois primeiros capítulos zombam da capacidade intelectual do leitor para entender o apelido atribuído a Bentinho, o narrador, e o motivo que o levou a atribuir o título ao livro e o porquê de escrever as memórias.

Nota-se que Rebelo vê o Diário de Renard como sua Bíblia, usando as palavras do cronista que se lê na crônica de 2 de março de 1953, intitulada “O colunista adota um critério”: *“cada um tem sua Bíblia, e a minha é do Diário de Renard. Catava coisas nele, procurava traduzi-las com dignidade e antepunha às colheitas títulos que me pareciam sugestivos e explicativos”*.

O cronista, num dia longo e cansativo, apela para o mestre do gênero, como neste caso em que escolhe os pensamentos de Renard e coloca aspas, na certeza de levar aos seus leitores uma contribuição inteligente. Afinal, ele é um leitor e não imitador e *“Quanto mais se lê, menos se imita.”*

Grande leitor que era e, num bom sentido, um copiador para si das boas ideias e filosofias, aliás, como Machado de Assis, sabia aproveitar bem as ideias de grandes pensadores para construir suas reflexões, Rebelo é comumente comparado a Machado no estilo irônico de analisar a sociedade em suas crônicas. Uma sociedade fútil, a qual não tinha olhos para as questões políticas, financeiras e sociais que se apresentavam, tampouco buscava conhecimento para tanto, daí o fato de ele criticar enfaticamente o conteúdo dos discursos sociais, valendo-se dos pensamentos de Renard, na crônica do dia 24 de maio.

Nesse caso, o olhar do cronista coloca-se como superior, uma vez que ele tem essa percepção sobre a superficialidade que paira no ar, ao passo que os outros apenas se rendem a ela.

Há recorrência de crônicas em que se tem essa estrutura em aforismo, o que se verificou, quando da leitura das crônicas em que se observa essa incidência, é que o cronista elabora frases curtas, por meio das quais busca provocar uma reflexão sobre o assunto suscitado que, em geral, aborda a conduta do homem e suas relações em sociedade. Como exemplo, citam-se as crônicas “Conta-gotas alheio”, de 04 de junho de 1952, na qual os aforismos lembram ditos populares que dizem respeito à conduta humana, e “O Caçador de Imagens”, do dia 15 de maio de 1952, em que há aforismos com reflexões à moda renardiana sobre a criação de leis, nas quais também se observa a mesma estrutura.

Também se valendo de uma estrutura diferente, Rebelo compõe a crônica “Ao Senhor Prefeito” em formato de carta aberta, na qual traz à lembrança o aniversário da morte de Manuel Antônio de Almeida. Já se pontuou neste estudo que Rebelo tinha admiração pelo autor de *Memórias de um Sargento de Milícias*. Em 1937, a pedido do então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, Rebelo fez uma conferência sobre o autor, realizada na escola Nacional de Música. Seis anos mais tarde, o cronista publica o livro *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, e logo no início enfatiza o quanto Manuel Antônio de Almeida foi relevante para sua formação como leitor e escritor.

Rio de Janeiro, Segunda-feira, 24 de novembro de 1952.

Ao senhor prefeito

No dia 28 próximo, e eu estou escrevendo com cautelosa antecedência, passa-se mais um aniversário da morte de Manuel Antônio de Almeida, o extraordinário autor das "Memórias de um sargento de milícias", vítima de um naufrágio nas proximidades de Macaé.

Se houve na nossa Literatura algum nome que merecesse ser lembrado pela importância da sua obra é o de Manuel Antônio de Almeida. É realmente assombroso o aparecimento desse escritor, numa época saturada pelo espírito de Chateaubriand, Victor Hugo, Longfellow, Cooper e outros. Corajosamente rompendo com as convenções literárias vigentes, trouxe, pela primeira vez, qualquer coisa de novo e original para a nossa literatura, fenômeno que infelizmente muito poucas vezes foi repetido. Um sadio, simples e constante bom humor marca a sua obra, escrita despreziosamente na língua que o povo falava. Seus personagens são gente que vive sem indagar a razão das coisas, sem complicações, movendo-se no plano de uma existência puramente instintiva. Nada tem de convencional. São todos fixados do natural, são quase gente de carne e osso.

É curioso notar que no Brasil quem queira conhecer pormenorizadamente os nossos costumes e ambiente social do século XIX tenha de apelar sistematicamente para o depoimento dos visitantes estrangeiros. Só nos seus livros de viagens encontramos nós valiosos subsídios, porque os escritores patrícios nada nos mostram da vida real. Como única exceção temos Manuel Antônio de Almeida. Seu romance é um esplêndido manancial para quem quer conhecer o que foi a vida da cidade do Rio de Janeiro, dessa cidade que ele tanto amou, na época mais ou menos compreendida entre 1810 e 1850.

Desse escritor carioca, tão grande, o Rio de Janeiro parece estar esquecido. Entre os cinco mil logradouros públicos da cidade que lhe foi berço, não há nenhum com o nome desse seu grande filho, quando há nome de tanta gente sem importância, tanto forasteiro abestalhado, tanto político rampeiro, tanto poeta de meia tigela, tanto cavalheiro de indústria, tanto barão do Papa, tantas vagas donas Marias, donas Luízas, donas Zulmiras, e, mesmo, umas engraçadas ruas Alfa, Beta, Gama, enfim, todo um alfabeto grego num subúrbio bem pouco helênico da Central.

O senhor Prefeito, que não nos deu a honra de nascer aqui, mas que tanto estima esta cidade que tem sido o seu campo de trabalho, tanto assim que para sua beleza e grandeza já elaborou um extraordinário projeto 1.000 um pequeno gesto - o de colocar uma pequena placa com o nome de Manuel Antônio de Almeida num logradouro público da Capital. Seria um gesto de justiça que fazia, gesto que seria sempre lembrado, gesto de alta simpatia humana pelos que, como Manuel Antônio de Almeida, tanto amaram a cidade sem ser vereadores, tanto sofreram na vida pelo amor da arte, e tão alto subiram dentro dela, para a grandeza da pátria.

Dirigida ao senhor João Carlos Vital, gaúcho de Porto Alegre que foi prefeito do Rio de Janeiro de abril de 1951 até dezembro de 1952, a crônica ganha um tom de pedido singelo em favor do escritor que dedicou sua obra ao retrato da vida na cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

É evidente que o intuito da crônica é trazer a público um fato que, por certo, passará despercebido, mas há também outro intuito que se pode pontuar, trata-se de lembrar ao prefeito que homenagens são feitas a pessoas, cujo merecimento é questionável, e o escritor do século XIX, que mereceria tal homenagem, nem sequer tem uma rua com seu nome.

Assim, a crônica sugere ao prefeito um singelo gesto de colocar uma pequena placa com o nome de Manuel Antônio de Almeida num logradouro público da capital, para que não caia no esquecimento um grande escritor que tanto se dedicou à cidade.

O cronista inicia enfatizando que está escrevendo com “*cautelosa antecedência*”, visto que no próximo dia 28 se passa mais um aniversário da morte de Manuel Antônio de Almeida (esta edição foi publicada no dia 24). Destaca ainda que “*se houve na nossa literatura algum nome que merecesse ser lembrado pela importância de sua obra*” é o de Manuel, que surge numa época saturada por outros escritores denominados pelo cronista, rompendo corajosamente com as convenções literárias vigentes para trazer “*pela primeira vez qualquer coisa de novo e original para a nossa literatura, fenômeno que infelizmente muito poucas vezes foi repetido*”. Nota-se aqui a presença de um cronista admirado pela destreza do escritor e pela sua contribuição à literatura.

Na sequência, o cronista revela o fato que o encanta na obra do escritor que escrevia despretensiosamente na língua em que o povo falava:

Um sadio, simples e constante bom humor [...]. Seus personagens são gente que vive sem indagar a razão das coisas, sem complicações, movendo-se no plano de uma existência puramente instintiva. [...] São todos fixados no natural, são quase gente de carne e osso.

Observa-se que o cronista se encanta por tal naturalidade com que o escritor incluía em sua obra o cotidiano da vida real no Rio de Janeiro. Cotidiano que o cronista menciona no segundo parágrafo, ao fazer uma crítica refletindo que, ao procurar sobre “*nossos costumes e ambiente social do Século XIX*”, a pessoa tenha que “*apelar sistematicamente*” para depoimentos de estrangeiros, pois, somente em seus livros de viagens, encontram-se relatos da vida real no Brasil. Tal panorama exalta ainda mais a obra de Manuel Antônio de Almeida que seria uma exceção, um “*esplêndido manancial*” para quem quer conhecer o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, adiante, Rebello transborda em suas palavras a tristeza por notar que o Rio de Janeiro parece estar esquecido desse grandioso escritor carioca e

menção que dentre os “[...] cinco mil logradouros públicos da cidade que lhe foi berço, não há nenhum com o nome desse seu grande filho [...]”, embora haja outros tantos nomes “[...] sem importância”, sem a merecida homenagem ou até mesmo sem significado. A escrita detalhada desse panorama, ao qual é dedicado um parágrafo inteiro, deixa subentendida uma situação que seria lamentável aos olhos do cronista.

Por fim, o último parágrafo da crônica é destinado à solicitação do cronista ao senhor Prefeito.

[...] sendo espírito versado para os problemas da inteligência e para admiração dos grandes homens, bem podia juntar ao seu projeto 1.000 um pequeno gesto – o de colocar uma pequena placa com o nome de Manuel Antônio de Almeida num logradouro público da Capital.

Nota-se que, por meio de palavras sutis, o cronista faz um apelo ao prefeito para que seja racional e ganhe a empatia de homens por um gesto simples e, ao mesmo tempo, grandioso, e sugere o nome de Manuel Antônio de Almeida, sendo a pessoa importante que foi para a cidade do Rio, a quem deseja prestar uma homenagem póstuma e manter na memória das pessoas o nome desse escritor tão amante da capital. Essa atribuição seria, segundo o cronista, “[...] um gesto de justiça que fazia, gesto que seria sempre lembrado, gesto de alta simpatia humana [...]” pelos verdadeiros cidadãos daquela cidade, os quais o cronista coloca ao final da crônica, “tanto amaram a cidade sem ser vereadores, tanto sofreram na vida pelo amor da arte, e tão alto subiram dentro dela, para a grandeza da pátria”.

Poder-se-ia dizer que o tom característico irônico foi deixado de lado nessa crônica não fosse a menção ao “extraordinário” Projeto 1.000, elaborado pelo senhor prefeito. Trata-se do Primeiro Plano Integrado de Governo para o, então, Distrito Federal, que previa a construção de imperiosas obras e medidas: a saber: construção do Metropolitano; construção da Adutora do Guandu; desmonte do Morro de Santo Antônio; construção das Avenidas Radial Oeste, Perimetral e Norte-Sul; abertura dos Túneis Rebouças e Uruguai-Gávea; implantação dos serviços de Trolley-Bus; conclusão das Avenidas Brasil e Bandeiras e duplicação da Avenida Grajaú-Jacarepaguá; construção de 160 escolas primárias; construção de armazéns frigoríficos, silos, câmaras de expurgo, entrepostos em mercados de gêneros alimentícios; execução de serviços para resolver o problema das enchentes;

construção de hospitais-sanatórios, com capacidade para 2 mil leitos, e construção do Palácio da Municipalidade.

O grandioso projeto não passou de projeto, haja vista que as obras, em sua maioria, não foram realizadas, virando chacota entre os cariocas. Duas dessas obras, a Adutora do Guandu e o Túnel Rebouças, foram concluídas 14 anos depois. Menos de um mês após a publicação dessa crônica, o senhor prefeito, Joao Carlos Vital, foi demitido da prefeitura por conta de um projeto de lei tributária que desencadeou polêmica acentuada na imprensa, mas o descontentamento com sua gestão já vinha caminhando há meses. Na ocasião de sua saída, Rebelo publica a crônica “Milagres do Espírito Santo”, de 8 de dezembro de 1952, em que aponta a alegria do povo que já estava descrente de que o prefeito de fato passaria o Natal no seio de sua família. A saída do prefeito é atribuída, pelo cronista ateu, como um milagre muito bem-vindo, haja vista que o senhor Joao Carlos Vital servia para qualquer função, menos para governar a prefeitura.

Rebelo não é avesso à modernidade, mas vê com certa cautela projetos que muito prometem em termos de mudanças, mas ficam inacabados, destrói-se o que havia em prol do novo que não vem. Renato Cordeiro Gomes (2008) pontua que, para Marques Rebelo, a modernidade seria uma grosseira transformação da cidade, grosseira e desnecessária, uma vez o cronista lamenta o apagamento da memória, seja por meio das edificações que são derrubadas em favor de construir outras que reproduzam os novos estilos arquitetônicos, seja por meio do esquecimento daqueles que contribuíram para a construção de um espólio cultural brasileiro. É nesse sentido que a voz de Rebelo destoa daquela que anuncia euforicamente o progresso.

Fica evidente, ao final da crônica, o quanto gostaria que Manuel Antônio de Almeida permanecesse presente, mesmo já falecido, na memória do povo carioca, e mais, dos brasileiros. O título da crônica revela a quem o cronista escreve esta edição, reiterando a ideia de que a solicitação se destina “Ao Senhor Prefeito”. A ilustração que acompanha a crônica esboça Rebelo sentado em sua cadeira, escrevendo a crônica em uma folha de papel, com o livro de Manuel Antônio de Almeida ao seu lado, sobre a mesa, a apontar a presença do escritor de *Memórias* junto ao cronista.

Ainda é possível mencionar a questão estrutural dessa crônica e, concomitantemente, retomar a de 24 de maio, intitulada “Contribuição Renardiana”, a qual foi estruturada em aforismos, conforme se viu na análise e, ainda, a crônica

analisada na subseção 1 deste capítulo, “Parágrafos da miséria dourada”, e “Cartões-postais”, inserida na subseção anterior.

Afrânio Coutinho (1986, p. 135), ao se referir ao gênero, fez a seguinte pergunta: “Não será antes [a crônica] um gênero anfíbio que tanto pode viver na coluna de um jornal como na página de um livro?” Coutinho se refere às possibilidades de circulação da crônica, que é um gênero fronteiroço entre a Literatura e Jornalismo. Além dessa característica de veicular em canais diversificados, deseja-se enfatizar a diversidade da crônica no que tange à liberdade que o cronista tem para compô-la. O gênero ocupa também um lugar fronteiroço no qual se encontram a realidade, muitas vezes, seca e dura, e a leveza da imaginação. Pensar a crônica nos moldes que se pensam os gêneros clássicos, que, por séculos, reproduzem estruturas relativamente fixas, a exemplo do que se vê em sonetos, nos poemas épicos, nas tragédias, é vão.

Em estudo realizado durante o mestrado, a pesquisadora constatou que Rebelo escrevia suas crônicas com bastante liberdade quanto à forma. Ainda que o escritor, no que se refere à presença do tom realista se mostra mais próximo de autores do século XIX, como Machado e Manuel Antônio de Almeida, assim como Lima Barreto do início do século XX, do que modernistas como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, a forma de suas crônicas é múltipla, no sentido literal da palavra. Algumas lembram reflexões argumentativas ou impressionistas sobre um ponto de vista, como ocorre em “Contribuição Renardiana”; outras são cartas, supostamente direcionadas a um interlocutor específico, como se vê em “Senhor Prefeito”; outras são listas que vão apontar a alta de produtos ou a falta deles, como em “Parágrafos da miséria dourada” e outras, ainda, são cartões postais que mais desanimam o leitor a conhecer os lugares ali retratados que viajar por eles, como se vê em “Cartões-postais”.

O fato de circular primeiramente no jornal sugere que o cronista seja fiel à realidade, não apenas por estar a crônica lado a lado às notícias, mas também porque é comum o cronista empregar a primeira pessoa do discurso no singular – eu – para contar, descrever ou elaborar um argumento. Cabe, pois, esclarecer que nem sempre a crônica, enquanto texto ficcional, precisa estar presa à realidade, ser fruto da visão do cronista, o narrador da crônica, ainda que em tom confessional, pode ser – e muitas vezes é – uma construção do autor, porque os cronistas de renome com as quais se depara nossa literatura foram todos, antes de serem cronistas, grandes escritores.

Dessa forma, diante de “Ao Senhor Prefeito”, em que pese o fato de Rebelo ser assumidamente um admirador de Manuel Antônio de Almeida, é preciso olhar para a crônica enquanto texto ficcional construído a partir de recursos empregados, propositalmente, para causar um efeito sobre o leitor. De igual maneira, todo o conjunto de crônicas deve ser concebido como fruto do trabalho de um agente, por assim dizer, que faz do fato corriqueiro, de um dilema, de uma notícia, a matéria-prima para a literatura.

A crônica que circulou na *Última Hora*, em 19 de maio de 1953, intitula-se “Memórias”.

Rio de Janeiro, Terça Feira, 19 de maio de 1953.

Memórias

O lampião de querosene belga reforça a luz elétrica e estamos eu, o promotor, o dono do hotel e três hóspedes procurando matar a noite no jogo das cartas. Dois deles formam com o proprietário do hotel uma mesa. O outro que é um sujeito alto e triste, de fisionomia tosca, quadrada como a de certas imagens de madeira talhada por canivetes ingênuos, veio à cidade para enterrar um filho. Trouxe-o, por uma noite sem lua, dez léguas de canoa rio abaixo, para salvá-lo. Mas o médico nada pode fazer.

A medicina comporta dedicações, mas não comporta milagres. A terçã maligna pegara-o mesmo. Tinha três anos. Era o quarto que ele perdia, depois que comprara a fazenda num alto do São Francisco. Há quatro anos que ele era dono da fazenda, há quatro anos que lutava contra as águas do rio na defesa do seu gado e da sua pequena lavoura, há quatro anos que a morte o visitava para levar os seus filhos.

Agora não lhe restava mais nenhum. A fisionomia era imensamente sofrida, mas havia na voz, nas palavras, qualquer coisa que a gente não sabia se era resignação ou calada combatividade. Fotografara o defuntozinho, a pedido da mulher. O sino da matriz badalou duas horas seguidas pela alminha que deixava o mundo. Depois ele se meteu com a mulher no hotel na espera do navio que o levasse para cima. Mas os navios não passavam. E ele passa o dia todo da sala para o quarto, do quarto para a varanda, como uma pobre alma penada. A mulher pequenina, gasta, que devia ter sido bem bonita, acompanha-o com a humildade de um cachorro. Ele pousa a grande mão, áspera, calosa, sobre o ombro da mulher, puxa-a contra o peito (ela dá-lhe pelo pescoço) e ficam olhando o rio, mudos, sem movimento, como um grupo estatuário de infinita tristeza. Convidamo-lo para jogar.

– Venha. Distraia um pouco.

Aceitou. Sentou-se à mesa, e a mulher sentou-se ao lado tomando conta dos seus ganhos. E ele ganhava muito. Éramos, eu e o promotor, amplamente batidos. Não esquecia vaza. Guardava todas as cartas que saíam. Fazia escopas a três por dois, e quando ao fim de cada partida somava os pontos vitoriosos, esboçava um sorriso:

– Os senhores, dois doutores, apanhando de um matuto...

E era feliz, um pouco feliz.

Interessante pontuar que essa crônica se inicia pela descrição do ambiente, no qual a luz elétrica é insuficiente, mas ganha reforço do lampião de querosene, não um qualquer, mas um belga. O produto brasileiro, ainda que mais tecnológico, é inferior ao belga. Apresentado o ambiente, parte-se para a descrição do homem que será o protagonista do enredo. Um matuto de aparência desolada que acabara de perder o quarto filho para a malária, o último que lhe restara vivo. A descrição do homem faz sentir pena dele e de sua esposa. Tudo se passa no salão de jogos do hotel, no qual há seis homens jogando. Os jogadores, ao verem o homem imerso em sua tristeza, convidam-no para jogar.

O homem havia perdido o quarto filho, *“há quatro anos que ele era dono da fazenda, há quatro anos que lutava contra as águas do rio na defesa do seu gado e da sua pequena lavoura, há quatro anos que a morte o visitava para levar os seus filhos”*, o número quatro é recorrente para indicar a desgraça sobre o homem que, junto à mulher, aguardava a chegada do navio para voltar à fazenda no alto do São Francisco. Por ser recorrente na crônica, buscou-se compreender a simbologia em torno do número quatro, e se verificou tratar-se de um número ligado à razão e à objetividade.

E razão e objetividade tomam o espaço subjetivo da descrição melancólica e triste que se tem do casal em luto para apresentar o homem matuto que rouba a cena no jogo, ganhando todas as partidas.

Percebem-se dois momentos no texto, o primeiro em que o cronista usa a linguagem para maximizar a dor do homem e de sua esposa; a simplicidade de ambos; a escolha das palavras para a descrição dos sentimentos e fatos que permitem visualizar a situação ocorrida com a família. Já o segundo momento é de surpresa, dois homens da cidade perdendo para o matuto.

Raymond Williams (1989) conduz uma reflexão sobre as diferenças entre os espaços campo e cidade. Ainda que o autor tenha como objeto de análise os espaços ingleses, a reflexão por ele conduzida pode ser estendida a fim de compreender melhor o homem simples dessa crônica. Os jogadores são da cidade, lugar associado ao saber, às realizações, às comunicações, ao barulho, à mundanidade e à ambição. Já o matuto, homem do campo, segundo Williams (1989), no imaginário do homem da cidade, é o sujeito inocente, de virtudes simples. Enquanto a cidade é vista como o lugar dos grandes feitos, o campo é visto como o espaço do atraso, da ignorância e da limitação.

O homem simples percebe sua peripécia e conclui: “– *Os senhores, dois doutores, apanhando de um matuto...*”. Ao cronista só resta a observação de que naquele instante o homem era feliz, ao menos um pouco feliz. O tom humorístico dessa crônica acarreta sentimento de piedade em relação à situação do pai, mas da tristeza inicial do texto pouca sobra, o que permite inferir que as sensações humanas, sejam elas boas ou ruins, são fugazes. É importante esclarecer que essa crônica, assim como “*Cartões-postais*”, foi publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951).

Nas crônicas analisadas nessa subseção, “*Campeonato de 1954*”, “*Bandeira Vermelha*”, “*Contribuição Renardiana*”, “*Ao senhor prefeito*” e “*Memórias*”, procurou-se destacar o sentimento do cronista presente nos textos. A alegria de ver o time ter sua sede; o descontentamento ao ver o terceiro turno sendo proposto no final do campeonato carioca de futebol; a tristeza ao assistir a uma sociedade na qual o saber não tem relevância; a falta de memória do povo em relação a homens que, a exemplo de Manuel Antônio de Almeida, deixaram um legado constituído em palavras que permite conhecer o passado e, ainda, a descrição desolada do pai diante da morte do último filho.

Em meio à descrição desses sentimentos, o humor emergiu para expressar aquilo que não poderia ser dito de outra forma, como ocorre com a descrição da sede do América que, caindo aos pedaços, tinha suas arquibancadas que, de tão malconservadas, tremiam como se estivessem com febre, ou a resposta do matuto, em tom gozador, de que os doutores, sabichões, estavam perdendo para ele, que nada sabia.

Observa-se que o tom crítico presente nas crônicas analisadas na seção anterior foi atenuado dando margem a um lado mais sentimental com o qual foram descritas as situações presentes nas crônicas desta subseção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se para a escrita de romances e contos a inclinação de Rebelo foi o cotidiano de pessoas simples do universo carioca, as crônicas aqui apresentadas resultam do olhar do cronista sobre os fatos que envolvem um Rio de Janeiro diferente daquele suburbano retratado nas narrativas mais longas. As personagens compostas a partir de um viés psicológico deram vez a situações que, ao serem descritas pelo cronista, incitam a reflexão, promovem debates e fazem saltar as consequências que tais ações implicaram na vida do carioca.

É notável o diálogo com os acontecimentos políticos, culturais e esportivos do Rio de Janeiro. Assim, longe de serem textos por meio dos quais se conhecem personagens que prendem a atenção, a exemplo de Leniza e Teixeira, as crônicas são o registro de um tempo político intenso e de um período de significativas transformações na vida do país. Afirma-se isso porque nas crônicas aqui analisadas são observadas muito mais críticas que apontam um sistema público falho que benefícios disponíveis ao povo carioca e, por extensão, ao brasileiro.

Também chama a atenção o olhar desiludido do cronista sobre o homem e as relações que ele tece em sociedade, sendo essas pautadas em hipocrisias, simulacros de uma vida sustentada pela necessidade de manter-se em aparente harmonia.

Além da presença marcante de fatos políticos citados nas crônicas, Marques Rebelo interessava-se pelo futebol e pela leitura, tais interesses são visíveis em sua escrita, uma vez que, ainda que nem todas as crônicas tenham sido analisadas, a leitura do conjunto que compõe as fontes primárias, inseridas no anexo, permite identificar esses temas.

Ainda em relação às crônicas inseridas no anexo, verificou-se que o título “Memórias” foi atribuído àquelas que já haviam sido publicadas em *Cenas da vida brasileira* (1951), mas à época com o título da cidade a que se referia. Outro ponto que chamou a atenção na elaboração do anexo foi o longo período ausente da coluna no ano de 1953, justo no momento que antecede a prisão de Wainer. Acredita-se terem sido dias de tensão, uma vez que havia laços entre eles que caminhavam para além da amizade, por exemplo, a Rádio Clube do Brasil, cujas ações estavam em nome de Rebelo. Depois de mais de um mês de silêncio da coluna, em 22 de julho de

1953 a crônica “Aventura na madrugada” descreve a prisão de Wainer, assim como a de 23 de julho, “Ondas desfeitas”, que anuncia a concessão do *habeas-corpus*, e a de 24 de julho de 1953, “O povo não se engana”, que comenta o apoio de operários vindos de São Paulo ao jornalista preso. Dentre as acusações contra o proprietário da *Última Hora*, estava a de ser estrangeiro e, portanto, não poderia ser proprietário ou diretor de empresa jornalística no Brasil, conforme dispunha a Constituição de 1937.

Notou-se que, ao assumir a Rádio Clube do Brasil, em outubro de 1952, os dias em que a coluna não circulou foram se ampliando. Ainda assim, o modernista carioca valeu-se de sua capacidade de dizer em linhas escritas para provocar discussões sobre política, problemas de serviços oferecidos ao povo, futebol e sobre a postura humana diante do mundo, em especial, esse último tema permite vislumbrar uma visão desencantada com o homem e pessimista em relação a ele, seja pela superficialidade e artificialidade das relações humanas, seja pela descrença de que é possível mudar o que está posto.

Enquanto para muitos escritores a proposta é fazer ficção – e que isso não seja entendido como uma crítica – para outros, a escrita é um sacerdócio com vistas a apontar as mazelas que saltam aos olhos. Para o cronista que se apresenta em “Conversa do Dia”, entende-se que a segunda opção se mostra mais válida; cabe dizer que em seus romances e contos também há espaço para apontar tais mazelas, como em *Marafa* e *A Estrela Sobre*, por exemplo, ou em contos como “Oscarina”, do livro homônimo, e “Stela me abriu a porta”, também inserido em livro homônimo. A escrita reflexiva que também traz suas marcas de criticidade se vê na trilogia *O Espelho Partido*.

De tom que aponta para a formalidade, o cronista se mostra como alguém cuja ficção parte do pressuposto realista de observação crítica da realidade social. Rebelo contempla esse aspecto em suas crônicas, não somente nelas, mas em sua produção como um todo.

No momento em que Rebelo publica sua primeira produção escrita, a saber, a década de 1930, ser escritor é ser também aquele que pensa sobre os problemas da nação e sobre as tensões políticas nela existentes, levando para a literatura “o debate em torno da história nacional, da situação de vida do povo no campo e na cidade, do drama das secas etc. O real conhecimento do país faz-se sentir como uma necessidade urgente e os artistas são bastante sensibilizados por essa exigência” (LAFETÁ, 2004, p. 67). E ao longo de sua trajetória de escritor, ele manteve tais

características nos gêneros aos quais se dedicou. No que tange às crônicas da coluna “Conversa do Dia” estão nelas inseridos registros de mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais por que se passou nos anos de 1952 e 1953. E ser cronista é isso. Nas palavras de Arrigucci Jr. (1987), o cronista é aquele capaz de captar os olhares mais insignificantes da cidade e documentá-los, de modo que a leitura da crônica possa abrir os olhos do leitor para o detalhe que só o cronista percebeu. Rebelo não faz somente uma descrição da cidade, antes, porém, produziu textos com acabamento estético e interesse ideológico, conforme pôde ser verificado no capítulo em que as análises foram apresentadas.

Assim, as ironias que são empregadas para se referir a acontecimentos políticos, a presença de outras figuras de linguagem, a liberdade formal na composição das crônicas são escolhas que apontam para uma preocupação estética com a escrita. Em outras palavras, não se trata de escrever para um jornal ou de reproduzir uma informação que está em circulação, mas sim de se debruçar sobre o modo como serão ditos os assuntos dos quais o cronista fala.

De postura mais sisuda que feliz, Rebelo se mostra como aquele que lê sua cidade, os tipos que nela circulam, as ações voltadas a ela, os percalços pelos quais passam os moradores e eterniza todos esses vieses em textos que ainda merecem ser muito explorados.

Embora se possa afirmar que a crônica não seja tão estudada quanto o são romances, contos e poemas, já se pode apontar um número razoável de estudos sobre ela. No entanto, como se comentou inicialmente ao se mencionar os trabalhos já realizados sobre ele, o nome de Marques Rebelo como cronista carece de mais investigação.

Cronista de olhar ácido e de bastante coragem para marcar os problemas que cabiam ao governo resolver, acredita-se que toda essa acidez possa ser uma espécie de jogada, por assim dizer, entre Rebelo e o amigo Samuel Wainer, dono do jornal.

Aponta-se essa possibilidade, uma vez que se sabe que a postura dos periódicos da época pendia mais para a imparcialidade. Dessa maneira, sendo a *Última Hora* um jornal em cujas reportagens se viam manifestações de apreço às ações de Vargas, as crônicas de Rebelo poderiam servir como um contrapeso, a insinuar que o periódico era imparcial. Entende-se que seria essa visão, então, uma forma de equilibrar o jornal.

Para tecer seus comentários críticos, o cronista emprega como *mister* a ironia, revelando que a linguagem é caminho para apontar as condições que, aos seus olhos, merecem destaque, justo porque são negativas. A verve para descrever o cotidiano da capital federal encontra nos fatos políticos tema recorrente, que são apresentados com linguagem carregada de significados. Não foge à crítica de Rebelo a vacuidade do pensamento de uma sociedade burguesa em avanço, de mentalidade moralista e mesquinha.

Entende-se que são o conjunto de crônicas que constituem a coluna “Conversa do Dia” entre os anos de 1952 e 1953 uma versão irônica e incontestável de fatos que atingem um amplo universo de pessoas. Da crítica à alegria, Rebelo cronista é o intelectual que lê a cidade e os problemas que a envolvem. De escrita mais dura que alegre, suas crônicas oferecem ao leitor de hoje um panorama do Rio de Janeiro do início da década de 1950, momento em que o segundo Governo Vargas estava em vigor.

Desse modo, sem fazer vista grossa aos atrasos e descasos de companhias estatais da cidade, Rebelo se vale da linguagem para marcar um tempo e registrá-lo sem floreamentos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Conversa de Livraria: (1941 – 1948)*. O observador literário e Policarpo Quaresma, Neto. São Paulo: Editora Giordano, 2000. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=cFAO6psUzWsC&pg=PA39&lpg=PA39&dq=o+ceticismo+em+marques+rebelo&source=bl&ots=5GJOk8gDdV&sig=1WDJvNQFK-89f-Wb1d1xaostSVA&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiJ4bLlxbDYAhWlQZAKHRH8CilQ6AEIQDAE#v=onepage&q=o%20ceticismo%20em%20marques%20rebelo&f=false> Acesso em 30 de nov. 2017.
- ANDRADE, Mário. Resenha reproduzida sem título. In: *Revista Brasileira*, n.1. Rio de Janeiro: ABL, out.- dez., 1974, p.146-148.
- _____. *O empalhador de passarinho*. 3.ed. São Paulo: Martins; Brasília, INL, 1972.
- ARRIGUCCI, Davi Jr. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI, Davi Jr. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 2002.
- BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; MITRULIS, Eleny. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no País. In: *Estud. av.* vol.15 no.42 São Paulo May/Aug. 2001. *On-line versión* ISSN 1806-9592 Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200003
 Acesso 30 jan. 2018.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, V. I. Trad.Sérgio P. Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGAMINI, Claudia Vanessa. *De Norte a Sul, quadros e costumes históricos do Brasil – o olhar de Marques Rebelo*. 131 fls. Dissertação. Mestrado em Letras. 2012. Universidade Estadual de Londrina – UEL – Londrina, 2012.
- BERTOLLI FILHO, C. *História da saúde pública no Brasil: Série História em movimento*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 2001.
- BLOOM, Harold. Uma elegia para o cânone. In: BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRASIL. *CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 10 DE NOVEMBRO DE 1937)*. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm Acesso em 30 mar. 2018.

BRUMMACK, J. *Zu Begriff und Theorie der Satire*. Vierteljahreszeitschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte, Stuttgart, v. 45, p. 275-377, 1971.

CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, Antônio. *Recortes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

_____. O homem dos avessos. In: CANDIDO, Antônio. *Tese e antítese*. Ensaios. 4.ed. São Paulo: T. A. Queiroz. p. 121-139, 2002.

_____. A revolução de 1930 e a cultura. In: CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ática, 2003.

_____. *A Educação pela noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *Literatura e Sociedade*. Estudos de Teoria e História Literária. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.

CONDE, Miguel. Panorama da comoção. Escritor fala de sua 'História da literatura brasileira', marcada pelo arrebatamento. In: *O Globo*. Prosa & Verso. Sábado, 12 de março de 2011, p. 6. Disponível em:

<http://observatoriodacritica.com.br/arquivos/entrevistas/cnejar/Entrevista%20de%20Carlos%20Nejar.pdf> Acesso 29 out. 2017.

DALBOSO, Cleber Nelson. *A felicidade propagada: publicidade, história e imaginário de consumo em Passo Fundo, RS*. 239 f. Mestrado em História. Universidade Federal de Passo Fundo, R.S. Passo Fundo, 2007. Disponível em: <https://secure.upf.br/pdf/2007CleberNelsonDalbosco.pdf> Acesso 19 dez. 2017.

DA MATTA, Roberto et. al. *O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

D'ARAUJO, Maria Celina S. *O segundo Vargas 1951-1954*, São Paulo. Editora Atlas, 1992.

DIAS, Ângela Maria. Memórias da cidade disponível: foi um rio que passou em nossas vidas – a crônica dos anos 60. In: RESENDE, Beatriz [et.al] (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCB, 1995, p. 57-75.

DRAÍBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses*. Estado e industrialização no Brasil: 1930-1960. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983).

FONTES, Joaquim Rubens. *Marques Rebelo: a vida refletida no espelho*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

FRANCO, Afonso Arinos de. *Portulano*. Mosaico: Livraria Martins Editora, 1945.

FRUNGILLO, Mário Luiz. *O espelho partido: história e memória na ficção de Marques Rebelo/Mario Frungillo*. – Campinas, SP: [s.n.], 2001.

_____. O Rio é o mundo: sobre Marques Rebelo no seu centenário. In: *Revista Rio de Janeiro*, nº 20-21, jan.-dez. 2007, p. 119-131.

GALVÃO, Maria Rita. Cinema Brasileiro: 1930-1964. In: FAUSTO, B. (Org.). *O Brasil Republicano (economia e cultura – 1930-1964)*. São Paulo: Difel, 1984.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo político a indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987.

GOMES, Renato Cordeiro. Marques Rebelo: cronista de uma cidade. In: GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *Marques Rebelo*. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Melhores Crônicas – Marques Rebelo*. Pref. de Renato Cordeiro Gomes. São Paulo: Global, 2004.

_____. Os bairros de Marques Rebelo, as cidades. In: RESENDE, Beatriz (orgs.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995, p. 151-163.

_____. *Todas as cidades, a cidade*; literatura e experiência urbana/Renato Gomes Cordeiro; prefácio de Eneida Maria de Souza. – 2 ed. ampl. – Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HUTCHEON, Linda. *A teoria política da ironia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

JORNAL DO BRASIL. Caderno B. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1973, p. 3.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=marques%20rebelo Acesso em: 10 nov. 2017.

_____. Lance-livre. Domingo 21, e segunda 22/03/1970. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=marques%20rebelo Acesso em: 10 nov. 2017.

_____. 1º Caderno. 27 de agosto de 1973, página 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=89532&Pesq=marques%20rebelo Acesso em 10 nov. 2017.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'ironie comme trope. Poétique*, Paris: Seuil, n. 41, p. 108- 127, 1980.

KIERKEGAARD, S. A. *O conceito de ironia*. Petrópolis: Vozes, 1991.

LAGO JUNIOR, Sylvio. O ofício do ensaísta. In: *Logos: Comunicação & Universalidade*. Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Ano 7, nº 13, 2º semestre/2000, p. 5-9.

LEAL, Carlos Eduardo. *Verbete Biográfico: última hora*. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/6400_1.asp Acesso: 22 out. 2017.

LISPECTOR, Clarice. Um romancista. In: *Jornal do Brasil*. Caderno B, página 3. Sábado. 30 de junho de 1973. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=marques%20rebelo Acesso 21 out. 2017.

LOURENÇO FILHO, M. B. Redução das taxas de analfabetismo entre 1900 e 1960: descrição e análise. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, 1965.

MACEDO, Roberto Gondo; MELO, Wanderson Fábio. O Periódico Última Hora e sua relevância na História da Mídia Impressa Brasileira. In: *ENCONTROS NACIONAIS UFRGS*, 6, 2008, São Paulo.

MEDEIROS, Benício. *A rotativa parou: os últimos dias da última hora de Samuel Wainer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920/1945)*. Dir. Prof. Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: DIFEL – Difusão Editorial, 1979.

MONTELLO, Josué. O mestre do conto. In: REBELO, Marques. *Contos reunidos*; prefácio de Josué Montello. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

NEGREIROS, Plínio José L. de C. *Futebol e identidade nacional*. In: *Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*, 1997. Ijuí. [Trabalhos...] Ijuí: Ed. da UNIJUI, 1997.

NEJAR, Carlos. *História da Literatura Brasileira*. Carlos Nejar. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul, Telos, 2007.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector Jornalista – Páginas Femininas & Outras Páginas*. São Paulo: SENAC, 2006.

OLIVEIRA, William Vaz de; PAVÃO, Eduardo Nunes Álvares. Arte e política no cinema de Glauber Rocha: uma análise do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol. In: *Tempos Históricos* • volume 15 • 1º semestre de 2011 • p. 191-202. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/viewFile/5704/4281> Acesso em 30 nov. 2017.

OLIVEIRA, E. Q. de. *Euclides Quandt de Oliveira* (depoimento, 2005). Rio de Janeiro: CPDOC/Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), 2005. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/oliveira-euclides-quandt-de> Acesso em: 15 dez. 2017.

_____. *Renascem as telecomunicações*. São José dos Pinhais: Ditel Gráfica e Editora, 1992.

PEREIRA, André M.; LOPES, Leandro A.; LIMA, Lucas L. O simbolismo do anel: a representação do imperialismo europeu (1870-1914) na obra O Senhor dos Anéis, de J. R. R Tolkien. In: *Revista Alpha*, (11), p. 87-95, ago. 2010. Disponível em: http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/23730/o_simbolismo_do_anel.pdf Acesso em 27 mar. 2018.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PETRO, P. *Modern Satire*. Four Studies. Berlin; New York: Mouton Publishers, 1982.

PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977, p. 81-87.

QUELER, Jefferson José. Do consumidor de mercadorias ao leitor de jornal: peculiaridades da indústria cultural nas páginas do semanário FLAN (1953-1954). In: *Topoi*, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 105-118. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v14n26/1518-3319-topoi-14-26-00105.pdf> Acesso em 30 mai. 2018.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências*. São Paulo: Paulinas, 2012.

REBELO, Marques, 1907-1973. *Cenas da vida brasileira* - Marques Rebelo. – 2.ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

_____. Marques Rebelo fala sobre o Museu de Arte Moderna. In: *Jornal a Gazeta*, Caderno “A gazeta de Arte”, n.44, de 20/04/1952. Recorte de reportagem, acervo do MASC.

_____. *Correio Europeu*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2014.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIBEIRO, Ana Pala Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 31, 2003, p. 147-160.

RODRIGUES FILHO, Nelson. O Rio de Marques Rebelo. In: *Revista Tempo Brasileiro*, v. 1 – n. 1 – edição trimestral abril/junho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, p. 101-116.

RONCARI, Luiz. A estampa rotativa na crônica literária. In: *Boletim Bibliográfico* - Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo, 1985. v.46, n.1/4.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.

SAID, Edward. W. *Representações do intelectual*. As Conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALLA, Thiago Mio. *O fio da navalha: Graciliano Ramos e a Revista Cultura Política*. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://pandora.cisc.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-04112010-142858/publico/3149227.pdf> Acesso em 23 de dez. 2011.

SANTANA, Débora Betânia de. *Ironia: o tempero da crônica* (estudo de textos cronísticos de Luís Fernando Veríssimo). 88 f. Dissertação. Mestrado em Estudos Literários. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: PUC, 2006. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14795/1/LCL%20-%20Debora%20Betania%20de%20Santana.pdf> Acesso 30 dez. 2017.

SCHERER, Marta Eymael Garcia. A leveza da crônica provoca o riso e a reflexão” - entrevista com Antonio Dimas. In *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 225-231, jul./dez. 2013.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*, 1964-1969. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Volume III. Coleção organizada por Fernando A. Novais. Volume organizado por Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Inácia Araújo da. *História da Telefonia em Natal*. 46 f. Especialização em História. Universidade Federal de Natal. Natal: 2004. Disponível em: <http://www.repositoriolabim.cchla.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/885/1/HIST%C3%93RIA%20DA%20TELEFONIA%20EM%20NATAL%201939-1950.pdf> Acesso 23 nov. 2017.

SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. Da literatura ao jornalismo: periódicos brasileiros do século XIX. In: *Patrimônio e memória*. ISSN – 1808–1967. UNESP – FCLAs –

CEDAP, v.2, n.2, 2006 p. 126-145. Disponível em:
<file:///C:/Users/CLAUDIAVANESSA/Downloads/95-676-1-PB.pdf> Acesso 25 nov. 2017.

_____. *A sátira do Parnaso*. Estudo da poesia satírica de Olavo Bilac em periódicos de 1894 a 1904. Prefácio de Regina Zilberman. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

SIMON, Luiz Carlos. Impasses em torno da crônica. (UEL/Londrina) p.p. 1-26; S/D. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sq/anais/iv/completos/comunicacoes/Luiz%20Carlos%20Santos%20Simon.pdf> Acesso em 30 abr. 2016.

_____. *Duas ou três páginas despreziosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: Edue, 2011.

SIQUEIRA, Carla. *O sensacional, o popular e o populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática, no segundo Governo Vargas (1951-1954)*. Trabalho apresentado no Núcleo de Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/58243595160144918412389947258051127048.pdf> Acesso 20 out. 2017.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRAJANO, José. *Tijucamérica: uma chanchada fantasmagórica*. Rio de Janeiro: Paralela, 2015.

TRIGO, Luciano. *Marques Rebelo: mosaico de um escritor*. Rio de Janeiro: Relumpê-Damará, Rioarte, 1996.

VÁZQUEZ MEDEL, Manuel Angel. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (Orgs.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

VENDRAMINI, Maria do Carmo. *Sobre os sinos nas igrejas brasileiras*. Petrópolis: Vozes, 1981.

VIANNA, Gaspar (1976). *Direito de Telecomunicações*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

VIANNA, Sergio Besserman. *A política econômica no Segundo Governo Vargas (1951-1954)*. 181 f. Dissertação. Mestrado em Economia. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: file:///C:/Users/CLAUDIAVANESSA/Downloads/A%20Pol%C3%ADtica%20Econ%C3%B4mica%20no%20Segundo%20Governo%20Vargas%201951-1954_P_sem%20OCR.pdf Acesso 26 jan. 2018.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WEREBE, Maria José G. *Grandezas e misérias do ensino no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.

ZAMBONI, José Carlos. *Madalena & Pinga-Fogo*. 1994. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis.

ANEXO

FONTES PRIMÁRIAS

Este anexo contempla os comentários às crônicas extraídas da *Última Hora*, mas que não compuseram o capítulo em que foram realizadas as análises. Pontua-se, em primeiro lugar, as limitações de pesquisadora para realizar a análise de todo o material que tinha em mãos, uma vez que a busca realizada, via internet, junto à Hemeroteca Digital, demandou tempo. De posse da imagem digital, foram feitos a leitura e o resumo das crônicas, que também demandaram tempo, pois foi necessário auxílio de recursos digitais para a ampliação do texto, com vista a facilitar a leitura, ainda assim, alguns estavam bem pouco legíveis.

A seleção das crônicas analisadas, conforme pontuado no início do terceiro capítulo, contou com a observação recorrente de temas e recursos expressivos da linguagem. Depois divididas, levando-se em conta três aspectos: a ironia, a crítica social e o tom de humor ou de lirismo do autor. Aqui, apresenta-se um resumo elaborado a partir da leitura das fontes primárias.

1952

Crônicas publicadas em janeiro de 1952

REBELO, Marques. Começo de Conversa. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 17 de janeiro de 1952. N 184, p. 2. O cronista inicia a coluna pontuando a alegria por estar, a partir daquele dia, presente no jornal por meio de seus textos.

REBELO, Marques. Sofri Demais. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 18 de janeiro de 1952. N 185, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Pergunta a um homem prático. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 19 de janeiro de 1952. N 186, p. 2. O enredo se desenvolve a partir de um telefonema que o cronista teria recebido de um leitor, cujo assunto a ser tratado foi o péssimo serviço oferecido pela telefônica. No desenvolvimento da crônica, observa-se a crítica aos altos valores cobrados e ao serviço de baixa qualidade oferecido, comparando o serviço do país com o de outros países.

REBELO, Marques. Letra de Bolero. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 21 de janeiro de 1952. N 187, p. 2. Tem-se uma crítica direta dirigida a Afrânio Coutinho, cuja escrita na crônica é apontada como de difícil entendimento.

REBELO, Marques. Campeões. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 22 de janeiro de 1952. N 188, p. 2. São relatadas cenas de um campeonato de futebol. O cronista realiza um exame crítico do salário dos jogadores, que ganha mensalmente o dobro do salário de anual de um operário.

REBELO, Marques. Concurso. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 23 de janeiro de 1952. N 189, p. 2. O cronista descreve dois concursos de memorável importância para pôr em destaque o fato de que os prêmios são atribuídos a pessoas não merecedoras e cita exemplos de profissionais que não se dariam a esse papel.

REBELO, Marques. Uma retificação. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 24 de janeiro de 1952. N 190, p. 2. nota-se uma linguagem elevada para retomar a crônica do dia anterior sobre o concurso, dizendo que houve um erro ao divulgar o nome do ganhador do concurso, o cronista diz prezar pela verdade, por isso faz a correção.

REBELO, Marques. O começo do museu. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 25 de janeiro de 1952. N 191, p. 2. O cronista satiriza a si, anunciando ter lutado muito versus a burrice brasileira. A comissão constituída para tratar do Museu de Arte do Rio de Janeiro havia sido formada e ele, Rebelo, não fazia parte dela. Vale pontuar que o autor fundou o Museu de Arte de Santa Catarina em 1948, e sempre esteve envolvido com a arte. Daí sua lamentação.

REBELO, Marques. Intermezzo do museu. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 26 de janeiro de 1952. N 192, p. 2. O cronista discorre sobre as funções do texto, realçando que a linguagem é criação social, e a arte é social, uma vez que exerce influência sobre o leitor, explana que o seu trabalho equivale ao conteúdo, indiferente de tamanho. O cronista retrocede ao assunto do Museu, relata a criação de um exaustivo e longo estatuto, relatou a inauguração do museu com ironia, expondo os pormenores dos valores pagos, e critica seus colaboradores.

REBELO, Marques. A vitória do museu. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 28 de janeiro de 1952. N 193, p. 2. O cronista relata de forma denotativa que, após a inauguração do museu cheia de pompas e malandragem, houve pouco interesse de visitas. A crônica aponta a ideia de falha do empreendimento e, ironicamente, constata a falta de competência da administração do museu.

REBELO, Marques. Bilhete a Raul Lima. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 29 de janeiro de 1952. N 194, p. 2. Percebe-se um diálogo com o leitor, por meio do qual o cronista abre os olhos ao leitor, por assim dizer, sobre a problemática de um país em que muito se promete e nada se cumpre; toca em problemas pontuais como a situação das favelas e seus oradores, custo de vida e mortandade de crianças.

REBELO, Marques. Alteração no Morro da Viúva. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 30 de janeiro de 1952. N 195, p. 2. O cronista ilustra de maneira sagaz o morro da viúva como um lugar aprazível para se viver, detalha com leveza e estilo os infortúnios do morro, sobretudo a perda da visão da paisagem pelos moradores por causa de edificações e o desprestígio do lugar que era de status no século XIX.

REBELO, Marques. Parabéns ao povo. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 31 de janeiro de 1952. N 196, p. 2. tem-se como assunto o fechamento de um órgão criado para a fiscalização dos preços dos produtos. Verificam-se críticas sobre a má funcionalidade do serviço, pois era dado valor a coisas irrelevantes e outras, relevantes, não eram notadas, favorecendo a um grupo em detrimento de outro, o povo.

Crônicas publicadas em fevereiro de 1952

REBELO, Marques. Pifaram o Zé Lins. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 1º de fevereiro de 1952. N 197, p. 2. Há a ênfase na atuação dos senadores, que não tem sido das mais bonitas e há graves erosões e, sobretudo, no fato de o nome do escritor José Lins do Rego ter sido cogitado para o senado, mas tudo não passou de conversa.

REBELO, Marques. Ele voltou. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 2 de fevereiro de 1952. N 198, p. 2. A crônica comenta o fato de que muitas pessoas se queixam da chuva, do frio, mas o cronista pontua que ele prefere se queixar dos maus serviços oferecidos pela prefeitura e outros órgãos.

REBELO, Marques. O vegetariano. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 4 de fevereiro de 1952. N 199, p. 2. Há a comparação de várias carnes com o desejo carnal humano. A partir dessa comparação, o cronista aborda a falta de carne nos açougues cariocas devido a problemas com o transporte do produto. Finaliza apontando uma única e irônica saída: o carioca, para não ficar sem carne, aproveite-se daquela que é oferecida, pecaminosa e bela, nas ruas.

REBELO, Marques. Férias. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 5 de fevereiro de 1952. N 200, p. 2. As palavras da crônica apontam para um cronista preocupado por não estarem respeitando a necessidade de o trabalhador precisar de um descanso para a saúde após um ano de trabalho. Aponta, ainda, a questão do salário do trabalhador, fator que o impede de gozar férias dignas.

REBELO, Marques. Vou-me embora para Pasárgada. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 6 de fevereiro de 1952. N 201, p. 2. O cronista retoma o assunto do Morro da viúva, discutido na crônica de 30 de janeiro, aponta problemas do local, mas ressalta que não há motivo para baixar o valor dos altos aluguéis, desvalorizando o local.

REBELO, Marques. Árvore. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 7 de fevereiro de 1952. N 202, p. 2. Contempla a ideia da falta da natureza no cotidiano

citadino, pontua a culpa do homem por essa ausência e os aborrecimentos causados dela decorrentes.

REBELO, Marques. Mais Árvore. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 8 de fevereiro de 1952. N 203, p. 2. Retoma o assunto do dia anterior e detalha a falta que a árvore faz na infância de uma pessoa. Na visão do cronista, a construção de parques pela prefeitura seria um caminho para que os moradores convivessem com a natureza.

REBELO, Marques. Excursão à Paraíba. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 9 de fevereiro de 1952. N 204, p. 2. A crônica comenta sobre uma homenagem prestada a José Lins do Rego, com a inserção de um busto do escritor em sua cidade natal na Paraíba.

REBELO, Marques. Adidos Culturais. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 11 de fevereiro de 1952. N 205, p. 2. O cronista delata de forma expressiva um aclamado pedido de várias categorias de pessoas por um preenchimento de lacunas no Itamarati. Ressalta que, para tal contratação, o senhor Jose Neves da Fontoura realizará um concurso com a finalidade de evitar os chamados regimes de pistolões, ou seja, o apadrinhamento para cargos públicos, chama a atenção do leitor para refletir sobre o fato que muitos que ocupam os seus cargos foi por meio deste regime.

REBELO, Marques. Maus Costumes. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 12 de fevereiro de 1952. N 206, p. 2. Toca na questão do Comissário Deraldo Padilha, que em 1951 foi nomeado Comissário de Polícia, cujo objetivo da gestão era combater a prostituição no Rio de Janeiro. A crônica ironiza a ação da polícia do Rio de Janeiro, a apontar a necessidade de uma maior efetividade da polícia em casos de fato relevantes.

REBELO, Marques. Cartões-Postais. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 13 de fevereiro de 1952. N 207, p. 2. O cronista aborda, em fragmentos descritivos, seis cidades europeias, sendo elas da Inglaterra, Suíça e Bélgica, que já havia visitado. Vale pontuar que essa crônica está inserida no livro *Correio europeu*, de 1959, publicado pela José Olympio e reeditado por ela em 2014.

REBELO, Marques. Inquéritos. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 14 de fevereiro de 1952. N 208, p. 2. O cronista aborda os romances e contos brasileiros, criticando a produção desses gêneros literários.

REBELO, Marques. Matéria Urgente. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 15 de fevereiro de 1952. N 209, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Correspondência. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 16 de fevereiro de 1952. N 210, p. 2. Responde a perguntas feitas em três cartas de leitores sobre assuntos variados: as falcatruas do governo, o divórcio e o ensino secundário no Brasil.

REBELO, Marques. Cartões-postais. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 18 de fevereiro de 1952. N 211, p. 2. O cronista aborda, em fragmentos descritivos, oito cidades italianas, que já havia visitado. Vale pontuar que essa crônica está inserida no livro *Correio europeu*, de 1959, publicado pela José Olympio e reeditado por ela em 2014.

REBELO, Marques. Cartões-postais. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 19 de fevereiro de 1952. N 212, p. 2. Uma vez mais, o cronista aborda, em fragmentos descritivos, sete cidades holandesas, que já havia visitado. Tal qual a crônica do dia anterior, essa crônica está inserida no livro *Correio europeu*, de 1959, publicado pela José Olympio e reeditado por ela em 2014.

REBELO, Marques. Correspondência. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 20 de fevereiro de 1952. N 213, p. 2. Mais uma vez se tem respostas aos leitores, agora responde a perguntas sobre a ação da polícia e atitudes de políticos.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 21 de fevereiro de 1952. N 214, p. 2. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Composição de Carnaval - Parte I. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 22 de fevereiro de 1952. N 215, p. 2. A crônica, dividida em duas partes, mas se assemelha a um conto. Nela, depara-se com a sambista, Maria Rosa, deslumbrante, e a narrativa de sua chegada em um baile de Carnaval, onde dançou por toda a noite.

REBELO, Marques. Composição de Carnaval - Parte II. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 23 de fevereiro de 1952. N 216, p. 2. A coluna traz a segunda parte da crônica/conto publicada no dia anterior. Maria Rosa sai do baile de Carnaval ao amanhecer e é paquerada por um rapaz que lhe elogia e insiste para saber o nome da moça, que diz somente no momento em que o rapaz se distancia, restando nela um desejo de tê-lo conhecido. Estrutura em discurso direto, o texto traz pequenas estrofes de marchinhas de Carnaval, técnica que o autor muito empregou no romance *Marafa*. Vale dizer que essa foi uma das crônicas mais difíceis de ler devido à qualidade do arquivo.

Não houve circulação do *Jornal Última Hora* em 25 de fevereiro de 1952.

Não houve circulação do *Jornal Última Hora* em 26 de fevereiro de 1952.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 27 de fevereiro de 1952. N 217, p. 2. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Agora é cinza. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 28 de fevereiro de 1952. N 218, p. 2. O cronista dialoga com o leitor para dizer que, depois de alguns dias ausente, a conversa do dia reataria a relação entre eles, interrompida por conta do Carnaval. Brinca enfatizando que as festas carnavalescas lhe renderam dores no corpo, mas pior dor era saber que a cidade continuava a sofrer de tristeza por causa da fome, miséria, restrição, mortes, lucros exorbitantes, leis, máscaras sociais.

REBELO, Marques. Matéria de Carnaval. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 29 de fevereiro de 1952. N 219, p. 2. Faz uma defesa da liberdade possível durante o carnaval, apontando que deveria se estender por todo o ano, pois, durante os dias de carnaval, não houve os aumentos inconvenientes dos anos anteriores. O cronista também relata a manipulação dos áudios tocados durante o carnaval, a grande censura e os direitos autorais das músicas e seus plágios malfeitos.

Crônicas publicadas em março de 1952

REBELO, Marques. Os grandes mascarados. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 1º de março de 1952. N 220, p. 2. Relata os esforços de uma pessoa para atrair os turistas de outros países para conhecer o Rio, mesmo com tantas dificuldades, entre as quais o cronista expõe as censuras, as máscaras sociais, bebidas e namoros em público.

REBELO, Marques. Um passo para o divórcio. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 3 de março de 1952. N 221, p. 2. Há explanações com tom opinativo sobre o divórcio, em favor do estatuto 238 que legaliza o fim do casamento.

REBELO, Marques. Um aumento justo. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 4 de março de 1952. N 222, p. 2. Relata um protesto contra o aumento das tarifas de ônibus, pontuando as péssimas condições oferecidas a quem utiliza o transporte.

REBELO, Marques. Abrem-se as aulas. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 5 de março de 1952. N 223, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Parabéns. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 6 de março de 1952. N 224, p. 2. Refere-se a um acidente de trem que resultou em 104 mortos e vários feridos. O título é irônico, aponta para o mau estado de conservação da malha ferroviária, dirigindo-se aos responsáveis pela estrada.

REBELO, Marques. Confusão geral. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 7 de março de 1952. N 225, p. 2. Também faz referência ao acidente comentado na crônica do dia anterior, aponta os danos sofridos por vítimas e suas famílias e o empurra-empurra em relação a quem é o culpado.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Sábado, 8 de março de 1952. N 226, p. 2. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Deus salve o Brasil. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 10 de março de 1952. N 227, p. 2. Toca na questão do mau ensino, fazendo analogia entre o acidente de trem e a oferta de ensino que, de certa forma, também é acidentária.

REBELO, Marques. Exemplos. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 11 de março de 1952. N 228, p. 2. Abarca assuntos diversos voltados à falha na administração pública.

REBELO, Marques. Três notícias. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 12 de março de 1952. N 229, p. 2. A questão do aumento da tarifa do ônibus é retomada, ironicamente o cronista invoca um santo, pois só uma divindade poderia solucionar o problema.

REBELO, Marques. Futebol e polícia. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 13 de março de 1952. N 230, p. 2. Compara políticos com jogadores de futebol; dos partidos e dos times são comentados os pontos positivos e negativos.

REBELO, Marques. O metrô para os nossos bisnetos. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 14 de março de 1952. N 231, p. 2. Comenta com ironia sobre a comissão formada para discutir a construção do metrô no Rio de Janeiro, pontuando os interesses em jogo e a suposta morosidade para se concluir a obra.

REBELO, Marques. Turismo. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 15 de março de 1952. N 232, p. 2. Comenta a ineficácia de projetos para o Rio de Janeiro que tragam melhorias para a cidade e favoreçam o turismo.

REBELO, Marques. Sugestões para o turismo. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 17 de março de 1952. N 233, p. 2. Relata as deficiências do Brasil e aponta ao leitor os grandes problemas que a população enfrenta. Vale pontuar que o arquivo digital estava bem difícil de ler.

REBELO, Marques. São Paulo. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 18 de março de 1952. N 234, p. 2. Trata das mudanças pelas quais a cidade de São Paulo passou do início do século XX até aquele momento.

REBELO, Marques. Sinais. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 19 de março de 1952. N 235, p. 2. É narrada com ar melancólico para apontar os sinais que indicam tempos difíceis na política.

REBELO, Marques. Arquitetura brasileira. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 20 de março de 1952. N 236, p. 2. Aborda a arquitetura brasileira, faz alguns elogios às belezas do país e depois ressalta de maneira irônica as dificuldades econômicas e burocráticas para um projeto sair do papel.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 21 de março de 1952. N 237, p. 2. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Sábado, 22 de março de 1952. N 238, p. 2. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Cada um no seu lugar. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 24 de março de 1952. N 239, p. 2. O cronista retoma o assunto da crônica anterior, “Arquitetura Brasileira”, aponta o fato de pessoas leigas

constituírem comissão sobre arquitetura, comissão esta que deveria ser composta por especialistas.

REBELO, Marques. A noite é grande. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 25 de março de 1952. N 240, p. 2. Relembra uma conversa do cronista com uma senhora da capelania funerária. Vale pontuar que foi muito difícil realizar a leitura dessa crônica devido à qualidade do arquivo digital.

REBELO, Marques. Água para o Viriato. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 26 de março de 1952. N 241, p. 2. Aborda a questão do direito à água, produto cuja oferta andava escassa no bairro mencionado no título da crônica.

REBELO, Marques. Adeus a Maurício. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 27 de março de 1952. N 242, p. 2. Critica o ser humano, suas ações e suas impertinências, lamenta a partida de um amigo e vizinho, para o qual são rendidos elogios.

REBELO, Marques. Salve eles! In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 28 de março de 1952. N 243, p. 2. Discute os altos interesses que envolvem o esporte nacional e, na crônica, o cronista intitula a sua coluna como alucinada por dar a verdadeira opinião do cronista.

REBELO, Marques. Preço dos Ônibus. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 29 de março de 1952. N 244, p. 2. Comenta um programa de televisão que convidou um advogado e um vereador a fim de que expliquem o aumento do ônibus, mas a ineficácia da explicação não permitiu aos telespectadores entenderem nada.

REBELO, Marques. Cá estão. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 31 de março de 1952. N 245, p. 2. Não foi possível realizar a leitura do arquivo devido à qualidade do arquivo digital.

Crônicas publicadas em abril de 1952

REBELO, Marques. SOS. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 1º de abril de 1952. N 246, p. 2. Refere-se à necessidade de melhorar a sinalização para pedestres e motoristas nas avenidas do Rio de Janeiro.

REBELO, Marques. Rainhas do verão. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 2 de abril de 1952. N 247, p. 2. Refere-se ao concurso que levou meses para escolher a rainha do verão.

REBELO, Marques. Primeiro Ato. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 3 de abril de 1952. N 248, p. 2. Longa, essa crônica, com ares de conto, é dividida em três partes. Narra a história de uma moça que, à espera do ônibus, é abordada por um rapaz que lhe corteja. Destaca-se a presença de expressões conotativas, a exemplo de “O peixinho caiu na rede” para se referir ao fato de o

rapaz conquistar a moça. Vale pontuar a dificuldade para realizar a leitura do arquivo digital.

REBELO, Marques. Segundo Ato. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 4 de abril de 1952. N 249, p. 2. De difícil legibilidade, foi possível constatar a presença do discurso direto em quase toda a extensão do texto, mas não foi possível compreender o que estava escrito.

REBELO, Marques. Terceiro Ato. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado-Feira, 5 de abril de 1952. N 250, p. 2. Embora de difícil legibilidade, é possível observar que o conflito da narrativa envolveu a moça e o rapaz que a conquistou. Felizmente, apesar de ela ter ficado muito nervosa com o assédio do rapaz, foi apenas um susto e tudo se resolveu.

REBELO, Marques. A morte dos peixes. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 7 de abril de 1952. N 251, p. 2. Comenta com tom argumentativo a morte de um número elevado de peixes no mar carioca.

REBELO, Marques. Pedagogia. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 8 de abril de 1952. N 252, p. 2. Apresenta um diálogo entre Firmino e o doutor Gasparini, seu amigo e professor, que assume tom paternal para ensinar ao primeiro sobre a vida.

REBELO, Marques. Caderninho de notas. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 9 de abril de 1952. N 253, p. 2. Traz notas numeradas de coisas de que o cronista não gosta, outras que não deveria fazer e outras que nunca são feitas.

REBELO, Marques. A casa. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 10 de abril de 1952. N 254, p. 2. Em tom memorialístico, narra a passagem do personagem pela velha casa em que vivera.

Não foi encontrado o exemplar referente ao dia 11 de abril de 1952.

REBELO, Marques. Judas. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 12 de abril de 1952. N 256, p. 2. Aborda uma situação em que o personagem, na crônica tratado apenas de amigo, conversa com o cronista sobre a liberdade do sujeito para agir, emprega a frase “o pássaro nasceu para voar”, a fim de ilustrar a ideia de liberdade. Mas o ouvinte conta o caso de uma traição desse amigo, chamando-o de Judas.

REBELO, Marques. 0 X 0. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 14 de abril de 1952. N 257, p. 2. Aborda a questão dos salários dos jogadores profissionais brasileiros, considerados os melhores do mundo.

REBELO, Marques. Pastilhas. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 15 de abril de 1952. N 258, p. 2. Aponta críticas ao governo e dialoga com o leitor, argumentado que é preferível ter pressão baixa a caráter baixo.

REBELO, Marques. Dias felizes. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 16 de abril de 1952. N 259, p. 2. Aponta críticas ao governo e dialoga com o leitor, ponderando que é preferível ter pressão baixa a caráter baixo, menciona em específico os longos financiamentos ofertados pela Caixa Econômica Federal.

REBELO, Marques. Maus pensamentos. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 17 de abril de 1952. N 260, p. 2. Foi dividida em vinte itens e traz ditos populares sobre o homem e a sociedade.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 18 de abril de 1952. N 261. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Descentralização do ensino. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 19 de abril de 1952. N 262, p. 2. Aborda ações do Ministro da Educação em relação a assuntos universitários.

REBELO, Marques. O aniversário. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 21 de abril de 1952. N 263, p. 2. Comenta sobre a ida do cronista ao Sul do país para tratar de assuntos ligados à arte e ao Museu de Arte Contemporânea de Florianópolis.

Não foi encontrado o exemplar referente ao dia 22 de abril de 1952.

REBELO, Marques. Salve os campeões. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 23 de abril de 1952. N 265, p. 2. Comenta ironicamente sobre o fato de ser o futebol brasileiro considerado o melhor do mundo, mas não ganhar as competições sul-americanas.

REBELO, Marques. Florianópolis Melhora. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 24 de abril de 1952. N 266, p. 2. Comenta sobre a viagem do cronista a Florianópolis, na qual ele observa as melhorias da capital catarinense, principalmente em relação à luz elétrica.

REBELO, Marques. Museu de Arte Moderna de Florianópolis. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 25 de abril de 1952. N 267, p. 2. Continua o assunto do dia anterior para comentar a instalação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, cuja fundação é a Rebelo atribuída.

REBELO, Marques. Em Forma de Capítulos. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 26 de abril de 1952. N 268, p. 2. Dividida em cinco partes, comenta com empolgação a aprovação do nome de Walter Moreira Sales para o plenário do senado.

REBELO, Marques. Parágrafos da miséria dourada. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 28 de abril de 1952. N 269, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Se eu Tirasse um Milhão. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 29 de abril de 1952. N 270, p. 2. Aborda uma reunião de amigos em que discutiam a possibilidade de ter em mãos um alto valor em dinheiro.

REBELO, Marques. Reclamações. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 30 de abril de 1952. N 271, p. 2. Dividida em quatro partes, pontua problemas ligados à falta de luz em bairros do subúrbio carioca.

Crônicas publicadas em maio de 1952

Não houve circulação do jornal referente ao dia 1º de maio de 1952.

Não foi encontrado o exemplar referente ao dia 2 de maio de 1952.

REBELO, Marques. Cabedal. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 3 de maio de 1952. N 272, p. 2. Dividida em três partes, aborda o fato de que as pessoas não são reconhecidas por seus feitos, mas pelas relações de amizade que possuem.

REBELO, Marques. Notas Desafinadas Sobre Tico-Tico no Fubá - Primeiro Movimento. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 5 de maio de 1952. N 273, p. 2. Dividida em nove itens, aponta a visão desencantada do cronista sobre o filme que dá título à crônica e a atuação dos atores brasileiros influenciados por Hollywood.

REBELO, Marques. Notas Desafinadas Sobre Tico-Tico no Fubá - Segundo Movimento. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 6 de maio de 1952. N 274, p. 2. Dividida em sete tópicos, apresenta o ambiente patético, na visão do cronista, do filme *Tico-Tico no Fubá*.

REBELO, Marques. Notas Desafinadas Sobre Tico-Tico no Fubá – Terceiro e Último Movimento. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 7 de maio de 1952. N 275, p. 2. Fecha a crítica sobre o filme brasileiro que, na visão do cronista, é de péssima qualidade.

REBELO, Marques. Mais Cabedal. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 8 de maio de 1952. N 276, p. 2. Aborda a existência de duas regras na vida, uma geral e a outra, particular.

REBELO, Marques. Ponto e Banca. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 9 de maio de 1952. N 277, p. 2. Aborda a nomeação do senhor Egídio Câmara para a Superintendência da Moeda e do Crédito e a reação do povo do Morro da Viúva contrária à nomeação.

REBELO, Marques. O buraco. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 10 de maio de 1952. N 278, p. 2. Brinca com o sentido da palavra buraco e cria um jogo, explicando as acepções da palavra até tocar nos buracos (arrombos) da prefeitura.

REBELO, Marques. O disco voador. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 12 de maio de 1952. N 279, p. 2. Dividida em sete capítulos (parágrafos), assemelha-se a um conto, o cronista menciona que, com muito sono, supostamente tenha visto um disco voador.

REBELO, Marques. O disco voador – segundo trecho. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 13 de maio de 1952. N 280, p. 2. Em cinco parágrafos, continua a narrativa que envolve o personagem que narra em primeira pessoa e seu idílio em um disco voador. De modo bem-humorado, conversa com o disco, dizendo que não se trata de um disco lúgubre de ópera, nem de baião ou carnaval.

Não há exemplar referente ao dia 14 de maio de 1952; no entanto, há dois disponíveis com a data de 15 de maio. Considera-se que houve erro no momento de elaboração do fio-data.

REBELO, Marques. O disco voador – terceiro trecho. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 15 de maio de 1952. N 281, p. 2. Em seis parágrafos (partes), descreve a viagem que o personagem faz no disco, mas depois constata que não passou de um sonho.

REBELO, Marques. O caçador de imagens. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 15 de maio de 1952. N 282, p. 2. Apresenta em forma de aforismos reflexões à moda renardiana sobre a criação de leis.

REBELO, Marques. Verdadeiros campeões. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 16 de maio de 1952. N 283, p. 2. Critica os juízes argentinos que arbitraram o campeonato sul-americano de atletismo, prejudicando a delegação brasileira.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Sábado, 17 de maio de 1952. N 284. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 19 de maio de 1952. N 285. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Morais Demais. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 20 de maio de 1952. N 286, p. 2. Critica as ações do delegado de uma cidade mineira, Morais de Andrade, que proibiu, dentre outras coisas, que as moças mostrem as pernas.

REBELO, Marques. A vida séria. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 21 de maio de 1952. N 287, p. 2. Traz pequenos diálogos sobre a vida de casado de maneira satírica.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 22 de maio de 1952. N 288. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. De Quem Será o Petróleo. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 23 de maio de 1952. N 289, p. 2. Ataca os responsáveis por discutir o petróleo brasileiro, dizendo não terem competência para tanto.

REBELO, Marques. Contribuições Renardianas. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 24 de maio de 1952. N 290, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Rui. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 26 de maio de 1952. N 291, p. 2. Critica as escolhas do deputado Rui Almeida, que está presente nos debates televisivos, mas não nas reuniões da Câmara.

REBELO, Marques. Saldos de viagem. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 27 de maio de 1952. N 292, p. 2. Apresenta comentários a respeito de três cidades italianas visitadas pelo cronista. Vale pontuar que essa crônica está inserida no livro *Correio europeu*, de 1959, publicado pela José Olympio e reeditado por ela em 2014.

REBELO, Marques. Horácio. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 28 de maio de 1952. N 293, p. 2. Critica a alta do custo de vida e as deliberações financeiras do ministro da fazenda Horácio Lafer, fazendo um jogo entre Horário, poeta da Roma Antiga, e o 'nosso' Horácio, ministro.

REBELO, Marques. Sacopã. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 29 de maio de 1952. N 294, p. 2. Refere-se a uma conversa que teve com o crítico Álvaro Lins sobre os romances policiais, para chegar ao assunto da crônica: um crime que havia acontecido em Sacopã, para o qual não havia ainda resolução.

REBELO, Marques. Paz e Concórdia. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 30 de maio de 1952. N 295, p. 2. Trata do mal-estar entre jornalistas e deputados em que houve um atentado contra um deputado. Ao final, o cronista explica, tudo se resolveu.

REBELO, Marques. Diálogos. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sábado, 31 de maio de 1952. N 296, p. 2. Disposta em diálogos, a crônica se assemelha a piadas, dividida em dez partes, cada uma com um diálogo em tom jocoso sobre as relações conjugais.

Crônicas publicadas em junho de 1952

REBELO, Marques. Os troféus. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 2 de junho de 1952. N 297, p. 2. Comenta sobre um presente bizarro que duas jovens senhoritas de Montes Claros teriam enviado ao senhor Ademar de Barros, a saber: um par de ferraduras usadas.

REBELO, Marques. Breves Notícias. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 3 de junho de 1952. N 298, p. 2. comenta de maneira irônica a viagem de políticos brasileiros a Paris para a Conferência Internacional do Trabalho.

REBELO, Marques. Conta-gotas alheio. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 4 de junho de 1952. N 299, p. 2. Em formato de aforismos, brinca com ditos populares que dizem respeito à conduta humana.

REBELO, Marques. Deve & Haver. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 5 de junho de 1952. N 300, p. 2. Ataca o ministro Horácio Lafer por causa de ações realizadas pelo governo que favorecem os bancos.

REBELO, Marques. Folheado a Ouro. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Sexta-Feira, 6 de junho de 1952. N 301, p. 2. Trata de um assalto ocorrido em Sacopã para o qual a polícia ainda buscava solução.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Sábado, 7 de junho de 1952. N 302. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Apenas um delinquente. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Segunda-Feira, 9 de junho de 1952. N 303, p. 2. Comenta um golpe aplicado por um jovem de boa aparência, José Moran, mas de caráter duvidoso.

REBELO, Marques. Apenas um delinquente. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Terça-Feira, 10 de junho de 1952. N 304, p. 2. Retoma a crônica do dia anterior e continua a tratar do golpista José Moran e de sua entrada na prisão.

REBELO, Marques. Monólogos. In: *Jornal Última Hora*. Ano I, Rio, Quarta-Feira, 11 de junho de 1952. N 305, p. 2. Dividida em dezesseis itens, traz reflexões sobre o homem e suas ações em sociedade, a exemplo de: “a religião não deveria ser para os pobres mais que alegria.”

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano I, Rio, Quinta-Feira, 12 de junho de 1952. N 306. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Um ano. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 13 de junho de 1952. N 307, p. 2. Com característica narrativa, trata de pessoas que julgam sustentar apenas virtudes.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 14 de junho de 1952. N 308. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Allegro sem brio. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 16 de junho de 1952. N 309, p. 2. Critica o feriado de Corpus Christi, uma vez que faz parar escolas, em que pouco se ensina, e repartições em que pouco se trabalha.

REBELO, Marques Andantino Assai Agitado. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 17 de junho de 1952. N 310, p. 2. Critica a apresentação do espetáculo “Vínculo indissolúvel”, realizado na “boate” (o autor emprega aspas) Tiradentes, por sua péssima qualidade.

REBELO, Marques. Larghetto e Galope Semifinal. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 18 de junho de 1952. N 311, p. 2. Comenta os nomes dos defensores da liga eleitoral católica, tratando-os de liga eleitoral diabólica.

REBELO, Marques. Breves Notícias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 19 de junho de 1952. N 312, p. 2. Comenta os resultados da Taça Major Ramiro, uma competição automobilística, cita a COFAP como empresa que se aproveita do evento para realizar entrevistas e propaganda.

REBELO, Marques. Memento. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 20 de junho de 1952. N 313, p. 2. Critica, por seu caráter sensacionalista, a revista *Escândalos*, dirigida por Nilson Risarde.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 21 de junho de 1952. N 314. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Cultura para o povo. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 23 de junho de 1952. N 315, p. 2. Critica o amparo financeiro oferecido pela prefeitura ao Fluminense Futebol Clube para a realização da Taça Rio.

REBELO, Marques. Uma derrapagem. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 24 de junho de 1952. N 316, p. 2. Critica o romancista Gustavo Corção, que escreve “bastante a muque e papel-carbono”, pela falta de qualidade de seus textos.

REBELO, Marques. Lição de Amiel. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 25 de junho de 1952. N 317, p. 2. De tom narrativo, aborda a saúde frágil do cronista e a brevidade da vida, constatando que “o fundo e o realce de tudo é o cemitério”.

REBELO, Marques. Despertar de um sonho. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 26 de junho de 1952. N 318, p. 2. Comenta uma ação policial para conter uma “rebelião de penitenciados, que aos poucos vão se rendendo”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 27 de junho de 1952. N 319. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 28 de junho de 1952. N 320. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Quinta-Feira sem Aspas. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 30 de junho de 1952. N 321, p. 2. Apresenta o cronista como jornalista e seu hábito de acordar mais cedo às quintas-feiras apenas para se preparar para o comício logo mais. A crônica tem tom irônico em relação às falas em comícios, enfatizando que se trata de um evento propício para gargalhadas. Não menciona nenhum nome de político, mas comenta a escrita do jornalista Rafael Correia de Oliveira, único na imprensa a não se opor aos comícios. Cita amigos cronistas que, igual a ele, escrevem para rir de tais acontecimentos: Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Oto Lara Rezende.

Crônicas publicadas em julho de 1952

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 1º de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 2 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 3 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 4 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 5 de julho de 1952.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 7 de julho de 1952. N 327. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 8 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 9 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 10 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 11 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 12 de julho de 1952.

REBELO, Marques. Diplomáticas. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 14 de junho de 1952. N 333, p. 2. Comenta a ida do cônsul João Baptista Teles Soares de Pina a uma boate onde foi visto com moças de postura duvidosa.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 15 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 16 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 17 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 18 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 19 de julho de 1952.

REBELO, Marques. Bancárias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 21 de julho de 1952. N 339, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 22 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 23 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 24 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 25 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 26 de julho de 1952.

REBELO, Marques. Condições. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 28 de julho de 1952. N 345, p. 2. Comenta ações de José Bonifácio, que comprou uma ação do Banco do Brasil para que pudesse lá “penetrar e desmascarar negócios escusos”. O cronista se refere a ele como o novo Sherlock oportunista.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 29 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 30 de julho de 1952.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 31 de julho de 1952.

Crônicas publicadas em agosto de 1952

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 1º de agosto de 1952. N 349. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Lições de Tillier. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 2 de agosto de 1952. N 350, p. 2. Apresenta uma reflexão pessimista sobre o viver. Indaga o cronista não saber o motivo de “o homem se apegar tanto à vida”.

REBELO, Marques. Agora é Cinza. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 4 de agosto de 1952. N 351, p. 2. Discute um projeto de lei proposto pela Câmara de Vereadores para a implantação de um crematório no Rio de Janeiro.

REBELO, Marques. Bancárias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 5 de agosto de 1952. N 352, p. 2. Discute, criticamente, ações do Ministro da Fazenda que impedem ou dificultam aos pequenos empresários obter empréstimos bancários. Na visão do cronista, essa ação está mais ligada à amizade entre o Sr. Ministro Horácio Lafer e os banqueiros.

REBELO, Marques. Posta restante. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 6 de agosto de 1952. N 353, p. 2. Em formato de cartas enviadas a pessoas não identificadas, mas a cidades específicas, brinca com o problema social de cada cidade.

REBELO, Marques. Folha de outra árvore. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 7 de agosto de 1952. N 354, p. 2. Apresenta uma série de quinze pensamentos irônicos sobre a vida a morte e o viver, a exemplo: “a morte é doce: nos liberta do pensamento da morte”.

REBELO, Marques. Ganhe o seu prêmio. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 8 de agosto de 1952. N 355, p. 2. Propõe um concurso irônico com respostas para o inquérito de corrupção dentro do Banco do Brasil.

REBELO, Marques. De Swift. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 9 de agosto de 1952. N 356, p. 2. Comenta de maneira crítica a educação dos “liliputianos” que supervalorizam a educação da língua, mas não o respeito ao outro.

REBELO, Marques. Erro ou Pão-durismo. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 11 de agosto de 1952. N 357, p. 2. Comenta o bom estado de conservação do seminário arquidiocesano do Rio Comprido e indaga o alto valor orçado para a reforma (desnecessária).

REBELO, Marques. Primeira Dose - Arquitetura no Museu. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 12 de agosto de 1952. N 358, p. 2. Critica a noite de inauguração do Museu de Arte Moderna, bem como a exposição atual, então em curso, que nada tem de moderna.

REBELO, Marques. Arquitetura no Museu - Segunda Dose -. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 13 de agosto de 1952. N 359, p. 2. Critica a exposição de Carmem Portinho a qual, segundo o cronista, faz da arte sua distração.

REBELO, Marques. Arquitetura no Museu - Terceira Dose. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 14 de agosto de 1952. N 360, p. 2. Critica a disposição das obras em uma exposição do Museu de Arte Moderna, lamenta não ser proibido fumar e mais ainda não ser proibido haver moscas.

REBELO, Marques. Arquitetura no Museu – Quarta e Última Dose. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 15 de agosto de 1952. N 361, p. 2. Finaliza a série de crônicas sobre o museu lamentado ser este apenas um elemento decorativo da arquitetura brasileira.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 16 de agosto de 1952. N 362. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Dolorosas incompreensões de nossa democracia. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 18 de agosto de 1952. N 363, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Bandeira Vermelha. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 19 de agosto de 1952. N 364, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Boa estrela. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 20 de agosto de 1952. N 365, p. 2. Comenta o afastamento do senhor Edgar Estrela depois de dez anos à frente da inspetoria de trânsito.

Não foi encontrado exemplar referente ao dia 21 de agosto de 1952.

REBELO, Marques. Segundo vale. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 22 de agosto de 1952. N 367, p. 2. Em formato de causo, critica a ação de venda de apartamentos a valores exorbitantes, ação esta denunciada às autoridades pelo senhor Santos Vahlis.

REBELO, Marques. Lição de Tillier. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 23 de agosto de 1952. N 368, p. 2. Em tipologia narrativa, apresenta um personagem de 40 anos que fala sobre o ser humano e a vida. Vale pontuar que foi muito difícil a leitura devido à qualidade do arquivo.

REBELO, Marques. De Villegaignon para a Praia Vermelha. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 25 de agosto de 1952. N 369, p. 2. Menciona a ilha de Villegaignon, descrevendo-a no passado em comparação com o presente e a

mudança da academia naval de lá para um novo edifício que será construído (sem necessidade na visão do cronista).

REBELO, Marques. Primeiro Tempo. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 26 de agosto de 1952. N 370, p. 2. Critica um alto empréstimo feito pelo banco da prefeitura para obras de uma nova adutora.

REBELO, Marques. Segundo Tempo. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 27 de agosto de 1952. N 371, p. 2. Responde às críticas do presidente do banco da prefeitura em relação à crônica do dia anterior que critica o empréstimo alto feito pelo banco.

REBELO, Marques. Flores de outro jardim. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 28 de agosto de 1952. N 372, p. 2. Em formato de aforismos, aborda a mediocridade humana, a exemplo de: “não necessita dizer que relê as grandes obras, porque sempre parece que não as leu”.

REBELO, Marques. Correspondência. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 29 de agosto de 1952. N 373, p. 2. Trata de uma resposta a críticas que o cronista recebeu em relação ao que escreveu sobre o petróleo e a um erro ortográfico que ele cometeu. O cronista responde que é melhor que a pessoa vá catar erros de decência.

REBELO, Marques. Lição de Amiel. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 30 de agosto de 1952. N 374, p. 2. Discorre sobre a infância e conclui que os filhos são críticas aos defeitos dos pais.

Crônicas publicadas em setembro de 1952

REBELO, Marques. Notas Elegantes. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 1º de setembro de 1952. N 375, p. 2. Ironiza as edificações de Juscelino Kubitschek enquanto governador de Minas Gerais.

REBELO, Marques. Pelo Menos Coerência. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 2 de setembro de 1952. N 376, p. 2. Retoma a crônica de 25 de agosto sobre a construção de um novo edifício para a Academia Naval, a fim de responder a um leitor anônimo sobre o edital aberto pela marinha para a contratação de engenheiros e arquitetos para o trabalho no novo prédio.

REBELO, Marques. Um Orçamento. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 3 de setembro de 1952. N 377, p. 2. Dialoga com o leitor afirmando não ser o cronista vaidoso como são os homens do governo; para tanto, aponta números elevados que teriam sido empregados na saúde pública.

REBELO, Marques. Homenagem a Chico Barbosa. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 3 de setembro de 1952. N 378, p. 2. Dialoga com o leitor afirmando não ser o cronista vaidoso como são os homens do governo; para tanto, aponta números elevados que teriam sido empregados na saúde pública.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 4 de setembro de 1952. N 379. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 5 de setembro de 1952. N 380. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. A vida que a Telefônica nos dá. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 6 de setembro de 1952. N 381, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Homenagem a Chico Barbosa. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 8 de setembro de 1952. N 382, p. 2. Festeja o livro “A vida de Lima Barreto”, escrito por Francisco de Assis Barbosa, elogiando o conteúdo da obra.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 9 de setembro de 1952. N 383, p. 2. Narra a morte de Cardoso e o fato de ter sido supostamente envenenado. Nada descobriram sobre o fato, mas o dinheiro pertencente à vítima sumiu do cofre.

REBELO, Marques. Terra Querida. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 10 de setembro de 1952. N 384, p. 2. O cronista narra um episódio em que uma madame brasileira, mas com cara de estrangeira, pergunta-lhe em tom de escarninho, por que amava tanto o Rio. Em tom irônico, responde apontando todos os problemas da cidade e de seus habitantes, a saber: ruas sujas; pessoas mal-educadas; déficit educacional; corrupção; ônibus sujos e malconservados; pessoas que colocam os pés nos bancos e rasgam o tecido do estofamento; hábitos de arrotar; falar palavrões; faltam bibliotecas e museus; salário baixo dos trabalhadores.

REBELO, Marques. Gaveta alheia. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 11 de setembro de 1952. N 385, p. 2. Em 18 aforismos, aponta frases irônicas sobre viver em sociedade, por exemplo, “não é necessário ter talento, apenas dinheiro” e “amar a natureza, apesar do barro”.

REBELO, Marques. Ato paulistano. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 12 de setembro de 1952. N 386, p. 2. Em tom narrativo conta sobre a compra de uma obra de arte de valor alto por um cardeal.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 13 de setembro de 1952. N 387. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 15 de setembro de 1952. N 388. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 16 de setembro de 1952. N 389, p. 2. Narra a morte de um farmacêutico, sem mencionar o nome, ressaltando as dívidas que ele deixou.

REBELO, Marques. Cada Macaco no seu galho. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 17 de setembro de 1952. N 390, p. 2. Responde a uma carta do ministro da marinha enviada ao *Última Hora* sobre o edital para a construção do novo prédio da marinha.

REBELO, Marques. Felicidade. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 18 de setembro de 1952. N 391, p. 2. Apresenta sete micronarrativas, em que Felicidade, mulher negra, pobre e solteira (infelizmente, como ela responde a alguém que lhe pergunta) é personagem principal.

REBELO, Marques. O papagaio encantado. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 19 de setembro de 1952. N 392, p. 2. Em onze aforismos brinca com a condição de endividamento do homem.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 20 de setembro de 1952. N 393, p. 2. Narra um jantar à luz de velas pela falta de energia, algo recorrente.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 22 de setembro de 1952. N 394, p. 2. O cronista descreve a cidade de Aparecida, no estado de São Paulo, aponta seu lado feio e sujo em contraposição com a riqueza da basílica; ironiza o poder de tantos milagres. Vale pontuar que essa crônica está inserida no livro *Cenas da Vida Brasileira*, publicado pela primeira vez em 1951, reeditado em 2010 pela José Olympio, trata-se de material que serviu de corpus à dissertação desta pesquisadora.

REBELO, Marques. Panchatantra. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 23 de setembro de 1952. N 395, p. 2. Em doze aforismos, ridiculariza a pouca erudição dos homens de poder, enfatizando que “erudição é menos que bom senso, por isso preferam a inteligência”.

REBELO, Marques. Congresso. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 24 de setembro de 1952. N 396, p. 2. Narra a instalação do primeiro congresso nacional de cinema brasileiro, ironizando a falta de qualidade de nosso cinema.

REBELO, Marques. Oração aos vagos. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 25 de setembro de 1952. N 397, p. 2. Compara a oração à bula de remédio, cita diversas doenças e diz, ironicamente, que as doses de oração curam qualquer uma delas.

REBELO, Marques. O Dhammapada. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 26 de setembro de 1952. N 398, p. 2. Em onze aforismos, brinca com a pouca inteligência humana para entender a lei e menos ainda para respeitá-la, pois a “vida é fácil de viver para um homem que não tem vergonha”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 27 de setembro de 1952. N 399. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. O Caminho do Meio. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 29 de setembro de 1952. N 400, p. 2. Em onze aforismos, faz

reflexões sobre ser político e ser justo. Escreve: “pode-se jamais imaginar uma alma mesquinha servindo como Ministro do Estado”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Terça-Feira, 30 de setembro de 1952. N 401. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Crônicas publicadas em outubro de 1952

REBELO, Marques. O Cantor da Cidade. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 1º de outubro de 1952. N 402, p. 2. Trata-se de um necrológico por meio do qual o cronista lamenta com pesar a morte de Francisco Alves.

REBELO, Marques. O Amigo Chinês. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 2 de outubro de 1952. N 403, p. 2. Em oito mini narrativas brinca com situações de amizades entre homens importantes, enfatizando que: “o homem superior compreende o que é direito, um homem inferior compreende o que quer vender”.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 3 de outubro de 1952. N 404, p. 2. Relata uma noite fria no Rio de Janeiro, na qual, os cariocas, acostumados com o calor, sofrem.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 4 de outubro de 1952. N 405. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Para seu Governo. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 6 de outubro de 1952. N 406, p. 2. Dividida em seis partes, é um monólogo sobre o que seria um bom governo.

REBELO, Marques. Retrato - Primeira Parte. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 7 de outubro de 1952. N 407, p. 2. A crônica mais lembra um conto no que se refere à estrutura. No enredo, verifica-se uma conversa entre mãe e filho em um café da cidade, e o desconforto da mulher por dor de dente, na verdade, por não ter os dentes da frente.

REBELO, Marques. Retrato - Segunda Parte. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 8 de outubro de 1952. N 408, p. 2. Sequência da crônica do dia anterior, tem-se o diálogo expandido para outros assuntos dentre eles beber cachaça, viajar e, na falta de dinheiro, roubar.

REBELO, Marques. Mundo louco. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 9 de outubro de 1952. N 409, p. 2. Traz uma reflexão sobre as mudanças no mundo. Vale ressaltar que foi muito difícil ler a crônica devido à qualidade do arquivo digital.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 10 de outubro de 1952. N 410. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”. No entanto, há, na primeira página uma notícia que apresenta Rebelo como o novo presidente da Rádio Clube do Brasil.

REBELO, Marques. Falta desculpável. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 13 de outubro de 1952. N 411, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. O general. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 14 de outubro de 1952. N 412, p. 2. A crônica fala sobre a experiência do cronista como romancista, citando o romance “A Estrela Sobe” cujo enredo trata da vida no rádio, o cronista menciona que vai se aproveitar dessa experiência para a direção da Rádio Clube do Brasil que havia acabado de assumir.

REBELO, Marques. O meio dourado. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 15 de outubro de 1952. N 413, p. 2. Dividida em quatro partes, reflete sobre a necessidade de se subordinar frente ao outro.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 16 de outubro de 1952. N 414. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 17 de outubro de 1952. N 415. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Uma eleição. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 18 de outubro de 1952. N 416, p. 2. Dirige-se ao autor de *Oscarina*, ou seja, o próprio Rebelo, falando da sua experiência como sócio fundador da ABDE e comenta a eleição que ocorreria naquele dia para a nova diretoria.

REBELO, Marques. Um resultado justo. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 20 de outubro de 1952. N 417, p. 2. Aborda a vitória de Jorge de Lima, elogiando-o e exaltando sua capacidade para dirigir a ABDE.

REBELO, Marques. Uma vez Flamengo, sempre América. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 21 de outubro de 1952. N 418, p. 2. Comenta um jogo entre Flamengo e América, após o qual o Flamengo se sagrou campeão, mas continua o coração do cronista a bater pelo América.

REBELO, Marques. Fórum. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 22 de outubro de 1952. N 419, p. 2. Aborda a grafia do nome Dina que se escreve com H ao final, mas o cronista cortou a última letra e a impertinente dona do nome reclamou.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 23 de outubro de 1952. N 420. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 24 de outubro de 1952. N 421, p. 2. O arquivo digital está totalmente ilegível.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 25 de outubro de 1952. N 422. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Correrias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 27 de outubro de 1952. N 423, p. 2. Brinca ironicamente com problemas com um

carregamento de bois que iria para o matadouro, mas foi interrompida, pois o caminhão sofreu um acidente.

REBELO, Marques. Os epigramas de Lusin. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 28 de outubro de 1952. N 424, p. 2. Em seis partes, apresenta reflexões sobre posturas da burguesia de políticos e a imaturidade da sociedade, enfatizando: “a burguesia gosta de saber de escândalos, sobretudo escândalos com as pessoas que ela conhece”.

REBELO, Marques. Lembrança Parisiense. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 29 de outubro de 1952. N 425, p. 2. Escrita em uma de suas viagens a Paris, narra sobre um casal apaixonado no metrô de Paris. Vale pontuar que essa crônica está inserida no livro *Correio europeu*, de 1959, publicado pela José Olympio e reeditado por ela em 2014.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 30 de outubro de 1952. N 426. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Choques de Cultura. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 31 de outubro de 1952. N 427, p. 2. A crônica apresentou-se ilegível devido à qualidade do arquivo digital. Foi possível apenas perceber que se trata da narrativa de um episódio que envolveu o político Nelson Carneiro.

Crônicas publicadas em novembro de 1952

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 1º de novembro de 1952. N 428. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 3 de novembro de 1952. N 429. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Provérbios de Tut-Tut. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 4 de novembro de 1952. N 430, p. 2. Dividida em dez partes escritas em tom de provérbio, aconselha a suportar insultos para ter paz de espírito: “suporta um pequeno insulto e livra-te de um grande”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 5 de novembro de 1952. N 431. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. O Presidente Ike. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 6 de novembro de 1952. N 432, p. 2. Comenta sobre a Rádio Clube do Brasil ter passado toda a madrugada noticiando a eleição nos Estados Unidos, com vitória de Dwight David “Ike” Eisenhower, de quem o cronista diz esperar para o Brasil o apoio (não frisa de que natureza) que, enquanto candidato, Ike prometeu.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 7 de novembro de 1952. N 433. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 8 de novembro de 1952. N 434, p. 2. Bem ao estilo dos contos de Rebelo, a crônica é uma narrativa ambientada num bar decadente e suburbano carioca, no qual jovens com idade entre 14 e 16 anos, vindos de várias partes do Brasil para viver na capital, bebem cachaça jogam sinuca, curtindo a vida, sem oportunidades de trabalho.

REBELO, Marques. Recomeçou a vida. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 10 de novembro de 1952. N 435, p. 2. Aponta a importância de ter sido recomeçado o campeonato carioca de futebol depois de uma pausa de quinze dias.

REBELO, Marques. Provérbios para terça-feira. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 11 de novembro de 1952. N 436, p. 2. Em oito provérbios, reflete sobre o dinheiro, a pobreza e a estupidez humana e diz: “os filhos estúpidos não arruinam uma família; são os inteligentes que o fazem”.

REBELO, Marques. Caderno Dinamarquês. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 12 de novembro de 1952. N 437, p. 2. Fala de cidades europeias, comentando seus pontos negativos. Vale pontuar que essa crônica está inserida no livro *Correio europeu*, de 1959, publicado pela José Olympio e reeditado por ela em 2014.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 13 de novembro de 1952. N 438. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 14 de novembro de 1952. N 439. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Não houve expediente do jornal *Última Hora* referente a 15 de novembro de 1952.

REBELO, Marques. Noticiário. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 17 de novembro de 1952. N 440, p. 2. Comenta sobre a ação de fiscalização do senhor Castelo, presidente da COFAP.

REBELO, Marques. Álvaro Lins para Portugal. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 18 de novembro de 1952. N 441, p. 2. Menciona a ida de Álvaro Lins a Portugal para receber uma cátedra brasileira, elogia a escolha pelo crítico.

REBELO, Marques. Balaio Cheio. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 19 de novembro de 1952. N 442, p. 2. Em onze aforismos, aborda a guerra, a loucura e a resignação, dizendo: “e é preciso, apesar de tudo, resignar-se a produzir o efeito contrário” e “a guerra não pode ser outra coisa que a vingança dos animais que assassinamos”.

REBELO, Marques. Bremen. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 20 de novembro de 1952. N 443, p. 2. Fruto de sua viagem à Europa, apresenta Charlotte, vendedora de cartões postais, que vaga pelas ruas de Bremen bem distante da Charlotte de Goethe. Vale pontuar que essa crônica está inserida no livro *Correio europeu*, de 1959, publicado pela José Olympio e reeditado por ela em 2014.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 21 de novembro de 1952. N 444. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 22 de novembro de 1952. N 445. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Ao senhor prefeito. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 24 de novembro de 1952. N 446, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 25 de novembro de 1952. N 447, p. 2. Conta a história de um casal de cegos sentado à porta de uma loja de couros. Interessante pontuar que na narrativa há a inserção de uma cantiga triste e monótona popular. A monotonia da letra corrobora a tristeza contínua do casal que vive e esmolas.

REBELO, Marques. A Cabeça dos Outros. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 26 de novembro de 1952. N 448, p. 2. Dividida em quinze aforismos, fala sobre os assuntos que motivam a escrita de crônicas pelo cronista, sobre o fim da vida e o fim da inspiração.

REBELO, Marques. Acontecimentos esparsos. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 27 de novembro de 1952. N 449, p. 2. Dividida em quatro partes, comenta quatro acontecimentos verídicos: casos de estupro; de corrupção de juiz; um assalto e a censura de músicas carnavalescas.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 28 de novembro de 1952. N 450, p. 2. Comenta que recebeu notícias, por meio do amigo Newton Prates, de que, em Montes Claros, Minas Gerais, houve um patético espetáculo teatral que acabou não tendo seu fim por uma falha no cenário que impediu o início do terceiro ato.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 29 de novembro de 1952. N 451. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Crônicas publicadas em dezembro de 1952

REBELO, Marques. Resenha. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 1º de dezembro de 1952. N 452, p. 2. Comenta sobre a eleição do papa Pio XII e do novo cardeal brasileiro.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 2 de dezembro de 1952. N 453, p. 2. Em discurso direto, traz a conversa de um casal sobre a vergonha (falta dela) na América.

REBELO, Marques. Visitas e estreias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 3 de dezembro de 1952. N 454, p. 2. Narra sobre um membro do partido comunista britânico que vive em São Paulo e diz não ser comunista.

REBELO, Marques. Aeroporto. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 4 de dezembro de 1952. N 455, p. 2. Fala sobre a viagem de intelectuais à Europa para fins culturais, cita Sergio Buarque de Holanda, Josué Montelo, Celso Cunha e Cassiano Ricardo.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 5 de dezembro de 1952. N 456. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 6 de dezembro de 1952. N 457. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Milagres do Espírito Santo. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 8 de dezembro de 1952. N 458, p. 2. Menciona de forma irônica o afastamento do prefeito João Carlos Vital, afirmando que ele foi eleito para tudo, menos para administrar a prefeitura.

REBELO, Marques. Pastor do trânsito. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 9 de dezembro de 1952. N 459, p. 2. Menciona a antipatia do cronista pelo comissário Padilha, da polícia, tecendo críticas à ausência dele em situações pontuais.

REBELO, Marques. Congresso de Bisturis. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 10 de dezembro de 1952. N 460, p. 2. Comenta a eleição da cidade de São Paulo como sede para o Congresso Anual de Cirurgões, lamentando não ser o Rio de Janeiro.

REBELO, Marques. Paraquedas. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 11 de dezembro de 1952. N 461, p. 2. O cronista se coloca como alguém sentimental que se entenece frente à natureza, mas se entenece mais ainda com as novas conquistas no país, no caso a produção de paraquedas. De tom acentuadamente irônico, o cronista externa sua alegria por saber que o país, que precisa importar tantos produtos, não precisará mais importar paraquedas, extremamente útil à população, em especial, de baixa renda.

REBELO, Marques. Aumento dos Jornalistas. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 12 de dezembro de 1952. N 462, p. 2. Critica o aumento de salário dos deputados e pontua a necessidade do aumento de salário dos jornalistas.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 13 de dezembro de 1952. N 463, p. 2. A crônica lembra, com tom irônico, a visita do Frei de Guadalupe, ao Brasil, ocorrida em 1727. O frei, ao ver tanto ouro existente à época, arregalou os olhos, “que já eram arregalados naturalmente”. E o religioso, vendo a região auspiciosa para ele e para a religião, para o Rio mudou-se, sendo o quarto bispo do Rio de Janeiro. Sua importante ação foi proibir a entrada de pessoas negras na igreja.

REBELO, Marques. Ainda há Poetas. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 15 de dezembro de 1952. N 464, p. 2. A crônica ironiza o encerramento da semana da marinha, momento em que versos com rimas e métricas sem conteúdo foram lidos para homenagear um general.

REBELO, Marques. Batalha Naval. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 16 de dezembro de 1952. N 465, p. 2. A crônica dedica-se a falar de um jogo entre Vasco e Flamengo, referente ao campeonato estadual.

REBELO, Marques. Os médicos lutam. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 17 de dezembro de 1952. N 466, p. 2. A crônica traz dados estatísticos sobre a falta de médicos em todos os estados do Brasil, e coloca o Brasil em situação de vasto hospital.

REBELO, Marques. O Penacho do Orçamento. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 18 de dezembro de 1952. N 467, p. 2. A crônica critica a aprovação do orçamento municipal, denunciando os esquecimentos da prefeitura a respeito do pagamento de vencimentos atrasados dos funcionários.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 19 de dezembro de 1952. N 468. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. O circo. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 20 de dezembro de 1952. N 469, p. 2. A crônica ironiza a chegada de um circo mambembe na cidade, faz comparações com o espetáculo grandioso oferecido por grandes circos do passado e a pobreza e falta de criatividade dos artistas daquele momento.

REBELO, Marques. O sol e a vela. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 22 de dezembro de 1952. N 470, p. 2. Inicia-se afirmando que os entraves para o progresso do Brasil advêm da burocracia, herdada do passado colonial, favorecendo a preguiça, a bestialidade e a ignorância do mau funcionário público. Ironicamente, pontua que devemos ficar felizes por termos conseguido ser o que somos enquanto nação face aos tristes meios administrativos de que dispomos.

REBELO, Marques. Um presente de natal. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 23 de dezembro de 1952. N 471, p. 2. Comenta sobre o nome do senhor Dulcídio Cardoso ser confirmado para assumir o cargo de o prefeito, já que João Carlos Vital havia sido retirado do governo municipal. O cronista finaliza a crônica apontando que o novo governo é um presente de natal que em nada mudará a vida do povo.

REBELO, Marques. Natal na Rádio Clube. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 24 de dezembro de 1952. N 472, p. 2. Em tom de agradecimento, o cronista comenta a confraternização de natal da Rádio Clube, a qual ele dirige, sem deixar de mencionar que houve atraso por parte do Papai Noel por causa do trânsito ruim da cidade.

Não houve expediente em 25 de dezembro de 1952.

REBELO, Marques. Natal. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 26 de dezembro de 1952. N 473, p. 2. Ironicamente, brinca com os altos preços dos produtos natalinos “nozes, castanhas”, necessários à ceia e aponta que houve recesso de todos durante o dia de natal, inclusive dos bandidos. Ainda critica a feia decoração das ruas cariocas, que é a “mais feia no mundo”.

REBELO, Marques. A perseguição. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 27 de dezembro de 1952. N 474, p. 2. O cronista inicia dizendo que vai pôr em dia um assunto atrasado, referente à posse do senhor Mourão Filho numa secretaria da prefeitura, embora não elogie o eleito, não o desabona e põe em evidência a frase dele no discurso de posse “agora, vamos trabalhar!” e uma vozinha ao fundo de um funcionário da prefeitura responde: “pronto já começa a perseguição!”.

REBELO, Marques. Com um Jeito de Réplica. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 29 de dezembro de 1952. N 475, p. 2. A crônica tem um tom bem biográfico por meio do qual o cronista comenta seu modo de escrever de forma purista, aponta saber ser ele um crítico, mas “ninguém corrige o mundo”.

REBELO, Marques. A revolução. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 30 de dezembro de 1952. N 476, p. 2. A crônica comenta a fala de um “intelectual”, diretor de uma rádio, não identificado pelo nome. Ele prometeu uma revolução nos métodos da radiofonia. Os jornalistas tentaram entrevistá-lo, a fim de saber de que se tratava a revolução. Porém, ele disse que estava muito ocupado e sem tempo para entrevistas.

REBELO, Marques. Ainda há revolução. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 31 de dezembro de 1952. N 477, p. 2. Dando sequência à crônica do dia anterior, o cronista comenta que um jornalista conseguiu entrevistar o intelectual. Como resposta à pergunta sobre o que seria a revolução: expulsar os desocupados que lá transitam e ainda baixar o ordenado dos funcionários.

1953

Crônicas publicadas em janeiro de 1953

Não houve expediente em 1º de janeiro de 1953.

REBELO, Marques. Ano novo. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 2 de janeiro de 1953. N 478, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Para encher o espaço. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 3 de janeiro de 1953. N 479, p. 2. A crônica faz um jogo sobre o que deixará de ser cada vez menos e o que será cada vez mais, a exemplo do futebol que será cada vez menos futebol para ser cada vez mais negócio, as pessoas comerão cada vez menos e pagarão cada vez mais pelos produtos.

REBELO, Marques. Marques Gastão no Brasil. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 5 de janeiro de 1953. N 480, p. 2. A crônica comenta a chegada do jornalista português Marques Gastão ao Brasil, criticando o fato de que o jornalista diz amar o Brasil, mas apenas no último dia é que permitiu ser entrevistado. Pontua, ironicamente, que ele seria um exemplo se neste mundo aindaoubessem exemplos.

REBELO, Marques. O crânio. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 6 de janeiro de 1953. N 481, p. 2. A crônica ironiza a inteligência do ministro da fazenda por ações referentes à compra de algodão adquirido pelo Banco do Brasil. O algodão foi guardado nos armazéns do Departamento Nacional de Café. Os armazéns puderam guardar o algodão, porque não havia café.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 7 de janeiro de 1953. N 482, p. 2. A crônica faz um elogio às frutas, como se elas falassem para agradecer, ironicamente, as videiras trazidas da França, cujo custo foi altíssimo para o pouco benefício que se espera ter.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 8 de janeiro de 1953. N 483. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”. Mas há uma notícia, na primeira página, sobre a “Medalha do Barnabé” concedida a Samuel Wainer e a Marques Rebelo por serviços prestados aos radialistas.

REBELO, Marques. Para encher o peito. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 9 de janeiro de 1953. N 484, p. 2. A crônica é um agradecimento do cronista por ter recebido a “Medalha do Barnabé” e, nela, ele expressa o desejo de continuar merecedor de receber homenagens.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 10 de janeiro de 1953. N 485, p. 2. O texto, que mais lembra um conto, permite conhecer o homem que vivia no campo a criar gados, mas devido à seca, perdeu muito dinheiro e decidiu ir morar na cidade, a fim de não ter de pedir um empréstimo ao Banco do Brasil. Na cidade, comprou um apartamento e passou a viver com certo conforto, vendendo vinho, produto cujo matéria-prima vem do campo.

REBELO, Marques. A mesma música. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 12 de janeiro de 1953. N 486, p. 2. É interessante pontuar que esta crônica, apesar do título ser diferente, é a mesma publicada em 15 de fevereiro de 1952 sob o título “Matéria urgente” e foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 13 de janeiro de 1953. N 487, p. 2. Bem similar ao conto, a crônica sugere em flashes, à moda de Oswald de Andrade, a composição da cidade pacata.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 14 de janeiro de 1953. N 488, p. 2. Muito similar ao conto, o personagem descreve uma viagem a uma cidade muito fria e interiorana que, além de desconfortável, tem um sabonete que não faz espuma.

REBELO, Marques. Resposta a uma dama. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 15 de janeiro de 1953. N 489, p. 2. O cronista responde a uma carta recebida de uma mulher, pede desculpas pela demora e lhe responde sobre ações do ministro de estado que não favorecem o povo. Vale pontuar que a qualidade do arquivo digital dificultou a leitura.

REBELO, Marques. Outra resposta. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 16 de janeiro de 1953. N 490, p. 2. O cronista inicia dizendo que não gostaria de

usar a coluna para responder ao volume intenso de correspondência, mas era preciso responder à dama sobre o fato de um poeta que vive metido em baixa política e altas negociações ser ou não ser confiável. Ele responde não, e diz que só conhece um poeta com esse perfil e que não deve ser mera coincidência de que se trata da mesma pessoa.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 17 de janeiro de 1953. N 491, p. 2. Similar a um conto, a crônica apresenta Seu Paulino, pastor protestante, avaro e comerciante. Um dia negou a Pedrinho uma venda fiada, doze anos depois já médico, Pedrinho consulta Seu Paulino que, endividado, não tinha como pagar a Pedrinho a consulta. O médico atendeu o homem e ainda lhe deu dinheiro para quitar a sua dívida.

REBELO, Marques. A serenata. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 19 de janeiro de 1953. N 492, p. 2. A crônica, ironicamente, informa que haverá uma serenata para receber o novo governador da cidade, o Coronel Dulcídio Cardozo.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 20 de janeiro de 1953. N 493, p. 2. Em tom de conto, o texto nos apresenta o Mercado Moderno de Seu Teotônio que, no passado, fora a mais moderna da cidade e hoje restou apenas a melancólica fachada.

REBELO, Marques. Uma noite memorável. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 21 de janeiro de 1953. N 494, p. 2. A crônica descreve a homenagem feita à cidade do Rio de Janeiro por conta de seus 388 anos, sendo o jornal *Última Hora* e a Rádio Clube do Brasil responsáveis pelo evento.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 22 de janeiro de 1953. N 495, p. 2. A crônica comenta as placas antigas que davam nome às ruas cariocas e enfatiza a necessidade de que novas placas sejam colocadas.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-feira, 23 de janeiro de 1953. N 496. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 24 de janeiro de 1953. N 497, p. 2. Em tom de conto, apresenta-se ao leitor Dona Cesária, viúva, rica e gorda; seis meses depois de viuar, ela se casa com Felipe, 23 anos, cuja ambição era ficar viúvo, mas o rapaz morre e ela segue a vida.

REBELO, Marques. O prefeito cá em casa. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 26 de janeiro de 1953. N 498, p. 2. A crônica ironiza a atuação do Coronel Dulcídio do Espírito Santo Cardoso por seus discursos vazios.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 27 de janeiro de 1953. N 499, p. 2. Publicada inicialmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica refere-se à vida pacata no interior de Minas Gerais.

REBELO, Marques. Pobre ensino. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 28 de janeiro de 1953. N 500, p. 2. A crônica narra a ida de estudantes à Rádio

Clube do Brasil para pedir auxílio à imprensa, a fim de que fosse denunciado o aumento da taxa das escolas ginásiais.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 29 de janeiro de 1953. N 501, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica, em tom melancólico, descreve a triste tranquilidade de uma cidadezinha do interior.

REBELO, Marques. O mapa da mina. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 30 de janeiro de 1953. N 502, p. 2. A crônica denuncia o trabalho da inspetoria do tráfego e ironicamente afirma que os funcionários não conhecem nem a planta na cidade.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 31 de janeiro de 1953. N 503, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica aborda o cenário pacato de uma cidade do Norte com poucos moradores, mas com o cemitério cheio devido aos mosquitos causadores de malária.

Crônicas publicadas em fevereiro de 1953

REBELO, Marques. Que calor! In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 2 de fevereiro de 1953. N 504, p. 2. O cronista se apresenta como alguém que não costuma reclamar do frio, se frio; do calor, se calor; mas se pergunta onde há sombra na cidade se os homens cortaram todas as árvores.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 3 de fevereiro de 1953. N 505, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica se refere à praça mineira Governador Valadares e diz que no passado ela tinha árvores e sombras. Mas a prefeitura, com vista a fazer um jardim moderno, plantou flores rasteiras e agora há perigos de queimadura de segundo grau.

REBELO, Marques. Um agradecimento. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 4 de fevereiro de 1953. N 506, p. 2. O cronista agradece nominalmente à equipe que está ao seu lado na direção da Rádio Clube do Brasil, dentre os citados estão: Adonias Filho, Francisco de Assis Barbosa, Aníbal Machado, Érico Veríssimo, Paulo Ronai e Josué Montelo.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 5 de fevereiro de 1953. N 507, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica traz o diálogo entre Adolfo e Antônio, este é professor de matemática e aquele, aluno. O professor reclama do volume de aula necessário para se ter um bom salário.

REBELO, Marques. A grande chaga. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 6 de fevereiro de 1953. N 508, p. 2. Retomando a crônica de 28 de janeiro, o cronista conta sobre a ida de estudantes à Rádio Clube do Brasil. Os estudantes

tiveram os microfones abertos para criticar o aumento das taxas escolares. Os telefonemas de apoio aos jovens foram muitos.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 7 de fevereiro de 1953. N 509, p. 2. A crônica começa brincando com a abertura da urna das Marias, correspondente às eleitoras, cujo nome começa com “M”. O cronista diz se tratar de nome comum e, em geral, de pessoas simples. Assim, o partido populista, que está perdendo eleitores, espera que a abertura dessas urnas lhe coloque em vantagem.

REBELO, Marques. Ondas curtas, ideias longas. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 9 de fevereiro de 1953. N 510, p. 2. A crônica fala da cerimônia em que se anunciou a ampliação de torres na região da Pavuna para melhorar a abrangência da Rádio Clube do Brasil.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 10 de fevereiro de 1953. N 511, p. 2. Em tom narrativo, a crônica conta a vida do poeta simbolista mineiro, Afonso Henriques da Costa Guimarães, e seu casamento com Zenaide.

REBELO, Marques. Deus salve a rainha. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 11 de fevereiro de 1953. N 512, p. 2. A crônica, com empolgação e carinho, fala sobre a cantora de rádio Emilinha Borba, que fora eleita a Rainha do Rádio no baile do Rádio no Rio de Janeiro.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 12 de fevereiro de 1953. N 513, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica fala sobre a decadência da cidade mineira Conceição do Serro, em cujas ruas circulou muito ouro e agora resta apenas o atraso.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 13 de fevereiro de 1953. N 514. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 14 de fevereiro de 1953. N 515. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Não foi encontrado o exemplar referente ao dia 16 de fevereiro de 1953.

Não foi encontrado o exemplar referente ao dia 17 de fevereiro de 1953.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 18 de fevereiro de 1953. N 518. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Carnaval. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 19 de fevereiro de 1953. N 519, p. 2. A crônica ironiza o péssimo serviço de meteorologia que previu sol nos dias de Carnaval, mas a chuva não parou. Mesmo assim, “o dono da Conversa do Dia” não deixou de aproveitar o carnaval de Vila Isabel.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 20 de fevereiro de 1953. N 520. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Nunca tiveram classe. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 21 de fevereiro de 1953. N 521, p. 2. A crônica aponta o Carnaval como uma espécie de medicina necessária para curar a alma daqueles que adoecem, face aos maus serviços públicos oferecidos.

REBELO, Marques. Explosão no frigorífico. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 23 de fevereiro de 1953. N 522, p. 2. A crônica comenta a explosão ocorrida na madrugada do sábado, em um armazém frigorífico do cais do porto que, tudo indica, ser de propriedade do Ministério da Fazenda.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 24 de fevereiro de 1953. N 523, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica crítica as ações de um padre de uma pequena cidade, paupérrima, para construir uma imensa igreja.

REBELO, Marques. Que voltem campeões. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 25 de fevereiro de 1953. N 524, p. 2. A crônica ironiza o fato de no Brasil tudo ser feito de última hora, como ocorreu com a ida da seleção brasileira de futebol ao Peru, a fim de disputar o Campeonato Sul-Americano.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 26 de fevereiro de 1953. N 525, p. 2. A crônica descreve, com ironia, a ação de um intelectual vazio de uma cidade do interior. O homem desejava abrir uma biblioteca, e abriu, mas os livros ficam trancafiados.

REBELO, Marques. 300 milhões. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 27 de fevereiro de 1953. N 526, p. 2. A crônica comenta ações positivas do embaixador do Brasil, nos Estados Unidos, Walter Moreira Sales, mas o empréstimo concedido ao Brasil por intervenção do embaixador quase se perde por causa do Ministro Horácio Lafer. Vale dizer que Walter Moreira Sales era amigo de Samuel Wainer.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 28 de fevereiro de 1953. N 527. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Crônicas publicadas em março de 1953

REBELO, Marques. O colunista adota um critério. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 2 de março de 1953. N 528, p. 2. A crônica discute o processo de própria escrita, ingrato e penoso, da vida de um colunista que precisa enviar o texto no prazo, com ideia ou sem ideia para a coluna.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Terça-Feira, 3 de março de 1953. N 529. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. O clube dos monogramas. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 4 de março de 1953. N 530, p. 2. A crônica refere-se a técnicas de impressão do jornal que separam as palavras que, para serem entendidas, necessitam de uma alma humana mais inteligente.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 5 de março de 1953. N 531, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica fala do aspecto desolado do interior de Minas Gerais, lugar de pouca chuva e muita poeira.

REBELO, Marques. Notícias de Álvaro Lins. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 6 de março de 1953. N 532, p. 2. A crônica traz a informação de que o crítico Álvaro Lins iniciou o curso de Estudos Brasileiros na Faculdade de Letras de Lisboa, mas, infelizmente, a aula inaugural foi ministrada pelo Ministro Exterior do Brasil.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 7 de março de 1953. N 533, p. 2. Em tom narrativo, a crônica conta a história de um português que tem no pomar um pé de laranja. Certa vez, um homem lhe pediu laranjas, ele respondeu que não eram para dar. O homem pediu para comprar, o português respondeu que não eram para a venda. Então, o rapaz disse que eram para roubar. O português nada respondeu; o homem entrou no pomar; roubou as laranjas; o português viu tudo e nada disse.

REBELO, Marques. O sucessor. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 9 de março de 1953. N 534, p. 2. A crônica tem um cunho muito político, uma vez que o cronista lamenta o desaparecimento de Stalin e o fato de seu sucessor não ser o senhor Kaganovitch.

Não foi encontrado o exemplar referente ao dia 10 de março de 1953.

REBELO, Marques. O mundo dos anúncios. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 11 de março de 1953. N 535, p. 2. A crônica comenta a oferta de emprego por meio de anúncios, referindo-se a uma vaga para moças que falassem inglês e português. O cargo exigia ainda que as candidatas tivessem entre 17 a 31 anos, boas maneiras e se vestissem impecavelmente. O cronista ironiza o valor do salário oferecido face às exigências elencadas.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 12 de março de 1953. N 536. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Coisas do ensino. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 13 de março de 1953. N 537, p. 2. A crônica aborda o índice de reprovação na prova de matemática do exame de admissão para o ginásio do Instituto de Educação. Com vista a sanar o problema, o governo discutiu uma proposta para baixar a média mínima para a aprovação.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 14 de março de 1953. N 538, p. 2. Em tom narrativo, a crônica fala de um rapaz que estava trocando o pneu do carro em uma avenida, e foi abordado pelo guarda que perguntou o que ele estava fazendo, irônico o rapaz respondeu: “estou roubando”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 16 de março de 1953. N 539. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. A volta. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 17 de março de 1953. N 540, p. 2. O arquivo encontra-se ilegível.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 18 de março de 1953. N 541. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 19 de março de 1953. N 542, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), com tom nostálgico, critica o progresso de Sabará, em Minas Gerais, e lamenta o apagamento do passado.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 20 de março de 1953. N 543, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica continua descrevendo Sabará, em específico as igrejas e seu luxo que contrasta com os casebres miseráveis da cidade.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 21 de março de 1953. N 544. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 23 de março de 1953. N 545. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Encontro com Graciliano Ramos - I. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-feira, 24 de março de 1953. N 546, p. 2. A crônica relata o encontro do cronista com um relatório vindo de uma cidade alagoana, Palmeira dos Índios, estado de Graciliano Ramos. Em 1930, em um café frequentado por intelectuais, na cidade do Rio de Janeiro, o cronista teve acesso ao relatório. O relatório indicava superfaturação dos gastos da prefeitura, indicando roubo por parte do prefeito.

REBELO, Marques. Encontro com Graciliano Ramos - II. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 25 de março de 1953. N 547, p. 2. O cronista segue o assunto da crônica anterior dizendo que escreveu ao prefeito pedindo os relatórios. Muito tempo depois, ele recebeu o que pediu, seguido de um bilhete em tom agressivo.

REBELO, Marques. Encontro com Graciliano Ramos - III. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 26 de março de 1953. N 548, p. 2. Ainda dedicada à questão do relatório, o cronista ironiza os gastos exagerados da prefeitura da pequena cidade alagoana.

REBELO, Marques. Encontro com Graciliano Ramos - IV. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 27 de março de 1953. N 549, p. 2. Ironicamente, o cronista pontua que os relatórios singelos do prefeito, nos quais consta até aquisição de um veículo, bem de luxo à época, são uma forma de mostrar que, no interior do Brasil, também se fazem coisas diferentes daquelas feitas na capital.

REBELO, Marques. Encontro com Graciliano Ramos - V. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 28 de março de 1953. N 550, p. 2. Esta crônica foi publicada no Sábado, mas no jornal consta segunda-feira, o que supostamente ocorreu por erro do periódico. O cronista afirma saber que o assunto já se estende por dias, mas é preciso dizer que ele não é zarolho e não se conforma com um prefeito “bem

comido, bem bebido” enquanto o povo continua pobre e sofredor, sem comida e sem bebida.

REBELO, Marques. Encontro com Graciliano Ramos - VI. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 30 de março de 1953. N 551, p. 2. Para fechar a discussão sobre o relatório do prefeito da cidade de Alagoas, o cronista pontua que Graciliano, que também questionou as contas da prefeitura de Palmeira dos Índios, sofreu. Conclui-se que o encontro com Graciliano Ramos, que dá título às seis crônicas, é conotativo e refere-se a um encontro ideológico.

REBELO, Marques. Futebol. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 31 de março de 1953. N 552, p. 2. A crônica afirma que é notória a classificação do Brasil como o detentor do melhor futebol do mundo; vibra com o fato de termos ganhado o campeonato Pan-americano de Futebol.

Crônicas publicadas em abril de 1953

REBELO, Marques. Ainda futebol. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 1º de abril de 1953. N 553, p. 2. O cronista descreve o furor que nossa seleção provocou no povo peruano; diz que os uruguaios saíram traumatizados tal qual nós ficamos no ano em que eles, no Maracanã, levaram a taça.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 2 de abril de 1953. N 554. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 3 de abril de 1953. N 555. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 4 de abril de 1953. N 556. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 6 de abril de 1953. N 557. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. A preservação dos bons costumes. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 7 de abril de 1953. N 558, p. 2. A crônica ironiza uma repressão, por parte do governo, a publicações imorais, ironiza dizendo que os maus costumes não foram censurados, a saber: lucros extraordinários, desfalques, corrupção infância abandonada, falta de escolas, analfabetismo e outros.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 8 de abril de 1953. N 559. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 9 de abril de 1953. N 560. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Nosso amigo Cipriano Vitureira. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 10 de abril de 1953. N 561, p. 2. O cronista comenta a vinda do

poeta uruguaio Cipriano Vitureira, “um dos mais altos valores da poesia moderna uruguaia”, mas ironiza a vinda do uruguaio por ter sido patrocinada pelo governo a pedido do Ministro Mário Guimarães.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 11 de abril de 1953. N 562. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Notícia das laranjeiras. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 13 de abril de 1953. N 563, p. 2. O cronista fala das belezas do Bairro das Laranjeiras, dos ilustres moradores de lá, da excelente churrascaria e de moradores que não podem pagar pelos serviços lá ofertados.

REBELO, Marques. Nova notícia das laranjeiras. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 14 de abril de 1953. N 564, p. 2. Continuação da crônica do dia anterior, o cronista apresenta o pequeno Sérgio, menino que deseja muito deixar de fazer parte do índice de analfabetos, mas, embora morador das Laranjeiras, não tem condições de se manter a escola, porque sua família é bastante pobre.

REBELO, Marques. Ainda notícia das laranjeiras. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 15 de abril de 1953. N 565, p. 2. O drama do menino Sérgio continua sendo descrito, os vizinhos compraram o enxoval para que ele pudesse frequentar a escola, mas o menino recebeu um bilhetezinho, no segundo dia de aula, no qual se lia “não poderá frequentar. Aguardar vaga”, embora já estivesse matriculado.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 16 de abril de 1953. N 566. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Final de notícia das laranjeiras. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 17 de abril de 1953. N 567, p. 2. Esta crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 18 de abril de 1953. N 568. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 20 de abril de 1953. N 569. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Belo Horizonte. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 21 de abril de 1953. N 570, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica apresenta o novo modo de vida de Belo Horizonte, comentando a chegada do tênis, a instalação do Minas Tênis Clube e a prática do banho de sol, que permitem à elite da cidade viver sua vida burguesa.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 22 de abril de 1953. N 571. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Belo Horizonte. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 23 de abril de 1953. N 572, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica continua a tratar das mudanças na cidade mineira, mas

exalta os empréstimos tomados da Caixa Econômica pela burguesia para manter o alto padrão de vida.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 24 de abril de 1953. N 573. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 25 de abril de 1953. N 574. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Capítulos mineiros I. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 27 de abril de 1953. N 575, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), o cronista se refere às cidades do interior de Minas, pobres, atrasadas, com estradas vermelhas, características que contrastam com a modernidade da capital mineira.

REBELO, Marques. Capítulos mineiros II. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 28 de abril de 1953. N 576, p. 2. A crônica comenta a visita do poeta uruguaio Cipriano Vitureiro à cidade de Ouro Preto.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 29 de abril de 1953. N 577. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Capítulos mineiros III. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 30 de abril de 1953. N 578, p. 2. Ainda sobre Ouro Preto, a crônica comenta que o monumento em homenagem a Tiradentes, situado no largo da cidade, deveria ser simples como foi a vida do herói; ainda descreve a chegada do governador Juscelino Kubitschek que, em seu discurso, falou um tempo justo e necessário, como costumam fazer os oradores natos.

Crônicas publicadas em maio de 1953

Não houve expediente do jornal em 1º de maio de 1953.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 2 de maio de 1953. N 579. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Capítulos mineiros IV. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 4 de maio de 1953. N 580, p. 2. A crônica, uma vez mais, enfatiza como Juscelino Kubitschek, “na sua oração”, emocionou o público; já o senhor Francisco Campos não conseguiu tal efeito, pois seu discurso longo exigia “perna para aguentar a enxurrada de lugares-comuns, de falso conhecimento e de falso patriotismo.”

REBELO, Marques. Conversas aquáticas. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 5 de maio de 1953. N 581, p. 2. A crônica, em tom narrativo, apresenta Ézio, homem que adquiriu uma casinha que será paga em ótimo negócio: 18 anos. Ainda

bem que um tal americano inventou o melancólico recurso da Tabela Price, para que pessoas como Ézio possam ter casa própria e dívida eterna.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 6 de maio de 1953. N 582. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Na roça. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 7 de maio de 1953. N 583, p. 2. Em tom narrativo, a crônica apresenta Dedé e Bárbara, moradores da roça que conversam sobre a inteligência do cachorro Baita. Ainda, comentam que vivem cheios de atrações na roça, como catar pedrinha e medir a inteligência do cachorro.

REBELO, Marques. Cartões-postais. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 8 de maio de 1953. N 584, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 9 de maio de 1953. N 585. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. O dia das mães. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 11 de maio de 1953. N 586, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Terça-Feira, 12 de maio de 1953. N 587. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 13 de maio de 1953. N 588. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Notas paraenses. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 14 de maio de 1953. N 589, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica é dividida em oito micronarrativas, brinca com a crença do paraense no banho de cheiro; o atraso para a chegada do progresso e sinaliza marcas da destruição do homem à natureza.

Não foi encontrado exemplar referente a 15 de maio de 1953.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 16 de maio de 1953. N 590. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Querida Nanci. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 18 de maio de 1953. N 591, p. 2. Em tom narrativo, conta sobre Nanci, uma moça cujos quilos a mais são bastante enfatizados no texto. Apesar de vegetariana, Nanci foi a um restaurante da cidade. Ironicamente o cronista conta que a glutona, ao comer sua saladinha, comeu também o chapéu de palha, o resultado foi uma intensa diarreia, já que a matéria-prima com que se fabrica o chapéu de palha é de péssima qualidade.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 19 de maio de 1953. N 592, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

REBELO, Marques. Lembranças da cidadezinha. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 20 de maio de 1953. N 593, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica conta o nascimento de uma menina batizada como Bárbara; a cidade se escandaliza com o nome que deveria ser Dulce, Ivone, Adail, Marlene. Mas Bárbara!

REBELO, Marques. Notas capixabas. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 21 de maio de 1953. N 594, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica descreve em fragmentos a cidade de Vila Velha, a capital do estado, que conta com suas casinhas humildes feitas de taipa e cal.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 22 de maio de 1953. N 595. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Caderno de viagem. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 23 de maio de 1953. N 596, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica se refere à cidade mineira Monte Carmelo, que lembra uma dessas cidades americanas de faroeste; o prefeito apresenta ao visitante o jardim remodelado com sua fonte na praça da matriz, por certo uma obra de muita utilidade.

REBELO, Marques. Resposta a Maria. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 25 de maio de 1953. N 597, p. 2. Supostamente como resposta a uma leitora, a crônica aconselha a jovem Maria de Lourdes, de 15 anos. A jovem gosta muito de dançar, mas descobriu que seu parceiro a quem ama é casado. O cronista a aconselha a continuar a dançar, mas que procure outro parceiro.

REBELO, Marques. Carta achada no bonde. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 26 de maio de 1953. N 598, p. 2. A crônica é uma suposta carta, trata de forma romântica e melancólica o amor e a necessidade de ficar longe desse sentimento; cita Stendhal indagando se ele teria alguma reflexão sobre não ativar o amor.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 27 de maio de 1953. N 599. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Pagina de caderno. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 28 de maio de 1953. N 600, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica fala do “o progresso” que chegou à cidade mineira Cataguazes, que agora tem o seu camelô permanente.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 29 de maio de 1953. N 601, p. 2. Publicada originalmente em *Cenas da Vida Brasileira* (1951), a crônica narrativa apresenta o único habitante rico da cidade pobre, o Coronel Estevão.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sábado, 30 de maio de 1953. N 602. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Crônicas publicadas em junho de 1953

REBELO, Marques. Semana inglesa. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 1º de junho de 1953. N 603, p. 2. Resultante de sua viagem à Inglaterra, a crônica descreve a riqueza da família real, que não é bela, mas rica.

REBELO, Marques. Semana inglesa. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Terça-Feira, 2 de junho de 1953. N 604, p. 2. Em frases que lembram flashes, a crônica descreve ruas, bancos, hábitos de vestimentas de uma cidade inglesa.

REBELO, Marques. Semana inglesa. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 3 de junho de 1953. N 605, p. 2. A crônica fala de Londres e, ironicamente, a chama de aldeia, enfatizando que a cidade dorme pontualmente às 22 horas e que, no bairro dos boêmios, resta apenas silêncio.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 4 de junho de 1953. N 606. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Semana inglesa. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 5 de junho de 1953. N 607, p. 2. A crônica esta ilegível.

REBELO, Marques. Semana inglesa. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Sábado, 6 de junho de 1953. N 608, p. 2. A crônica esta ilegível.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Segunda-Feira, 8 de junho de 1953. N 609. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Terça-Feira, 9 de junho de 1953. N 610. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Memórias. In: *Jornal Última Hora*. Ano II, Rio, Quarta-Feira, 10 de junho de 1953. N 611, p. 2. A crônica começa descrevendo a ida do cronista ao cemitério da Boa-Morte levar flores aos seus mortos já na saída é chamado por um homem que a ele se dirige. Curiosamente encontra lá Nelson Rodrigues.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Quinta-Feira, 11 de junho de 1953. N 612. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano II, Rio, Sexta-Feira, 12 de junho de 1953. N 613. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 13 de junho de 1953. N 614. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 15 de junho de 1953. N 615. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 16 de junho de 1953. N 616. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 17 de junho de 1953. N 617. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 18 de junho de 1953. N 618. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 19 de junho de 1953. N 619. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 20 de junho de 1953. N 620. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 22 de junho de 1953. N 621. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 23 de junho de 1953. N 622. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 24 de junho de 1953. N 623. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 25 de junho de 1953. N 624. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 26 de junho de 1953. N 625. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 27 de junho de 1953. N 626. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 29 de junho de 1953. N 627. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 30 de junho de 1953. N 628. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Crônicas publicadas em julho de 1953

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 1º de julho de 1953. N 629. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 2 de julho de 1953. N 630. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 3 de julho de 1953. N 631. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 4 de julho de 1953. N 632. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 6 de julho de 1953. N 633. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 7 de julho de 1953. N 634. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 8 de julho de 1953. N 635. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 9 de julho de 1953. N 636. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 10 de julho de 1953. N 637. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 11 de julho de 1953. N 638. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 13 de julho de 1953. N 639. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 14 de julho de 1953. N 640. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 15 de julho de 1953. N 641. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 16 de julho de 1953. N 642. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 17 de julho de 1953. N 643. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 18 de julho de 1953. N 644. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 20 de julho de 1953. N 645. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 21 de julho de 1953. N 646. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Aventura na madrugada. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 22 de julho de 1953. N 647, p. 2. A crônica é uma narrativa que descreve a prisão de Samuel Wainer. Wainer foi abordado às cinco da manhã por um guarda e, na prisão, aguarda o habeas-corpus.

REBELO, Marques. Ondas desfeitas. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 23 de julho de 1953. N 648, p. 2. A crônica brinca, ironicamente, com o fato de o serviço de meteorologia ter indicado uma massa fria, mas o calor continuava. Relaciona a imprecisão do serviço meteorológico com a do Clube dos Diretores de Jornal que não previram que Samuel Wainer conseguiria rapidamente o habeas-corpus.

REBELO, Marques. O povo não se engana. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 24 de julho de 1953. N 649, p. 2. O cronista destaca que já estava descrente de haver solidariedade face a tanta malandragem e safadeza, mas mudou de ideia quando chegou ao Rio uma delegação de operários paulistas, que veio manifestar publicamente apoio a Samuel Wainer.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 25 de julho de 1953. N 650. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. A respeito de loucos. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 27 de julho de 1953. N 651, p. 2. A crônica narra a chegada de um amigo sulista à casa do cronista. Os dois conversaram e o cronista ouviu o sulista dizer que achava loucura o automóvel, porque o cavalo ainda era meio de transporte. O cronista nada respondeu para não ofender o amigo.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 28 de julho de 1953. N 652. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Alô, alô. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 29 de julho de 1953. N 653, p. 2. A crônica foi integralmente analisada no terceiro capítulo.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 30 de julho de 1953. N 654. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 31 de julho de 1953. N 655. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Crônicas publicadas em agosto de 1953

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 1º de agosto de 1953. N 656. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. À espera do decreto. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 3 de agosto de 1953. N 657, p. 2. A crônica se inicia dizendo que descansar nos finais de semana é algo vão, uma vez que se terá toda eternidade para dormir e, por essa razão, o cronista explica que passou o sábado trabalhando para pôr em pratos limpos as “sujeiras” que alegam existir na Rádio Clube. Afinal, honestidade não é privilégio nem virtude “é apenas uma obrigação dos homens simples”.

REBELO, Marques. Zé Américo: ande com esse decreto. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Terça-Feira, 4 de agosto de 1953. N 658, p. 2. Antes de iniciar a crônica, logo abaixo do título, há uma nota da redação na qual se lê: “esta crônica já estava escrita quando o “Diário Oficial” publicou, afinal, o decreto em consequência do qual sairá do ar a tradicional e querida Rádio Clube do Brasil. Entretanto, a crônica de Marques Rebelo, pelo sabor com que o episódio é encarado, pela vivacidade com que é apresentado ao público nada perde de sua atualidade. De forma que o decreto saiu, mas a crônica também vai sair...” em relação ao conteúdo, a crônica trata do famoso decreto presidencial, assinado pelo Ministro da Viação e Obras Públicas, José Américo de Almeida, que prevê uma nova fase na Rádio Fusão Nacional. O cronista ironiza a ação do Ministro da Viação, chamando-o de Dom Quixote com sua justiceira lança. Dirige-se a ele em tom de advertência, dizendo que há uma lista de emissoras “cuja vida administrativa não seja positivamente um alto exemplo de moralidade.”

REBELO, Marques. Às 11:15. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 5 de agosto de 1953. N 659, p. 2. A crônica descreve a chegada dos dois funcionários federais que, para cumprir o decreto, foram até a Rádio Clube do Brasil e calaram “uma voz que há quase 30 anos se ouvia e cada vez mais forte e livre”.

REBELO, Marques. Em defesa dos funcionários da Rádio Clube. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 6 de agosto de 1953. N 660, p. 2. A crônica esclarece que, em que pese a crise econômica instaurada que fez sumir das rádios os anúncios publicitários, a Rádio Clube honrou dignamente seus funcionários e, finaliza pontuando que, mesmo diante do fechamento: “acreditamos que os funcionários estejam salvos.”

REBELO, Marques. Zé Américo: mais eficiência. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 7 de agosto de 1953. N 661, p. 2. A crônica culpa, ironicamente, o Ministro da Viação pela autoria e ação do decreto precipitado que fechou a Rádio Clube. O cronista brinca com o defeito do brasileiro que “deixa para amanhã” e diz que o ansioso ministro não tem esse defeito.

REBELO, Marques. Zé Américo: onde nasceste tu? In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sábado, 8 de agosto de 1953. N 662, p. 2. A crônica enfatiza o trabalho árduo da equipe do Ministro que, em campanha “brilhante, moral e educativa” fechará 104 estações de rádio do país. Ironiza dizendo que todos os ministérios precisam da rapidez do Senhor Ministro para que as coisas públicas do Brasil de fato funcionem.

REBELO, Marques. Você não sabe nada. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 10 de agosto de 1953. N 663, p. 2. Em formato de questionário, a crônica apresenta 10 perguntas de cunho irônico sobre o conhecimento do leitor em relação às emissoras brasileiras, as perguntas visam mostrar que a Rádio Clube estava em dia com o salário dos funcionários, tinha suas contas em ordem e foi vítima de uma cassação indevida por parte do Ministro.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 11 de agosto de 1953. N 664. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Prêmios para toda a família. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 12 de agosto de 1953. N 665, p. 2. A crônica apresenta um concurso no qual sairá vencedor aquele que responder de quem é a ata publicada no “Diário Oficial” e que segue no corpo da crônica. Vale dizer que o prêmio será um microfone e dois pianos que escaparam de ser penhorados na Rádio Globo. Um prêmio extra será um meio busto do Ministro da Viação. A ata que precede a crônica diz respeito a uma reunião na qual são nomeados os acionistas da Rádio Globo, que se opunha fortemente a Vargas e a Samuel Wainer.

REBELO, Marques. Falsos pontos perdidos. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 13 de agosto de 1953. N 666, p. 2. A crônica, apesar de anunciar a vitória do América sobre o Vasco, enfatiza que os pontos perdidos do Vasco não o impedirão de se classificar para o segundo turno, afinal, é “o clube mais caro e mais famoso do Brasil”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 14 de agosto de 1953. N 667. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Prêmios para toda a família. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sábado, 15 de agosto de 1953. N 668, p. 2. A crônica retoma o concurso proposto em que, para se sagrar vencedor, o participante deveria apenas responder de quem era a ata que, segundo o cronista, estava dentro dos princípios legais. Ironicamente a única pessoa que acertou a resposta foi o Ministro da Viação, Senhor José Américo de Almeida.

REBELO, Marques. O conde e o ex-delegado. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 17 de agosto de 1953. N 669, p. 2. A crônica trata da comissão parlamentar de inquérito que voltou a funcionar depois de um intervalo por motivos judiciais. O cronista ironiza a presença do conde Francisco Matarazzo que diante da comissão teve dificuldades para responder as perguntas.

REBELO, Marques. O Casto Padilha. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Terça-Feira, 18 de agosto de 1953. N 670, p. 2. A crônica refere-se à direção do Banco do Brasil, “hoje em boas mãos” a pedido da comissão parlamentar de inquérito que investiga a relação entre o banco e as empresas jornalísticas e radiofônicas o cronista finaliza a crônica de forma irônica dizendo esperar do novo diretor o senhor Raimundo Padilha que ele saiba explicar os treze milhões emprestados “a Vanguarda”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 19 de agosto de 1953. N 671. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 20 de agosto de 1953. N 672. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 21 de agosto de 1953. N 673. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”. Porém, há uma notícia, na página 5, que apresenta Marques Rebelo como o novo diretor do “Flan”, uma publicação semanal com assuntos diversos, contendo 64 páginas.

REBELO, Marques. Marque Rebelo na direção de “Flan”. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sábado, 22 de agosto de 1953. N 674, p. 2. No lugar da crônica, a coluna “Conversa do Dia” traz um texto informativo sobre o “Flan – o jornal da semana”, pois Marques Rebelo, a partir do próximo número, passa a dirigir esse jornal. O texto elogia o escritor e descreve sua contribuição por meio das crônicas publicadas na coluna.

REBELO, Marques. “Forfait”. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 24 de agosto de 1953. N 675, p. 2. A crônica, pelo título, já sugere algo que deveria ter sido feito e não foi. Assim, o cronista explica que devido à direção do “Flan”, está tentando cumprir com seus compromissos, inclusive o da coluna, mas “com rigorosa e humana imparcialidade, ora deixo de cumprir uns, ora deixo de cumprir outros.”

REBELO, Marques. O homem, a besta e a virtude – 1º ato. Ano III, Rio, Terça-Feira, 25 de agosto de 1953. N 676, p. 2. O título da crônica faz referência à peça de Pirandello. Um amigo pediu a Rebelo que elaborasse a tradução do texto, a fim de que fosse encenada.

REBELO, Marques. O homem, a besta e a virtude – 2º ato. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 26 de agosto de 1953. N 677, p. 2. A crônica conta que o pedido do Santa Rosa para traduzir a peça não poderia ser negado. Assim, o cronista iniciou imediatamente a tradução; relata que conseguiu “por dez réis de mel coado” comprar a coleção do autor italiano numa liquidação, mas ele enfatiza que o material que comprou era de péssima qualidade e teve que recorrer ao amigo Álvaro Moreira que tinha uma melhor edição. Para a sua decepção, Rebelo foi informado por Magalhães Júnior que as peças de Pirandello já tinham um tradutor registrado naquela cidade e que, portanto, ele não poderia traduzir. O irônico é que *O homem, a besta e a virtude* nunca fora traduzida.

REBELO, Marques. O homem, a besta e a virtude – 3º ato. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 27 de agosto de 1953. N 678, p. 2. A crônica questiona o fato de seu trabalho como tradutor da peça de Pirandello ter sido inútil, porque há um tradutor oficial “que só fará a tradução quando for conveniente fazê-la”.

REBELO, Marques. Uma coroa para Martins. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 28 de agosto de 1953. N 679, p. 2. De forma irônica e com humor sarcástico, o cronista conta que a seção da Câmara dos Vereadores seria cancelada porque, no início, alguém avisou da morte da mãe do presidente Carlos Menezes. O senhor Mário Martins se levantou e disse que a mãe do presidente havia morrido há muitos anos. Criou-se um alvoroço em defesa do presidente ausente. O senhor João Machado esclareceu que quem havia morrido agora fora a mulher que ele considerava como mãe, houve risos. O cronista afirma que nas próximas eleições vai votar no senhor Mário Martins por sua sensatez.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 29 de agosto de 1953. N 680. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Fim de semana. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 31 de agosto de 1953. N 681, p. 2. A crônica diz ter sido um final de semana

de tristeza para os vascaínos, já que o cronista, torcedor fanático do América e frequentador do estádio, não pôde comparecer ao jogo entre os dois times porque teve uma indisposição estomacal, mas enfatiza que se estiver vivo até lá não faltará ao próximo jogo.

Crônicas publicadas em setembro de 1953

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 1º de setembro de 1953. N 682. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 2 de setembro 1953. N 683. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 3 de setembro 1953. N 684. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 4 de setembro 1953. N 685. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 5 de setembro 1953. N 686. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 7 de setembro 1953. N 687. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 8 de setembro 1953. N 688. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Os avais dos Messias. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 9 de setembro de 1953. N 689, p. 2. A crônica trabalha com dois grupos de pessoas. O primeiro, no qual se insere o cronista, “grupo dos clownescos” que apresentam a verdade sob a forma de pirueta. O segundo grupo, a quem o cronista despreza, é o dos messiânicos que usam a palavra para mostrar uma decência moral amparada em Deus e negada por suas ações. A exemplo do que ocorre com o deputado Aloísio Alves.

REBELO, Marques. É com isso que eu vou. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 10 de setembro de 1953. N 690. p. 2. A crônica inicia com o cronista dizendo que, infelizmente, precisa voltar a falar do messias, não especificamente dele, mas de denúncias contra ele que tem “negócios escusos” e que, portanto, deve ser investigado.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 11 de setembro 1953. N 691. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 12 de setembro 1953. N 692. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 14 de setembro 1953. N 693. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 15 de setembro 1953. N 694. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Maranhão a marcha-a-ré. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 16 de setembro de 1953. N 695, p. 2. O cronista inicia dizendo que, depois de tantos acontecimentos sensacionalistas, ele sentiu a necessidade de um repouso espiritual, por isso ficou sem escrever na coluna, mas não poderia hoje deixar de comentar sobre o esforço de Augusto Frederico de Azevedo Schmidt que, segundo informações, “estava gastando um dinheirão para se eleger senador pelo Maranhão”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 17 de setembro 1953. N 696. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 18 de setembro 1953. N 697. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 19 de setembro 1953. N 698. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 21 de setembro 1953. N 699. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 22 de setembro 1953. N 700. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 23 de setembro 1953. N 701. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 24 de setembro 1953. N 702. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 25 de setembro 1953. N 703. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 26 de setembro 1953. N 704. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 29 de setembro 1953. N 705. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 30 de setembro 1953. N 706. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Crônicas publicadas em outubro de 1953

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 1º de outubro 1953. N 707. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 2 de outubro 1953. N 708. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 3 de outubro 1953. N 709. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 4 de outubro 1953. N 710. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 5 de outubro 1953. N 711. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 6 de outubro 1953. N 712. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 7 de outubro 1953. N 713. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 8 de outubro 1953. N 714. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 9 de outubro 1953. N 715. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 10 de outubro 1953. N 716. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 12 de outubro 1953. N 717. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 13 de outubro 1953. N 718. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 14 de outubro 1953. N 719. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 15 de outubro 1953. N 720. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 16 de outubro 1953. N 721. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 17 de outubro 1953. N 722. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 19 de outubro 1953. N 723. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 20 de outubro 1953. N 724. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 21 de outubro 1953. N 725. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 22 de outubro 1953. N 726. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 23 de outubro 1953. N 727. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 24 de outubro 1953. N 728. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 26 de outubro 1953. N 729. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 27 de outubro 1953. N 730. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 28 de outubro 1953. N 731. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 29 de outubro 1953. N 732. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 30 de outubro 1953. N 733. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 31 de outubro 1953. N 734. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

Crônicas publicadas em novembro de 1953

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 3 de novembro 1953. N 735. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 4 de novembro 1953. N 736. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 5 de novembro 1953. N 737. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 6 de novembro 1953. N 738. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 7 de novembro 1953. N 739. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 9 de novembro 1953. N 740. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 10 de novembro 1953. N 741. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 11 de novembro 1953. N 742. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 12 de novembro 1953. N 743. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 13 de novembro 1953. N 744. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 14 de novembro 1953. N 745. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 16 de novembro 1953. N 746. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 17 de novembro 1953. N 747. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 18 de novembro 1953. N 748. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 19 de novembro 1953. N 749. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 20 de novembro 1953. N 750. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 21 de novembro 1953. N 751. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 23 de novembro 1953. N 752. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Terça-Feira, 24 de novembro 1953. N 753. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Novamente. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 25 de novembro de 1953. N 754, p. 2. Depois de mais de dois meses sem publicar, o cronista retorna à coluna com uma crônica explicativa sobre sua ausência, dizendo que “de vez em quando me dá uma coisa na pena, ou na cabeça e descanso uns dias, muitos dias, um mês até”.

REBELO, Marques. Que saudades de Anapio. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 26 de novembro de 1953. N 755, p. 2. A crônica enfatiza o mal serviço da Companhia Telefônica e o cronista narra que precisava muito falar com o diretor do Banco do Brasil, sem sucesso via telefone, ele vai à agência. Lá chegando, é informado de que o diretor fora trocado. Ele finaliza ironicamente pontuando que deve ser por causa de dívidas de jornais e emissoras ao Banco do Brasil.

REBELO, Marques. Campeonato de 1954. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sábado, 27 de novembro de 1953. N 756, p. 2. Crônica analisada integralmente no terceiro capítulo.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 28 de novembro 1953. N 757. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Pedidos esportivos. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 30 de novembro de 1953. N 758, p. 2. A crônica narra a ida de altos dirigentes do futebol até o gabinete do prefeito Dulcídio Cardoso. Depois de todos os confetes necessários ao ego do prefeito, veio o pedido: que a prefeitura cedesse à entidade esportiva um terreno na Rua São José para que fosse erguido um edifício de 16 andares pertencente à Diretoria de Futebol, pois “constituiria porto de renda segura e boa”. Ironicamente, o cronista finaliza dizendo não haver dúvida de que o pedido será atendido.

Crônicas publicadas em dezembro de 1953

REBELO, Marques. Certidões negativas. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Terça-Feira, 1º de dezembro de 1953. N 759, p. 2. A crônica pontua ironicamente uma conversa do cronista com o senhor Antenor José da Silva que começará o ano de 1954 sofrendo para pagar as contas que chegam junto com o novo ano a exemplo do Imposto de renda e territorial. Mas ainda assim, desejava viajar ao exterior; porém, foi impedido, porque necessitava de uma carta de débito do Imposto de renda, pago há quase um ano, mas a carta não saiu em tempo, embora pedida com antecedência.

REBELO, Marques. Banco de cadáveres. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 2 de dezembro de 1953. N 760, p. 2. A crônica polemiza um fato ocorrido na França que diz respeito a um pedido de cientistas franceses aos institutos médicos legais para que doem aos pesquisadores os cadáveres de pessoas atropeladas, pois o número de mortes assim vem crescendo naquele país.

REBELO, Marques. Uma vítima da prefeitura. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 3 de dezembro de 1953. N 761, p. 2. A crônica inicia dizendo que, tal qual a história de Antenor José da Silva, contada anteontem, a crônica de hoje falaria sobre Baltazar Gonçalves Guedes, que morreu jovem, com pouco mais de 50 anos, assassinado pela prefeitura. A prefeitura é a culpada porque Baltazar, amante de pedalar pelas ruas do Rio, caiu em um buraco com sua bicicleta e morreu de traumatismo craniano.

REBELO, Marques. Para Arizio decifrar. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 4 de dezembro de 1953. N 762, p. 2. O cronista ironiza a condição de uma jovem chamada Maria do Carmo que se formou contadora por uma escola da prefeitura, mas por conta de um decreto que diferencia o contador do bacharel, a moça está com o diploma embaixo do braço e sem função.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 5 de dezembro de 1953. N 763. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. A arma secreta. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 7 de dezembro de 1953. N 764, p. 2. A crônica aponta uma estratégia diabólica do senador Vitorino Freire para se sagrar vitorioso nas eleições, enganando um de seus oponentes.

REBELO, Marques. Da imortalidade. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Terça-Feira, 8 de dezembro de 1953. N 765, p. 2. A crônica refere-se à morte do simpático amigo do cronista, Misael Ozorio de Almeida, e da necessidade de se colocar outra pessoa em sua vaga na Academia Brasileira de Letras. Cita algumas possibilidades: Jorge de Lima, Carlos Drummond, Raquel de Queiroz, Jose Lins Do Rego, Jorge Amado e outros.

REBELO, Marques. O anexo da câmara municipal. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 9 de dezembro de 1953. N 766, p. 2. A crônica ironicamente comenta as grandes edificações de cal, pedra e estupidez humana feitas pelo governo, em especial, o anexo que a Câmara Municipal acaba de levantar no estreito terreno atrás da sua gaiola de ouro.

REBELO, Marques. Uma entrevista exclusiva. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 10 de dezembro de 1953. N 767, p. 2. A crônica é uma crítica à falta de conteúdo nas perguntas dos jornalistas ao senhor Charles Lindemberg que, tímido e discreto, não é afeito à entrevista, sobretudo quando as perguntas são patéticas.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 11 de dezembro de 1953. N 768. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Bagagem desacompanhada. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Sábado, 12 de dezembro de 1953. N 769, p. 2. A crônica descreve a situação de um amigo do cronista que ao voltar dos EUA teve sua bagagem encaminhada para outro destino.

REBELO, Marques. Apoio a censura. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 14 de dezembro de 1953. N 770, p. 2. O cronista, ironicamente, critica o senhor Luiz Stockler por proibir letras do Carnaval vocabulários nas músicas que, na visão dele, seriam imorais. “Eis a lista: rabo, chato, égua, pau, galinha, pandeiro e mão.”

REBELO, Marques. Comidas, meu santo. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Terça-Feira, 15 de dezembro de 1953. N 771, p. 2. A crônica descreve a vinda de técnicos

norte-americanos ao Brasil a pedido do governo. Os técnicos colocaram em prática um produto para a alimentação do povo, trata-se de comida enlatada.

REBELO, Marques. Gavião. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 16 de dezembro de 1953. N 772, p. 2. A crônica zomba de uma notícia sobre um gavião que faz ponto na Igreja da Candelária e se alimenta de pombos. O cronista enfatiza que somente repórteres de voo baixo teriam tempo para espreitar um pobre gavião com tanto assunto para falar.

REBELO, Marques. Um recorde. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 17 de dezembro de 1953. N 773, p. 2. A crônica conta que o ano de 1953 foi ano recorde para os divórcios. Com um número muito maior que o de casamentos realizados em maio, o mês preferido dos noivos.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sexta-Feira, 18 de dezembro de 1953. N 774. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 19 de dezembro de 1953. N 775. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. História com Waldemar. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 21 de dezembro de 1953. N 776, p. 2. A crônica conta sobre o flamenguista Waldemar Pereira, que não se importa em ficar horas na fila, apesar de pé chato, para comprar o ingresso do Flamengo, mas frente aos preços dos produtos comuns na ceia de Natal ele reclama, porque não tem como pagar.

REBELO, Marques. Deus é o maior. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Terça-Feira, 22 de dezembro de 1953. N 777, p. 2. A crônica critica um jornalista de nome Paulo Cleto, pelo teor de seus textos que mais parecem pregações religiosas e que propõem a punição ao pecador no juízo final.

REBELO, Marques. Natal. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 23 de dezembro de 1953. N 778, p. 2. A crônica descreve o natal de uma família carioca, em cuja mesa arranjos simples e pratos ainda mais simples, batata roxa, enfeites com vaso de begônia e uma decoração com papel.

REBELO, Marques. A fórmula. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 24 de dezembro de 1953. N 779, p. 2. O arquivo digital está ilegível.

Não houve expediente no dia 25 de dezembro de 1953.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Sábado, 26 de dezembro de 1953. N 780. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.

REBELO, Marques. Memória do natal. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Segunda-Feira, 28 de dezembro de 1953. N 781, p. 2. A crônica pontua que é difícil para a memória armazenar tudo que nos vai acontecendo ao longo da vida, mas que na memória do cronista ainda há espaço para lembrar de pequenos presentes de sua infância.

REBELO, Marques. Letras pesadas. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Terça-Feira, 29 de dezembro de 1953. N 782, p. 2. A crônica retoma a censura de algumas músicas de carnaval por conterem palavras que, na visão do senhor Stockler, são imorais. Enfatiza, com ironia, que a Rádio Globo proibiu a execução de várias canções por terem letra pesada.

REBELO, Marques. Notícias de um fim de ano. In: *Jornal Última Hora*. Ano III, Rio, Quarta-Feira, 30 de dezembro de 1953. N 783, p. 2. Dividida em oito partes, a crônica é uma espécie de balanço dos últimos acontecimentos, dentre eles, destacam-se a campanha de natal da igreja contra o papai Noel e a regulamentação do carnaval.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Ano III, Rio, Quinta-Feira, 31 de dezembro de 1953. N 784. Não houve publicação da coluna “Conversa do Dia”.